



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O CONCEITO DE MATRIZ GRUPANALÍTICA
NA ESCOLA PORTUGUESA DE GRUPANÁLISE:
UMA INVESTIGAÇÃO CONCEPTUAL-EMPÍRICA**

Paulo Manuel Baptista da Mota Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor

Doutoramento em Psicologia

Área de especialidade.....Psicologia Clínica

2014

2014

**O CONCEITO DE MATRIZ GRUPANALÍTICA NA ESCOLA PORTUGUESA DE GRUPANÁLISE:
UMA INVESTIGAÇÃO CONCEPTUAL-EMPÍRICA**

Paulo Manuel Baptista da Mota Marques



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O CONCEITO DE MATRIZ GRUPANALÍTICA
NA ESCOLA PORTUGUESA DE GRUPANÁLISE:
UMA INVESTIGAÇÃO CONCEPTUAL-EMPÍRICA**

Paulo Manuel Baptista da Mota Marques

Tese orientada pelo Professor Doutor Nuno Torres

ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor

Doutoramento em Psicologia

Área de especialidade.....Psicologia Clínica

2014

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia na área de especialização de Psicologia Clínica realizada sob a orientação do Professor Doutor Nuno Torres, apresentada no ISPA - Instituto Universitário no ano de 2014.

Agradecimentos

Resolvi nesta fase da minha vida, dedicar-me a esta árdua mas gratificante tarefa de efetuar uma tese de doutoramento com um trabalho na área da grupanálise, vertente esta que me interessa particularmente e à qual tenho dedicado grande parte da minha atividade profissional.

Mas nesta tarefa tenho que agradecer a um conjunto de pessoas sem as quais este empreendimento não seria possível e não chegaria a bom porto.

À Professora Doutora Emília Marques, orientadora do seminário de investigação, que me incentivou desde o primeiro momento a desenvolver um trabalho de investigação nesta minha área de eleição que é a grupanálise. O seu apoio e estímulo à reflexão foram fundamentais para iniciar este caminho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Nuno Torres, de uma forma indelével, por todo o apoio dado, alicerçado na exigência e rigor da sua orientação, mas também pela amizade demonstrada e consolidada no decorrer deste trabalho. A sua perspicácia de análise, motivação e intervenção nos momentos chave foram decisivos para a prossecução deste objetivo.

À Dr.^a Graça Galamba, colega e sobretudo amiga, pela colaboração dada e apoio constante demonstrado. O seu espírito de crítica construtiva e o seu saber foram um estímulo para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus colegas grupanalistas entrevistados, pela sua disponibilidade e gentileza demonstradas, sem os quais obviamente este trabalho não seria viável. O seu vasto saber e a sua experiência constituíram o cerne deste trabalho proporcionando nas entrevistas realizadas um momento de prazer, partilha e descoberta.

À minha mulher Cristina por toda a colaboração e apoio ininterrupto ao longo destes anos, ajudando-me a ultrapassar vários obstáculos com o seu incentivo, questionamento e capacidade de motivação. O seu espírito de rigor e análise crítica constituíram ajudas imprescindíveis que me ajudaram a caminhar em frente.

Aos meus filhos Raquel, Pedro e Miguel pelo apoio e atitude encorajadora que me demonstraram.

A todos aqueles amigos que não mencionei especificamente aqui mas que de uma ou outra forma constituíram, num ou noutra momento, um incentivo e uma referência.

A todos o meu obrigado.

Palavras-chave:

Matriz Grupanalítica; Matriz de Grupo; Grupanálise; Investigação Conceptual

Key words:

Group Analytic Matrix; Group Matrix; Group Analysis; Conceptual Research

Categorias de classificação da tese:

3300 Health & Mental Health Treatment & Prevention

3313 Group & Family Therapy

3300 Health & Mental Health Treatment & Prevention

3315 Psychoanalytic Therapy

RESUMO

A presente tese de doutoramento é uma investigação conceptual sobre o conceito de matriz grupal, elaborado e desenvolvido por Eduardo Luís Cortesão, seguido e assimilado pela Escola Portuguesa de Grupalise. Diversos autores, quer a nível nacional, quer no contexto internacional, têm abordado o conceito de matriz de grupo e de matriz grupal com similaridades mas também de forma específica e diferente, consoante as suas referências paradigmáticas e a sua prática clínica. Estas diferenças significam que nem sempre estes conceitos são definidos e utilizados de uma forma clara e homogénea, com potenciais repercussões ao nível teórico-clínico. Numa primeira fase, esta investigação conceptual pretendeu investigar como é que o conceito de matriz grupal é definido e contextualizado na literatura existente, nomeadamente abordando as raízes históricas do mesmo, conceitos similares, convergentes, e importância para a clínica. Nesta perspectiva, a pesquisa efetuada incidiu no conceito de matriz grupal mas também no conceito de *group matrix* (matriz de grupo) uma vez que o conceito de matriz grupal, de Cortesão, surgiu no âmbito da discussão e desenvolvimento do conceito de *group matrix*, de Foulkes. Numa segunda fase, pretendeu-se saber como é que o conceito de matriz grupal é definido e utilizado, de uma forma explícita e implícita, por uma amostra selecionada de oito grupalistas portugueses, membros titulares da Sociedade Portuguesa de Grupalise e Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG). Neste sentido foram efetuadas, a estes, entrevistas de tipo semidiretivo, embora com um referencial aberto de contribuições de outras tipologias de entrevista, nomeadamente da entrevista de livre narrativa, tendo seguidamente estas entrevistas sido analisadas nos seus conteúdos explícitos e implícitos, com a contribuição de um grupo de trabalho previamente definido. Os resultados obtidos em ambos os momentos da investigação levaram a concluir que o conceito de matriz grupal é um conceito importante e mesmo basilar da teoria e técnica grupal e que é valorizado, percebido e utilizado, de forma explícita e implícita, com similaridades mas também com algumas diferenças entre os grupalistas portugueses. O conceito de matriz grupal integra ele próprio outros conceitos, sendo de relevar os conceitos de padrão grupal e processo grupal, assim como o de elaboração, entre outros. O conceito de matriz grupal foi analisado em sete dimensões diferentes: dimensão da definição, dimensão temporal, dimensão técnica, dimensão dos fenómenos, dimensão analógica, dimensão da matriz interna e dimensão neurobiológica. Os grupalistas entrevistados contribuíram com novos aportes e destacaram aspetos importantes relativos ao desenvolvimento e transformação deste conceito, tendo sido possível efetuar uma articulação entre as dimensões, aspetos introduzidos e vertentes funcionais referidas, no que se refere ao conceito de matriz grupal, obtendo-se um quadro integrado destes resultados. A grupalise portuguesa caracteriza-se por uma especificidade teórica e técnica que a define e a distingue de outras abordagens, nomeadamente pela introdução de conceitos como os de matriz grupal e padrão grupal, entre outros também relevantes, mas configura também um modelo de uma certa integração de conceitos e perspectivas várias dentro do espaço da teoria grupal, úteis para a prática clínica.

ABSTRACT

This PhD thesis is a conceptual research about the group analytic matrix concept, conceived and developed by Eduardo Luís Cortesão, followed and assimilated by the Portuguese School of Group Analysis. Several authors, at national and international level, have approached the concept of group matrix and of group analytic matrix with similarities but also in a specific and different way, depending on paradigmatic differences and clinical practice. These differences mean that these concepts are not always defined and used in a clear and even way, with potential repercussions at the theoretical and clinical levels. Initially, this conceptual research aimed at investigating how the group analytic matrix concept is defined and contextualized in the existing literature, particularly by addressing its historical roots, its similar and convergent concepts and clinical importance. Bearing this in mind, the performed research focused not only on the concept of group analytic matrix but also on the concept of group matrix, since Cortesão's concept of group analytic matrix arose during the debate and development of the Foulkes's group matrix concept. Secondly, the intention was to know how the concept of group analytic matrix is defined and used, in an explicit and implicit way, by a selected sample of eight portuguese groupanalysts, tutor members of the Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG). They were interviewed in a semi-directive way, although with an open reference of contributions from other interview typologies, including the free narrative interview. These interviews were then analysed regarding their explicit and implicit content, with the contribution of a predetermined work group. The results of both research moments led to the conclusion that the concept of group analytic matrix is an important and even basic concept of the group analytic technique and theory that is valued, perceived and used, explicitly and implicitly, with similarities and also with some differences, among the portuguese groupanalysts. The concept of group analytic matrix integrates other concepts, like the concepts of group analytic pattern and group analytic process, as well as, among others, the concept of elaboration. The concept of group analytic matrix was analyzed in seven different dimensions: definition dimension, temporal dimension, technical dimension, phenomena dimension, analog dimension, internal dimension and neurobiological dimension. The interviewed groupanalysts contributed with new inputs. They highlighted important aspects concerning the development and transformation of this concept. It was possible to establish a link between the dimensions, new aspects and referred functional aspects, regarding the concept of group analytic matrix and obtaining an integrated framework of these results. Portuguese group analysis is characterized by a theoretical and technical specificity that defines and distinguishes it from other approaches, including the introduction of concepts such as group analytic matrix and group analytic pattern, setting up, at the same time, a model of integration of the several concepts and perspectives belonging to the group analytic theory and useful to clinical practice.

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| ENQUADRAMENTO TEÓRICO | |
| 1. Investigação Conceptual e Conhecimento Implícito | 11 |
| 2. Revisão da Literatura | 25 |
| 2.1. A Psicanálise Aplicada aos Grupos: Contexto Evolutivo e as Perspetivas de Bion, Foulkes e Cortesão, entre outros Autores | 25 |
| 2.2. Os Conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica. Uma Revisão Sistemática | 40 |
| 2.2.1. Perspetivas de Diversos Autores e Contexto de Análise | 40 |
| 2.2.2. O Conceito de Matriz Grupanalítica: de Foulkes a Cortesão | 93 |
| 2.2.3. Outras Contribuições de Autores Portugueses | 107 |
| 3. Síntese | 115 |
| ESTUDO EMPÍRICO | |
| 1. Objetivos | 121 |
| 2. Método | 124 |
| 2.1. Tipo de Estudo | 124 |
| 2.2. Participantes | 125 |
| 2.3. Instrumentos | 126 |
| 2.3.1. Tipo e Estrutura das Entrevistas | 126 |
| 2.4. Procedimentos de Recolha de Dados | 130 |
| 2.5. Procedimentos de Análise | 131 |
| 3. Apresentação de Resultados | 137 |
| 3.1. Categorias e Subcategorias | 137 |
| 3.2. Aspetos Implícitos | 149 |
| 3.2.1. Categorias do Processo e Categorias do Conteúdo Implícito | 149 |

| | |
|--|-----|
| 3.3. Dimensões de Análise do Conceito | 151 |
| 3.4. Respostas Relacionadas com o Conceito de Matriz Grupanalítica e Dimensões de Análise do Conceito, por Entrevista | 152 |
| 3.4.1. Entrevista 1 | 153 |
| 3.4.2. Entrevista 2 | 155 |
| 3.4.3. Entrevista 3 | 157 |
| 3.4.4. Entrevista 4 | 159 |
| 3.4.5. Entrevista 5 | 161 |
| 3.4.6. Entrevista 6 | 164 |
| 3.4.7. Entrevista 7 | 167 |
| 3.4.8. Entrevista 8 | 169 |
| 3.5. Integração e Síntese dos Dados Obtidos de Todas as Entrevistas | 172 |
| 3.6. Análise no Texto dos Conceitos que Integram a Definição de Matriz Grupanalítica | 185 |
| DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES | |
| 1. Discussão do Conceito em Estudo | 207 |
| 1.1. Discussão de Resultados da Revisão Sistemática da Literatura | 207 |
| 1.2. Discussão dos Resultados do Estudo Empírico | 209 |
| 2. Conclusões e Considerações Finais | 219 |
| REFERÊNCIAS | 241 |
| ANEXOS | |
| ANEXO A | |
| Sumários dos Conteúdos das Entrevistas Distribuídos por Categorias e Subcategorias | 261 |
| ANEXO B | |
| Aspectos Explícitos e Implícitos no Contexto da Análise do Conceito de Matriz Grupanalítica | 391 |

ANEXO C
Classificação do Implícito Categorias do Processo

442

APÊNDICES

APÊNDICE A

Transcrição da Entrevista 1

APÊNDICE B

Transcrição da Entrevista 2

APÊNDICE C

Transcrição da Entrevista 3

APÊNDICE D

Transcrição da Entrevista 4

APÊNDICE E

Transcrição da Entrevista 5

APÊNDICE F

Transcrição da Entrevista 6

APÊNDICE G

Transcrição da Entrevista 7

APÊNDICE H

Transcrição da Entrevista 8

APÊNDICE I

Análise da Entrevista 1

APÊNDICE J

Análise da Entrevista 2

APÊNDICE K

Análise da Entrevista 3

APÊNDICE L

Análise da Entrevista 4

APÊNDICE M

Análise da Entrevista 5

APÊNDICE N

Análise da Entrevista 6

APÊNDICE O

Análise da Entrevista 7

APÊNDICE P

Análise da Entrevista 8

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 | 36 |
| <i>Conceção de grupos em Foulkes e Bion</i> | |
| Quadro 2 | 41 |
| <i>Revisão Sistemática da Literatura respeitante a Aspetos Centrais e Contextuais dos Conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica</i> | |
| Quadro 3 | 127 |
| <i>Guião da Entrevista</i> | |
| Quadro 4 | 131 |
| <i>Procedimentos de Análise das Entrevistas</i> | |
| Quadro 5 | 132 |
| <i>Procedimentos de Análise dos Aspetos Implícitos</i> | |
| Quadro 6 | 138 |
| <i>Categorias e Subcategorias</i> | |
| Quadro 7 | 186 |
| <i>Referências ao Conceito de Rede</i> | |
| Quadro 8 | 187 |
| <i>Referências ao Conceito de Comunicação</i> | |
| Quadro 9 | 191 |
| <i>Referências ao Conceito de Relação</i> | |
| Quadro 10 | 194 |
| <i>Referências ao Conceito de Elaboração/Perlaboração/Working Through</i> | |
| Quadro 11 | 196 |
| <i>Referências ao Conceito de Padrão</i> | |
| Quadro 12 | 201 |
| <i>Referências ao Conceito de Processo</i> | |
| Quadro 13 | 202 |
| <i>Referências às Dimensões Teóricas</i> | |
| Quadro 14 | 203 |
| <i>Referências às Dimensões Técnicas</i> | |

| | |
|---|-----|
| Quadro 15 | 234 |
| <i>Dimensões de Análise do Conceito de Matriz Grupanalítica, Aspectos e Vertentes</i> | |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| <i>Figura 1. Elaboração esquemática das vertentes do conceito de matriz grupanalítica com impacto na prática clínica.</i> | 232 |
| <i>Figura 2. Elaboração esquemática dos aspectos relevantes respeitantes ao conceito de matriz grupanalítica.</i> | 233 |

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A grupanálise é um modelo de intervenção analítica, em grupo, que começou a ser introduzido progressivamente em Portugal, nos anos 50, do século XX, por Eduardo Luís Cortesão (psiquiatra, psicanalista e grupanalista). Constitui um processo de análise pessoal feito num contexto de grupo, com o grupo e pelo grupo. Trata-se usualmente de um grupo heterogéneo de pessoas, geralmente entre oito e nove, mais o grupanalista, e que se reúne duas ou três vezes por semana. Todos se sentam à volta de uma mesa baixa e é proporcionado que os seus elementos possam associar ideias e sentimentos, verbalizando-os de uma forma livre, no grupo. Deste modo, através da atividade interpretativa e da dinâmica do grupo analítico, vão-se estabelecendo pontes entre os processos inconscientes e conscientes, visando a análise de cada um dos membros do grupo. A designada Escola Portuguesa de Grupanálise desenvolveu-se historicamente a partir dos trabalhos de Eduardo Luís Cortesão e tem especificidades que a caracterizam como o desenvolvimento de alguns conceitos próprios, como os de *matriz grupanalítica*, *padrão grupanalítico*, *processo grupanalítico*, entre outros, que são abordados no presente trabalho.

Os conceitos inerentes à teoria e técnica grupanalítica vêm de diferentes teorias e alguns constituem conceitos específicos, dos quais o conceito de matriz grupanalítica é um exemplo. Sara Ferro, atual presidente da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG), ao referir-se aos conceitos e desenvolvimento da grupanálise considera:

A grupanálise e as psicoterapias de grupos de base analíticos caminham em conexão com a psicanálise por se basearem na teoria psicanalítica. Os conceitos psicanalíticos são introduzidos a par da teoria da comunicação e do gestalt e considerados com maior ou menor centralidade. (Ferro, 2010, p. 15)

Ferro (2010) refere, ainda, que se verifica na atualidade uma preocupação na elaboração de teorias específicas de grupo.

Esta investigação surge, pois, do interesse do autor pela teoria analítica, nomeadamente pela grupanálise e suas potencialidades de abordagem e tratamento, quer ao nível da prática privada quer em contexto institucional, e nas diversas aplicações da grupanálise aos grupos, de um modo geral. O interesse por este tema parte, também, do entendimento prévio de que o conceito de matriz grupanalítica é central na teoria e técnica grupanalítica mas que é compreendido e utilizado de uma forma pouco clara e homogénea,

por diferentes grupanalistas. Neste sentido um aprofundamento sobre como é que os grupanalistas portugueses entendem este conceito e qual a importância que o mesmo tem para a sua prática clínica, tem um potencial interesse e relevância ao nível teórico-clínico para a grupanalise. Concomitantemente é feita uma revisão da literatura sobre o conceito de *matriz* nas suas diferentes concepções.

Num artigo publicado no número 1 da revista “*Grupanalise*” da então Secção de Grupanalise da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria (Cortesão,1977), Cortesão recorda uma tarde passada com Foulkes, em Golders Green, em que conversaram sobre diversos aspetos do trabalho com grupos e sobre a transmissão de conhecimentos. A certa altura, Cortesão refere uma intervenção que fez a Foulkes: “Estou a pensar - disse-lhe - como o conceito de matriz é tão necessário como relevante no nosso trabalho grupanalítico, em escalas tão diversas”. E continua Cortesão, referindo que “neste transferir de conhecimentos podem-se detectar os elos significativos que alguns homens estabeleceram nessa transmissão. Como se fossem pontos nodais numa complexa matriz em que a renovação do conhecimento científico os envolve e agita continuamente” (Cortesão, 1977).

A ligação entre estes dois homens, Cortesão e Foulkes, foi fundamental para o surgir da grupanalise, em Portugal. Foi com Foulkes que Cortesão efetuou a sua análise pessoal de grupo em Londres nos anos 50, do século XX e contactou com as potencialidades da grupanalise. Um e outro consideraram o conceito de matriz como fundamental na teoria e na prática clínica. Neste sentido, os conceitos de *matriz de grupo* (Foulkes, 1964/1970) e de matriz grupanalítica (Cortesão, 1989) abordados neste estudo, constituem conceitos centrais e específicos da intervenção em grupo, nomeadamente no grupo analítico, adquirindo, deste modo, relevo e pertinência para a presente investigação.

Contudo, em Cortesão e Foulkes surgem diferenças. Cortesão entende a matriz como um local de elaboração (no sentido de *perlaboração*, conforme Ferreira, 1992) enquanto Foulkes considera a matriz, basicamente, como uma *rede* de relação e comunicação. Cortesão introduz, além disso, dois conceitos fundamentais que são o de padrão grupanalítico e o de processo grupanalítico, que serão desenvolvidos mais à frente neste trabalho, e integra-os no conceito de matriz grupanalítica.

Esta tríade conceptual formada pelos conceitos de matriz, padrão e processo grupanalítico vão constituir uma especificidade da teoria e técnica grupanalítica da Escola

Portuguesa de Grupanálise. Neste sentido, é de referir que as *dimensões teóricas* (sobretudo a *metapsicologia e teoria das relações de objeto*) e as *dimensões técnicas* (matriz, padrão, níveis de experiência e de interpretação) são consonantes com o objetivo analítico da instalação e resolução da *neurose de transferência grupal*.

Cortesão, em 1977, refere-se ao conceito de matriz grupanalítica como “a rede específica de intercomunicação, inter-relação e interação, a qual, pela integração do padrão grupanalítico, fomenta a evolução do processo grupanalítico” (Cortesão, 1977/2004, p.119). Este conceito evoluiu depois para a conceptualização mais recente, a qual será explicitada e abordada mais à frente.

Cortesão (1977/2004) refere, ainda, que tem a convicção de que a essência nuclear deste modelo pode ser de algum modo transposta para grupos maiores, mesmo para o nível nacional, no contexto de uma psicologia e sociologia políticas.

Quanto a Foulkes, ele vai diferenciar, progressivamente, os conceitos de rede e matriz de grupo, considerando a primeira mais objetiva e a segunda mais dinâmica, encontrando-se, assim, mais num contexto experiencial e fenomenológico. Em 1971, desenvolve estes dois conceitos, amplificando-os. Neste sentido, Foulkes (1971a) introduz o conceito de *foundation matrix (matriz fundadora)*¹, como sendo o resultado das experiências, vivências e dos aspetos comuns a todos os seres humanos, também na sua parte biológica. Estes aspetos têm características similares e talvez mesmo traços arcaicos de antigas experiências. Esta matriz de origem catalisa diferentes níveis de comunicação que, na interação grupal, forma o que Foulkes designou por *dynamic matrix (matriz dinâmica)*. Segundo Thornton (2010), a matriz dinâmica integra tudo o que é consciente, inconsciente, e “não-consciente” mas que é implicitamente conhecido e comunicado. Ela é “dinâmica”, porque se desenvolve e se aprofunda constantemente a comunicação no grupo, originando mudanças nos padrões relacionais.

Em 1975, Foulkes volta a redefinir o conceito de rede, dizendo que a família é o protótipo da rede, podendo incluir também pessoas íntimas desta (Foulkes, 1975/2002). Propõe designar de *complexus* ou *plexus* a parte íntima dinâmica da rede e, os membros que a compõem, de pontos nodais.

¹ Tradução sugerida pelo Dr. César Dinis, grupanalista didata da SPGPAG.

Estas diferentes perspectivas aqui referidas, naturalmente com repercussões ao nível da teoria e técnica clínica, são desenvolvidas no decorrer deste trabalho.

Esta tese é, assim, uma investigação conceptual sobre o conceito de matriz grupalítica elaborado e desenvolvido por Eduardo Luís Cortesão, seguido e assimilado pela Escola Portuguesa de Grupalítica.

Ao longo do tempo, diferentes autores têm abordado o conceito de matriz com similaridades mas também com diferenças, introduzindo novos aspetos nas suas conceptualizações.

Entre os conceitos de matriz de grupo e de matriz grupalítica, assim como noutras conceptualizações próximas ou similares, e na perceção dos próprios conceitos em si, existem diferenças conceptuais que se repercutem ao nível das dificuldades de comunicação e procura de algum consenso na comunidade científica internacional, mas também nas abordagens no seio dos grupalíticos portugueses. Estas diferenças não estão bem definidas, criando possíveis equívocos e dificultando uma perceção mais clara das mesmas. Também na literatura existente sobre esta temática existe pouca informação e investigação sobre o impacto destes conceitos ao nível da clínica.

Na linha do referido anteriormente, o conceito de matriz grupalítica também é passível de diferentes aproximações teórico-técnicas por parte dos grupalíticos, que relevam mais este ou aquele aspeto da própria conceptualização, ou lhe conferem mais ou menos importância, características, estas, que evidenciam um espaço de variabilidade interpretativa ao próprio conceito.

Neste sentido, a presente investigação conceptual acerca do conceito de matriz grupalítica, constou dos seguintes procedimentos:

1. Revisão sistemática da literatura sobre este conceito, no contexto da teoria e técnica grupalítica (incluindo, origem e desenvolvimentos do conceito, conceitos similares e diferenças, consistência do mesmo).

2. Estudo empírico, sobre a forma como os grupalíticos portugueses lidam com este conceito, nomeadamente na prática clínica, abrangendo os aspetos explícitos e implícitos do mesmo.

Em relação à revisão sistemática da literatura sobre o conceito de matriz grupal, desenvolvido por Cortesão, esta aborda as raízes históricas e contextuais deste conceito, assim como alguns conceitos similares, a sua consistência interna e compatibilidade com aspetos teóricos, e ainda a evolução, aplicabilidade e impacto do conceito ao nível clínico.

Ao nível do estudo empírico, foi-se igualmente investigar como é que este conceito de matriz grupal é definido e utilizado por uma amostra selecionada de grupanalistas portugueses e, neste sentido, foram efetuadas entrevistas que foram analisadas em profundidade por um grupo de trabalho previamente definido. No final foi efetuada uma análise global e integrada dos resultados obtidos.

A originalidade desta tese de doutoramento encontra-se na ideia de efetuar uma investigação conceptual acerca de um conceito considerado central da teoria e técnica grupal, como é o conceito de matriz grupal. Poder-se-á, possivelmente, obter uma definição mais clara, atual e completa deste conceito, e neste sentido, mais enriquecedora.

De referir que os conceitos de matriz de grupo, matriz do grupo e matriz grupal são referidos, por vezes, com o mesmo significado neste trabalho, o que aliás é consonante com o que aparece na literatura sobre este tema. Eventualmente, em certas situações, o termo matriz do grupo poder-se-á referir à matriz de um grupo específico mas não é regra geral. Também por vezes os autores portugueses ao referirem-se à matriz grupal (na perspetiva de Cortesão e da Escola Portuguesa) utilizam, de uma forma mais genérica, qualquer um dos termos acima referidos ou mesmo apenas o termo matriz. Quando no texto surge apenas o termo matriz o mesmo deve ser entendido de acordo com o contexto e sequência do discurso, usualmente refere-se à matriz de grupo ou à matriz grupal, esta última referenciada pelos autores portugueses, como é o caso nas entrevistas. A utilização só do termo matriz surge como uma forma abreviada e mais simplificada de referenciar o conceito e de elaboração do discurso. De qualquer modo é de considerar que o conceito de matriz de grupo (Foulkes) e o de matriz grupal (Cortesão), além das diferenças que os caracterizam e que são abordadas neste trabalho, têm um espaço amplo de significado comum e que portanto caracterizam também ambas as definições. A referência no texto à matriz interna é sempre especificada e nomeada.

Apresenta-se, seguidamente, a estrutura deste trabalho, caracterizando-se de forma sucinta os diversos conteúdos abordados em cada uma das partes que o constitui.

Para além da presente *Introdução*, esta tese encontra-se estruturada em mais quatro secções: *Enquadramento Teórico, Estudo Empírico, Discussão dos Resultados e Conclusões, e Anexos*. Desta tese fazem também parte *Apêndices*.

O *Enquadramento Teórico* é constituído por três capítulos, os quais foram elaborados com vista a possibilitarem uma fundamentação conceptual e empírica para este trabalho.

No Capítulo 1 são desenvolvidos aspetos relacionados com a investigação conceptual, sua definição, especificidades, campo de intervenção e pertinência para a investigação científica. Para além da vertente explícita da investigação dos conceitos e seu uso é de relevar a vertente implícita no estudo dos mesmos.

O Capítulo 2 refere-se à revisão da literatura sobre o conceito de matriz grupal, abordando no seu contexto histórico e evolutivo, os conceitos de matriz e matriz de grupo, assim como alguns conceitos similares. É também abordado o modelo de mente e a perspectiva de uma matriz interna e sua relação com a matriz grupal. As perspectivas de Bion, Foulkes e Cortesão sobre a análise e intervenção em grupo e aspetos comparativos das mesmas são referidas com particular relevo considerando, naturalmente, o seu contexto histórico-científico e o objeto de estudo desta tese. O artigo intitulado *Matriz grupal: introdução a uma investigação conceptual* (Marques & Torres, 2012) é baseado neste desenvolvimento temático.

Os diversos subcapítulos do capítulo 2, ainda que focando cada um deles aspetos mais específicos da temática em estudo, complementam-se no seu conjunto e é neste sentido que devem ser lidos.

No subcapítulo 2.1., sobre a psicanálise aplicada aos grupos, torna-se importante poder contextualizar a mesma, referindo alguns aspetos relativos ao grupo e às diversas psicoterapias de grupo não analíticas ou não estritamente analíticas que precederam ou foram contemporâneas das correntes analíticas de grupo e que de alguma forma também as influenciaram ou enquadraram do ponto de vista teórico-técnico e social.

O subcapítulo 2.2. consta globalmente de uma revisão dos conceitos de matriz, matriz de grupo e matriz grupal.

No subcapítulo 2.2.1. é feita uma revisão sobre estes conceitos referindo as contribuições de diversos autores e aspetos centrais das mesmas. As perspetivas de alguns dos autores referidos são alargadas aos diversos fenómenos que podem ocorrer no grupo, como por exemplo a expressão da agressividade, ou a discussão existente entre o modelo pulsional e o modelo relacional, ou ainda a importância dos vínculos, entre outras contribuições, que de algum modo contextualizam ou caracterizam mesmo os conceitos de matriz de grupo e de matriz grupal. Neste subcapítulo é apresentado um resumo da revisão sistemática efetuada onde constam os aspetos centrais e contextuais dos conceitos de matriz, matriz de grupo e matriz grupal, ao longo do tempo, assim como de alguns fenómenos da dinâmica grupal relacionada com estes, e os diversos autores, assim como datas e artigos/livros destas referências (Quadro 2).

No subcapítulo 2.2.2. é abordado de uma forma mais específica o conceito de matriz grupal de Cortesão e diferenças face à perspetiva do conceito de matriz de grupo em Foulkes. Na própria conceptualização de matriz grupal, Cortesão releva os conceitos de padrão e processo grupais, assim como a elaboração, aspetos que caracterizam de uma forma idiossincrática a grupalização portuguesa. Complementarmente é referida a importância da organização e resolução da neurose de transferência em grupo. Todos estes conceitos são explicitados e interligados neste subcapítulo.

No subcapítulo 2.2.3. consta a contribuição de outros autores portugueses para o conceito de matriz, nomeadamente de matriz grupal, assim como da matriz interna nas suas diferentes perspetivas, e de como estes aspetos se articulam com os fenómenos da dinâmica e técnica grupal.

No Capítulo 3 é efetuada uma síntese referente à secção do *Enquadramento Teórico*. Trata-se de uma síntese em que são referidos de uma forma resumida e integrada os diversos aspetos desenvolvidos anteriormente.

No *Estudo Empírico* são explicitados os objetivos delineados na presente tese de doutoramento, no que respeita ao estudo empírico, e a metodologia utilizada, nomeadamente o uso de entrevistas, assim como são apresentados os diversos resultados obtidos nas mesmas, quer ao nível explícito, quer ao nível implícito. Estes resultados são apresentados por entrevista e também de uma forma global com os resultados de todas as entrevistas, integrando os aspetos explícitos com os aspetos implícitos encontrados.

Os Quadros do Anexo A integram as diferentes categorias, as subcategorias e os sumários correspondentes, para todas as entrevistas, devendo ser lidos no seu conjunto e de uma forma integrada. Só assim se terá uma panorâmica completa correspondente às respostas e desenvolvimento das entrevistas realizadas.

É efetuada, ainda, uma análise dos conceitos referidos nas entrevistas que integram a conceptualização de matriz grupalítica, no sentido de se poder perceber como estes conceitos se encontram interiorizados no próprio discurso dos entrevistados.

Na *Discussão dos Resultados e Conclusões* é feita uma discussão acerca do conceito em estudo de matriz grupalítica, sendo apresentadas conclusões e algumas considerações finais que, entre outros aspetos, reenviam também para investigação posterior.

Nos *Anexos* constam alguns dos resultados obtidos nesta investigação.

Nos *Apêndices* estão incluídas as entrevistas transcritas e a sua análise tendo, os mesmos, um acesso restrito dado o carácter reservado das entrevistas. O acesso integral às mesmas é assim condicionado.²

De relevar, por último, que a realização desta tese, no âmbito de uma investigação conceptual, e no que respeita à parte empírica da mesma, é sobretudo um trabalho de cariz interpretativo efetuado pelo autor e seu grupo de trabalho, nomeadamente ao nível da descodificação do discurso implícito dos entrevistados, e portanto da inteira responsabilidade dos mesmos. Houve um marcado cuidado em não distorcer ou de algum modo interpretar de forma errônea as respostas dadas. Todos os entrevistados foram informados do tratamento das entrevistas, designadamente a criação de categorias e a análise dos aspetos explícitos e implícitos das mesmas. A todos foi dada a oportunidade de reverem as entrevistas de modo a eventualmente salvaguardarem algum aspeto de maior confidencialidade, nomeadamente nos exemplos clínicos.

² Os Apêndices constam do CD em anexo.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Investigação Conceptual e Conhecimento Implícito

1. Investigação Conceptual e Conhecimento Implícito

A investigação na área da psicanálise (e grupanálise) pode adquirir diferentes formas. De acordo com Séchaud, Frisch e Bleger (2010) a investigação em psicanálise pode ser clínica, empírica e conceptual. A investigação clínica refere-se àquela que é efetuada por analistas no contexto clínico e sobre factos psicanalíticos. A investigação empírica refere-se usualmente a avaliar aspetos como, por exemplo, a eficácia e utilidade do tratamento psicanalítico. A investigação conceptual trata-se de uma investigação sobre os conceitos e surge assim, entre estas, como um método de investigação específico nos seus objetivos, ainda que não isolado das restantes. Conforme referido por Dreher (2000), Leuzinger-Bohleber e Fischmann (2006) a investigação conceptual é sempre multimetodológica uma vez que não tem um procedimento padronizado e não se caracteriza por um método particular, mas por todo um programa de investigação sobre um determinado tópico ou tema.

A investigação conceptual pode ser dividida em duas áreas de investigação diferenciadas mas complementares (Hinshelwood, 2008): (1) investigação do campo semântico e do sentido hermenêutico de um determinado conceito; (2) investigação empírica clínica sobre o uso que os analistas dão aos conceitos na sua prática psicoterapêutica.

De acordo com Hinshelwood (2008) cada uma destas duas áreas caracteriza-se por métodos e objetivos específicos. A área de investigação do campo semântico utiliza normalmente como métodos a revisão sistemática da literatura e pesquisas históricas e biográficas dos autores, tendo como objetivos específicos: (1) examinar se os conceitos são logicamente e epistemologicamente consistentes em si-mesmos e com os outros elementos teóricos; (2) examinar os usos dos conceitos em determinados campos e contextos conceptuais diferentes (diferentes escolas, diferentes intervenções clínicas, etc.); (3) examinar o contexto histórico-epistemológico da origem dos conceitos e determinar as suas mudanças na literatura ao longo do tempo. Por seu lado, a área de investigação conceptual empírico-clínica utiliza normalmente como métodos entrevistas em profundidade a clínicos e teóricos especialistas na área (experts) e grupos de trabalho de discussão das entrevistas, tendo como objetivos específicos (1) uma discussão crítica dos usos do conceito, (2) uma formulação dos diferentes domínios e usos do conceito, (3) identificar as assunções implícitas do conceito ao nível pré-consciente e as miniteorias privadas que os clínicos desenvolvem com o decorrer da sua experiência clínica. Estas estão dentro da “elasticidade” no espaço da definição do conceito e da conceptualização implícita do analista (Sandler, 1983; Sandler, Dreher &

Drews, 1991) e normalmente não são publicadas oficialmente mas podem representar avanços significativos na teoria e prática clínica (Sandler, 1983; Dreher, 2000; Leuzinger-Bohleber & Fischmann, 2006).

Elasticidade Conceptual e Conhecimento Implícito

Sandler (1983) usa a noção de elasticidade de um conceito para se referir a um conjunto de significados que dependem do contexto em que o próprio conceito está inserido. Aliás, vê vantagens nisso, ou seja, a indeterminação conceptual tem uma função importante para manter a unidade da teoria psicanalítica. Esta é constituída por formulações com diferentes graus de abstração e por teorias parciais. A existência de conceitos flexíveis estabelece uma base geral de uma teoria articulada embora existam partes desta base que estão rigorosamente definidas. Para Sandler (1983) o valor de uma teoria articulada de modo flexível é o que permite que a teoria psicanalítica possa evoluir sem perturbações fundamentais na estrutura teórica global da psicanálise.

Perron (2003), refletindo sobre a investigação de conceitos e hipóteses, e relativamente aos primeiros, é da opinião que a sua polissemia constitui uma riqueza da própria teoria psicanalítica. Considera que para o processo analítico é necessário o uso de conceitos com múltiplos significados e assim um espaço mais amplo de sentidos. Para Perron conceitos psicanalíticos como o *instinto de morte* ou *Eros/Thanatos*, constituem conceitos centrais, *keystone concepts*, “pedras angulares”, criados por Freud e que asseguram a coerência de todo o sistema teórico. Segundo, ainda, este autor não é possível demonstrar propriamente que determinado conceito é verdadeiro ou falso mas sim se é útil ou não para a construção de significados sobre aquilo que se observa. Assim, a análise dos conceitos constitui uma área importante de investigação, diferente daquela que caracteriza as designadas ciências experimentais, mas que é própria de um campo de observação e intervenção que tem características também bastante específicas.

Um dos aspetos basilares na investigação conceptual é proceder à análise do conceito em estudo na sua vertente implícita, ou seja, ver de que forma o conceito é usado, ponderado e pensado em termos clínicos mas também na sua integração/comparação com a perspetiva teórica de referência.

Os psicanalistas e grupanalistas através da sua prática clínica descobrem formas próprias e personalizadas de intervenção e de fazer análise, podendo refletir, mais ou menos,

sobre as mesmas, desenvolvendo teorias implícitas. Conforme refere Dreher (2008) fenômenos empíricos não existem só por si, é necessário ter em consideração outras variáveis, nomeadamente a investigação sobre quem usa o conceito e em que contexto. Pode-se falar de uma relação triangular sempre presente em consonância com a tradição semiótica e pragmática. Existe o conceito, o fenómeno ao qual o conceito se refere e a pessoa que usa o conceito de acordo com a sua compreensão do mesmo. Lembra Dreher que o uso de um conceito depende do contexto, nomeadamente dos fatores socioculturais, o que não deixa de ser interessante de refletir, uma vez que os conceitos analíticos são utilizados genericamente em diferentes culturas e continentes.

A investigação dos conceitos poderá permitir afinar o perfil analítico dos mesmos e dentro do espaço de elasticidade destes, enriquecê-los, podendo assim, também, alargar ou mesmo transformar as teorias que os sustentam.

Freud (1915/1969) referiu que somente após investigações mais completas do campo de observação seria possível definir melhor os conceitos e que o avanço dos conhecimentos não tolera nenhuma rigidez quanto às definições. Até mesmo na física conceitos considerados básicos são constantemente modificados no seu conteúdo consoante novas investigações e descobertas.

Para Dreher (2008) não se deverá confundir o implícito com o inconsciente, ambos são diferentes, o implícito não se integra do mesmo modo, nem se limita na metapsicologia freudiana. Esta autora refere que neste contexto de investigação, prefere o termo implícito a pré-consciente/inconsciente.

Contudo, Jiménez (2009) considera que o conhecimento tem uma componente pessoal e é resultado da dinâmica entre as três instâncias psicológicas, o inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

Na prática clínica os analistas vão construindo as suas próprias concepções e miniteorias sobre a importância, pertinência e definição deste ou daquele conceito, usualmente em estreita ligação com a sua personalidade e modo pessoal de conceber o processo analítico. Muitas vezes estas concepções pessoais permanecem implícitas para os próprios analistas, ou mesmo que não o sejam, não são expostas e publicadas na comunidade científica. Deste modo o conhecimento oficial a que o analista pode aderir conscientemente,

fica despojado da experiência e inovação que o mesmo percebe e imprime na sua prática e reflexão pessoal.

Segundo Jiménez (2009) os psicanalistas tendem a construir narrativas que pretendem captar a singularidade da subjetividade dos analisados e é muito provável que a teoria psicanalítica se tenha desenvolvido a partir da oficialização destas teorias privadas. Contudo, é necessário cautela, uma vez que a estes aspetos teóricos que podem derivar de inferências indutivas em relação a um caso específico, atribuem-se muitas vezes um valor universal que não possuem, gerando-se uma confusão conceptual com óbvias repercussões negativas para a teoria e técnica, aquilo que Fonagy (2006), citado por Jiménez (2009), referiu como podendo originar uma teoria oficial “sobre especificada”. Para Jiménez esta generalização espúria seria a responsável pela confusão linguística na construção da teoria em psicanálise. Este autor faz uma alusão interessante à etimologia da palavra “prática”, presente nos idiomas europeus. Esta palavra deriva do grego *práxis* e que significa mais do que ação, ato, ou atividade, o modo de fazer, ser e atuar ou ainda a consequência. A prática tem assim um sentido bastante completo adquirindo uma identidade própria. Alude também a Sandler (1983) que referiu que o analista através da sua experiência vai construindo pré-conscientemente (descritivamente falando, inconscientemente) um conjunto de segmentos teóricos relacionados com o seu trabalho clínico e que resultam do pensamento inconsciente. Poder-se-ão contradizer mas coexistem no inconsciente.

O trabalho analítico é uma construção da díade analista-analisando. O analista parte em princípio de uma teoria pré-existente mas vai desenvolvendo e aplicando algo que emerge daquela relação em particular, única e específica. Segundo Canestri (2006) não se deve subestimar a quantidade de elementos que contribuem para a construção destas teorias ou modelos parciais, elementos estes que são constituídos por conteúdos do inconsciente e pré-consciente do analista assim como pela sua filosofia de vida, ligação a um grupo ou escola psicanalítica, crenças científicas e pré-científicas, contratransferência, etc. Neste sentido torna-se compreensível como os conceitos estão em constante transformação e reelaboração, e nunca definitivamente formados.

O processo analítico tem lugar entre duas pessoas, ou no caso da grupanalise entre vários elementos e com o grupanalista. É nesta matriz relacional que o analista (mas nem sempre só o analista) faz o uso implícito das teorias explícitas, validando-as ou rejeitando-as

de acordo com o decorrer da própria análise. A relação é a matéria-prima da possibilidade de transformação, abrangendo o analisando/paciente mas não só, também de algum modo o terapeuta. Ambos crescem um com o outro. É na matriz da relação que a análise se passa e onde uma nova relação nasce, única e original. Esta situação tanto ocorre no individual como no grupo analítico. A relação estabelecida surge então como o terreno onde se transformam e criam conceitos que nascem da prática constantemente aferida.

Intersubjetividade e Conhecimento Implícito

Estes aspetos referidos anteriormente adquirem maior relevância se se tiver em consideração a perspectiva intersubjetiva e relacional em psicanálise onde o próprio conceito de mente se esbate na individualidade e se define na relação.

Sobretudo a partir dos anos 80 desenvolveram-se várias concepções dos teóricos da intersubjetividade e da psicanálise relacional. Têm pontos comuns como a *empatia* e a noção de *matriz relacional* ou *campo intersubjetivo*. Conforme refere Neves (2007), a intersubjetividade, representada por Stolorow, preconiza que o processo de constituição e transformação da subjetividade ocorre num campo intersubjetivo ou matriz relacional, que será então o resultado da intersecção das subjetividades que interagem mutuamente de forma recíproca. Refere Stolorow (2000) que o que é tradicionalmente designado por *transferência/contratransferência* e *matriz intersubjetiva* são a mesma coisa. Todos os fenómenos inerentes à psicanálise (*transferência, resistência, reação terapêutica negativa e positiva, relação mente-corpo, etc.*) passam a ser contextualizados como “emergindo dentro de campos ou sistemas intersubjetivos constitutivos” (Stolorow, 2000, p. 99). Refere ainda que a teoria da intersubjetividade não é uma teoria de conteúdo mas sim de processo com um conjunto de princípios metodológicos e epistemológicos para a investigação dos espaços intersubjetivos e dos fenómenos que aí se evidenciam. O mundo da experiência e o campo intersubjetivo constituem-se mutuamente, estão organizados um com o outro, a própria mente emerge do sistema ambiental, do contexto em que vive a pessoa e não como entidade cartesiana localizada dentro do cérebro.

A concepção intersubjetiva de Stolorow rejeita a ideia de um domínio intrapsíquico com autonomia relativa. O que existem (ou se desenvolvem) são princípios organizadores invariantes e inconscientes (usualmente o que se designa por estruturas psicológicas) através dos quais o sujeito se apropria de padrões invariantes da sua experiência (temas recorrentes,

imagens, etc.). Estes princípios organizadores invariantes do desenvolvimento que resultam dos contextos intersubjetivos vão determinar as possibilidades estruturais da consciência.

A psicanálise relacional propõe basicamente que as relações com os outros constituem os blocos fundamentais na construção da vida mental e que a nossa experiência de *self* é descontínua constituída por diferentes configurações e diferentes *selves*. Segundo Mitchell (1988), embora os teóricos relacionais admitam a importância dos aspetos biológicos e dos fatores constitucionais, esta abordagem é limitada. Privilegiam sobretudo a experiência relacional e desenvolvimental.

Do ponto de vista da intersubjetividade o foco da escuta analítica desloca-se para o campo constituído pelas subjetividades quer do analista quer do analisando, formando-se a chamada matriz intersubjetiva. E é nesta matriz que a atenção se centra procurando-se “focalizar os elementos conscientes da experiência relacional, como também, a observação e elucidação dos princípios inconscientes organizadores das experiências do analisando” (Neves, 2007).

Também Ogden (1994) releva a importância da intersubjetividade e propõe uma nova visão para o processo analítico, onde não existe analista sem analisando e vice-versa, ainda que mantenham os contornos das suas individualidades. Da inter-relação das subjetividades do analista e do analisando nasce o *terceiro analítico*. Este manifesta-se por imagens, sensações e sentimentos que surgem no analista no encontro terapêutico, permitindo que ambos vivenciem o passado vivo do analisando criado intersubjetivamente no terceiro analítico, possibilitando a elaboração e transformação.

Parece assim claro como é que nesta perspetiva, o implícito se gera e emerge no seio da relação e se podem entender os conceitos na sua dimensão relacional.

Segundo Jiménez (2009) o grupo de estudos do processo de mudança de Boston (PCSG, 1998; Stern, 2004) preconiza que o efeito terapêutico do vínculo analista-paciente situa-se nos processos intersubjetivos e interativos que origina o conhecimento relacional implícito. Conforme Jiménez este é um campo não simbólico, diferente do conhecimento declarado e explícito, este sim que se representa simbolicamente de um modo verbal ou imaginário. Nos designados momentos de encontro existe a partilha de uma relação implícita mútua que vai levar a uma recontextualização do conhecimento implícito do analisando. Este

conhecimento partilhado por ambos pode-se tornar consciente e ser validado ou permanecer implícito.

De qualquer modo, este é um campo de investigação que continua naturalmente em aberto. Ainda de acordo com Jiménez (2009) não é, no entanto, claro, que as ideias de Sandler sobre as teorias implícitas em psicanálise e que Fonagy designou por base de conhecimento psicanalítico implícito, sejam equivalentes ao conhecimento relacional implícito preconizado pelo grupo de Boston. O importante é dar legitimidade aos aspetos e teorias implícitas, de algum modo libertar a prática e a técnica de uma teoria já estabelecida e, neste sentido, promover o desenvolvimento de ambas.

Mas Canestri (2006) alerta, também, para o duplo aspeto que constitui o potencial positivo e negativo das teorias implícitas. Para além dos aspetos pessoais e originais inerentes a estas teorias implícitas não se pode negligenciar que estas podem conduzir não só a uma profusão de termos linguísticos psicanalíticos como a uma menor consistência conceptual e ainda a apologia do narcisismo do analista em introduzir mesmo pequenas diferenças conceptuais.

Acesso ao Conhecimento Implícito

Zysman, Villa Segura, Bordone de Semiuk e Pieczanski (2009) referem-se à existência de dois tipos (ou classes) de teorias implícitas: as não publicadas, reflexo da censura, mas que estão mais acessíveis à consciência, até pela utilização de instrumentos próprios, e as de nível mais inconsciente que têm mesmo pontos de contacto com o conceito de fantasia inconsciente.

Sandler desenvolveu uma investigação no sentido de esclarecer o uso dos conceitos por parte dos analistas, nomeadamente dos aspetos implícitos dos mesmos, de que é exemplo o estudo por si efetuado e pelo seu grupo, sobre o conceito de trauma psíquico (Sandler, Dreher, & Drews, 1991).

Um grupo de trabalho da Federação Europeia de Psicanálise (European Psychoanalytical Federation) constituído por Jorge Canestri (coordenador), Werner Bohleber, Paul Denis (antes era Gilbert Diatkine) e Peter Fonagy, tem trabalhado sobre a compreensão das conceptualizações implícitas do analista. A partir de material clínico (observações verbais, reações não verbais e emocionais, interpretações, perceções, ideias e reflexões do analista)

este grupo estuda não só as teorias públicas e oficiais mas sim as teorias implícitas do analista, tendo construído uma matriz para mapear teorias privadas (implícitas) na prática clínica.

Neste âmbito Canestri, Bohleber, Denis e Fonagy (2006) e Bohleber (2012) referem e analisam seis vetores (ou dimensões): (1) topográfico, (2) conceptual, (3) ação, (4) relações de objeto do conhecimento, (5) coerência versus contradição, (6) desenvolvimento. O vetor topográfico refere-se aos níveis (consciente, pré-consciente e inconsciente) nos quais se situa o pensamento teórico. O vetor conceptual integra os diferentes tipos de perspectivas sobre o mundo, ideologias, atitudes clínicas gerais e teorias implícitas do analista sobre o processo psicanalítico e objetivos do tratamento analítico. O vetor ação considera as ações do analista com o seu paciente nomeadamente a formulação mental que o analista opera para dar forma a uma interpretação, e a fraseologia utilizada. O vetor relações de objeto do conhecimento refere-se às relações do analista com as teorias, modelos e conceitos considerados como “objetos internos”. O vetor da coerência versus contradição diz respeito às formas teóricas como se maneja a contradição e o vetor do desenvolvimento refere-se à perspectiva sobre o estado de desenvolvimento do paciente, em que fase é que este se encontra.

De uma forma sintetizada mas sistematizada estes vetores podem ser apresentados do seguinte modo (Canestri et al., 2006):

1. Vetor topográfico. (a) consciente, mas não público (o analista pode ter certas teorias privadas mas não as torna públicas); (b) teorias pré-conscientes e teorização (referem-se à complexa atividade subjetiva que inclui uma ampla variedade de elementos que vão desde a auto compreensão do analista até ao sistema inteiro de valores, estes também condicionados culturalmente); (c) influências inconscientes no uso de teorias (são múltiplas as influências inconscientes no uso das teorias tais como a ideação reprimida, a divisão da teoria e a teoria como resistência).

2. Vetor conceptual. (a) visão do mundo ou cosmologia (esta pode ser social, privada, teórica, científica ou filosófica); (b) conceitos clínicos (são usados determinados conceitos clínicos para intervir numa situação clínica. Estes podem-se articular de uma forma significativa mas criar também um conjunto pouco coerente); (c) generalizações clínicas (estas podem ser conceptuais, técnicas ou interpretações gerais ou ainda pontos de vista sobre material clínico); (d) processo psicanalítico (este *item* refere-se ao aspeto na qual o processo

analítico é a história da relação com o paciente na mente do analista, ou seja, os modos implícitos de pensamento acerca do relacionamento intersubjetivo entre o paciente e o analista); (e) teorias de mudança (referem-se às ideias do analista acerca do que pode ajudar a promover a mudança no processo psicanalítico).

3. Vetor de ação. (a) escuta (a atenção livre flutuante permite que diversas teorias desempenhem um papel na mente do analista); (b) formulação (a formulação tem que ser coerente e consonante com uma teoria); (c) interpretação (de relevar a importância da escolha das palavras na interpretação e dos aspetos implícitos inerentes); (d) comportamento (este *item* do comportamento torna-se mais evidente quando existe uma interação face a face. No entanto diferentes aspetos culturais e modalidades pessoais do analista, conduzem a uma variedade no comportamento).

4. Relações de objeto do conhecimento. (a) história do conhecimento (refere-se à teoria explícita do conhecimento psicanalítico e de como esta foi incorporada); (b) influências transgeracionais (a história das afiliações conduz a identificações mais ou menos bem-sucedidas que são a génese da identidade psicanalítica); (c) sociologia do conhecimento (as ideias que a humanidade foi desenvolvendo podem ser vistas pelo prisma da sociologia do conhecimento, como também a psicanálise); (d) internalização da teoria (o modo como as teorias são internalizadas depende de fatores pessoais, do ensino nos diversos institutos e dos relacionamentos de afiliação); (e) teoria da vinculação (é importante tentar esclarecer a relação com as nossas teorias e as dos outros).

5. Vetor de coerência versus contradição. (a) público onde a coerência é esperada (muitas vezes as palavras e interpretações do analista não são inteiramente coerentes com a teoria que referem estar a utilizar); (b) uso de metáforas ou conceitos polimórficos (o analista pode manter certas contradições assegurando que a coerência não é demasiado ameaçada., utilizando metáforas ou conceitos polimórficos); (c) soluções criativas (as soluções criativas implicam uma tolerância significativa da contradição, elasticidade e a utilização máxima de metáforas e polissemia).

6. Vetor de desenvolvimento

Canestri (2010) refere que da contribuição de Juan Pablo Jiménez se pode adicionar um novo vetor que se designa por vetor de heurística intersubjetiva e que passa a constituir o vetor 7 do *Mapa* dos aspetos implícitos.

7. Vetor de heurística intersubjetiva.

Conforme preconiza Canestri, este *Mapa* dos aspetos implícitos aplica-se à análise de sessões clínicas e poderá ir sendo ampliado e atualizado de acordo com novos dados.

Tuckett (2010) aborda também a importância dos grupos de trabalho na análise das conceitualizações dos analistas e da sua forma de fazer psicanálise. Para este autor, atualmente são referidas muitas formas de fazer psicanálise mas considera que estas são bastante diferentes e que têm que ser deste modo bem delineadas. Assim, torna-se necessário clarificar as bases teóricas do que se faz e esclarecer qual o verdadeiro *setting* que caracteriza a especificidade da psicanálise. Tuckett (2010) considera que existem nove diferenças principais entre os psicanalistas que se evidenciam nas situações clínicas. Trata-se das seguintes conceções: (1) conceções de Nova Experiência, (2) conceções do que é interpretado e por que, (3) conceções de como as interpretações devem ser dadas e por que, (4) conceções de causa, (5) conceções sobre Aqui e Agora, (6) conceções sobre a Associação Livre, (7) conceções de conversa e ação, (8) conceções de contratransferência, (9) atitudes relativas à Neutralidade.

Outra metodologia desenvolvida sobre as teorias implícitas, baseada também no material clínico apresentado pelo analista, é o designado *Método dos Dois Passos* desenvolvido por Tuckett. Segundo este autor (Tuckett, 2008), este método permite perceber como o analista trabalha nas várias sessões clínicas, nomeadamente na utilização de aspetos implícitos inerentes à sua experiência e pensamento. Esta metodologia inicia-se pela apresentação de algumas sessões clínicas que são discutidas livremente pelo grupo de trabalho e que pode demorar cerca de 3 a 4 horas. De seguida passa-se à discussão do Passo 1 que leva aproximadamente o mesmo tempo. Neste Passo existem seis objetivos que se pretendem clarificar face às intervenções do analista: (1) manter o enquadramento básico; (2) adicionar algum elemento que facilite o processo inconsciente; (3) perguntas, clarificações e reformulações para consciencializar alguns elementos; (4) designar, no aqui e agora, o significado emocional e fantasias na situação com o analista; (5) construções dirigidas proporcionando significados; (6) reações repentinas e evidentes, difíceis de relacionar com o método normal do analista.

O Passo 2 centra-se em cinco dimensões do modelo explicativo do trabalho do analista nas sessões. São elas: (1) o que está mal com este paciente? (2) como trabalha o analista? (3)

como escuta o analista? (4) quais são as intervenções que fazem avançar o processo analítico? (5) visão da situação analítica.

Pretende-se no final desta análise pelo grupo de trabalho, identificar a forma como o analista trabalha (discutindo sobre as sessões clínicas por ele apresentadas) e como este usa as teorias implícitas e explícitas, públicas e privadas, na sua prática clínica.

De qualquer modo a escolha de um método para analisar as teorias explícitas e implícitas dependerá dos objetivos que forem definidos (Litvan, 2009).

As metodologias descritas anteriormente (*Método dos Dois Passos* e *Mapa*) para captar os aspetos implícitos nas sessões clínicas não se aplicam na presente investigação conceptual, ainda que estas metodologias tenham sido uma referência para o tratamento e categorização dos dados obtidos. As entrevistas efetuadas aos grupanalistas não foram sobre sessões clínicas práticas e específicas apresentadas pelos mesmos, embora tenham sido pedidos aos entrevistados exemplos constantes da sua prática grupanalítica, a par com a sua perceção e pensamento sobre a teoria e a prática clínica.

O estudo sobre os aspetos e teorias implícitas em psicanálise e no caso da presente investigação em grupanálise constitui um terreno de descoberta e inovação da técnica e teoria analítica, nomeadamente na multidimensionalidade, transformação e evolução dos conceitos utilizados. Todos estes aspetos referidos neste capítulo sobre as características da investigação conceptual, elasticidade dos conceitos, intersubjetividade e formas de acesso ao conhecimento implícito, refletem o racional inerente a esta investigação.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2. Revisão da Literatura

2. Revisão da Literatura

2.1. A Psicanálise Aplicada aos Grupos: Contexto Evolutivo e as Perspetivas de Bion, Foulkes e Cortesão, entre outros Autores

É comum dizer-se que o ser humano é um ser social, ou seja, sempre viveu e se desenvolveu em grupos. A relação com o outro e com os outros é o eixo central da organização matricial do sujeito. Ao longo do percurso histórico-social o grupo, no sentido mais estrito ou alargado, constituiu sempre o âmago do funcionamento psicológico e relacional do sujeito. Também o conceito de saúde em termos globais se encontra associado à capacidade de relação com os outros e com os grupos, quer sejam grupos de pertença, referência ou de outras características e tipologias. O sujeito isolado corre riscos de alienação e destabilização, a solidão pode aproximar-se da patologia mental. É através do grupo que o sujeito se pode sentir amado, reconhecido e estimulado a mostrar as suas capacidades, competindo e criando. Mas também é usualmente com o grupo que podem ter lugar o radicalismo e comportamentos considerados inadequados na esfera individual e social. O grupo está sempre presente, o grupo externo, manifestamente observável, presente no aqui e agora ou temporalmente acessível, e os diversos grupos internos, presentes a diferentes níveis no interior do sujeito. O grupo configura-se no espaço-tempo da vida pessoal, ele é um dos alicerces, uma trave mestre do edifício da personalidade e a arquitetura da identidade assenta na dimensão externa e interna dos grupos.

A vida social é uma aquisição central da civilização e a sua matéria-prima é a vivência em grupo onde o sujeito se vê, revê e se transforma. O grupo permite, de forma aparentemente paradoxal, o encontro do sujeito consigo mesmo, com a sua individualidade, é na diferença e na semelhança que emerge a especificidade, aquilo que torna a pessoa única e com uma identidade própria, mas em comunhão constante com o grupo e com o social. A aquisição de se poder estar só, em certos momentos ou fases, sem necessariamente isto ser acompanhado por sentimentos de desvalorização, é fundamental no desenvolvimento individual mas esta capacidade emerge da relação e diálogo permanente do sujeito com o outro.

A família, a escola, os clubes, entre outros, constituem grupos nos quais o sujeito se inseriu ou insere e que marcaram o seu desenvolvimento e experiências pessoais que por vezes podem ter sido desorganizadoras e fraturantes da personalidade.

O trabalho com grupos de doentes em contexto hospitalar, do foro psiquiátrico ou psicossomático/somático tem sido efetuado de forma mais ou menos regular ao longo dos anos, com diferentes metodologias mas em que o grupo tem um papel fulcral na dinâmica da transformação pessoal. Os grupos terapêuticos são grupos artificiais mas onde se tentam criar as condições que possibilitem uma reparação e revitalização da pessoa, utilizando as potencialidades inerentes à dinâmica grupal, nomeadamente a sinergia do grupo e os diversos fenómenos que ocorrem no mesmo e em que vários deles se constituem em instrumentos da própria intervenção terapêutica.

Mello Filho (2000) alude a de Maré (1974) referindo que este entendia que diversas teorias como o marxismo, a psicologia da *Gestalt*, a teoria da comunicação e a teoria do campo, o que têm em comum não é o indivíduo ou o grupo em si como fator primário, mas sim o interstício da intercomunicação, interação e inter-relação.

A psicoterapia de grupo surge essencialmente na primeira metade do Séc. XX no contexto do interesse crescente por diversas disciplinas como a Sociologia, Antropologia e Psicologia Social. Mas já no final do Séc. XIX os trabalhos de Tarde e de Gustave Le Bon sobre o comportamento do indivíduo quando inserido em grandes massas constituíram uma aproximação aos grupos embora de uma forma ainda pouco científica. Ferreira (1990) refere que Freud na sua abordagem ao grupo baseou-se nos trabalhos destes autores e sobretudo na obra de McDougall intitulada *O espírito de grupo*, de 1920, em que este, com critérios mais científicos, estabelece as diferenças entre o funcionamento dos grupos e das massas. Segundo Ferreira isto constituiu uma inspiração para o desenvolvimento da psicoterapia de grupo.

Freud em 1921, em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, refere que o contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, não é assim tão claro como poderia parecer. A psicologia individual procura compreender o homem na perspetiva individual, nomeadamente nos seus instintos e satisfação dos mesmos, mas não deve desprezar as relações do sujeito com os outros. A vida mental do indivíduo relaciona-se com outros objetos como um modelo, um opositor, um auxiliar. Assim, Freud entende que a psicologia individual, num sentido mais lato é, simultaneamente também, uma psicologia social.

E o que era um grupo para Freud? No mesmo trabalho, afirmou que um grupo é constituído por um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar

do seu ideal do ego e identificaram-se uns com os outros. Daqui se pode refletir sobre a força de um grupo e da sua coesão.

Segundo Martins (1986), para Freud é a libido que é a essência da mentalidade de grupo e é ela que mantém os laços emocionais que juntam os elementos de um grupo de forma coesa. E o termo amor adquire neste contexto um forte significado. O cerne deste termo consiste no amor sexual que tem por objetivo a união dos sexos mas reveste-se de outros sentidos como o amor-próprio, amor filial, amor maternal e paternal, o inerente à amizade, amor à humanidade, a certas causas, entre outras. Todas estas valências poderão aparecer no grupo.

Mas também Freud (1921/1969) referiu-se à existência de forças presentes de desagregação do grupo, ilustrando esta relação entre forças de coesão e de desagregação, com uma metáfora de Schopenhauer, que alude a um grupo de porcos-espinhos que vivem nas estepes geladas dos países nórdicos e que para se salvarem da morte, pelo frio, apertavam-se uns contra os outros mas devido aos espinhos não se podiam aproximar demasiado e assim havia um movimento de aproximação e afastamento, até descobrirem uma distância intermédia na qual podiam coexistir.

Conforme refere Fernandes (2003a), a contribuição de Freud para a psicologia dos grupos e suas influências, encontra-se sobretudo em cinco trabalhos que são eles: *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910); *Totem e Tabu* (1913); *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921); *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *O Mal-Estar na Civilização* (1930). Em 1910, Freud afirma que o êxito que a terapia possa ter no indivíduo haverá também de ter na coletividade e em 1913, em *Totem e Tabu*, Freud explica que as leis sociais se transmitem de forma inconsciente e estas leis sociais é que produzem a cultura.

Zimerman (2000) na sua visão panorâmica sobre a evolução dos grupos pequenos sistematiza várias vertentes de observação: empírica, psicodramática, sociológica, filosófica, gestáltica, sistémica, comunicacional, institucional, dos grupos comunitários, dos grupos operativos, comportamentalista e psicanalítica. Estas várias perspectivas de intervenção nos grupos pequenos espelham as potencialidades dos mesmos e os seus movimentos evolutivos.

Em relação à vertente empírica alude a Pratt que a partir de 1905 organiza grandes grupos de doentes com tuberculose e onde esta doença é abordada e discutida. Desenvolve o método das “classes coletivas” onde, após uma aula sobre esta problemática e com indicações

várias, eram feitas perguntas num contexto de uma discussão livre. Segundo Ferreira (1990) numa metodologia com similaridades à de Pratt, foram feitas outras experiências na área da psicossomática, nomeadamente por Buck, com hipertensos e por Stephen, Chappel, Rogerson e Pike com doentes com úlcera péptica.

Na vertente psicodramática, Zimerman alude a Moreno que em 1930 terá criado a expressão terapia de grupo, desenvolvendo o método do psicodrama para o tratamento de doentes do foro psiquiátrico.

Na vertente sociológica Zimerman refere a importância de Kurt Lewin, que terá sido o criador do termo dinâmica de grupo, com a sua teoria do campo.

Na vertente gestáltica Fritz Perls desenvolveu a gestaltterapia, um método de tratamento que quando efetuado em grupo este funciona como um catalisador em que as emoções dos elementos do grupo se repercutem uns nos outros e se amplificam. É dada muita importância ao comportamento não-verbal. Esta intervenção terapêutica caracteriza-se pela consciencialização da experiência atual do sujeito de uma forma global, dos aspetos internos e externos, com o objetivo de proporcionar um contacto verdadeiro do indivíduo consigo próprio e do contexto em que se encontra.

Na vertente sistémica o grupo é encarado como um sistema. É necessário ter em consideração as características e leis do funcionamento dos sistemas, nomeadamente na importância dada à homeostase e capacidade de transformação. As terapias familiares baseiam-se muito neste referencial sistémico.

Na vertente dos grupos comunitários, Zimerman realça a importância de autores como Maxwell Jones que soube aproveitar o potencial terapêutico dos grupos, nomeadamente em contexto hospitalar ou institucional de apoio, constituindo a comunidade terapêutica, e na vertente dos grupos operativos é de relevar o trabalho de Pichon Rivière que estudou os fenómenos que surgem no grupo quando este é constituído para operar uma dada tarefa objetiva, por exemplo de aprendizagem.

Na vertente comunicacional a ênfase é posta na comunicação e na linguagem, e na vertente comportamentalista nos aspetos do comportamento e sua mudança. A vertente psicanalítica é aquela que se refere a toda a contribuição dos autores de orientação psicanalítica para os grupos.

Pioneiros da Grupo-Análise

Segundo Tubert-Oklander (2014) poder-se-á dizer que Pichon Rivière e Foulkes foram ambos pioneiros na *grupo-análise*, uma vez que desenvolveram de forma simultânea mas independente, conceitos algo similares e complementares. Ambos abordaram os vários aspetos dos fenómenos de grupo e Pichon Rivière considerava mesmo que os grupos terapêuticos tinham também a tarefa explícita da cura dos seus membros. No entanto neste aspeto Foulkes não concordava, considerava que na grupo-análise não existe uma tarefa mas sim a comunicação num contexto de discussão livre flutuante.

O desenvolvimento das psicoterapias de grupo continuou de forma marcante a partir da II Guerra Mundial e alargou-se a várias correntes de intervenção terapêutica, de que são exemplo, entre outras, as técnicas cognitivistas, comportamentais, rogerianas, bioenergéticas, análise transacional e, naturalmente, como também já referido, as técnicas analíticas.

Trigant Burrow terá sido o primeiro autor a utilizar o termo grupo-análise embora a sua conceptualização fosse diferente da de Foulkes. Segundo Ferreira (1990), Burrow pretendeu criar uma forma de intervenção terapêutica de inspiração psicanalítica dirigida à sociedade mas transformada depois num método de investigação das motivações humanas. Desenvolveu os conceitos de *neurose social* e de *neurose de massas* e abandona mais tarde o conceito de grupo-análise, sendo os seus trabalhos continuados por Lawrence, Sys e Abse. Cortesão (1989) refere que Foulkes considerou que Burrow o influenciou mas que a sua perspectiva da grupo-análise era diferente. Burrow posteriormente encarou as psiconeuroses como um defeito do desenvolvimento da espécie humana, passando a utilizar o conceito de *filoanálise*.

Pines (1979), e no mesmo sentido de Maré (1974), referiram que os analistas e as psicoterapias analíticas de grupo podiam ser sistematizados do seguinte modo: 1) Psicanálise em grupo, com representantes como Slavson; Wolf e Schwartz, das escolas americanas. 2) Psicanálise do grupo, onde é de relevar autores como Bion e Ezriel, da escola da Tavistock (Londres). 3) Psicanálise pelo grupo, perspectiva esta de Foulkes. Nesta última enquadra-se sobretudo (mas não só) a abordagem da matriz de grupo e da matriz grupanalítica abordadas neste trabalho. De referir ainda que na perspectiva da psicanálise do grupo, Tubert-Oklander (2014) menciona outros autores como Grinberg, Langer, & Rodrigué.

Slavson foi um dos primeiros a utilizar os princípios analíticos no contexto do grupo e trabalhava sempre o indivíduo no grupo, mas não considerando o grupo na sua dinâmica geral e com os fenômenos e potencialidades que hoje em dia se reconhecem. Negava a possibilidade da neurose de transferência nos grupos embora utilizasse o conceito de transferência. Conforme refere Mello Filho (2000) Slavson escreveu desde os anos 30 sobre psicoterapia analítica de grupo, também com Wender e Schilder.

Wender utilizou a sua experiência psicanalítica na aplicação de um método de classes e subgrupos, fazendo interpretações e fomentando algumas experiências entre os elementos do grupo e Schilder fazia grupos bastante pequenos, não misturando os sexos e utilizando questionários e notas sobre cada caso. Os elementos do grupo já tinham sido analisados por ele, individualmente.

Wolf e Schwartz consideravam que era possível a formação da neurose de transferência em grupo embora dadas algumas especificidades da sua técnica, nomeadamente a existência de sessões alternadas, com e sem a presença do terapeuta, isto introduzia dificuldades várias. Mello Filho refere que estes autores iniciaram o trabalho com grupos em 1938 mas só começaram a publicar em 1949. O seu método de psicanálise em grupo consistia nos seguintes princípios: *associação livre*; interpretação dos sonhos; análise da transferência e da *resistência*.

W. Bion

Wilfred Bion nasceu em 1897 em Muttra, no Punjab, na Índia (na altura Colónia Inglesa), e faleceu em 1979, na Inglaterra, deixando uma vasta obra dedicada ao estudo da Psicanálise. As suas experiências da I Grande Guerra, onde prestou serviço, terão tido nele forte influência, nomeadamente sobre as vivências em situações limite, o que contribuiu para a sua compreensão do mundo do psicótico. Bion retorna à atividade militar durante a II Grande Guerra e em 1942 inicia a sua experiência com grupos de soldados no Hospital militar de Northfield. Organizou também os designados “grupo sem líder” para a seleção de oficiais que consistia na resolução de uma tarefa prática que era proposta mas em que o que era avaliado era o conjunto das relações que se estabeleciam e a capacidade para lidar com as tensões. Bion foi um pensador original introduzindo no corpo teórico da psicanálise todo um conjunto de conceitos também com aplicação na intervenção grupo, como por exemplo os conceitos de *função alfa*, *elementos alfa*; *elementos beta*; *barreira de contacto*; *capacidade*

negativa; conjunção constante, continente, continente-conteúdo, facto selecionado, função psicanalítica da personalidade, mudança catastrófica, parte psicótica da personalidade, vínculos do amor (L), ódio (H) e conhecimento (K), grade, entre outros conceitos. Na sua contribuição específica para a intervenção em grupo Bion introduz toda uma série de conceitos, tais como os conceitos de mentalidade de grupo; cultura de grupo; valência, cooperação; grupo de trabalho e grupo de pressupostos básicos.

A mentalidade de grupo (ou grupal) refere-se ao fenómeno de que o grupo no seu funcionamento adquire um pensamento único, representante de todo o grupo, do seu modo de pensar, crenças etc. Conforme Zimmerman (2000) a cultura de grupo resulta da oposição entre as necessidades da mentalidade grupal e as de cada sujeito em si. A valência refere-se à aptidão de cada elemento do grupo para se conjugar com os outros consoante os fatores inconscientes de cada um. Por sua vez a cooperação alude à possível articulação entre duas ou mais pessoas para um objetivo e é inerente ao funcionamento do grupo de trabalho. O grupo de trabalho é um dos níveis de funcionamento do grupo e refere-se aos aspetos conscientes de uma dada tarefa combinada por todos os elementos do grupo. Por último o grupo de pressupostos básicos refere-se ao funcionamento inconsciente do grupo. Este conceito será explicitado mais à frente.

Bion preconizou também a existência de uma matriz emocional básica, *protomental* onde os níveis biológicos, psicológico e sociais, são considerados como contínuos e interdependentes. Conforme refere Torres, Chagas e Ribeiro (2008) esta matriz ou sistema protomental será o lugar hipotético de onde emergem, num dado momento, impulsos emocionais organizados e partilhados de uma forma espontânea pelos membros do grupo. Os pressupostos básicos conceptualizados por Bion, de *dependência, luta e fuga, e acasalamento*, corresponderiam a três padrões emocionais básicos. Torres e al. (2008) consideram que estes pressupostos básicos podem ser entendidos como correlatos de três disposições inatas, de origem evolucionária, existentes nas espécies dos mamíferos de grupo, e com características dinâmicas de campo social. De acordo com Bion o indivíduo é portador dessas experiências e o grupo é o contexto e o instrumento para se investigar estes aspetos.

No que respeita aos aspetos transferenciais que surgem no grupo Bion e seus colaboradores da Tavistock Clinic relevaram sobretudo a relação transferencial no aqui e agora, independentemente de se estabelecer ou não a neurose de transferência, e nesta

perspetiva vai mais no sentido do preconizado por Foulkes nos seus últimos desenvolvimentos teórico-clínicos.

S. Foulkes

Foulkes nasceu em 1898, em Baden, na Alemanha, com o nome Sigmund Heinrich Fuchs. Faleceu em 1976, em Londres, enquanto conduzia um seminário com um grupo de colegas. Considera-se que foi Foulkes que em 1948 iniciou em Londres a prática da psicoterapia psicanalítica de grupo que designava por psicoterapia grupo-analítica ou grupo-análise. Foi contemporâneo de Bion, Balint, Winnicott, Fairbairn, entre outros autores relevantes. Entre inúmeras atividades foi fundador da Group Analytic Society (GAS), em Londres, (1952) e criador da revista periódica de *Group Analysis* (1967). Em 1971 a GAS delegou as responsabilidades formativas no Institute of Group Analysis (IGA), tendo Foulkes tido também um papel fundamental nesta instituição. De realçar também que Foulkes foi primeiro psicanalista e só posteriormente grupanalista, tendo sido, em 1937, admitido como membro didático da British Psychoanalytical Society.

Durante a I Grande Guerra fez serviço como telegrafista e telefonista na frente de França, entre 1917 e 1919. Em fuga do nazismo, exilou-se em Londres em 1933, tendo-se naturalizado cidadão britânico e mudado o seu apelido alemão Fuchs para Foulkes, em 1938. Durante a 2ª Grande Guerra Mundial, em 1942, foi chamado para a Royal Army Medical Corps como Major, especialista em Psiquiatria, tendo trabalhado no Northfield Military Hospital.

A comunicação, nomeadamente no aqui e agora, o *grupo como um todo*, e outros conceitos como a *ressonância*, *polarização*, *localização*, *rede*, *matriz de grupo*, *discussão livre flutuante (free floating discussion)*, *bode expiatório*, *estrangeiro*, *historiador*, *treino do ego em ação (ego training in action)*, *fenómeno de espelho* e *fenómeno do condensador*, entre outros, são alguns dos aspetos e conceitos mais relevantes referidos por Foulkes e inerentes à grupo-análise.

A noção de grupo como um todo significa que o grupo é mais do que a simples soma dos seus elementos e adquire no seu conjunto características próprias e específicas. Diz Foulkes (1964/2002) que o que tem em mente é um grupo-psyque como uma entidade psicológica. Adianta que esta noção de grupo como um todo se liga com o conceito de matriz como uma rede de comunicação interpessoal, mas também transpessoal e suprapessoal. Para

Foulkes tratar o indivíduo significa tratar o grupo, o sujeito do tratamento é o grupo como um todo. Esta conceptualização tem como pressuposto que o grupo é anterior ao sujeito e que a neurose (em sentido lato) resulta da não-adaptação ao processo social.

Relativamente à discussão livre flutuante, esta é de algum modo o equivalente na grupanálise e psicoterapia psicanalítica de grupo da associação livre da psicanálise. Foulkes (1964/2002) dizia que se tratava também de associação de grupo.

A ressonância refere-se à existência de uma comunicação inconsciente entre os elementos do grupo. Foulkes (1964/2002) referia que a ressonância é muito seletiva e específica, correspondendo à resposta instintiva e inconsciente de um sujeito face à comunicação de outro.

Referiu, por sua vez, que a polarização consiste na separação dos vários elementos que formam as reações a um dado estímulo. Num grupo dois elementos do mesmo podem representar partes opostas que de algum modo se especializam num ou noutro componente, tendo atitudes contraditórias. Foulkes dá o exemplo de uma mulher jovem que poderia representar para uma outra mulher, mais velha, desejos e impulsos que esta mulher mais velha combatia na primeira.

A localização alude ao facto de que cada acontecimento no grupo implica a rede total das inter-relações e das intercomunicações. Relaciona-se com o fenómeno da figura-fundo. Conforme Foulkes (1964/2002) a localização vai corresponder ao trabalho que clarifica a configuração no grupo.

O bode expiatório refere-se ao papel representado por algum membro do grupo que assume a culpa, esta é projetada pelo grupo neste elemento. É um papel de cariz masoquista. O estrangeiro é o novo elemento que chega ao grupo e que é alvo das expectativas e idealização de todos os membros, mas que também, simultaneamente, pode ser atacado e rejeitado.

O historiador é aquele que tem o papel de contar a história do grupo ao longo do tempo, de algum modo perpetua a memória do grupo. O fenómeno do espelho reenvia-nos para o grupo comparado com uma sala de espelhos, onde o sujeito se revê nos outros, na sua imagem social, psicológica e corporal. Por sua vez o fenómeno do condensador refere-se à descarga súbita de tensão acumulada e de vários aspetos inconscientes, que são libertados pelo sujeito sem propriamente existir uma causa consciente.

Os conceitos de comunicação, treino do ego em ação, rede e matriz de grupo, são desenvolvidos ao longo deste trabalho.

S. Foulkes e W. Bion

Para Torres (comunicação pessoal, Lisboa, 2011), dada a proximidade temporal e contextual onde as teorias de grupo de Foulkes e Bion se originaram (a reabilitação psiquiátrica militar no Reino Unido durante a segunda guerra mundial), e também a comunalidade das influências onde os dois corpos teóricos se desenvolveram conceptualmente (ambos os autores foram membros da sociedade britânica de psicanálise), e dado ainda que vários autores proeminentes (Malcolm Pines, Robert Hinshelwood, Morris Nitsun, Dennis Brown, entre outros) elaboraram aprofundadamente sobre as relações conceptuais e clínicas de Bion e Foulkes, torna-se assim prioritário a comparação e diferenciação conceptual entre as ideias de Foulkes, e Cortesão com as de Bion.

Malcolm Pines, em 1985, publicou um conjunto de trabalhos em que referiu não só a importância de Bion na evolução da psicoterapia de grupo, como procurou encontrar uma ligação e uma interinfluência entre as perspectivas teóricas de Bion e Foulkes, procurando mostrar que possivelmente não estariam tão afastados como se poderia pensar.

Hinshelwood (1999) faz uma análise das influências de Bion e Foulkes no trabalho com grupos, sendo da opinião que ambos representaram culturas diferentes, difíceis de conciliar mas cada um com grande impacto na forma como conceptualizaram o grupo e potencialidades de intervenção no mesmo. Bion e Foulkes eram contemporâneos e ambos desenvolveram as suas ideias sobre os grupos nos anos 40, nomeadamente no Hospital Militar de Northfield, trabalhando com militares que sofriam de stresse de guerra e problemas físicos. Era necessário reabilitá-los para que pudessem rapidamente regressar ao teatro de operações e uma das vias escolhidas foi o trabalho com grupos. Não se terão encontrado, Foulkes terá chegado a Northfield cerca de três semanas depois de Bion ter partido em Dezembro de 1942.

Hinshelwood debruça-se sobre a sua possível influência mútua ainda que isto pareça ser uma área não muito clara. A primeira publicação de Foulkes, em coautoria com Lewis, surge em 1944 e em 1946 publica *Group Therapy in the Army*. Bion publica com Rickman em 1943 *Intra-Group Tensions in Therapy: Their Study as a Task of the Group*, mas de facto ambos publicavam com alguma regularidade e as possíveis influências mútuas não são explícitas, ainda que cada um soubesse do outro. Nomeadamente Foulkes referencia Bion na

obra que publicou em 1948, assim como em diversas publicações de Bion na revista *Human Relations* entre 1948 e 1951. Segundo Hinshelwood (1999), não existe evidência de que Bion tenha sido influenciado por Foulkes, talvez sim o contrário, este último tenha tido algumas influências de Bion no seu trabalho desenvolvido em Northfield e posteriormente na Tavistock Clinic, por exemplo da noção de grupo como um todo. Ambos trabalharam com grupos mas numa perspectiva e paradigmas diferentes, ainda que ambos tiveram as influências do contexto sociocultural da época. A psicologia social era fonte de grande interesse e também no meio militar na sua aplicação aos problemas de moral, coesão, espírito de equipa e liderança entre os militares.

Bion trabalhava o grupo como um todo, expressão usada por Lewin no contexto da sua Teoria de Campo no que respeita ao campo de forças existente no grupo. Interpretava o grupo e não o paciente em si, achava que era o próprio grupo que iria reabilitar o indivíduo. Foulkes partilhava em grande medida desta perceção embora relevasse também a importância da intervenção do terapeuta no indivíduo. Hinshelwood (2007) considera que Bion entendia o grupo mais como um campo do que propriamente como uma matriz, mantendo a noção de neurose mas no contexto global do grupo, perspectivando assim uma neurose de grupo. Deste modo Foulkes terá aplicado a psicologia individual aos grupos e Bion a psicologia organizacional.

A sociologia teve também influência nestes dois autores embora de modo diferente. Foulkes demonstrou um interesse muito significativo no trabalho do sociólogo Norbert Elias e Bion, apesar de parecer não mostrar um interesse muito particular na sociologia, nos anos 40 esteve bastante influenciado por Rickman (que aliás tinha sido seu analista) que se interessava pelas ciências sociais e estudos neste âmbito. Bion trabalhou com Rickman em 1942, em Northfield, com grupos de soldados e numa perspectiva de reabilitação para a vida militar. Para Hinshelwood, Foulkes terá trabalhado em Northfield numa perspectiva mais clínica, com objetivos claramente mais terapêuticos, não tanto numa perspectiva basicamente militar. Este autor refere mesmo que se poderá falar dessa altura, de um certo choque entre o regime militar e o regime hospitalar, ou de outro modo, entre os grupos de atividades e os grupos de discussão verbal. Assim, Hinshelwood (1999; p.479) diferencia as perspectivas de Foulkes e Bion em relação aos grupos da seguinte maneira:

Quadro 1

Conceção de grupos em Foulkes e Bion

| Foulkes | Bion |
|---|---|
| Indivíduo na matriz. | Fenómeno de grupo num campo de forças. |
| Interesse terapêutico primário. | Experiência de grupo não terapêutica. |
| Facilitação da discussão livre flutuante. | <i>Insight</i> através da relação figura-fundo. |
| Cultura de cuidar. | Cultura militar. |
| Orientação individual | Orientação social (moral). |
| Comunicação expressiva do <i>self</i> . | Experiência de pertença. |

Adaptado de “How foulkesian was Bion?” de R. D. Hinshelwood, 1999, *Group Analysis*, 40(3), p. 479.

Apesar destas diferenças existem semelhanças na conceção do grupo e mesmo na forma de lidar com este, algumas já referidas. De relevar para ambos, a importância do grupo como um meio dos seus membros refletirem por si próprios e da terapia de grupo ser também encarada como investigação. Hinshelwood é da opinião que poderá ser fácil tomar uma ou outra posição de forma definitiva mas o que será necessário é encarar esta tensão numa perspetiva criativa.

E. Cortesão

Eduardo Luís Cortesão (1919/1991) desenvolveu uma atividade profissional intensa marcada por um cunho profundamente humanista, que transmitiu de forma marcante a quem com ele se relacionou e trabalhou. Cortesão estagiou na Clínica Psiquiátrica do Hospital Júlio de Matos entre 1947 e 1954 tendo sido bastante influenciado nos aspetos teórico-clínicos e de compreensão humana do doente mental, pelo professor Barahona Fernandes. A sua intervenção neste hospital teve como referencial principal o paradigma psicanalítico. Cortesão que trabalhou como médico da Junta de Emigração (1950/1954) teve contacto com a

Associação Psicanalítica Argentina e o Instituto Pichon Rivière, tendo frequentado nestes seminários na área da psicanálise. Em 1954 vai para Londres, para o Institute of Psychiatry da Universidade de Londres e continua a desenvolver a sua formação psiquiátrica no Maudsley Hospital. Em 1955 tornou-se médico psiquiatra do quadro dos Royal Bethlem e Maudsley Hospitals. Aqui, e no serviço de Foulkes, desenvolveu a sua formação na área da psicoterapia individual e de grupos com orientação analítica. Cortesão fez grupanálise com Foulkes, em Londres, e em 1956 foi considerado Full Member da Group Analytic Society de Londres.

Em 1956 Cortesão inicia o movimento grupanalítico em Portugal que conduziu, em 1958, à criação do Grupo de Estudos da Grupanálise, e em 1963 à Secção de Grupanálise da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria. Em 1981 foi criada a Sociedade Portuguesa de Grupanálise (SPG), hoje designada por Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG).

O funcionamento nos hospitais e serviços psiquiátricos sofreu grandes alterações em resultado da influência dos métodos de grupo, sendo que estes foram, por sua vez, estimulados pelo ensino de Cortesão no Hospital Miguel Bombarda e na Clínica Psiquiátrica Universitária do Hospital de Santa Maria. O próprio *site* informativo da SPGPAG em relação a estes aspetos releva: (a) o trabalho em equipa; (b) a discussão em grupo; (c) a formação de Hospitais de Dia; (d) o enfoque multidisciplinar e multiprofissional na formulação do diagnóstico e indicação terapêutica; (e) os métodos de grupo na formação médica pré, pós graduação e contínua; (f) a orientação grupanalítica na formação e prática dos profissionais do Serviço Social; (g) os métodos de grupo no campo da Terapia Ocupacional; (h) os métodos de grupo nos curricula de algumas escolas de Enfermagem; (i) a supervisão em psicoterapia grupanalítica e grupanálise na Consulta Externa do Hospital de Santa Maria (a partir de 1956); (j) a psicoterapia grupanalítica para pacientes psicóticos, no Hospital Miguel Bombarda (a partir de 1956); (k) o ensino de métodos de entrevista e Terapia Familiar com orientação grupanalítica (iniciado por Cortesão nos finais dos anos 50, do século XX); (l) a constituição, com Cortesão, do Serviço Universitário de Psiquiatria e Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, como um modelo de ensino, investigação e formação que privilegiava a dimensão grupanalítica; (m) a implementação de um plano de formação dos Clínicos Gerais, em colaboração com o Instituto da Clínica Geral do Sul (a partir de 1985); (n) o estabelecimento, em 1985, de um protocolo de cooperação entre a Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa e o Ministério da Justiça (supervisionado

por Cortesão) e que levou à criação do Departamento de Saúde Mental da Direção Geral dos Serviços Prisionais e da Clínica de Psiquiatria e Saúde Mental da Direção Regional dos Serviços Prisionais em Caxias (<http://www.grupanalise.pt>).

Cortesão desenvolveu então a grupanálise em Portugal e imprimiu nesta especificidades que configuram aquilo que se pode designar pela Escola Portuguesa de Grupanálise. Neste contexto é de relevar os conceitos por si desenvolvidos de matriz grupanalítica, processo grupanalítico, padrão grupanalítico, *níveis de experiência e interpretação, interpretação comutativa, ação terapêutica diferenciada (A:T:D:), realização pelo negativo e criatividade pelo negativo, equilíbrio estético, e neurose de transferência grupal*.

Conforme refere Cortesão a ação terapêutica diferenciada é um esquema proposto de atitude e ação terapêutica constituído por vários princípios de atuação e tendo sempre em atenção os seguintes aspetos contextuais: a pessoa e a doença, a pessoa e a matriz familiar, a pessoa e a matriz comunitária e a pessoa e a matriz institucional.

A realização pelo negativo e criatividade pelo negativo, dizem respeito às transformações que ocorrem na matriz grupanalítica por ação do padrão grupanalítico e pelas forças criativas que existem na matriz, quer em relação a fenómenos de resistência, complacência e outros similares, quer através da possibilidade de se operar uma criatividade positiva através da transformação dos afetos e das cognições subjacentes.

Os outros conceitos referidos são abordados ao longo do trabalho.

S. Foulkes e E. Cortesão

As semelhanças e diferenças entre as conceptualizações grupanalíticas de Foulkes e Cortesão vão sendo referidas nos capítulos seguintes de acordo com a abordagem progressiva e contextualização teórico-clínica dos conceitos de matriz de grupo e matriz grupanalítica. De qualquer modo e de uma forma mais sintetizada poder-se à dizer que ambos sofreram influências da teoria psicanalítica mas também de outras como a teoria da *Gestalt*, a teoria organísmica de Goldstein, a teoria de campo de Kurt Lewin, a teoria geral dos sistemas, a fenomenologia, a psicologia social e a teoria da comunicação. De referir ainda em Cortesão a influência da teoria das relações de objeto (Balint, Winnicott, Guntrip, Fairbairn, Bovee e

Kernberg), da psicologia do Ego (Hartmann, Erickson, Rappaport) e da abordagem de Freud e Kohut sobre o narcisismo.

Enquanto Foulkes põe ênfase na comunicação como fator terapêutico fundamental, Cortesão reforça a componente psicanalítica da grupanalise. Diz Cortesão que a grupanalise e a psicanálise baseiam-se numa mesma teoria - a Teoria Psicanalítica - mas usam processos operatórios diferentes. Quanto à posição do indivíduo face ao grupo, Cortesão dá relevo ao indivíduo integrado no grupo e não tanto a perspectiva do grupo como um todo em que o sujeito de algum modo se esbate individualmente.

Foulkes e Cortesão consideram importante o conceito de matriz mas ambos o definiram com aspetos diferentes, que significam diferentes conceptualizações acerca da teoria e técnica analítica de grupo. Cortesão introduz no conceito de matriz grupanalítica, o conceito de padrão e processo grupanalíticos, e dá ênfase à elaboração que ocorre na matriz.

O conceito de matriz grupanalítica conceptualizado por Cortesão é definido do seguinte modo:

A matriz grupanalítica é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual, pela integração do padrão grupanalítico, fomenta a evolução do processo grupanalítico adentro das dimensões teóricas e técnicas que o enformam. (Cortesão, 1989, p. 111)

Contudo, é de referir que, já em 1981, na sua dissertação para as provas de agregação de professor de psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa, intitulada “Experiência clínica no tratamento de estados neuróticos e psicóticos com grupanalise e psicoterapia grupanalítica” Cortesão apresentou esta definição (Cortesão, 1981).³

Este conceito tem as suas raízes no conceito de matriz de grupo, e conforme Cortesão (1989), o mesmo foi bastante trabalhado por Foulkes e Anthony no âmbito da comunicação no grupo.

Foulkes, em 1964, apresentou a seguinte definição de matriz:

The Matrix is the hypothetical web of communication and relationship in a given group. It is the common shared ground which ultimately determines the

³ A definição do conceito de *matriz grupanalítica*, apresentada na sua dissertação para as provas de agregação, termina com a palavra informam: “...adentro das dimensões teóricas e técnicas que o informam.” (Cortesão, 1981, II-38). No seu livro, surge em seu lugar a palavra enformam. A diferença neste termo não parece alterar o significado do conceito.

meaning and significance of all events and upon which all communications and interpretations, verbal and non-verbal, rest. (Foulkes, 1964/2002, p. 292)

Cortesão traduziu esta definição de Foulkes:

A matriz é a teia hipotética de comunicação e relação num dado grupo. É o terreno partilhado em conjunto que, em última instância, determina o sentido e a significação de todos os acontecimentos, e no qual se integram todas as comunicações e interpretações, verbais e não verbais. (Foulkes, 1964/2002, citado por Cortesão, 1989, pp. 93-94)

Estas diferenças conceptuais e seus desenvolvimentos constituem o objeto de estudo deste trabalho de investigação. A posição face à neurose de transferência grupal e a importância da técnica do treino do ego em ação são dois aspetos que também caracterizam e diferenciam a abordagem destes dois autores e que são também abordados nos capítulos seguintes.

Do ponto de vista da técnica, mas com marcado comprometimento teórico, nomeadamente no que respeita à importância dada à organização e elaboração da neurose de transferência, Foulkes preconizava, sobretudo, sessões de uma ou duas vezes por semana, durante 2 a 3 anos, enquanto Cortesão defendia sessões de três vezes por semana, durante um período maior, de 6 ou mais anos de análise.

Alguns dos aspetos referidos neste capítulo são mais uma vez focados, e em certos casos desenvolvidos, nos capítulos seguintes, no contexto da abordagem do conceito de matriz nas suas diversas perspetivas e características.

2.2. Os Conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupalítica. Uma Revisão Sistemática

2.2.1. Perspetivas de Diversos Autores e Contexto de Análise

Efetou-se uma revisão sistemática da literatura sobre os conceitos de matriz, matriz de grupo e matriz grupalítica, nomeadamente tendo-se recorrido à publicação *Group Analysis – The International Journal of Group-Analytic Psychotherapy*, da Group-Analytic Society International (GASI), à *Revista Portuguesa de Grupalítica* da Sociedade Portuguesa de Grupalítica e Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG), ao *International Journal of Psychoanalysis*, ao *Journal of Mental Science*, livros técnicos nesta área publicados por autores considerados relevantes, assim como tendo sido consultados alguns textos da biblioteca da Sociedade Portuguesa de Grupalítica e Psicoterapia Analítica de Grupo

(SPGPAG) e diferentes bases de dados referentes à temática analítica. As palavras-chave desta prospeção teórica foram a matriz de grupo e matriz grupal, e os autores Cortesão, Bion e Foulkes, assim como grupalização de um modo geral.

Segue-se a apresentação de um quadro com o resumo da revisão sistemática efetuada, onde é feita referência a aspetos centrais dos conceitos de matriz, matriz de grupo e matriz grupal e a alguns fenómenos da dinâmica grupal relacionada com estes, assim como aos respetivos autores, datas e artigos/livros onde constam estas referências.

Quadro 2

Revisão Sistemática da Literatura respeitante a Aspetos Centrais e Contextuais dos Conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupal

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupal |
|------------|-----------------------|---|---|
| 1913/2013 | T. Burrow | <i>Psychoanalysis and life</i> | A fase subjetiva pré-consciente alude a uma fase de desenvolvimento em que o organismo psíquico é um só com o meio envolvente, constituindo-se a <i>matriz primária da consciência</i> . |
| 1926/2013 | T. Burrow | <i>The laboratory method in psychoanalysis, its inception and development</i> | Refere a existência de uma <i>matriz ontogénica</i> do desenvolvimento mas também simultaneamente de uma <i>matriz filogenética</i> na qual o sujeito se desenvolve do ponto de vista social. |
| 1944 | J. Moreno & F. Moreno | <i>Spontaneity theory of child development</i> | O sujeito desenvolve-se a partir de uma rede relacional primária desde muito cedo, mesmo antes do seu nascimento. Isto inclui aspetos biológicos, socioculturais e psicológicos. A esta matriz designou por <i>matriz de identidade</i> , que contempla o processo de aprendizagem relacional da criança. |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica |
|-----------|----------------------|--|---|
| 1946/1997 | J. Moreno | <i>Psicodrama</i> | Refere que o grupo, independentemente do seu tamanho, possui desde o seu início uma determinada estrutura coletiva subjacente de relações interpessoais, a <i>matriz sociométrica</i> . |
| 1946 | E. Forsyth & L. Katz | <i>A matrix approach to the analysis of sociometria data: A preliminary report</i> | Na área da sociometria estes autores apresentaram um método de análise da estrutura relacional de pequenos grupos, baseado na possibilidade do uso do cálculo matemático sobre matrizes sociométricas. Pretendia-se suplantar o sociograma desenvolvido por Moreno. |
| 1948/2005 | S. H. Foulkes | <i>Introduction to group-analytic psychotherapy</i> | Não é referido explicitamente o conceito de matriz. É referido o conceito de <i>social network (rede social)</i> relacionado com a teoria de Moreno. O indivíduo é fortemente permeável às forças colossais da sociedade. |
| 1949/1961 | W. Bion | <i>Experiences in groups: IV</i> | Propõe a existência de uma matriz de pensamento que não se limita ao indivíduo mas abrange o grupo como um todo. A ênfase é posta na noção de forças emocionais no grupo como um todo. |
| 1950 | J. Rickman | <i>The factor of number in individual and group dynamics</i> | Utiliza a noção de matriz como uma metáfora para descrever uma psicologia de múltiplos indivíduos que abrange fenómenos analíticos de grupo para além do modelo freudiano da relação dual. |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspectos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica |
|-----------|-------------------------------|---|--|
| 1951/1961 | W. Bion | <i>Experiences in groups: VII</i> | Elabora o conceito de <i>matriz protomental</i> onde predomina a indiferenciação biológica-psicológica, constituída pela combinação dos estados emocionais básicos (<i>pressupostos básicos de dependência; luta e fuga e acasalamento</i>). Estes estados emocionais vão-se constituir em fenómenos psicológicos do grupo como um todo que caracterizam a mentalidade grupal primitiva. |
| 1951/1958 | J. Ruesch & G. Bateson | <i>Communication: The social matrix of psychiatry</i> | Consideraram que as doenças mentais se exprimiam através de perturbações nas interações ou daquilo que denominaram como as <i>matrizes sociais</i> . Estas são caracterizadas nos aspectos da estrutura, processo e conteúdo. A comunicação é a matriz onde estão inscritas as atividades humanas. Remete para as noções de rede e campo social. |
| 1957/1965 | S. H. Foulkes & E. J. Anthony | <i>Group psychotherapy: The psychoanalytic approach</i> | Foulkes caracterizava a matriz como sendo a rede de todos os processos mentais individuais e o meio psicológico no qual se encontram, comunicam e interagem. <i>Rede de grupo</i> ou <i>matriz de grupo</i> surgem como equivalentes. Referem que a matriz social pode ser pensada como uma rede do mesmo modo que o cérebro é uma rede de fibras e células que formam uma unidade complexa. Foulkes preconiza a existência de uma <i>mente de grupo</i> como um processo transpessoal. Refere que o conceito de matriz de |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspectos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupalítica |
|-----------|---|---|--|
| | | | grupo não é menos concreto do que o de mente de grupo ou mesmo de mente. Preconizam a <i>situação grupalítica</i> como um campo dinâmico de experiência e de agregação de fatores da personalidade e circunstância que se caracterizam por serem interativos e interdependentes. |
| 1964/2002 | S. H. Foulkes | <i>Therapeutic group analysis</i> | É elaborado extensamente o conceito de matriz de grupo como um todo, dentro da qual todos os processos psíquicos interagem. A matriz é definida como uma rede comunicacional onde se integram todas as comunicações e interpretações verbais e não-verbais. |
| 1967 | V. Cohen, E. Cortêsão, S.H. Foulkes, H. Home, H. Kaye, M. Pines & F. Shadford | <i>Based on the practice and theory of group analytic psychotherapy</i> | Foulkes considera a matriz como a base operacional de todos os processos mentais. Mostra preocupação em diferenciar os conceitos de rede e matriz. Rede é mais objetiva e matriz mais dinâmica. Pines considera que o conceito está relacionado com o de rede, com a teoria de campo e a sociometria. Cortêsão: considera que o conceito não está bem definido, introduz o conceito de <i>padrão grupalítico</i> . Foulkes discorda do conceito de padrão grupalítico por considerar que este pode ser enganador, nomeadamente dando demasiado relevo ao grupalista. Kaye entende que a matriz do grupo é a experiência comum que os sujeitos têm quando estão juntos no grupo. Pines refere que |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupalítica |
|------|---------------|--|---|
| | | | este conceito só pode ser observado quando em ação. |
| 1968 | M. R. Leal | <i>Transference neurosis in group analytic treatments</i> | Refere os conceitos de <i>rede interpessoal interna</i> ou <i>matriz pessoal de grupo</i> ou <i>matriz de relacionamento individual</i> . Entende que a matriz de grupo interno de cada membro vai interagir com a matriz de grupo refletindo-se em diferentes modos de comunicação. Associa este conceito ao fenómeno do espelho. |
| 1971 | J. A. e Silva | <i>Reflexions sur l'abordage de l'inconscient et sur l'interpretation dans le groupe groupe-analytique</i> | Considera que a matriz e a rede de comunicações verbais e comportamentais, constituem uma <i>microcultura do grupo</i> , relevando assim esta esta noção de uma forma mais abrangente. |
| 1971 | M. R. Leal | <i>A Selection of good questions and some suggestions made at the 1st symposium on group analysis(1970)</i> | Foulkes comenta que aceita o conceito de rede interna interpessoal ou matriz de relacionamento individual ou matriz pessoal de grupo mas que prefere esta última designação. A matriz pessoal de grupo incluiria a internalização da rede familiar primária e da própria dimensão vertical desta. A matriz de relacionamento individual referir-se ia mais à rede de relações atuais significativas do indivíduo. |
| 1971 | S. H. Foulkes | <i>Access to unconscious process in the group analytic</i> | Desenvolve o conceito de <i>foundation matrix (matriz fundadora⁴)</i> como sendo o resultado das experiências e vivências comuns a todos os seres |

⁴ Tradução sugerida pelo Dr. César Dinis, grupalista didata da SPGPAG.

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica |
|-----------|---------------|---|--|
| | | <i>group</i> | humanos assim como também na sua parte biológica. Na interação grupal e nos diferentes níveis de comunicação, constitui-se o que Foulkes designou por <i>dynamic matrix (matriz dinâmica)</i> . |
| 1974 | E. Cortesão | <i>Transference neurosis and the grupanalytic process</i> | Desenvolve o conceito de <i>processo grupanalítico</i> como um processo que integra as dimensões teóricas e técnicas da grupanalise. Vai posteriormente integrar este conceito na definição do conceito de <i>matriz grupanalítica</i> . |
| 1975/2002 | S. H. Foulkes | <i>Group analytic psychotherapy: method and principles.</i> | Redefine o conceito de rede e refere que a família é o protótipo de rede. Designa por <i>complexus</i> ou <i>plexus</i> a parte íntima da rede e de pontos nodais os elementos que a compõem. |
| 1976/2010 | R. Kaës | <i>L'appareil psychique groupal</i> | Desenvolve o conceito de <i>aparelho psíquico grupal (APG)</i> como uma construção psíquica comum aos membros do grupo. Não desenvolve em termos de matriz. |
| 1977 | E. Cortesão | <i>Um psiquiatra na revolução</i> | Refere-se ao conceito de matriz grupanalítica como a rede específica de intercomunicação, inter-relação e interação, a qual, pela integração do padrão grupanalítico, fomenta a evolução do processo grupanalítico. |
| 1980 | D. Bohm | <i>Wholeness and the implicate order</i> | Refere que a matéria e a mente são a ordem explícita de uma ordem implícita subjacente, sendo ambas projeções de um processo dinâmico de fundo ou matriz. |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspectos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica |
|------|-------------|--|--|
| 1981 | E. Cortesão | <i>Experiência clínica no tratamento de estados neuróticos e psicóticos com grupanálise e psicoterapia grupanalítica (Dissertação para as provas de agregação)</i> | Apresenta o conceito de matriz grupanalítica. Entende esta como uma rede de comunicação, relação e elaboração e que através do padrão grupanalítico vai desenvolver o processo grupanalítico de acordo com as dimensões teóricas e técnicas. |
| 1982 | J. Roberts | <i>Foulkes' concept of the matrix</i> | <p>Refere que é um conceito difícil de entender. Menciona vários possíveis significados para o termo matriz como útero ou ovário, um lugar onde algo é criado, produzido ou desenvolvido, um molde no qual algo é fundido ou moldado, entre outros. Sintetiza as várias ideias de Foulkes: (1) o grupo como uma mãe; (2) como um processo transpessoal; (3) a ideia de redes de relações; (4) o grupo como um todo mais do que a soma das partes, conduzindo a uma noção abstrata de mente de grupo; (5) a natureza paradoxal da individualidade.</p> <p>Refere ainda que a validade do conceito de matriz pode ser fortalecida por estudos no campo da física teórica, nomeadamente do comportamento das partículas subatômicas e das relações entre energia e matéria.</p> |
| 1989 | E. Cortesão | <i>Grupanálise: Teoria e técnica</i> | Matriz grupanalítica é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual, pela integração do padrão |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica |
|-----------|-------------|--|---|
| | | | grupanalítico, fomenta a evolução do processo grupanalítico adentro das dimensões teóricas e técnicas que o enformam. Conceptualiza a elaboração do negativo no grupo e possibilidade de aquisição de um equilíbrio estético. Tem uma visão alargada da dinâmica grupal onde o vai-e-vem contínuo entre amor e ódio e a sua interpretação e <i>perlaboração</i> vão permitir a evolução individual e da matriz grupanalítica. |
| 1991 | A. Powel | <i>Matrix, mind and matter: From the internal to the eternal</i> | Concebe a matriz como uma entidade psicofísica, onde espaço e tempo, partícula e onda, mente e matéria, são faces da mesma moeda. Os membros do grupo influenciam-se integralmente mas de forma não linear. Os acontecimentos do universo formam uma matriz no espaço e no tempo estando tudo interligado. |
| 1992 | G. Ferreira | <i>Matriz grupanalítica</i> | Entende que na matriz grupanalítica a vertente psicanalítica e a vertente da comunicação são ambas compatíveis, ainda que a compatibilização de modelos ponha sempre algumas dificuldades. |
| 1993/1994 | M. R. Leal | <i>Aspetos comunicacionais da emoção de transferência</i> | Fala em rede de comunicação múltipla de tratamento grupanalítico que vai proporcionar ao sujeito o uso de uma matriz pré-cognitiva de processamento de informação. |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica |
|------|---------------|---|---|
| 1993 | A. Powel | <i>The psychophysical matrix and group analysis</i> | Desenvolve as suas ideias acerca da matriz como uma entidade psicofísica. Aborda a física de Newton e Einstein, a entropia e o caos. Tudo se encontra interligado, mente e matéria. As noções de espaço e tempo adquirem outro significado. |
| 1994 | J. P. Ribeiro | <i>Gestalt-terapia: o processo grupal</i> | A matriz é um constructo, um conceito similar a outros conceitos como o de <i>inconsciente social, cultura grupal, atmosfera de grupo e mentalidade de grupo</i> . Como processo a matriz aproxima-se da noção de figura-fundo. A matriz está constantemente em mudança. Sempre que entram novos elementos altera-se a figura-fundo. O sistema de comunicação é a matéria-prima da matriz. No grupo pela interação múltipla entre os seus membros cria-se uma <i>matriz operacional</i> . |
| 1994 | C. Dinis | <i>Algumas reflexões a propósito da neurose de transferência em grupanálise</i> | A matriz é uma rede de comunicação, relação e transação emocional. Designou de <i>rede pragmática atual do grupo</i> ao conjunto das matrizes inter-relacionais internas ativadas pela regressão e que vai originar a matriz de um grupo de grupanálise. |
| 1996 | J. Roberts | <i>The importance of Foulke's matrix concept</i> | Refere que o grupo está para além da relação dual e requer um modelo próprio e transcendente. A matriz de grupo pode proporcionar este modelo. Faz alusão à importância do conceito de <i>antigrupo</i> preconizado por Nitsun, ou seja as forças destrutivas que |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupalítica |
|-----------|------------|---|---|
| | | | surgem no grupo. A matriz de um grupo maturo de grupo-análise é essencial para a transformação e desenvolvimento pessoal dos seus elementos. |
| 1996 | M. Nitsun | <i>The Anti-group: Destructive forces in the group and their creative potential</i> | Desenvolve o conceito de antiggrupo referindo-se às forças destrutivas que potencialmente existem na matriz. Trata-se de um processo e não de uma entidade fixa no grupo. A dialética grupo/antiggrupo gera o novo e a mudança. Refere que a este nível das forças destrutivas no grupo, Bion e Foulkes têm abordagens diferentes. |
| 1997 | M. R. Leal | <i>Comunicação, interpretação e mudança</i> | A matriz grupalítica é uma estrutura aberta, complexa e “dissipativa” caracterizando-se pelos automatismos de regulação e da causalidade circular, e não pelo determinismo. |
| 1999/2003 | R. Kaës | <i>As teorias psicanalíticas do grupo</i> | O aparelho psíquico grupal (APG) é um dispositivo de ligação e de transformação de elementos psíquicos de acordo com as contribuições dos seus sujeitos. Não é redutível ao aparelho psíquico individual. Para Kaës o conceito de matriz de grupo em Foulkes poder-se-á integrar no quadro dos modelos estruturalistas da compreensão dos grupos como entidade. |
| 2000 | C. Dinis | <i>Da comunicação à interpretação em grupanalise</i> | Alude às transações emocionais que ocorrem na matriz referindo que estas contemplam o que se entende por vínculo na dimensão intersubjetiva. |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica |
|------|---------------|--|--|
| 2001 | R. Stacey | <i>Complexity and the group matrix</i> | A matriz de grupo não é definida como uma rede ou um sistema mas como um processo que replica e transforma padrões de narrativa intersubjetiva que vão organizar a experiência de se estar junto. A este nível faz uma analogia com a complexidade das ciências naturais e sua dinâmica. |
| 2003 | W. Fernandes | <i>O processo comunicativo vincular e a psicanálise dos vínculos</i> | A organização interna individual é constituída por <i>matrizes vinculares</i> resultantes da introjeção da relação do sujeito com a figura materna. O carácter é constituído por matrizes vinculares, configuradas como fantasias inconscientes. Enquadra-se no âmbito da psicanálise das configurações vinculares |
| 2005 | J. Lavie | <i>The lost roots of the theory of group analysis: Taking interrelational individuals seriously!</i> | Para Foulkes em 1969, a matriz de grupo é uma matriz multipessoal uma vez que a mente individual dos membros do grupo em interação é também uma mente multipessoal. Isto resulta do desenvolvimento do seu conceito de mente. |
| 2007 | J. P. Ribeiro | <i>A resistência olha a resistência</i> | Ao abordar a Teoria do Campo de Lewin faz uma analogia entre o conceito de <i>espaço de vida</i> do sujeito e a matriz, referindo que tanto um como outro são dinâmicos. |
| 2009 | M. Pines | <i>The matrix of group analysis. An historical perspective</i> | Elabora um estudo sobre a perspetiva histórica do conceito de matriz no grupo analítico. Refere que Foulkes cria este conceito de acordo com o pensamento europeu da época, na importância dada ao grupo nas |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspectos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica |
|------|--------------------|--|---|
| | | | diferentes esferas do social. |
| 2010 | J. Tubert-Oklander | <i>The matrix of despair: from despair to desire through dialogue</i> | Perspetiva a matriz de uma forma multidimensional. Os fenómenos mentais intrapessoais, interpessoais ou transpessoais têm uma organização matricial. Não existe descontinuidade entre estas embora tenham características específicas. |
| 2010 | C. Thornton | <i>Group and team coaching: the essential guide</i> | Reforça a importância da definição de matriz dinâmica preconizada por Foulkes, referido que esta integra tudo o que é consciente, inconsciente, e “não consciente” mas que é implicitamente conhecido e comunicado. |
| 2011 | R. Scholz | <i>The foundation matrix and the social unconscious</i> | Reforça a importância da noção de <i>foundation matrix</i> que a prefere usar em vez da definição de inconsciente social. Este termo implica a oposição entre indivíduo e grupo/sociedade que o próprio Foulkes não concordava. |
| 2011 | G. Nativ | <i>The evident, the secretive and the mysterious in analytic group psychotherapy</i> | Nativ concebe a matriz como uma entidade invisível, responsável no grupo de que algo esteja para além do evidente. É um fenómeno misterioso e cujos limites são flexíveis. Podem ocorrer um imenso fluxo de ideias e experiências, racionais e irracionais. |
| 2012 | R. Scholz | <i>The social unconscious and the foundation matrix – some thoughts</i> | Refere que o conceito de inconsciente social pode ser “perigoso” uma vez que, entre outros aspectos, pode ser percecionado com algo “fixo”, não relevando o processo e as mudanças inerentes a esta dinâmica psicológica. |

Quadro 2 (continuação)

| Ano | Autor(es) | Título | Referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo e Matriz Grupalítica |
|------|-----------|---|--|
| 2013 | R. Pisani | <i>Large, small and median groups in group analysis</i> | Refere que na matriz grupal existem quatro níveis de comunicação: nível atual ou corrente, nível da transferência, nível projetivo e o nível primordial. A matriz grupal resulta então da interação entre estes níveis de comunicação. |

Freud já em 1895 numa definição com alguma proximidade à perspectiva da matriz, mas ainda centrado na mente individual imagina o ego como uma rede de neurónios catexizados, uns em relação aos outros (Freud, 1895/1969).

Trigant Burrow em 1913 refere que a fase subjetiva pré-consciente alude a uma fase de desenvolvimento em que o organismo psíquico é um só com o meio envolvente, constituindo-se a *matriz primária da consciência*. Conforme realça Pertegato (2014) é de notar já nesta altura a introdução por Burrow do conceito de matriz, conceito, este, depois tão basilar na grupalítica.

Voltando a Freud (1921/1969), este ao debruçar-se sobre a psicologia das massas, referiu que cada indivíduo é um componente de muitos grupos, com vários aspetos de identificação aos mesmos, tendo construído o seu ideal do eu de acordo com diversos modelos. Talvez aqui se possa vislumbrar potencialmente a conceptualização de uma certa matriz interna ainda que não referida deste modo por Freud.

Em 1926, Burrow fala de uma *matriz ontogénica* do desenvolvimento mas simultaneamente de uma *matriz filogenética* na qual o sujeito se desenvolve do ponto de vista social. Para este autor esta matriz filogenética é social ou racial e este *continuum* racial constitui a base filogenética da vida social e do homem, podendo encontrar-se a origem comum dos seres humanos num princípio de identificação primária que é racial.

Conforme refere Pertegato (1999), Burrow teve assim fortes influências históricas na grupalítica, conceptualizando o homem como sendo parte de um *continuum* da sociedade e não de forma isolada. Burrow (1927/2013) refere que o indivíduo não pode ser analisado

isoladamente pois isto seria contraditório com a sua inserção em grupo e continuidade do próprio grupo. Para Burrow o homem é um organismo social. Esta perspectiva enquadra-se no pensamento algo pioneiro de Burrow que aliás usa pela primeira vez o termo grupo-análise embora posteriormente passe a usar o conceito de *filoanálise*, como já foi referido anteriormente.

Num paradigma diferente, mas com repercussões na psicoterapia de grupo, é de referir a perspectiva de Jacob Moreno na sua conceção do desenvolvimento infantil, em que se refere também ao termo matriz. Com efeito em 1944, publica, juntamente com sua mulher, Florence Moreno, o artigo intitulado *Teoria da espontaneidade do desenvolvimento infantil* sobre o conceito de matriz de identidade, que foi posteriormente em 1946 incluído no livro *Psychodrama – Volume I*.

Para Moreno o sujeito desenvolve-se a partir de uma rede relacional primária desde muito cedo, mesmo antes do seu nascimento. Isto inclui aspetos biológicos, socioculturais e psicológicos. A esta matriz designou por *matriz de identidade*, que contempla o processo de aprendizagem relacional da criança.

A matriz de identidade compreende o primeiro e segundo universo. Num primeiro tempo do primeiro universo, existe uma matriz de identidade total indiferenciada, o sujeito não se diferencia do meio, não diferencia pessoas de objetos, fantasia da realidade. Num segundo tempo o sujeito começa a perceber e a discriminar o meio, surgindo uma matriz de identidade total diferenciada. No segundo universo, o sujeito apercebe-se da diferença entre fantasia e realidade, aquilo que Moreno designou por “brecha entre fantasia e realidade”. A partir daqui os sujeitos desenvolvem dois aspetos relacionados com papéis: o papel social e psicodramático, o primeiro associado à realidade e o segundo mais à fantasia. Inicialmente Moreno conceptualizou cinco fases de formação da matriz de identidade. São elas, a fase do duplo, a fase da atenção no outro, a fase do espelho (do segundo universo), a fase em que o sujeito consegue desempenhar e estar no papel do outro e a fase da inversão de papéis. Posteriormente Moreno passa para três fases, que são elas, a fase do duplo, a do espelho e a do reconhecimento do Tu.

Moreno (1946/1997) refere também o conceito de *matriz sociométrica*. Segundo Moreno independentemente do tamanho do grupo terapêutico, este já possui desde a primeira sessão uma determinada estrutura coletiva subjacente de relações interpessoais, a matriz

sociométrica. Trata-se pois de um conceito que abarca as relações de um grupo que podem ser visíveis através do estudo sociométrico. O teste sociométrico constitui um instrumento para avaliar as relações entre os sujeitos num dado grupo. Através de um conjunto de questões os sujeitos de um grupo são questionados acerca das suas preferências relacionais num determinado contexto, sendo os resultados registados através de um diagrama designado por sociograma.

Forsyth e Katz (1946) apresentaram um método de análise inovador da estrutura relacional de pequenos grupos num artigo intitulado *A matrix approach to the analysis of sociometric data*, o qual pretendia suplantiar o sociograma inventado por Moreno, através da possibilidade de usar cálculo matemático sobre matrizes sociométricas.

Foulkes (1964/2002) afirma que a situação de grupo tem características sociodramáticas e psicodramáticas, com afinidades com a técnica de Moreno. A dinâmica de grupo instaurada tem de facto componentes “dramáticas” que fazem parte da constituição da matriz comum da situação interpessoal. De que modo é que o termo de matriz de identidade e matriz sociométrica podem ter influenciado eventualmente Foulkes no seu conceito de matriz de grupo não é explícito na literatura encontrada.

Os psicanalistas ingleses Wilfred Bion e John Rickman foram influenciados por Kurt Lewin cujas experiências de *campo social* usavam os métodos sociométricos, mas Lewin aparentemente não fez referência à noção de matriz. Bion (1949/1961) propôs a existência de uma matriz de pensamento que abarca o grupo como um todo e não se limita ao indivíduo, aparentemente sem relação com a matemática da matriz sociométrica mas colocando a tónica na noção de forças emocionais no grupo total. A noção de matriz de Bion mais tarde evoluiu para o conceito de *matriz protomental* (Bion, 1951/1961, 1952) composta pela combinação dinâmica de três estados emocionais básicos da espécie humana (dependência, luta-fuga e acasalamento). Também John Rickman (1950), que trabalhava com Bion, usou o termo matriz como uma metáfora para descrever uma psicologia de múltiplos indivíduos que pudesse abarcar fenómenos psicanalíticos de grupo para além do modelo Freudiano da relação dual neurótica.

Ruesch e Bateson (1951/1987) consideraram que as doenças mentais se exprimiam, principalmente, através de perturbações nas interações, ou daquilo que denominaram como as *matrizes sociais*, caracterizadas como estrutura, processo e conteúdo. Os indivíduos não têm

usualmente consciência plena desta matriz social em que estão inseridos mas esta matriz está presente em todas as situações de interação. Os valores culturais e sociais (individuais e/ou grupais) fazem parte integrante desta matriz social onde os sistemas de comunicação operam. Para estes autores, investigadores na área da comunicação esta última existe sempre que se verifica uma influência mútua entre as pessoas. As perturbações da comunicação podem ser percecionadas ao nível técnico (por exemplo, aspetos físicos da transmissão e receção), ao nível semântico (símbolos e significados) e ao nível da interação (eficácia da comunicação). A comunicação é assim vista como uma matriz onde estão inscritas todas as atividades humanas, descrevendo processos complexos com uma miríade de parceiros sociais, em diferentes contextos significados e valores, remetendo assim para as noções de rede e campo, sociais.

O conceito de matriz de grupo vai seguidamente ser adaptado por Foulkes e Anthony (1957/2014) para a grupo-análise, dando sobretudo relevo aos aspetos da comunicação, nas suas diferentes dimensões, que ocorrem no grupo. Neste sentido, Foulkes trouxe este conceito das perspetivas inerentes à teoria da comunicação e definiu-o como uma rede de relação e comunicação.

Em 1957, no trabalho com Anthony, Foulkes caracterizava a matriz como sendo a rede de todos os processos mentais individuais, o meio psicológico no qual se encontram, comunicam e interagem. Estes autores na mesma altura já preconizavam a *situação grupanalítica* como um campo dinâmico de experiência e de agregação de fatores da personalidade e circunstância que se caracterizam por serem interativos e interdependentes. A situação grupanalítica era analisada em termos de estrutura (padrões de relação globalmente estáveis), processo (interações no grupo), e conteúdo (vivências, ideias, sentimentos, etc.).

Conforme Pines (1983/2000) ao referir-se à contribuição de Foulkes para a terapia de grupo, este diferenciou os fatores terapêuticos na situação grupanalítica dos fatores específicos de grupo. Assim para Foulkes os fatores específicos de grupo são a socialização, o fenómeno do espelho, o fenómeno do condensador e a troca de informação e experiência constante entre os membros do grupo. No sentido de sintetizar os fatores terapêuticos na situação grupanalítica, Pines refere que Foulkes acrescenta outros fatores, nomeadamente o grupo como suporte para os seus membros, dada a relação de uns com os outros, e a comunicação que facilitada pelo analista vai sendo progressivamente mais aprofundada, mormente do sintoma para o conflito.

Pines (2009) elabora um estudo sobre a perspectiva histórica do conceito de matriz no grupo analítico, referindo basicamente que Foulkes cria este conceito num contexto social e pessoal que permitiu esta originalidade, de acordo com o pensamento europeu da época no que respeita à importância do grupo nas diferentes esferas do social. Já em 1948, Foulkes dizia que o indivíduo é fortemente permeável às forças colossais da sociedade que influenciam as suas ideias. Segundo Pines, Foulkes não se referiu propriamente às influências que poderá ter sofrido na sua formação, pelo contexto sociocultural da época. Referiu-se sim a autores e escolas específicas que o terão influenciado, tais como Trigant Burrow, a psicologia social americana, Eric Erikson, Goldstein, Schilder, Huxley e, Norbert Elias.

Foulkes refere que se pode postular a existência de uma *mente de grupo* à semelhança da existência de uma mente individual. Segundo este, trata-se de um processo transpessoal, não apenas interpessoal. Foulkes compara esta rede transpessoal a um campo magnético, trata-se de um processo que passa através do indivíduo (Foulkes, 1975), como se fossem raios X. Para Foulkes o grupo precede o individual, a consciência individual só teria aparecido mais tarde no desenvolvimento da humanidade. Este processo é de tal modo importante que, segundo Roberts (1982), Foulkes duvidava mesmo da existência de uma mente individual. Também para Foulkes não existiria um vínculo corpo-mente e esta estaria então localizada no diálogo entre os indivíduos. Em 1948, Foulkes afirmava já que não era sustentável a justaposição entre mundo interno e externo, constituição e meio ambiente, indivíduo e sociedade, fantasia e realidade, corpo e mente, ou seja, que estas vertentes não podem ser vistas separadamente a não ser de um modo artificial.

Para Foulkes (1964/2002) a comunicação é um processo básico da psicoterapia e proporciona todos os outros fatores terapêuticos. Existem diferentes níveis de comunicação que atuam em simultâneo e cuja *catéxis* (carga) é diferente entre eles. Todos os fenómenos no processo terapêutico são formas de comunicação. O processo terapêutico que ocorre e conduz do sintoma ao conflito significa uma capacidade de comunicação crescente. Segundo Foulkes a *tradução* é o equivalente na psicanálise a tornar consciente o inconsciente e a interpretação é a contribuição que o analista dá à tradução. Refere que todo o grupo participa neste processo a vários níveis desde o processo primário ao secundário, desde o emocional ao racional. A tradução para a grupo-análise é uma parte do processo de comunicação. Todos os fenómenos observados neste contexto grupal são comunicações relevantes qualquer que seja a sua forma. Por exemplo os sonhos são formas de comunicação que devem ser tratadas como tal pelo

grupo-analista tendo em consideração o seu significado dinâmico. Segundo Foulkes cada sonho que é contado passa a fazer parte do grupo e este sabe diferenciar também aquilo a que se pode chamar “os sonhos de grupo” de outros sonhos. Os sonhos de grupo podem ser comunicações que dizem claramente respeito à dinâmica do grupo e ao analista ou serem mais de índole interna, nomeadamente ao nível de certas resistências partilhadas mas inconscientes. Os sonhos são condicionados pelo contexto em que o sujeito se encontra e muito particularmente pela situação transferencial.

O sintoma pode manifestar-se em qualquer uma das formas de comunicação desde um modo mais primitivo até à linguagem e a tornar consciente o seu significado. Isto ocorre numa zona comum do grupo, criando-se uma zona de comunicação que inclui a partilha de experiência de todos os elementos do grupo.

Foulkes (1971a) desenvolve os conceitos de rede e matriz e amplifica-os. Introduce o conceito de *foundation matrix*, (*matriz fundadora*) como sendo o resultado das experiências, vivências e dos aspetos comuns a todos os seres humanos, inclusive a sua parte biológica. A *foundation matrix* catalisa diferentes níveis de comunicação que na sua interação grupal constitui aquilo que Foulkes denominou por *dynamic matrix* (*matriz dinâmica*). Esta refere-se à dinâmica da matriz do grupo ao longo do tempo, aprofundando a comunicação, com a sua história e memória, contemplando tudo o que foi dito, sentido e experienciado no grupo (Thornton, 2010).

Mas a conceção de matriz em Foulkes encontra-se também associada à sua definição da mente. Foulkes (1973/2004) referiu que esta não é pertença individual, mas define-se como o próprio processo de interação entre um número de indivíduos intimamente ligados, onde estes são pontos de uma rede. Constata-se aqui, mais uma vez, a marcada importância da matriz para este autor, de tal modo, que se mostra indissociável do conceito de mente.

No que respeita à definição de mente, Torres (2007) considera que a conceção de uma mente individual independente das outras mentes (do seu grupo ou seus grupos) assim como a ideia de uma mente “desincorporada” do biológico é um reducionismo falacioso que dificulta a compreensão dos comportamentos e vetores de motivação humana. Refere também que o indivíduo no seu comportamento do aqui e agora é resultado do campo socio-emocional de que faz parte, campo este que integra a sua história pessoal e futuro esperado, assim como milhões de anos de evolução biológica, pré-histórica e histórica. Entende então que a mente

humana pode ser vista como uma arena onde o desenvolvimento da subjetividade se alimenta, mas também luta, contra as pressões do grupo, as memórias filogenéticas da espécie gravadas no corpo-cérebro, e as memórias culturais acumuladas.

Pines (1994) afirma que Foulkes concebeu o grupo como uma arena natural para o processo terapêutico, uma vez que para ele a própria mente individual era vista como um fenômeno de grupo. Na sua essência, a mente é uma matriz de grupo. Pines alude à importância da psicologia do *self* para a compreensão do processo de desenvolvimento da criança e do sujeito no grupo analítico, nomeadamente através da função especular e de compreensão empática do cuidador/analista que ocorrem na matriz.

Roberts (1982, 1996) elaborou uma revisão sobre o conceito de matriz grupal. Refere que se trata de um conceito a que é dado muito relevo mas difícil de entender. Na sua revisão menciona alguns significados que o termo matriz pode possuir, como por exemplo: útero ou ovário; lugar onde algo é criado, produzido ou desenvolvido; o corpo em que um fungo ou líquen crescem; a parte interior medulosa de qualquer árvore ou planta; uma “massa”, por exemplo de terra, onde podem estar embutidas coisas, como metais, fósseis, gemas e outros; a substância entre as células animais e vegetais; um molde no qual algo é fundido ou moldado; um dispositivo em odontologia; um conceito da matemática, etc.

Continua este autor referindo que a matriz é feminina e com um significado frequentemente maternal, é um fundo e um útero ou molde onde as coisas podem ser contidas e desenvolvidas. Através destes significados de matriz, pode-se compreender a razão pela qual Foulkes escolheu este conceito para a grupo-análise.

Roberts sintetiza assim as várias ideias de Foulkes:

(1) the group as mother; (2) that of transpersonal processes; (3) ideas of networks of relationships; (4) the group as a whole greater than the sum of its parts, leading to an abstract notion of a group mind; (5) the paradoxical nature of individuality. (Roberts, 1982, p. 114).

Roberts questiona se para a teoria grupo-analítica não se deveria ter em consideração a teoria das relações de objeto. A este respeito é de lembrar que Cortesão considera que esta teoria faz parte das dimensões teóricas da sua conceptualização do processo grupanalítico.

Segundo Roberts, James (1980) preconiza uma relação entre aspetos da teoria da relação de objeto de Winnicott e a matriz de grupo. Compara a matriz com o espaço de ilusão proposto por Winnicott que se desenvolve entre o bebé e a mãe, entre a fantasia e a realidade.

De referir que para Winnicott (1975/1971) a *mãe suficientemente boa* é aquela que proporciona ao bebé a ilusão de que existe uma realidade externa que o próprio bebé cria. Também neste contexto teórico das relações de objeto, outros autores, como Klein, Bion, e Kernberg, por exemplo, deram fortes contribuições para a compreensão dos fenómenos de grupo e nomeadamente para uma maior sustentação do conceito de matriz.

Roberts refere ainda que a validade do conceito de matriz pode ser fortalecida por estudos no campo da física teórica, nomeadamente do comportamento das partículas subatómicas e das relações entre energia e matéria. Segundo Bohm (1980/2002) e nesta perspetiva, a ideia é que tanto a matéria como a mente são a ordem explícita de uma ordem implícita subjacente, sendo ambas projeções de um processo dinâmico de fundo ou matriz.

Relativamente a esta abordagem da matriz no campo da física, Powell (1991, 1993), concebe a matriz como uma entidade psicofísica, na perspetiva das novas descobertas da física, onde espaço e tempo, partícula e onda, mente e matéria, são faces da mesma moeda, de uma totalidade que transforma a própria metapsicologia. Os elementos do grupo influenciam-se assim integralmente mas não de forma linear. Os acontecimentos do universo formam uma matriz no espaço e no tempo em que tudo se encontra intimamente ligado.

Ribeiro (1994) debruçou-se também sobre o conceito de matriz grupal. Para Ribeiro, a matriz expressa uma realidade invisível, ainda que atuante, considerando que a mesma é em simultâneo um constructo e um processo. Como constructo, é um conceito similar a outros como o de *inconsciente social, cultura grupal, atmosfera de grupo* e mentalidade de grupo. Como processo, aproxima-se da noção de figura-fundo. A matriz, segundo este autor, está constantemente em mudança, sempre que ingressam elementos novos no grupo, alterando a figura-fundo. Os movimentos internos da matriz são complexos, podendo manifestarem-se ao nível consciente e inconsciente, como perceções, sentimentos, fantasias e sentimentos. O sistema de comunicação é a matéria-prima da matriz, e esta é um conceito holístico, onde o grupo é anterior à soma das partes. O autor refere:

O grupo é como uma rede, como uma teia de aranha, onde cada elemento funciona como um ponto nodal independente, mas psicodinamicamente interligado, agindo como um subsistema, onde cada um afeta o outro e é afetado pelo conjunto, criando um matriz operacional. (Ribeiro; 1994, p.35)

Ribeiro faz uma analogia curiosa entre matriz de grupo e uma cidade, referindo que cada indivíduo está para a matriz como uma rua ou avenida estão para a cidade. Estas são

pontos de chegada, partida, passagem, evitamento, verificando-se imensas ocorrências em todas as suas partes que influenciam a vida da cidade. Dada a concepção holística do grupo, tudo representa o todo, e este encontra-se representado nas suas partes. Assim, cada rua contém a cidade e esta contém a rua, ou seja, cada indivíduo contém o grupo e este contém cada indivíduo. Pode-se então dizer que esta organização que é a matriz contém o visível e o invisível, alternando como figura-fundo de acordo com as necessidades do indivíduo e do grupo.

Ribeiro (1995) no enfoque fowlkessiano refere que a matriz do grupo analítico é flexível e permissiva, permitindo um espaço de liberdade que é em si terapêutico. Este autor realça que o conceito de matriz reenvia para uma concepção de uma psicopatologia cultural, como responsável maior da neurose individual, o que será equivalente à ideia de que o grupo adoece e o grupo cura. A matriz cria uma nova cultura num espaço de interação que ocorre num campo comum, onde se desenvolvem variados fenómenos ao nível da comunicação e interpretação. A matriz está além da rede, esta última disponibiliza a matéria-prima necessária. Matriz do grupo e mentalidade grupal do grupo são sinónimos, a matriz é como um inconsciente grupal, formada das relações inconscientes que se constituem entre os membros do grupo. É esta matriz que cura e em que as respostas neuróticas emergem do todo grupal e podem ser compreendidas. Nesta, os processos conscientes e inconscientes interagem como linhas de força passando através do sujeito, possibilitando uma dramatização pessoal passível de ser vivenciada e analisada. A matriz surge assim como a base operacional de todas as relações.

De acordo com Ribeiro, Foulkes e Anthony entendem o seguinte:

Nós, portanto, falamos mais a partir da matriz do que sobre a matriz, o que significa que, no nosso contexto, o grupo é uma unidade mais fundamental que o indivíduo. O grupo ultrapassa a ênfase mais usual das reações e relações interpessoais, por isso repetimos que curar o grupo é curar o indivíduo e vice-versa. (Ribeiro, 1995, p. 95)

Roberts (1996) aproxima-se de Nitsun na importância dada ao conceito de matriz e das forças destrutivas que surgem no grupo (de relevar aqui o conceito de *antigrupo* deste autor desenvolvido mais à frente neste trabalho). Refere que Nitsun reenvia-nos para a dialética entre o injustificável otimismo de Foulkes e o pessimismo de Bion. É obviamente necessário contemplar as forças destrutivas que irrompem na matriz grupal, reflexo, pelo menos parcialmente, do *instinto de morte*. Roberts sintetiza as suas ideias referindo que a matriz de

um grupo maturo de grupo-análise, é essencial para a transformação e desenvolvimento pessoal dos seus elementos.

Stacey (2001) refere que embora bastante cedo, Foulkes se tenha referido à matriz como uma mente de grupo, na sua última publicação acerca da matriz rejeitou esta terminologia e concebe sim a mente individual como um processo de interação transpessoal ou como um fenómeno multipessoal. Para Stacey, existe uma contradição na conceptualização de Foulkes quando este se refere, por um lado à *foundation matrix*, como algo de individual que o sujeito já traz consigo para o grupo e, por outro lado, aquilo que se desenvolve no grupo como um todo (*dynamic matrix*). A primeira formulação é característica da perspetiva clássica da psicanálise, situando a matriz dentro do indivíduo, a segunda formulação é inerente à interação grupal no presente. Ora segundo Stacey, isto constitui uma posição pouco clara e mesmo inconsistente de Foulkes, alternado entre a visão do grupo como um todo ou focando-se no individual. No entanto, também é de relevar que Foulkes preferia a perceção multipessoal da mente, conforme já foi referido.

Comparativamente com o conceito de inconsciente social, por vezes, usado para se referir os processos psicológicos transpessoais e supraindividuais, Scholz (2011), releva a importância desta definição de matriz fundadora, e prefere usá-la, ao invés de inconsciente social. Refere que *foundation matrix* é um conceito que reflete melhor a natureza social do ser humano e que o conceito de inconsciente social implica uma antiga oposição entre indivíduo e grupo/sociedade, que o próprio Foulkes tentou ultrapassar, por não concordar com esta dicotomia. Scholz (2012), expressa a opinião de que este conceito de inconsciente social é mesmo de algum modo perigoso, uma vez que tende a ser percecionado como “uma coisa”, algo fixa, não enfatizando o processo envolvido e as mudanças inerentes. Scholz (2014) refere que na sua opinião o que se designa por inconsciente social pode ser integrado na conceptualização de *foundation matrix*. Ainda Scholz (2014), ao debruçar-se sobre os conceitos de *foundation matrix*, inconsciente social e *identidade do grande grupo* (conceito desenvolvido por Vamik Volkan) considera que o que estes têm em comum é a noção de inconsciente.

Stacey (2001), relativamente à matriz, preconiza uma perspetiva diferente. Refere que a matriz de grupo pode ser definida, não como um sistema ou uma rede, mas algo diferente, um processo que replica continuamente, e potencialmente transforma, padrões de narrativa

intersubjetiva, que organizam a experiência de se estar junto. Ninguém de forma isolada consegue organizar a sua própria experiência mas em conjunto os indivíduos criam uma intersubjetividade, um processo contínuo de comunicação e organização pessoal da experiência da relação com o outro.

A este respeito, este autor faz algumas analogias com a complexidade das ciências naturais. Para Stacey, os sistemas complexos podem manifestar-se de três modos distintos: de modo repetitivo e previsível, de modo aleatório e desagregador, ou então de uma forma intermédia, manifestando-se, simultaneamente na estabilidade e instabilidade, e seria assim que o grupo se poderia comportar. Considera que nesta perspetiva, não é necessário conceber um sistema psíquico suprapessoal ou qualquer processo transpessoal. Releva, no entanto, que estes processos ficam incorporados, é uma experiência corporal que marca o indivíduo. Trata-se pois de uma visão bastante diferente da proposta por Foulkes, e neste sentido, a matriz de grupo adquire também uma nova configuração.

Nativ (2011) preconiza que no grupo analítico estão presentes três dimensões da consciência humana que são elas, o evidente, o secreto e o misterioso. Todas se vão repercutir e influenciar quer os membros do grupo, quer a matriz do mesmo. Nativ entende a matriz como uma entidade invisível que no fundo é o que gera que algo no grupo esteja para além do evidente. Trata-se de um fenómeno misterioso e cujos limites são mais flexíveis. Pode ocorrer um imenso fluxo de ideias e experiências, racionais e irracionais.

De referir também que o conceito de matriz de grupo parece ter aspetos similares com outras contribuições tais como mentalidade de grupo (Bion), *organizadores psíquicos inconscientes de grupo* (Anzieu), *aparelho psíquico grupal* (Kaës), *campo grupal* (Zimerman), e talvez de uma forma mais alargada, o inconsciente social (Hopper e Weinberg), entre outras.

Em relação a este último conceito de campo grupal, Zimerman (2000) releva a importância do mesmo, referindo que este campo grupal dinâmico comporta-se como um estrutura global que está para além do somatório dos seus membros, como uma música que está para além do somatório das notas musicais. Neste campo grupal existe uma elevada energia resultante da interação entre os diversos fenómenos que ali circulam e do embate entre as forças de coesão e de disrupção. Para Zimerman no campo grupal estão ativamente presentes aspetos como: os fatores conscientes e inconscientes, a resistência e contra

resistência, transferência e contratransferência, *actings out*, uma constante variação entre o grupo de trabalho e o de supostos básicos (Bion), ansiedades, pulsões libidinais e agressivas, identificações projetivas e introjetivas, a comunicação nas suas diversas vertentes, o desempenho de papéis, os diferentes tipos de vínculos, a ressonância, o fenómeno do espelho, a atitude do terapeuta/coordenador do grupo, etc. Estes aspetos fazem parte e dinamizam permanentemente este campo de interação emergindo um determinado clima grupal

Zimerman considera que o campo grupal, para além daquilo que pode ser percebido, tem também uma vertente mais oculta e enigmática que muitas vezes se denuncia de uma forma inexplicável. Trata-se pois de um conceito com francas similaridades com os conceitos de matriz de grupo e matriz grupal analítica.

Vários autores abordaram o trabalho analítico com grupos, com implicações nestes conceitos, nomeadamente as influências de Bion, comparativamente com Foulkes, como foi abordado no subcapítulo anterior.

Foulkes sofreu grande influência de Goldstein no seu trabalho sobre o sistema nervoso e as redes neuronais do cérebro. Neste trabalho os neurónios individuais eram considerados como pontos nodais numa rede complexa de conexões onde passam os impulsos. Daqui se poderá compreender a ênfase dada por Foulkes à matriz de grupo e aos processos de comunicação que se passam na mesma.

Ribeiro (2007a) ao refletir sobre a Teoria do Campo de Lewin refere que os dois princípios fundamentais da sua teoria assentam no facto do comportamento ser uma função do campo existente no momento em que ele ocorre, e da importância da situação considerada como um todo e da qual são diferenciadas as suas componentes. Para Ribeiro estes princípios estão de acordo com as posições básicas de Foulkes segundo as quais o grupo deve ser entendido como um todo, que este e o paciente se revezam como figura-fundo e que a situação deve ser considerada no seu aqui e agora. Também Ribeiro faz uma analogia interessante entre o conceito de *espaço de vida* do sujeito e a matriz. O espaço de vida diz respeito ao universo do sujeito, nomeadamente contém todos os factos que podem determinar o comportamento deste num dado momento e num determinado ambiente psicológico.

Assim como o espaço de vida do indivíduo é dinâmico, também a matriz é dinâmica uma vez que é esta que é responsável pelos processos que ocorrem no grupo.

Foulkes sofreu também forte influência da teoria da *Gestalt* e segundo Ribeiro pode-se dizer que o grupo constitui um sistema ou organismo completo e cada elemento do grupo forma um subsistema. Cada elemento novo que vem de fora vai alterar a matriz do grupo assim como cada aspecto novo que surge no grupo vem desta mesma matriz. Neste sentido este autor refere que se pode dizer que cada resistência nova modifica o espaço de vida do grupo e transmite características novas à sua matriz. Nesta perspectiva do ponto de vista da *Gestalt* a análise de um dos subsistemas pode transmitir equilíbrio aos outros subsistemas e do ponto de vista foulkesiano a análise de um ponto nodal da rede pode levar um equilíbrio a toda a matriz. O contrário também pode acontecer, ou seja, a análise da matriz (como um todo) pode transmitir harmonia aos diversos pontos nodais do grupo. Conforme Ribeiro (2007a), este pressuposto é mais claro se se trabalhar o grupo no aqui e agora e releva neste sentido a vertente fenomenológica de Foulkes. Os conceitos principais e instrumentais de matriz e rede de comunicação, desenvolvidos por Foulkes, significam que este trabalhava a resistência a partir destes conceitos de grupo, e portanto de uma concepção de campo, e não de uma perspectiva puramente psicanalítica.

Nitzgen (2010) alude à importância que Goldstein teve em Foulkes mas que de algum modo não foi devidamente relevado assim como, na sua opinião, do filósofo Cassirer. Este último terá influenciado Goldstein e através deste, Foulkes. Talvez Foulkes estivesse mais familiarizado com o trabalho de Cassirer do que se possa pensar. Foulkes em 1964 desenvolve o seu conceito de matriz, relevando a mesma como um *common ground*. Cassirer na sua obra *A Filosofia das Formas Simbólicas* denota a sua pretensão de construir uma teoria geral da cultura a partir do contributo da filosofia kantiana. Escreveu um artigo em 1925 sobre a linguagem e o mito, descrevendo mito como um *maternal soil*, a *mutterboden*, de todas as formas simbólicas. Na tradução para o inglês em 1946, é mencionado que estas formas simbólicas devem-se autonomizar da *common matrix of myth*, e mais tarde Foulkes vai utilizar a expressão matriz de grupo. Questiona-se Nitzgen se não haverá aqui um legado oculto, uma influência do pensamento de Cassirer em Foulkes, e neste caso específico no uso do termo matriz.

Lavie (2005) faz uma análise de alguns esboços elaborados por Foulkes que este tencionava desenvolver e publicar no seu *Livro da Teoria*, obra que não chegou a ser publicada dada a sua morte em 1976. Refere duas raízes importantes, entretanto perdidas, da teoria da grupo-análise. São elas, as descobertas de Norbert Elias sobre interdependência

simultânea do processo de individualização e de socialização e a concepção de Foulkes da mente como um fenómeno multipessoal.

Para Elias, citado por Lavie (2005), o ser humano era uma entidade aberta, não faz sentido abordar o sujeito numa perspectiva só individual ou só social, verifica-se uma inter-relação estrutural destas vertentes. Qualquer indivíduo tem uma história pessoal profundamente incorporada no contexto social em que foi criado, e neste sentido é, de forma simultânea, plenamente individualizado e socializado. Nesta aceção, Foulkes entendeu que então faria todo o sentido tratar os sujeitos em grupo uma vez que estes são, simultaneamente, entidades individuais e sociais.

Lavie (2005) referiu, ainda, que Foulkes em 1969 elaborou alguns esboços sobre a sua teoria da mente que seria para ser publicada posteriormente o que não aconteceu. Para ele a mente é então um fenómeno multipessoal e num grupo gera-se também uma matriz multipessoal. A sua definição de mente foi evoluindo progressivamente até se vislumbrar esta última conceptualização.

Lavie refere-se a uma relação extremamente interessante deste conceito aludindo a Stephen Mitchell, representante da psicanálise relacional contemporânea. Com efeito, nos anos 90, Mitchell introduziu o conceito de *múltiplos selves*. Para este autor, a realidade psicológica opera dentro de uma matriz relacional que abrange a vertente intrapsíquica e interpessoal, concepção esta nuclear no desenvolvimento da teoria psicanalítica relacional. O analista passa a pensar de forma relacional e dialética. Um dos pares dialéticos mais significativos são os referentes ao mundo interno e ao mundo externo mas outros como o passado e o presente, consciente e inconsciente, bom e mau objeto, são também outros exemplos. Para Mitchell (1988), o indivíduo vive num mundo de experiências desde o início da vida que são depois traduzidas na linguagem como um meio e instrumento de interação social. Assim que a matriz semiótica se estabelece, as experiências pré-verbais e não-verbais podem ser recuperadas e organizadas dentro do respetivo sistema social linguístico. Neste sentido, o modelo relacional em psicanálise é uma teoria social da mente.

Em relação ao conceito de mente Mitchell (2000) releva a riqueza da conceptualização de Hans Loewald que considera a mente um fenómeno temporal, construída de acordo com diferentes princípios de organização em diferentes momentos no tempo. Segundo Mitchell (2000) Loewald preconiza que a mente é um sistema aberto numa matriz interativa com

outras mentes e que o sentido de nós próprios é função da internalização, repetição continua e memorização dos diversos relacionamentos que o indivíduo vai tendo. Para Loewald a situação analítica é uma matriz interativa aberta em que o analista é como um coautor da própria situação analítica. Para este autor a mente origina-se de uma unidade primordial que se vai expandindo e, numa analogia com o universo, a psicopatologia seria o resultado do desequilíbrio entre as forças centrífugas e centrípetas da mente.

Gomes (2007), refere que nos anos 80, Mitchell e um grupo de autores americanos, relevam as relações de objeto que se passam dentro do Eu, ao contrário da teoria adotada no país que privilegiava as relações externas. Greenberg e Mitchell (1983/2003) desenvolveram a conceção relacional em psicanálise tentando integrar as teorias inglesas e americanas das relações de objeto.

Segundo Gomes (2007), as principais influências teóricas da psicanálise relacional contemporânea são a psicologia psicanalítica do *self* (Kohut), a teoria da intersubjetividade (formulada por Stolorow), Atwood e Brandchaft, e a teoria relacional propriamente dita, de Greenberg e Mitchell com a contribuição de autores como Neil Altman, Lewis Aron, Jessica Benjamin, Irwin Hoffman, e Donnel Stern, entre outros, e que têm em comum a influência das teorias inglesas das relações de objeto, a teoria interpessoal norte-americana e as teorias feministas.

Para Gomes (2007), a própria psicologia do *self* foi-se tornando cada vez mais relacional, sofrendo as influências dos intersubjetivistas, do grupo relacional e de alguns psicanalistas do *self*. Parece existir algum paralelismo entre a história da psicologia do *self* e o pensamento das teorias relacionais, atualmente designada teoria relacional norte-americana, combinando a perspetiva das relações externas (americana) com a interna (inglesa).

Segundo ainda este autor, Mitchell (1997) encontrou importantes aspetos em comum entre a teoria interpessoal, a teoria das relações de objeto e a psicologia do *self*, referindo que:

a ênfase na experiência subjetiva do paciente, o culto da criatividade implícita na própria individualidade e na experiência singular do paciente, o papel do analista como instrumento para a expansão da experiência de *self* do paciente. (Mitchell, 1997 citado por Gomes 2007; p. 119)

O modelo relacional preconiza que as relações com os outros constituem os aspetos essenciais da construção da mente, tudo se desenvolve no contexto da interação, quer no presente, quer no passado. Para Mitchell, embora os teóricos relacionais admitam a

importância dos aspectos biológicos e dos fatores constitucionais, esta abordagem é limitada. Privilegiam sobretudo a experiência relacional e desenvolvimental.

Neste sentido é a relação que constitui o cerne da experiência analítica. Conforme Coderch de Sans (2014) na relação analítica é construído (coconstruído) um campo comum entre paciente e terapeuta onde vão aparecer os estilos básicos adquiridos historicamente por cada um deles, agora no contexto de uma nova realidade que é a interação terapêutica no presente.

Foi progressivamente ocorrendo um desvio do paradigma do modelo intrapsíquico para o relacional, em grande parte em consonância com a mudança de paradigma da ciência positivista para a ciência relativista ou do objetivismo para o construtivismo, ou ainda, segundo Gomes (2007), do constitucional para o relacional.

O analista mesmo que estivesse numa posição se possível só de observador influenciaria a relação estabelecida e o fenômeno observado. A participação do analista é um fator inalienável e profundamente mobilizador do *processo analítico*. No entanto é de ter em consideração que mesmo nesta perspectiva, participação e atuação são aspectos diferentes. Conforme refere Racker (1981/1982) é importante que o analista possa desenvolver dentro de si, um ego observador da sua contratransferência, que é contínua. Neste sentido a percepção e consciência da transferência do analisando assim como da contratransferência do próprio analista são fatores fundamentais para a interpretação, evitando a possível atuação deste último.

Um dos discípulos mais próximos de Freud (mas que depois fez à semelhança de outros, o seu próprio percurso) foi Ferenczi que deu importância às emoções e à relação do analista-analisando. Valorizou os aspectos da contratransferência no processo de compreensão psicanalítica mas também da pessoa real do analista na relação estabelecida. Preconiza uma participação ativa do observador, não lhe fazendo sentido a perspectiva de um observador neutro. Em 1923, juntamente com Otto Rank, publica *O desenvolvimento da psicanálise*, onde, conforme refere Symington (1986/1999), relewa a importância da comunicação entre analista-paciente e a necessidade da análise não ser só uma reconstrução intelectual mas sim um reviver emocional. Ferenczi achava que uma postura distante e /ou autoritária do analista reativava os traumas e não produzia a cura. Não lhe fazia sentido falar de resistências do paciente mas sim que o terapeuta se devia adaptar às características e idiosincrasias deste

último. As relações objetais exigem adaptações, como numa relação amorosa. Achava Ferenczi que uma das qualidades do analista deveria ser o tato (parente da empatia) estabelecido na relação e a necessidade do analista conhecer os seus pontos fracos (ou pontos cegos na perspectiva de Freud).

A contribuição de Ferenczi que aqui refiro como exemplo histórico, entre outros atuais, emerge como base e origem de conceitos inerentes ao campo intersubjetivo na psicanálise. Posteriormente outros autores como por exemplo Racker e Paula Heimann, (citados por Piva e al., 2010) abordaram a perspectiva do analista passar de observador a participante do campo analítico. Outro aspeto interessante a considerar, é aquele que passa pela ideia de que o papel real do analista é de agente e não de objeto do mundo interno e que está também na origem do conceito de intersubjetividade.

A discussão sobre o modelo relacional e o modelo pulsional, em psicanálise, tem sido bastante intensa e estimulante, reenviando para conceções diferentes da relação analítica (ou da matriz da relação) e, como já referido, para o próprio conceito de mente, fazendo sentido referenciar aqui alguns aspetos desta discussão. Como conciliar, integrar ou então separar, ou mesmo excluir alguma destas perspectivas? Parte da discussão tem-se focado nestes aspetos. Greenberg e Mitchell (1983/2003) debruçaram-se sobre esta temática. Referem que encontrar o lugar na teoria psicanalítica para as relações de objeto tem sido a questão conceptual central na história da psicanálise. O modelo relacional apoia-se nas diversas conceptualizações inerentes à teoria das relações de objeto assim como em evidências do trabalho clínico, nomeadamente nas relações pessoais que se estabelecem. O modelo pulsional (preconizado por Freud) considera como fator principal a descarga da energia psíquica na procura do prazer, não sendo as relações com os outros considerado um aspeto central ou mesmo evidenciado.

Segundo Greenberg e Mitchell, existem três estratégias principais para lidar com estas diferentes abordagens. São elas a estratégia de adaptação, a estratégia da alternativa radical e a estratégia mista. A primeira tenta alargar o modelo pulsional original, dando importância ao papel das relações precoces no desenvolvimento, no entanto, mantém a *pulsão* como o fator motivacional central. A segunda dá primazia às relações com os outros e toda a motivação deriva das vicissitudes da procura e da conservação, da relação, incluindo as necessidades sexuais e agressivas. Nesta perspectiva o conceito de pulsão é abandonado. A terceira

estratégia, a de modelo misto, procura preservar as duas anteriores, mediante a justaposição do modelo pulsional e do modelo relacional.

De acordo com Greenberg e Mitchell (1983/2003) vários autores na história da psicanálise têm contribuído para esta discussão e de um ou outro modo tentado resolvê-la. Por exemplo Kernberg propôs uma associação das ideias de Mahler e de Jacobson às de Klein e Fairbairn e nesta perspectiva, os afetos, e não as pulsões, constituiriam a principal motivação humana. Os afetos tornam-se os elementos constitutivos da própria pulsão, ainda que estas atuem como referidas pelo modelo pulsional. Esta abordagem de Kernberg é um exemplo de como se pode manter a linguagem do modelo pulsional mas equacionando os princípios do modelo relacional. Também outro exemplo, referido por Greenberg e Mitchell, alude a Sandler (1978), que na esteira de um modelo misto, considerou que as pulsões não devem ser vistas como a única fonte da motivação humana e que as relações de objeto não podem ser consideradas como simples derivados destas. Este autor defende que nem todos os desejos são derivados de impulsos pulsionais. Os desejos de base pulsional constituem um subgrupo de uma categoria mais ampla de desejos. Para Sandler, os desejos de base pulsional resultam de estímulos internos, mas outros tipos de desejos são desencadeados por acontecimentos externos ou então também por estímulos internos mas que não têm a ver com as pulsões.

Ainda de acordo com Greenberg e Mitchell (1983/2003), a tentativa de conservar o modelo pulsional com contribuições do modelo relacional originaram, por sua vez, duas estratégias básicas, que são elas, a bifurcação da psicanálise em duas possibilidades de tratamento, e a valorização crucial da relação como uma condição para o *insight*. Portanto na estratégia de bifurcação utiliza-se mais um modelo ou o outro, conforme os pacientes necessitem mais de uma abordagem predominantemente pelo *insight* ou pela relação, conforme a sua tipologia de perturbação. Na segunda estratégia, considera-se que é essencial a relação estabelecida entre analista e analisando para que a interpretação ocorra, conduzindo ao *insight* e à conseqüente mudança. Por exemplo, conforme referem estes autores, o conceito de aliança de trabalho de Greenson (1967; 1971) é um exemplo da importância desta abordagem. Greenson preconiza que a ação terapêutica reside na interpretação da transferência que resulta em *insight* mas que para interpretar é necessário que esteja estabelecida uma aliança de trabalho entre analista e paciente. Esta aliança de trabalho, por seu lado, reforça-se também com a própria interpretação da transferência.

Greenberg e Mitchell (1983/2003) são da opinião que não se deve considerar qualquer um destes modelos como certo ou errado. Ambos são complexos e suficientemente elásticos para conter e explicar os fenômenos psíquicos. O modelo pulsional, como já referido, dá a primazia à procura do prazer e à descarga pulsional individual. O restante comportamento, nomeadamente as atividades sociais, resultam das pulsões e suas vicissitudes. O modelo relacional preconiza a primazia das relações de objeto também nas suas vicissitudes. Para os adeptos deste modelo a presença de outros, reais e imaginários, do passado ou do presente, exige uma conceptualização destas, não sendo concebível uma teoria na qual as relações de objeto são uma função de pulsões primitivas. Referem estes autores que as pessoas necessitam sobretudo de contacto umas com as outras, o essencial é o envolvimento e não a procura do prazer. Pelo contrário, para os adeptos do modelo pulsional é a pulsão que justifica a vinculação entre as pessoas e os intensos sentimentos de amor e ódio que podem surgir.

Kohut foi de algum modo contornando a teoria pulsional, e para ele, o desenvolvimento e a manutenção do *self* são o principal modelo motivacional. Reconheceu a importância da presença do analista e do seu envolvimento emocional, e, de acordo com Gomes (2007), contribuiu para o valor que os autores relacionais como Bromberg (1988), Frank (1999), Mitchell (1997), Renick (1998), e psicólogos do *self* contemporâneos como Bacal (1998), Fosshage (1992; 1997), Orange (1995), Slavin & Kriegman (1992), dão ao envolvimento autêntico baseado no afeto do analista.

Qualquer uma destas perspectivas parece ser válida e a discussão mantém-se viva. Conforme referiram Greenberg e Mitchell (1983/2003) “O paradoxo da dupla natureza do homem como ser altamente individual ainda que social é demasiadamente profundo e está demasiadamente impregnado na nossa civilização para que seja passível de resolução simples numa ou na outra direção” (p. 473).

Sintetizando o pensamento de Lavie (2005), este considera que Foulkes, talvez seja um pensador relacional contemporâneo, dada a sua conceptualização de mente em comparação com a proposta por Mitchell, ainda que desfasado deste cerca de 30 ou 50 anos.

Ávila (2009) procede a uma desmontagem da noção do Eu enquanto unidade primária dos processos psicológicos e sociais. Refere que o indivíduo não existe por si mesmo nem é propriamente autónomo mas sim uma expressão singularizada de um conjunto, o coletivo humano. Continua este autor referindo que o Eu é feito de relações, é múltiplo, é Eu-outro, e é

plural. Já Freud ao preconizar a separação, através recalçamento, dos conteúdos conscientes e inconscientes, refere que estes conteúdos não ficam dispersos mas aglutinados e em interação mútua, ou seja, formam-se grupos psíquicos. O sonho, conforme alude Ávila, é um bom exemplo de como o Eu é múltiplo. No sonho, o sonhador pode encontrar-se representado por outras personagens e ele próprio pode condensar várias personagens, vários aspetos dele próprio. Diz Ávila (2009): “Às vezes produzo por condensação uma pessoa que nunca vi e faço em meu sonho um Eu múltiplo/grupal. (...) Faço em sonhos pessoas coletivas” (p.45). O Eu é pois uma entidade plural, o indivíduo traz em si o grupo e a realidade psicológica é múltipla. É neste sentido que se poderá compreender melhor a importância do grupo na existência do indivíduo e nas potencialidades de transformação deste, quer do ponto de vista sociocultural quer numa perspetiva terapêutica.

Coimbra de Matos (2011b) preconiza também a importância da teoria relacional na psicanálise. Para este autor o que é fundamental na relação analítica, é a nova relação que se estabelece entre analista e analisando, algo que está para além da relação transferência-contratransferência. Segundo Coimbra de Matos, a regra de ouro será dissolver a transferência e construir uma nova relação. Nesta perspetiva, a neurose de transferência não deve ser desenvolvida e estimulada. Os movimentos transferenciais que surgem devem ser logo interpretados para que assim não se organizem numa neurose de transferência que passa a não ser o essencial do processo analítico. Atualmente o importante é dar atenção ao momento presente da relação criada na interação analítica. O analista passa a desempenhar uma nova função, mais do que espelho e objeto transferencial, este passa a ter um papel mais ativo, real e participante, protagonista de uma nova relação com o analisando. Trata-se de uma mudança de paradigma baseada sobretudo no poder da relação. A internalização progressiva de uma relação nova e saudável é transformadora das relações patológicas vividas e internalizadas pelo analisando. Um dos aspetos essenciais deste processo é a empatia que o analista tem pelo analisando. Através da ressonância emocional desta empatia, o analista sintoniza-se com o analisando, procurando a intervenção mais adequada naquele momento, de modo a proporcionar um movimento de expansão da relação e da mente do analisando. Para Coimbra de Matos (2011b) empatia- resposta afetiva e transferência-contratransferência, são processos completamente diferentes e opostos, inversamente proporcionais. Assim se existe mais “nova relação”, existe menos transferência, e se existe mais transferência então existe menos “nova relação”. A relação sadia e criativa é a relação complementar insaturada em que analista e

analisando se propõem a descobrir novos horizontes, a sonhar e criar, a reencontrar a felicidade partilhada, uma vez que o sujeito é um ser essencialmente social.

Coimbra de Matos refere que a psicanálise serve para aprofundar o autoconhecimento e o conhecimento dos outros mas também das relações interpessoais e intersubjetivas (Matos, 2011a). Do conhecimento intra e intersubjetivo, sobretudo da vertente emocional, pode resultar a transformação das relações de objeto internas, do modelo relacional interno, daquilo que Coimbra de Matos designa por estilo *relacional intrínseco*. Aqui uma possível analogia com as conceções de matriz interna, explicitadas mais à frente neste trabalho. A nova relação tem então uma dimensão de criatividade, algo novo e único emerge e se desenvolve no contexto analítico. Torna-se assim possível retomar o desenvolvimento suspenso numa relação de qualidade, expansiva e criadora, numa relação, como diz Coimbra de Matos de complementaridade não saturada (Matos, 2011b). É neste terreno que ocorre de forma lenta, difícil e progressiva, a ressignificação dos vínculos pré-existentes, possibilitando uma nova dimensão desenvolvimental no sujeito, e neste âmbito, é de relevar que a atitude e alguns aspetos da personalidade do analista podem interferir e condicionar de forma significativa este processo.

A perspetiva da designada psicanálise vincular, sobretudo desenvolvida mais contemporaneamente por psicanalistas argentinos e brasileiros, na sequência das conceptualizações de Bion, dá ênfase às diferentes vicissitudes dos vínculos e introduz também aspetos inovadores que talvez se reflitam mais na própria teoria da técnica. Será interessante poder refletir sobre esta conceptualização da psicanálise vincular em comparação com o desenvolvimento da psicanálise relacional. Para Zimerman (2005) a psicanálise contemporânea é aquela que privilegia a importância dos vínculos que se estabelecem desde cedo nas relações precoces e que são reproduzidos e reativados (... e que são construídos novos vínculos) na relação analítica. Há um movimento para valorizar e introduzir aspetos como a importância da mãe real no desenvolvimento do sujeito e, por analogia, a figura real do analista e sua personalidade para a análise; são também mais incrementados os aspetos da dialética analista – analisando, e adquire maior importância a análise das funções conscientes do ego e da sua relação com o real externo. Segundo Zimerman os autores que influenciaram mais a psicanálise contemporânea foram Bion, Winnicott, Kohut e Lacan.

Das contribuições de Bion emerge o modelo que pode ser designado por *vincular-dialético*. Este modelo prioriza os vínculos intrasubjetivos, intersubjetivos e transubjetivos e de acordo com este modelo o analista deve estar em constante interação dialética com o analisando, de modo que à “tese” do analisando, o analista proponha uma “antítese”, baseado na sua atividade interpretativa, resultando assim uma síntese (Zimerman), refletindo-se no *insight* e operando a mudança.

Fernandes (2002) entende o vínculo como uma estrutura relacional onde entre duas ou mais pessoas ou partes da pessoa, tem lugar uma experiência emocional. Para este autor conceitos como o binómio transferência-contratransferência, o modelo continente-conteúdo (Bion), o conceito de *ancoragem* (Kaës), e possivelmente o conceito de equilíbrio estético de Cortesão, têm uma estreita relação com o conceito de vínculo (Fernandes 2000). Esta perspectiva da psicanálise vincular será ainda abordada mais à frente neste trabalho.

Zimerman (2004) também se refere à transferência e suas vicissitudes. Segundo este autor, a transferência é um fenómeno original em que passado e presente dão forma um ao outro. A transferência consiste numa necessidade de repetição, como na perspectiva freudiana mas atualmente pode ser antes entendida como uma repetição de necessidades, ou mesmo como as duas vertentes de forma simultânea. A vertente da transferência vista como repetição de necessidades que não foram satisfeitas e preenchidas no desenvolvimento significa que o processo analítico representa para o analisando um novo espaço e uma oportunidade de transformação das facetas que foram traumáticas e negativas, podendo agora este experienciar novas vivências e emoções na matriz do grupo.

Farate (2012) desenvolve um trabalho sobre o *setting* analítico abordando-o de um ponto de vista estrutural e não como usualmente é encarado na perspectiva formal e definido por critérios externos. Este autor formula a hipótese da existência de um aparelho psíquico em comum a analista e analisando, com características específicas, diferentes do psiquismo de cada um e estruturado por uma metapsicologia também própria. Esta hipótese emerge da definição prévia de um *campo psíquico em comum* a analista e paciente, capaz, como adianta Farate, de sustentar o carácter de estrutura dinâmica do *setting*. São considerados elementos fundacionais a identificação projetiva, a metáfora relacional do par analítico e o campo bipessoal. Preconiza também que o aparelho psíquico em comum é definido em três instâncias que são elas, por ordem decrescente do seu nível de desenvolvimento psíquico, a instância

objetiva /interpessoal, a diádica/intersubjetiva e a monádica/intrasubjetiva. A primeira deriva da metáfora relacional paterna do *setting*, a segunda deriva da metáfora materna/intersubjetiva e a terceira derivará da metáfora materna/intrasubjetiva. De forma semelhante à 2ª tópica freudiana, é de considerar, neste aparelho psíquico em comum, a perspectiva dinâmica, económica e genética.

Segundo Farate, o aparelho psíquico em comum não se confina à sessão analítica mas tende a expandir-se para além desta, num *campo expandido* que funciona consoante as características predominantes do aparelho psíquico comum a analista e paciente. Este campo expandido é definido:

como o conjunto de atos, pensamentos ou sentimentos que emergem, direta ou indiretamente, da dinâmica transferencial-contratransferencial e da comunicação emocional, consciente e subconsciente, entre ambos, e se inscrevem na matriz fantasmática que sustenta, mesmo fora dos limites físicos do cenário terapêutico do encontro presencial de analista e paciente, a relação interna (potencial) do par analítico. (Farate, 2012, p.87)

Para Farate (2012), a definição de campo expandido do aparelho psíquico em comum à díade analítica, inclui outros conceitos como os de *área intermediária de jogo e ilusão*, *espaço potencial* e *fenómenos transicionais* (Winnicott, 1951, 1968), *meio maleável* (Milner, 1977), *campo bipessoal* (Baranger, 1961-1962), *duplo-limite* (Green, 1982), *moldura externa e interna da relação analítica* (Bleger, 1967; Bhom, 2004) e também *situação analisante*, de Donnet (2001).

Refere ainda que antes de formular o conceito de campo psíquico em comum ao analista e analisando (originando o aparelho psíquico em comum), já outros autores, anteriormente, configuraram formulações técnicas algo similares, autores estes que se posicionam predominantemente na perspectiva da psicanálise como uma psicologia bipessoal.

Os diversos conceitos propostos por Farate e sustentados por uma metapsicologia própria tornam-se igualmente interessantes de serem refletidos quando se conceptualiza uma matriz grupal, um aparelho psíquico de grupo, uma mentalidade grupal e outros com algumas similaridades.

Winnicott foi um dos autores anteriormente citados que contribuiu significativamente para a compreensão do desenvolvimento humano e suas diferentes variáveis, permitindo uma melhor compreensão do funcionamento dos grupos. Mello Filho (1989) ao referir-se às contribuições deste autor, explicita que para este a função holding é a principal característica

do *setting* analítico. Entende que Freud reproduziu no próprio *setting* que criou, o ambiente do *holding* materno, como por exemplo, temperatura adequada, iluminação suave, ausência de ruídos, constância objetal, entre outras.

Em pacientes esquizóides, borderlines ou psicóticos torna-se ainda mais importante o funcionamento do *setting* como *holding*. Como diz Mello Filho, o conceito de *holding* é algo similar ao da função continente da figura materna e do fenómeno de *reverie* na relação mãe-filho referida por Bion. A função de *holding* é efetuada quer pelo analista quer pela matriz grupal e quanto mais coeso for o grupo. Esta função cumpre assim um aspeto fundamental inerente ao desenvolvimento do indivíduo e o grupo na sua evolução vai de certo modo repetir este desenvolvimento individual. O grupo vai evoluindo para uma *Gestalt* coesa integrando os seus vários elementos, o que permite uma comunicação alargada entre todos.

Os fenómenos transicionais e o espaço potencial são dois conceitos também importantes de Winnicott que permitem a compreensão do desenvolvimento da criança e do que se pode passar num grupo terapêutico. Conforme o bebé cresce, os objetos transicionais vão sendo substituídos por fenómenos mais abstratos, os fenómenos transicionais. Estes estão associados à potencialidade para simbolizar, fantasiar e criatividade. O espaço potencial é a área entre o bebé e a figura materna em que ocorrem estas experiências. Trata-se de um espaço que se vai alargando ao longo da vida, integrando todas as vivências e experiências criativas e culturais nos seus mais variados domínios.

O grupo terapêutico é um espaço onde estes fenómenos têm lugar, se desenvolvem e podem ser manuseados assim de forma terapêutica.

Retomando Bion (1961), este desenvolveu vários conceitos, entre eles o já mencionado de mentalidade grupal (ou mentalidade de grupo), referindo-se ao facto de que um grupo funciona como uma unidade, como um todo, com uma atividade coletiva própria que transcende o pensamento individual e que muitas vezes se opõe a este. Esta mentalidade de grupo funcionaria de forma similar ao inconsciente individual, e da interação e conflito entre esta e os desejos do indivíduo, surge aquilo que designou por cultura de grupo. A organização que o grupo vai apresentar num determinado momento resulta então deste conflito entre a vontade coletiva anónima e os desejos e necessidades individuais.

Bion elabora o conceito de pressupostos básicos, descrevendo assim a atividade mental inconsciente inerente ao grupo, que funciona nos moldes do processo primário do

pensamento e que conserva as mesmas características que as defesas do ego contra as ansiedades psicóticas. Descreveu três tipos de pressupostos básicos que são eles a dependência, luta e fuga, e acasalamento. O primeiro implica uma dependência total do grupo de um líder ou condutor, de dentro ou fora do grupo. O segundo refere-se a uma situação em que o inconsciente grupal está dominado por ansiedades paranoides e o grupo, ou luta contra certas situações que sente como ameaçadoras, ou o grupo foge das mesmas criando um inimigo externo responsável por todos os males. O terceiro corresponde a uma esperança messiânica, de que os problemas e necessidades do grupo serão solucionados por alguém, um acontecimento, etc. que os salvará. Isto encontra-se associado ao despoletar de defesas maníacas e o líder emergente terá características messiânicas e místicas.

Bion considerou estes pressupostos básicos como resultantes da mentalidade grupal. Se por um lado estes pressupostos protegem de algum modo o grupo, por outro, impedem o seu desenvolvimento saudável e impregnam negativamente a matriz do grupo. Vai dar bastante ênfase ao funcionamento do grupo como um todo, relevando a importância do social no seu impacto no grupo. De referir aqui que de acordo com Torres (2003), Bion terá sofrido influências do médico inglês Wilfred Trotter, que estudou o carácter instintivo e inato do comportamento grupal, nomeadamente em relação à ideia de que o grupo como um todo é maior do que a soma das partes

Conforme Fernandes (2003c), Bion designou por valência a capacidade instintiva de os indivíduos se vincularem em torno de um dado pressuposto básico, contra algo de novo que causa frustração. A predominância harmoniosa das valências é que vai originar a coesão grupal. Numa situação em que exista um conflito com uma ideia ou situação nova o grupo pode mudar de pressuposto básico. No grupo existirá sempre o conflito entre o nível de grupo de trabalho (que funciona no registo consciente e está orientado para a execução de tarefas) e o nível do pressuposto básico. Este conflito é essencial porque é a possibilidade de transformação, e para Bion só existe um verdadeiro crescimento quando os aspetos primitivos e evoluídos convivem de forma simultânea, entrando em ressonância com o desenvolvimento do grupo e do sujeito.

Os pressupostos básicos são o produto de fantasias grupais, onnipotentes e mágicas, primitivas e universais, de realização dos desejos e que correspondem às primeiras *matrizes vinculares* internalizadas, conceito que será referenciado mais à frente.

Para Bion (1950/1961), e conforme já abordado, existe um sistema protomenta ou uma matriz em que predomina a indiferenciação biológica-psicológica e da qual surgem os fenómenos emocionais básicos. Segundo Fernandes, Bion propõe que a investigação do terapeuta se efetue nas etapas protomentais das suposições básicas (ou pressupostos básicos) assim como na relação dos sujeitos com uma dada suposição. Refere ainda que a mentalidade grupal, conceito apresentado por Bion, parece ter uma natureza onírico-mítica, uma vez que a comunicação inerente aos pressupostos básicos, assim como nos mitos, tem um carácter coletivo e uma autoria anónima.

Posteriormente, em *Uma Memória do Futuro*, Bion vai utilizar a designação de pré-natais do sistema somatopsicótico em vez de sistema protomenta, preconizando que é necessário integrar as partes pré-natais da personalidade, articulá-las com os pós-natais, visando o crescimento e transformação individual.

Hopper (1997) descreve um quarto pressuposto básico que designou por *massificação/agregação*. Trata-se de um mecanismo defensivo que impede a coexistência da diferenciação e comunicação, aspetos fundamentais da dinâmica grupal.

Torres (2010), refere que Bion dotado de uma perspectiva não dualista e não reducionista, tentou integrar o corpo, a mente, a experiência social e pessoal do indivíduo, num quadro psicossocial, visando assim apresentar e desenvolver uma perspectiva binocular. De mencionar, também aqui, a relevância que Bion deu ao conceito de protopensamento ou protomenta, como designando as primitivas impressões sensoriais e experiências emocionais, ainda não atingindo o estatuto de pensamentos, e que são evacuados, como elementos beta, nomeadamente nos pressupostos básicos.

Para Brown (1998) o grupo nunca é ideal, é sim aquilo que os seus membros e o grupo como um todo, fizer do bom e do mau, que vai determinar o processo terapêutico, tendo em consideração a singularidade de cada um, a imparcialidade e o desenvolvimento da capacidade para conhecer os outros.

Nitsun (1996), quando aborda o seu interessante conceito de antigro, ao referir-se às forças destrutivas que potencialmente existem na matriz, entende que Bion, nomeadamente na sua conceptualização dos pressupostos básicos, preconiza de facto, também, a existência deste antigro e desenvolve toda uma ideia de que o grupo além dos fatores de crescimento que

proporciona, tem uma agressividade/destrutividade inerente que pode ser canalizada de diferentes modos.

Para Nitsun (1996) o antigupo está implícito na própria estrutura e organização dos pressupostos básicos e afeta o funcionamento do grupo como tal. No pressuposto básico de dependência o grupo está fortemente organizado em torno do líder, surgindo perante este como uma massa indiferenciada entre os seus elementos. No pressuposto de luta e fuga, o grupo pode desorganizar-se ou desaparecer na fase da fuga e dividir-se em subgrupos e fações na fase da luta, também uma situação desagregadora do grupo. No pressuposto de acasalamento, os elementos do grupo ficam como que observadores dos acontecimentos. Todos estes aspetos interferem e condicionam fortemente a interação de grupo e a relação entre os seus membros.

Pelo contrário, parece que Foulkes enfatizou o potencial construtivo da matriz do grupo mas não valorizando os aspetos potencialmente destrutivos do mesmo. De facto, Foulkes afirmou repetidas vezes que tinha consciência dos fatores destrutivos que surgem no grupo assim como da sua crença na existência do instinto de morte mas não desenvolveu, no contexto da análise de grupo, um método mais consistente de compreensão e de trabalho com estes fatores que pudesse ser útil em termos terapêuticos. Não parece ter tido suficientemente em conta o jogo complexo de interações entre os aspetos construtivos e destrutivos que aparecem na matriz do grupo e suas consequências. Foulkes em 1936 na sua única visita a Freud refere que este lhe perguntou a sua opinião acerca da situação do nazismo na Alemanha e da possibilidade da guerra, tendo Foulkes ficado com a impressão clara do pessimismo de Freud e da sua convicção no instinto de morte. Também Foulkes (1964/2002) acreditava na existência de uma força autodestrutiva primária e na presença constante da destruição. Afirma que o neurótico é disruptivo no grupo porque também o foi na sua relação com o seu grupo original, isto do ponto de vista evolutivo, sendo assim a expressão de tendências agressivas e destrutivas.

Segundo Nitsun, existe uma tendência para hipervalorizar os efeitos positivos do grupo analítico e menorizar os destrutivos. Foulkes deu ênfase à importância do funcionamento do grupo como um todo, transmitindo uma certa ilusão de unidade e equilíbrio, ainda que o funcionamento do grupo se caracterize também por desequilíbrios. Nitsun alega que o conceito de matriz definida por Foulkes, sendo um conceito central, é

demasiado generalista e vago, obscurecendo aspetos e detalhes do processo de grupo. A noção do indivíduo como um ponto nodal na matriz se transmite por um lado, uma ideia de unidade e indivisibilidade, por outro, não parece ter devidamente em consideração a diferença individual e as barreiras relacionais. Na matriz surgem fenómenos derivados do antigrupos, como o de *espelhamento maligno* (Zinkin, 1983) e de *espelhamento não dialógico* (Pines, 1982).

A conceptualização de Foulkes do grupo analítico é consonante com a descrição de *Eros* e o *instinto de vida*, enquanto força para aglomerar as partículas primárias dos quatro elementos da natureza numa só unidade, algo semelhante ao que se passa, metaforicamente, na sua conceção de matriz de grupo e na ênfase no grupo como um todo. Por outro lado, Nitsun entende que *Thanatos*, o instinto de morte, está ausente no modelo de Foulkes e deste modo constitui uma falta significativa a este nível. Esta situação torna-se muito interessante de ser compreendida uma vez que Foulkes era um psicanalista clássico, nomeadamente na aceitação de todo um conjunto de conceitos inerentes à psicanálise. De relevar aqui, no entanto, a sua relutância em aceitar a teoria das relações de objeto o que não deixa de ser algo curioso para um grupanalista.

Para Nitsun (1996), Foulkes teve que afirmar os méritos da grupo-análise enfatizando os aspetos positivos e construtivos da mesma, até porque este método não era aceite pela sociedade britânica de psicanálise e era necessário defendê-lo. Talvez por isto e também porque sentiu necessidade de transmitir uma visão reparadora e de esperança da sociedade, num contexto, na época, de guerra e destruição alargada, que Foulkes não relevou os aspetos potencialmente destrutivos no e do grupo. Karterud (1992), citado por Nitsun (1996), refere que mais do que a idealização de Foulkes pelos grupos, a idealização institucionalizada de Foulkes na sociedade grupo-analítica, contribuiu como um fator de coesão entre os grupanalistas contra qualquer ameaça de conflito interno ou desagregação, reforçando assim os seus princípios. Nitsun argumenta que estes dois aspetos combinados, a idealização de Foulkes pelos grupos e a idealização do próprio Foulkes, representam um espelho da relação entre o domínio teórico e institucional, de modo a se manter o *status quo* na grupo-análise.

Para Nitsun (1996), o antigrupos é um processo que surge usualmente nos grupos e ao qual o analista tem que estar constantemente atento. Caracteriza-se, sumariamente, por ser um processo e não propriamente uma entidade fixa no grupo; este processo varia de grupo para

grupo; está latente em múltiplas formas; expressa-se através do indivíduo, subgrupos e no grupo como um todo; manifesta-se na agressividade/agressão dentro do grupo e contra o grupo; deriva das características individuais e do grupo; pode ser entendido em termos dialéticos como sendo o “pró-grupo” a tese, e o antigrupo a antítese; é um processo que é complementar aos aspetos transformativos e criativos no grupo e que reflete também, em grande parte, as estruturas socioculturais e políticas.

Por exemplo, certas dificuldades de comunicação que surgem na matriz podem ser a expressão do antigrupo. Podem manifestar-se a um nível individual, em vários indivíduos ou no grupo como um todo. Também uma maciça identificação projetiva pode cumprir esta função.

Nitsun usa o termo *comunicação contaminante* para descrever o fenómeno em que um elemento do grupo refere sentir-se pior após comunicar uma parte do *self*, quer por se ter revelado ao grupo, quer devido ao *feed-back* negativo do mesmo. O indivíduo reage como que contaminado e esta contaminação pode estender-se no grupo através de um processo de identificação mútua. Este processo perverte um aspeto muito importante na comunicação no grupo que é a necessidade de sintonia, tão vital para a reparação das falhas precoces que o sujeito terá sofrido no seu desenvolvimento. Também as exigências do grupo, na sua complexidade e imprevisibilidade, podem, em certas circunstâncias, afetar o próprio aparelho de pensar, desorganizando-o e perturbando a sua transformação, ou seja, na linguagem de Bion prevalecendo -k.

Mas também é na matriz do grupo que ocorrem os processos de transformação e onde a dialética grupo-antigrupo origina o novo e a mudança. Nitsun considera que o conceito de matriz de Foulkes, sendo geral e idealizado, torna difícil a identificação dos elementos de transformação e de como o processo ocorre. É necessário analisá-los mais detalhadamente e de uma forma mais sistematizada.

Nitsun (1996) entende que o condutor do grupo tem um papel muito importante para detetar e lidar com as manifestações do antigrupo. Deve estar bastante atento, reforçando as ligações entre os seus elementos e prevenindo os aspetos destrutivos deste processo, tendo sempre consciência de que ele próprio faz parte integrante do grupo e sofre o impacto deste antigrupo. Este autor preconiza que se deve perspetivar uma visão integrada do antigrupo com o desenvolvimento do grupo, das forças destrutivas com as criativas, visando um

fortalecimento do grupo e uma capacidade de reparação na matriz. Entende assim que Foulkes e Bion nas suas contribuições conceptuais a este nível devem ser vistos de uma forma integrada, “not Foulkes vs. Bion or constructive vs. destructive but Foulkes and Bion, constructive and destructive”. (Nitsun, 1996, p. 287)

No entanto, esta diferença entre Bion e Foulkes, no que respeita à agressividade e potencial destrutividade no grupo, tem sido objeto de atenção. Por exemplo, Brown (2003) releva a importância de ambas as contribuições e a necessidade de integrar estas diferentes conceções, referindo que esta integração levaria a uma metapsicosociologia, à semelhança da metapsicologia em Freud, organizada em estrutura, processo e conteúdo. Na estrutura haveria que considerar a existência do grupo para além do indivíduo isolado, no processo seria inerente o desenvolvimento do sentimento de pertença, identificação e diferenciação dos outros, incluindo aqui aspetos positivos e negativos deste processo, e no conteúdo, valores vários adquiridos pelo indivíduo, tais como bom/mau, individualismo, pertença ao grupo, etc. Neste contexto as ideias de Bion sobre os pressupostos básicos e o conceito de Foulkes de matriz, podem constituir os primeiros passos para o estabelecimento desta nova referência paradigmática (Brown (1985/2000)).

Também dentro deste contexto, Cortesão (1991), conceptualiza a elaboração do negativo no grupo e conseqüente possibilidade de aquisição de um equilíbrio estético, resultante de uma visão plena da dinâmica do grupo analítico, nos seus aspetos construtivos e negativos. Refere ainda (1989) que no equilíbrio estético na matriz do grupo tem de haver espaço para *Eros* e *Thanatos*, ou seja, para a agressividade destrutiva e para a agressividade construtiva, associada ao erótico e à criatividade. A grupanalise, pela transmissão de um certo padrão grupanalítico, proporciona à matriz grupanalítica a análise e o *working through* dos impulsos de morte que surgem nesta, o que vai permitir lidar com estes no contexto sociofamiliar extra matriz de grupo. Como diz Cortesão, o desequilíbrio neurótico que é inestético e as fantasias perversas, vão substituir o equilíbrio afetivo e estético que o sujeito não adquiriu no seu desenvolvimento. Agora com o processo grupanalítico é possível proporcionar esta experiência reparadora e integrá-la numa nova arquitetura do *self*.

Para Cortesão o ódio não visa somente a destruição do objeto, a hostilidade, a aversão e o ódio, são fatores que contribuem para a estruturação do objeto como Não-Eu. Deste modo a estrutura e função do objeto vão ser dinamizadas quer pelo ódio quer pelo amor. E é este

vai-vem contínuo do amor e do ódio e a sua interpretação e *working through* que conduzem à evolução individual e da matriz grupal. O indivíduo poderá ficar então mais capacitado para lidar com os espaços de ilusão e desilusão, desenvolvendo a sua criatividade.

Talvez aqui, em relação a este aspeto da importância dada à emergência da agressividade no grupo, sua conceptualização e possíveis consequências, se possa também dizer que Cortesão, de algum modo, se encontra numa posição teórica intermédia, ou mais integrativa, entre Foulkes e Bion.

Relativamente aos aspetos destrutivos que emergem na matriz grupal, é de referir, por exemplo, que, da Escola Portuguesa, também Neto (2011), releva a importância destes aspetos e sua influência na matriz. Refere que o conjunto de interações e relações inerentes ao funcionamento de um grupo inclui um conjunto de espelhos, mais ou menos realistas, e que este espelhar pode ser fortemente distorcido, em termos transferenciais podendo atingir níveis de grande destrutividade. Trata-se do *espelhar maligno* frequente entre os indivíduos e com enorme poder destrutivo, resultante sobretudo de projeções e identificações projetivas, geradas na matriz do grupo. É necessário pois corrigir estas distorções no processo grupal.

Neto e Dinis (2010) são da opinião que os aspetos da agressividade e do ódio devem ser expressos e trabalhados nos grupos e não de modo algum evitados. Referem que os grupanalistas com as características de liderança descritas por Kernberg, deveriam mesmo promover a constituição de grupos onde a presença de indivíduos do grupo de “inimigos” permitisse a expressão verbal do ódio, sem medo, e a mentalização dos conflitos sem recorrer logo de imediato à figura do perdão que na opinião dos autores só potencia a raiva.

No próprio grupo analítico é necessário que o grupanalista esteja atento aos vínculos e configurações vinculares que se formam entre os membros do grupo e com ele próprio, nomeadamente os vínculos de natureza amorosa e os vínculos de ódio. Por exemplo o sentimento do ódio emerge frequentemente no grupo em diversas roupagens e conforme refere Zimerman (2005) este sentimento pode ser perspectivado por diferentes parâmetros teóricos: como uma expressão da pulsão de morte (Freud), da inveja primária com impulsos sádico-destrutivos (Klein), como consequência das frustrações que são impostas às crianças (psicologia do Ego), ou como uma espécie de vínculo que se caracteriza como um ódio às verdades inaceitáveis para o indivíduo (aqui na ótica de Bion). Todos estes aspetos exigem o

estabelecimento de um padrão grupalítico bem definido para que o grupo não progrida para uma potencial espiral de aniquilamento

Estas diferentes perspectivas têm inerentes implicações na forma de perceber as potencialidades e riscos do grupo analítico. De que modo é que a matriz do grupo é condicionada e condiciona todos estes aspetos, constitui seguramente motivo de debate e investigação.

Tubert-Oklander (2010) refere-se também ao conceito de matriz perspectivando-a de uma forma multidimensional. Para este autor todos os fenómenos mentais quer sejam intrapessoais, interpessoais ou transpessoais, têm uma organização matricial. A personalidade é ela própria uma matriz aberta pelo que não existe uma descontinuidade entre esta e as matrizes interpessoais, grupais, institucionais e sociais, ainda que cada uma destas tenha características específicas. Todos os pensamentos, comportamentos e experiências, inscrevem-se nestas redes nas quais o ser humano está inserido. Para Tubert-Oklander a situação analítica, individual ou de grupo, é como que um condensador destes processos permitindo observar a sua natureza.

Fernandes (2003b), por sua vez, recorda que a organização interna individual é formada por matrizes vinculares, resultantes da introjeção da relação do sujeito com a figura materna. Segundo Fernandes, o bebé introjeta as estruturas vinculares, a partir do mundo externo, inicialmente com os pais, passando a conservá-las como padrão e a matriz vincular básica será a matriz edipiana. Refere ainda que o carácter é então constituído pelas matrizes vinculares, configuradas como fantasias inconscientes. Esta conceção enquadra-se dentro da perspectiva da psicanálise das configurações vinculares ou psicanálise vincular. Trata-se de uma forma de organizar conhecimentos existentes e perspetivar um campo de estudo mais alargado no âmbito da psicanálise, sobretudo em relação aos grupos, famílias, casais e organizações.

Pichon-Rivière (1982/2000) deu uma grande importância ao conceito de vínculo. Neste sentido, ampliou o conceito de relação de objeto, propondo uma estrutura mais complexa, contendo um sujeito e um objeto em interação, com expressões internas e externas, que se influenciam mutuamente. Para este autor o vínculo é assim uma estrutura dinâmica que relacionado com motivações psicológicas vai repercutir-se em comportamentos que se expressam no campo psicológico interno e externo. Segundo Rivière o conceito de vínculo

deve ser encarado de uma forma mais abrangente. De algum modo o vínculo é mais concreto do que o conceito de relação de objeto que representa apenas a parte interna do vínculo. O vínculo será então uma relação específica com o objeto que inclui o comportamento.

Bion foi outro dos autores que desenvolveu o conceito de vínculo, numa perspectiva diferente, e deu relevo ao campo vincular que se estabelece na relação analítica. Caracterizou o vínculo como uma estrutura relacional e emocional entre duas ou mais pessoas ou entre partes separadas da mesma pessoa. Além de formalizar o vínculo do conhecimento (K) refere mais dois tipos de vínculos, o vínculo do amor (L) e o vínculo do Ódio (H). Todos estes se organizam no sujeito de forma específica originando diferentes configurações vinculares.

Segundo Zimmerman (2004), muitos outros autores como por exemplo, Ferenczi, Balint, Winnicott, Kohut, Aulagnier, Mahler, Tustin, entre outros, deram uma importância significativa ao primitivo vínculo mãe-bebê e por analogia à relação do analista – analisando, mas terá sido provavelmente Bion a desenvolver de uma forma mais clara e estruturada o modo como os vínculos se combinam e sua importância para a clínica.

Conforme Zimmerman (1995):

O termo “vínculo” designa uma experiência emocional pela qual duas pessoas, ou duas partes de uma pessoa (consciente e inconsciente; id e superego; parte psicótica e parte não-psicótica da personalidade, etc.) estão relacionadas uma com a outra. (Zimmerman, 1995, p. 157)

Refere Zimmerman (2005), o conceito de vínculo abrange três planos diferentes. São eles o plano intrapessoal que se refere aos diferentes tipos e vicissitudes dos objetos internalizados, o plano interpessoal, que se refere às relações do indivíduo com o real externo, e o transpessoal, aqueles vínculos que o indivíduo pode estabelecer com as regras, valores, crenças, etc. Propõe um quarto tipo de vínculo, o do reconhecimento (R) que alude à necessidade vital de todos nós nos sentirmos reconhecidos e utiliza o termo reconhecer em quatro facetas, que são elas o reconhecimento de si próprio, o reconhecimento do outro como alguém distinto de si, o ser reconhecido ao outro como expressão de agradecimento e o ser reconhecido pelo outro.

Eiguer (2005/2013) considera que o vínculo intersubjetivo conduz a uma nova formulação metapsicológica. A perspectiva intersubjetiva está para além do processo transferência/contratransferência e a própria subjetividade do analista está bastante marcada por este processo. Para este autor o vínculo intersubjetivo pode ser equacionado em quatro

aspectos que designa pelos “quatro R”. São eles: (a) O respeito, que pressupõe que no vínculo os intervenientes não se julguem; (b) O reconhecimento, que implica a noção da diferença face ao outro; (c) A responsabilidade, que implica ter em consideração o sofrimento e o destino do outro; (d) A reciprocidade, que implica investimento mútuo numa intersubjetividade criativa.

Eiguer (2005/2013) refere que o processo analítico cria um campo dinâmico, campo este que é estimulado por esta intersubjetividade e que não é previsível antes da relação analista-analisando. Conforme refere ainda este autor, Baranger em 1994, nomeou-o de *campo intersubjetivo*, levando também Ferro em 1996, a aludir à ideia de “matriz de histórias possíveis”, “como lugar de criatividade em que a recordação do paciente pode ser narrada de diversas maneiras e a sua história reconstruída; o sentido simbólico torna-se, dessa forma mais, acessível” (Eiguer 2005/2013, p. 61).

Outro exemplo da utilização do conceito de vínculo vem de Puget e Berenstein (1986) conforme referem Fernandes e Svartman (2003). Para estes autores os vínculos podem ser classificados do seguinte modo: (a) Os vínculos de sangue; (b) Os vínculos de aliança; (c) O vínculo narcisista dual ou adesivo; (d) O vínculo de posse; (e) O vínculo de controlo; (f) O vínculo amoroso. Puget e Berenstein preconizaram um modelo de aparelho psíquico organizado em zonas diferentes designadas por espaços psíquicos: Espaço intrapsíquico (intrasubjetivo); espaço intersubjetivo e espaço transubjetivo. Reservam o conceito de vínculo mais para o plano da intersubjetividade com ênfase nas possíveis configurações vinculares. Estas três áreas convivem simultaneamente, têm vida própria, emergindo mais uma ou outra dependendo da situação, constituindo um sistema psicológico (ou um aparelho psíquico) aberto

Léon Grinberg e Rebeca Grinberg, no que respeita à construção da identidade, referem que esta resulta de um processo de interação contínua de três vínculos de integração: o vínculo espacial, o vínculo temporal e o vínculo grupal ou social (Grinberg & Grinberg, 1971/1998). Com o evoluir do processo analítico, assim como no genético-evolutivo, estes três vínculos vão-se consolidando, organizando o sentimento de si.

Para Kaës (1999/2003) as identificações são a matéria- prima do vínculo grupal e a dimensão grupal destas, pode ser observada ao longo das fases de desenvolvimento do sujeito. O vínculo tem para este uma função continente (Bion) ou de ancoragem (Kaës). Sendo o

intraprésiquico determinante no conceito de vínculo é no grupo introjetado precocemente que este tem a sua origem.

Relativamente à matriz grupal, Kaës considerava esta como um dos organizadores do grupo, mas não concordava com a noção de mentalidade grupal.

Kaës, em 1976, desenvolve o seu conceito de aparelho psíquico grupal (APG), definindo-o de uma forma mais clara em 1993. O aparelho psíquico grupal aparece como a construção psíquica comum dos membros do grupo. Nas palavras do próprio Kaës:

O aparelho psíquico grupal é um “aparelho” irredutível ao aparelho psíquico individual, não sendo uma extrapolação deste. Este aparelho cumpre um trabalho psíquico particular: produzir e tratar a realidade psíquica de *e* no grupo. Trata-se de um dispositivo de ligação e de transformação de elementos psíquicos funcionando apenas com as contribuições dos seus sujeitos. (Kaës, 1999/2003, p.67)

Fernandes (2003d) faz uma síntese integrativa deste conceito, enfatizando as várias características do mesmo. Assim, refere que o APG é uma construção comum, como se fosse um objeto intermediário e um espaço transicional, em que cada membro do grupo percebe no outro um reflexo do seu próprio grupo interno. Deste modo, os membros do grupo partilham de uma ilusão uma vez que o APG está interiorizado em cada um dos seus membros, tornando-se num património conjunto. Refere também que este conceito não tem uma base material biológica fixa, mas sim trata-se de uma entidade dinâmica. Também o APG depende da vinculação dos sujeitos, sendo um dispositivo de ligação e transformação de elementos psíquicos. O APG tem operadores que permitem a passagem e a transformação entre as psiques individuais e o espaço intersubjetivo grupal. Refere ainda Kaës que uma das funções do APG é constituir uma unidade imaginária e mobilizar a energia pulsional nos seus membros, transformando-a e ligando-a a representações ou desviá-la ao serviço do grupo.

Kaës numa perspectiva de análise histórica, entende que Freud dedica uma atenção explícita aos fenómenos de grupo e de massa. A partir de Projeto para uma Psicologia Científica (1895) e dos Estudos sobre a Histeria (1895), o grupo surge como um modelo da organização e do funcionamento intraprésiquico. Segundo Kaës:

Freud nomeia grupo psíquico (der psychische Gruppe) um conjunto de elementos (neurónios, representações, afectos, pulsões,...), ligados entre si por investimentos mútuos, formando uma certa massa e funcionando como atractores de ligação. O grupo psíquico é dotado de forças e de princípios de organização específicos, de um sistema de protecção e de representação-

delegação do próprio a uma parte do próprio; (...) O primeiro esboço freudiano de uma definição do Ego é a de um grupo psíquico; a primeira representação do Inconsciente é a de um grupo psíquico clivado. (Kaës, 1999/2003, p. 22)

Freud fala da hipótese da existência de uma psique de massa (*Massenpsyche*) ou de uma alma de grupo (*Gruppenseele*), o que, segundo Kaës, supõe formações e processos psíquicos que serão inerentes aos conjuntos intersubjetivos, implicando assim que a realidade psíquica não está totalmente localizada no aparelho psíquico do sujeito.

Para Kaës (1999/2003), dos estudos de Freud podem-se conceptualizar três modelos de agrupamento que vão constituir as bases do desenvolvimento das teorias psicanalíticas de grupo. Assim, estes modelos constituem três hipóteses fundamentais, a primeira a existência de uma organização grupal da psique individual, a segunda, a hipótese de o grupo ser o lugar de uma realidade psíquica específica, e por último, a hipótese da realidade psíquica do grupo preceder o sujeito e a estrutura. Ora esta constatação a partir de Freud é extremamente interessante para visualizar a sua contribuição para o entendimento da relação do indivíduo com o grupo e formação do aparelho psicológico, assim como a relação com a matriz de grupo.

Kaës (1999/2003) aborda três modelos inerentes à compreensão dos grupos como entidade. São eles, os modelos funcionalistas, os modelos estruturalistas e os modelos de transformação. Os primeiros referem-se sobretudo às funções cumpridas pelo grupo, dos processos e dos indivíduos que o compõem. Os segundos concebem o grupo como um conjunto cujos elementos se encontram reunidos por uma lei de composição, que faz com que para além da possível mudança desses elementos, se mantenha a estrutura do grupo. Para Kaës o conceito de matriz de grupo em Foulkes poder-se à integrar no quadro deste modelo. Por outro lado os modelos de transformação evidenciam os vínculos entre os elementos do grupo e de cada um para o grupo como um todo, focando-se, como diz Kaës, na articulação dialética entre os espaços psíquicos do grupo e o do sujeito membro do grupo. São modelos que descrevem os processos de transformação da estrutura do grupo e dos seus elementos. O conceito de APG, pelas características já enunciadas anteriormente insere-se dentro desta tipologia de modelos de transformação.

No plano das teorias da comunicação, Bateson e colaboradores da Escola de Palo Alto, descreveram, em 1955, o conceito de *duplo vínculo* como uma situação “armadilhada” de

interação em que a criança se poderá encontrar na sua relação com a figura materna e que afetaria o seu desenvolvimento psicológico, ao ponto de poder estar na gênese da organização psicótica, nomeadamente da esquizofrenia (Bateson, Jackson, Haley, & Weakland, 1956/1987; Bateson, 1969/1987).

Na dinâmica grupanalítica os vínculos presentes na matriz são ativados e aparecem nos diferentes tipos de comunicação, nomeadamente a verbal e não-verbal.

A neurose de transferência e a sua interpretação ocorrem no contexto de certas configurações vinculares, nomeadamente entre o grupanalista e o analisando ou entre o grupanalista e o grupo. A interpretação da neurose de transferência grupal é potencialmente condicionada pela contratransferência do analista e situa-se sempre numa rede de relações vinculares.

A grupanalise é um espaço privilegiado de comunicação e pelas suas características, é um terreno no qual se tornam claros os diferentes tipos de vínculos. Ao longo da grupanalise e a par com a evolução do analisando vão-se reformulando certas configurações vinculares, dando lugar a vínculos mais elaborados no plano genital e predominando a diferenciação do *self*.

É de referir também aqui o interesse da reflexão que se pode fazer sobre a importância da teoria da *vinculação* para a psicanálise e grupanalise, nomeadamente no que respeita à precocidade da vinculação, à sua qualidade e impacto do real externo no desenvolvimento individual. Bowlby (1969/1982) procura fundamentar a sua conceptualização teórica, integrando num contexto evolucionista princípios da psicanálise, etiologia e biologia. Utilizou métodos de observação direta dos comportamentos individuais e de interação familiar, relevando a importância fundamental dos primeiros acontecimentos e experiências do real externo no desenvolvimento pessoal e nas suas possíveis perturbações.

Este aspeto do impacto do real externo, e não somente no plano do fantasmático, na relação desenvolvimental do sujeito, é consonante com a importância que alguns psicanalistas, hoje em dia, atribuem à figura real do analista.

Bowlby centrou-se na relação primeira com a figura materna, as consequências da separação e a necessidade primária da vinculação, postulando a existência de uma pulsão de vinculação diferente das pulsões libidinais referidas por Freud. Posteriormente, Bowlby, numa conceção mais alargada, considera o comportamento de vinculação como qualquer ação

de um indivíduo, no sentido de procurar e manter a proximidade (e segurança) com outro, considerado, de algum modo, mais seguro face às situações. Este último aspeto tem implicações na compreensão e técnica psicanalítica, nomeadamente na relação terapêutica.

Segundo Guedeney e Guedeney (2002/2004), Bowlby preconizou que o comportamento de procura de cuidados (*care eliciting*) poderia derivar do comportamento de vinculação na infância, estabelecendo uma ligação entre a teoria da vinculação, a motivação e o processo terapêutico.

No contexto do estabelecimento de uma base de segurança (similaridades com o conceito de *aliança terapêutica*) deve fazer parte a sinceridade e a autenticidade e neste sentido são importantes as manifestações “reais” do analista (verbais e não verbais, estas últimas tão expostas na grupanálise e psicoterapia face a face), o seu modo de ser sincero e autêntico na relação com o analisando.

Na perspetiva das neurociências Allan Schore (1994) desenvolve a Teoria Regulatória da Vinculação. Este autor descreve a forma como a mãe se sintoniza com o estado emocional do bebé, numa sincronização afetiva, na qual o bebé é ativado e a mãe corrige a intensidade e a duração da sua estimulação afetiva no sentido de manter uma situação positiva na criança. Para este autor existirá um vínculo de comunicação (no plano inconsciente) numa matriz interativa (numa sintonia psicobiológica) entre os dois intervenientes.

Mitchell (2000) considera que o conceito de vinculação tem-se refinado, surgindo novas perspetivas. Refere, nomeadamente, a relação entre a qualidade da vinculação e o sentido de intersubjetividade (Fonagy e Target, 1998, citados por Mitchell, 2000). Mitchell considera que a teoria psicanalítica e a teoria da vinculação podem convergir num enriquecimento mútuo. Refere nomeadamente a perspetiva de Loewald que preconiza que relações de objeto saudáveis (por implicação, vinculações saudáveis) consistem, não tanto na separação clara do *self*, de outros, mas na capacidade de conter em tensões dialéticas, diferentes formas de relacionamento mutuamente enriquecedoras.

Foulkes (1964/2002) preconizou quatro níveis de funcionamento do grupo, desde o mais superficial até ao mais profundo. São eles o nível atual ou corrente (comunidade, sociedade, opinião pública), o nível da transferência (o grupo representa a família, pais e irmãos), o nível projetivo (outros membros como partes do *self* e partes do corpo) e o nível primordial (inconsciente coletivo). Os dois primeiros níveis correspondem à macroesfera, o

terceiro nível à microesfera e o último nível ao que designou por autocosmos. A matriz grupal resultaria então da interação constante entre estes níveis de comunicação presentes no grupo.

Pisani (2013) desenvolve estes aspetos aludindo aos grupos médios e grupos grandes (*large group*) referindo que o nível projetivo, nomeadamente onde ocorrem fenómenos como o espelhamento, ressonância, *ego-self training in action*, entre outros, são mais expressivos nos grupos médios e que o nível primordial é mais relevante no *large group*. Na sua opinião estes grupos acabam por se complementar no que respeita a promover a individuação através do diálogo.

Dentro deste contexto é interessante referir que Pisani lembra que de Maré (1989; 1990; 1991) considera que a cultura de grupo é a mentalidade de grupo e que existem três tipos de cultura que são a Biocultura (equivalente ao id da mente individual e aspetos pré-edipianos), a Sociocultura (equivalente ao superego da mente individual consistindo nas ideologias, leis morais, valores, etc) e a Idiocultura (equivalente ao ego da mente individual). Para Pisani (2013) no grupo médio a interação e o choque entre a Biocultura e a Sociocultura é transformada, através do diálogo, na Idiocultura.

Pisani (2010) num artigo sobre a contribuição de Malcom Pines para a grupanálise, refere-se à importância que este atribui ao fenómeno do espelho. Parece que o interesse de Pines por este fenómeno virá da infância por influência do trabalho do seu pai, Noe Pines, um oftalmologista. De relevar que o espelhamento e o fenómeno da ressonância fazem parte da formação da matriz de grupo. O próprio Foulkes (1957/2014) deu bastante importância ao fenómeno da ressonância referido que cada membro do grupo vai reverberar face ao que acontece no grupo consoante o nível em que se encontra a funcionar. Para Foulkes existe uma ligação estreita entre ressonância e matriz de grupo.

Segundo Pisani, o diálogo com as partes espelhadas do *self* constitui a base do próprio processo de individuação. Para este autor, Pines relevou a importância de Kohut e da psicologia do *self* para a análise de grupo, nomeadamente do seu conceito de *self objeto*. Este conceito refere-se à possibilidade do analista servir de *self objeto* para o analisando, permitindo que este, através da fantasia sobre o analista, desenvolva o seu *self* de uma forma adequada.

Ainda de acordo com Pisani (2010) mais recentemente a atenção de Pines tem-se também orientado para a relação entre a neurobiologia e a grupanálise, nomeadamente para a

importância dos *neurónios espelho* que constituem um fundamento neurobiológico para o fenómeno de espelho no grupo. Para Pines os neurónios espelho são indispensáveis para a aquisição da experiência de partilha com os outros e da possibilidade de os compreender em diversas áreas. Este processo encontra-se claramente associado ao fenómeno da ressonância

Ormay (2011) relewa a importância da descoberta dos neurónios espelho para a compreensão da dimensão social da personalidade e também para a formação de outra instância psicológica que designa por *nos*. Este autor preconiza a existência de um instinto social que leva ao desenvolvimento de uma função social da personalidade. A função do ego é mais individual e privada, de nos separar uns dos outros, a função do *nos* é mais social e grupal. Pode-se falar do meu *nos*, do teu *nos*, etc. Para Ormay a nova estrutura seria então constituída pelo id, ego e *nos*. O superego não desaparece mas forma uma ponte entre o ego e o *nos*. Através das funções do ego o sujeito tem a experiência de ser uma pessoa com a sua própria especificidade e personalidade. Cada sujeito é diferente do outro, numa entidade única. Mas simultaneamente somos seres sociais, e esta realidade aparentemente paradoxal é compreendida pela existência do ego mas também do *nos*, em constante interação. Conforme este autor o *nos* é a nossa mente social, parcialmente consciente, parcialmente inconsciente e esta última corresponde ao inconsciente social.

Segundo Ormay não se deve atribuir e sobrecarregar o ego com funções e responsabilidades que não são suas. Dá o exemplo do sentimento de culpa kleiniano, que, na sua opinião, não tem a ver com o medo da punição mas que deriva da dor que o bebé sente quando descobre que tem magoado o mesmo peito que lhe dá amor. Ora isto só pode ser explicado pelo sentimento de união que é um sentimento social. Para Ormay as psicoterapias analíticas de grupo são importantes para o desenvolvimento do *nos*, uma vez que, conforme referiu Foulkes, está nestas presente a matriz das relações sociais. Pines (2011) refere que seguramente Foulkes teria uma resposta positiva em relação a este conceito de *nos*.

Segundo Ormay (2013) a matriz grupal ajuda a compreender melhor a importância do social uma vez que, entre outros aspetos, os pontos nodais na matriz são independentes da pessoa que os ocupa. Com este conceito de *nos* é também possível desenvolver mais a conceptualização de Foulkes sobre a matriz, nomeadamente com o conceito de *matriz verbal*. Esta matriz verbal é constituída por um conjunto de termos que são utilizados na comunicação, podendo-se falar em matriz verbal pessoal e matriz verbal social. A primeira

diz respeito a todo o conjunto de palavras, que acabam por estar interligadas, utilizadas na própria linguagem pelo sujeito e desenvolve-se ao longo da sua vida. A segunda, a matriz social verbal, refere-se à linguagem/comunicação comum dentro de uma dada espécie e nos humanos num dado contexto histórico e sociocultural. A matriz verbal desempenha assim um papel central, clarificando a função da linguagem no mundo social.

Poder-se-á questionar e refletir sobre a possível relação entre o conceito de *nos* e os conceitos quer de Foulkes, da mente como um fenómeno multipessoal, quer de múltiplos *selves*, de Mitchell.

A matriz grupal é o território onde todos estes processos e fenómenos emergem e se desenvolvem. O conceito de matriz de grupo foi alvo de particular atenção, quer por Foulkes e colaboradores, quer por Cortesão que considerou que o mesmo necessitava de uma melhor definição e compreensão, aspetos estes que são abordados no próximo capítulo.

2.2.2. O Conceito de Matriz Grupal: de Foulkes a Cortesão

A matriz de grupo foi objeto de análise e amplo debate, nomeadamente no *workshop* sobre grupanalise iniciado por Foulkes, em Londres, no ano de 1966, no âmbito da Group Analytic Society. Participaram neste *workshop* V. Cohen, E. Cortesão, S. H. Foulkes, H. J. Home, H. Kaye, M. Pines e F. Shadforth (Cohen *et al*, 1967). Em 1967, este *workshop* encontrou dificuldades e dúvidas quanto a uma definição mais clara de matriz. Foulkes, por exemplo, mostrou preocupação em diferenciar os conceitos de rede e matriz, considerando que estes foram inicialmente usados de forma intercambiante mas que a rede é mais objetiva de acordo com as pessoas totais e a matriz é mais dinâmica, mais flutuante na rede (Foulkes, 1967).

Neste *workshop*, Foulkes refere que a matriz é a base operacional de todos os processos mentais e que deve ficar clara a natureza deste conceito como um constructo. Pines reforça esta última característica do conceito e que o mesmo só pode ser observado quando em ação. Cortesão considera por sua vez que o conceito está pouco definido e Kaye entende que a matriz do grupo é a experiência comum que os sujeitos têm quando estão juntos no grupo (Cohen *et al*, 1967).

Segundo Ferro (2010), a Escola Inglesa, preconizando a posição de Foulkes, dá ênfase à teoria da comunicação e da *Gestalt*, delineando uma abordagem mais eclética de intervenção em grupo. Introduce conceitos específicos de grupo como o de matriz, ressonância,

reação em espelho, e treino do ego em ação. Refere ainda esta autora que, a Escola Portuguesa, com raízes em Foulkes, destaca-se sobretudo a partir dos trabalhos de Cortesão que, nomeadamente, ao desenvolver os aspetos teóricos de Foulkes, analisa e define de uma forma mais profunda o conceito de matriz e que por sua vez introduz novos conceitos como os de padrão grupanalítico e equilíbrio estético.

Estes conceitos e fenómenos de grupo estão inter-relacionados e, claramente, tudo se passa na matriz de grupo. O treino do ego em ação surge como um fator terapêutico essencial para Foulkes, e de algum modo representa a sua conceptualização de grupo-análise. Em relação à importância do estabelecimento e resolução da neurose de transferência em grupo, Foulkes tem uma perspetiva diferente da preconizada por Cortesão e pela Escola Portuguesa de Grupanálise. Foulkes, no início, negou a possibilidade do estabelecimento da neurose de transferência no contexto do grupo; num segundo tempo considerou que esta era possível assim como a sua elaboração; e, numa última fase, considerou que ainda que possível, não era de encorajar este processo, que provoca uma dependência e regressão (Foulkes, 1964; 1975).

Em contraste com a interpretação da neurose de transferência, Foulkes (1975/2002) refere-se a uma espécie de análise da transferência em ação que corresponde à ideia de análise psicodinâmica do ego em ação.

Neste sentido, Foulkes põe a ênfase no treino do ego em ação. Já em 1955, referia que a terapia grupanalítica poderia ser descrita deste modo, alertando que não se deve entender ação no sentido do agir ou *role-playing*, mas a possibilidade do indivíduo poder treinar e melhorar o funcionamento do seu ego nas interações com os outros elementos, no contexto de grupo. Posteriormente, Foulkes elabora melhor este conceito, como sendo a capacidade do indivíduo poder analisar e adaptar, na interação grupal, as diversas instâncias psicológicas, visando um funcionamento mais equilibrado.

Ribeiro (1995), na esteira de Foulkes, refere que o processo terapêutico tem por objetivo a mudança do indivíduo visando a aquisição de uma maior liberdade e independência pessoal. A função básica do analista condutor do grupo, nesta perspetiva, não será interpretar mas sim descobrir os aspetos inconscientes do grupo e do indivíduo, no aqui e agora da dinâmica grupal. A sua função é analisar o ego em ação tendo em consideração que os processos que ocorrem no grupo são sempre interpessoais, transpessoais e, de certa maneira, suprapessoais. Neste sentido a possibilidade da mudança mais efetiva deriva desta técnica do

treino do ego em ação que se revela mais importante do que a aquisição de *insight* e fazer interpretações.

Cortesão tentou clarificar o conceito de matriz e revesti-lo de um cariz analítico específico, com a introdução de outros conceitos tais como o de padrão grupanalítico, desenvolvido neste *workshop* de 1967 e o de processo grupanalítico, definido posteriormente em 1974. Estes últimos conceitos contribuem de forma específica para que o conceito de matriz grupanalítica condense, provavelmente, a própria identidade da teoria e técnica grupanalítica da Escola Portuguesa de Grupanálise. O conceito de padrão, nomeadamente, foi sendo objeto de discussão e não é aceite por outras escolas de psicoterapia analítica de grupo ou de grupo-análise, como, por exemplo, a Escola Inglesa. Foulkes (1967) considerou a palavra padrão como podendo ser enganadora e referiu ser necessário procurar outra designação.

Cortesão sempre considerou importante a função do grupanalista e o seu lugar específico no grupo. Já em 1958, em *A psicologia do grupo e a higiene mental*, Cortesão referia que se o grupo não tem terapeuta ou líder vão-se estabelecer muralhas espessas entre os membros do grupo e a comunicação torna-se assim difícil. O grupo está mal organizado e as relações são difíceis. Com um terapeuta ou líder o grupo organiza-se e as relações entre os seus membros vão sendo cada vez mais intensas (Cortesão, 1958).

No *workshop* de Londres, em 1967, Cortesão debateu o conceito de matriz referindo parecer faltar uma definição precisa (Cortesão, 1967). Desenvolve, então, o conceito de padrão e integra-o na sua conceptualização de matriz grupanalítica.

Cortesão (1967, 1981, 1989) refere que o termo matriz vem do latim e tem vários significados, nomeadamente significa uma mãe, no sentido da propagação, um animal de procriação, e o útero. Refere ainda este autor:

O Oxford English Dictionary define matrix como um lugar ou meio no qual algo é nutrido, produzido ou desenvolvido; um lugar de origem e crescimento. E um significado mais específico é oferecido pelo O. E. D. – utilização matemática na qual a matriz significa um arranjo rectangular de quantidades e símbolos.

Parece portanto que, de um ponto de vista semântico, matriz tem a sua origem em mater, no sentido de mãe no que respeita a nutrição, propagação e desenvolvimento; entidade na qual algo é nutrido, se desenvolve e cresce. Podemos então assumir que com o desenvolvimento e diferenciação dos valores sociais, este contexto primitivo adquiriu significações mais amplas,

como em “matrícula”, a qual implica a conotação de ligado a uma matriz, bem como relacionado (com) e dependente (de). Mas é evidente, também, que uma matriz em si mesma não seria suficiente para oferecer qualidade específica, forma, carácter, significação, etc. Tais dimensões, com uma conotação analítica específica, tornam-se compreensíveis quando o conceito de matriz se interliga com o conceito de padrão. (Cortesão, 1981, citado por Cortesão, 1989, p. 94)

Cortesão considerou que a definição de matriz de Foulkes era insuficiente e não explicativa para uma teoria da técnica grupalítica. Introduziu o conceito de padrão que, conforme já foi referido, encontrou fortes resistências em Foulkes e que continua atualmente a ter resistências na Escola Inglesa. Foulkes considerava que este conceito de padrão não era apropriado e era enganador, dando um papel demasiado relevante e padronizado ao grupalista, face ao grupo. No entanto, Cortesão considerou que este conceito assim como o de processo grupalítico transmitiam uma vertente especificamente mais analítica à grupalise.

A definição de um processo grupalítico foi apresentada, pela primeira vez, por Cortesão, no I Simpósio Europeu de Grupalise, que decorreu em Setembro de 1970, no Estoril (Cortesão, 1971). Posteriormente, em 1974, no âmbito de um *workshop*, em Londres (Cortesão 1974) propôs uma definição, a qual foi apresentada também posteriormente por Cortesão e definida do seguinte modo:

Processo grupalítico é o modo pelo qual as várias dimensões teóricas e técnicas – que contribuem para dar corpo e forma à terapia grupalítica – são estruturadas, organizadas e desempenham uma função. (Cortesão, 1989, p. 31)

O conceito de processo grupalítico poderá ter compreensivelmente alguma analogia com o conceito mais alargado de processo analítico ainda que tenha características específicas à situação grupalítica.

O conceito de processo analítico, conforme é referido por Santos e Zaslavsky (2007) é o conjunto de características que vão definir o que é o tratamento analítico *per se*. Segundo Vaughan e Roose (1995), citados por Santos e Zaslavsky (2007) o conceito de processo analítico introduzido por Freud em 1913 tornou-se um conceito universal na bibliografia e um dos principais da teoria e prática clínica. Santos e Zaslavsky (2007) referem que alguns autores, debruçando-se sobre a conceptualização de Freud sobre o processo concluíram que este caracterizou o processo analítico em três aspetos a serem considerados: 1) como um processo de mudança do sujeito; 2) como um processo com vida própria, de modo algo

independente do analisando e analista; 3) consistindo em quatro elementos que são a associação livre, a resistência, a interpretação e a elaboração.

Presentemente não se atribui ao analista pouca influência no processo, muito pelo contrário, mas é necessário também situar Freud no seu contexto histórico e científico. Conforme Santos e Zaslavsky (2007) Freud escreveu no âmbito do modelo científico do século XIX, caracterizado pela influência da física, biologia e química que orientavam os critérios de cientificidade. Neste paradigma o observador estava separado do fenômeno observado numa posição que se pensava neutra. Referem, ainda, que Etchegoyen (1985/1987) distingue processo, de situação analítica, entendendo esta última como o lugar e o espaço onde se estabelece a relação entre analisando e analista com papéis e objetivos bem definidos. Por outro lado estes autores referem que Thomä e Kächelle (1985/1992) abordam o processo de modo diferente. Para eles o que é importante saber não é o que o processo é mas o que o torna o que ele é, e mais, o que o processo não deve ser.

De qualquer modo mesmo este conceito não é consensual na sua definição entre os diversos autores e continua aberto na sua conceptualização.

Por sua vez Cortesão definiu padrão grupanalítico do seguinte modo:

O padrão grupanalítico consiste na natureza de atitudes específicas que o grupanalista transmite e sustém na matriz grupanalítica, com uma função interpretativa, que fomenta e desenvolve o processo grupanalítico.

A elaboração terapêutica daqui resultante favorece o propósito de induzir a significação e diferenciação do Self individual. (Cortesão, 1989, p. 125)

Cortesão (1989) refere que padrão deriva do termo francês medieval *patron*, e este, por seu lado, deriva do latim *pater* e *patronus*. Deste modo, Cortesão considera que o termo padrão tem uma conotação associada a imitação, copiar, desenhar, esboçar, entre outras similares. Possivelmente do ponto de vista semântico e da sua origem, o termo vem de *pa*, que provavelmente deriva do sânscrito, onde *pa* tem um significado associado a nutrir, semear, fomentar. E é nesta última acessão que este autor entende que padrão transmite uma ideia daquilo que é posto, é semeado, dentro da matriz para que algo se desenvolva.

Este autor continua a sua explicação fazendo uma analogia curiosa a propósito de rede, de matriz e de padrão (Cortesão, 1989). A rede é como se fossem canais de comunicação, tendo estabelecido uma associação com o conceito de *rede neuronal* do sistema nervoso, de Goldstein, e também com uma rede de vasos sanguíneos. A matriz estaria aqui mais associada

ao teor sanguíneo, à distribuição do sangue, enfim, aos processos metabólicos. O padrão grupalítico seria o coração que bombeia o sangue, mas tudo isto funciona de forma interdependente. De algum modo, e dentro de um determinado referencial, poder-se à dizer que padrão terá uma conotação mais masculina e paterna e matriz uma conotação mais feminina e materna.

Curiosamente, e apesar da controvérsia referida face ao conceito de padrão, Wilke (2014) preconiza a necessidade do grupo ter as duas posições, materna e paterna. Estas duas posições estariam em interação constante, a primeira numa perspectiva de objeto prestador de cuidados e a segunda de objeto que indica a direção. Nenhuma deve dominar sobre a outra mas sim constituir-se uma síntese dialética das duas. Deste modo existirá a matriz (*matrix*) e o *patrix*, correspondendo este último à posição daquele que direciona. Não deixa de ser curiosa a similaridade entre os termos *padrão* e *patrix*.

Cortesão (1989) refere que o padrão grupalítico tem três dimensões que o caracterizam: a sua natureza, a função e o propósito. A natureza do padrão encontra-se associada ao grupalista enquanto pessoa, com características próprias de personalidade, pela representação internalizada das matrizes familiares e socioculturais que naturalmente o influenciaram e ainda pelo treino analítico pessoal adquirido na sua análise didática. Encontra-se também associada à sua função de transmissor, para o qual contribuiu o curso de formação da grupalise, a supervisão e uma constante contemporaneidade da informação científica. A função exprime-se por intervenções e interpretações que vão comutar os diferentes níveis de experiência e interpretação no grupo. Por último, o propósito visa a indução e manutenção na matriz grupalítica do processo grupalítico que vai promover a elaboração terapêutica, a reconstrução e a significação individual na diferenciação do *Self*.

Cortesão (1989) considera que o grupalista através da sua atitude e interpretações induz no grupo um padrão específico de relação que, por sua vez, induz a regressão. Deste modo a motivação inconsciente é estimulada e os impulsos do id emergem investidos em relações objetais do passado que poderão, nesta nova situação, serem consciencializados e elaborados. O padrão vai sendo então assimilado naturalmente pela matriz grupalítica e nunca imposto. O grupalista surge como um transmissor, um catalisador, não um líder e muito menos um padrão que tenha por objetivo proporcionar uma adaptação e conformismo.

Ancona (1992) aludindo aos conceitos de matriz e padrão refere que a matriz dinâmica vai apoderar-se do padrão exógeno e transformá-lo no seu próprio padrão endógeno, sendo para isto necessário que o grupanalista estabeleça um *setting* muito preciso.

Foulkes (1967) comentou este conceito de padrão, referindo que este pode merecer uma consideração à parte que podia ser provisoriamente definido como “o impacto específico e particular que o terapeuta causa na matriz do grupo” (p.34). No entanto, e pelas razões anteriores, Cortesão não concorda com esta visão menos ambiciosa de Foulkes, considerando que o padrão grupanalítico, nesta sua aceção, tem uma natureza, função e propósito bem definidos.

Foulkes (1975/2002) refere que o condutor do grupo tem duas funções: a função de administrador e a função de grupo-analista propriamente dita. A primeira tem a ver com tarefas como a seleção dos pacientes para o grupo e a implementação das regras e informações inerentes ao funcionamento do grupo. A segunda refere-se ao seu papel e intervenção no grupo. Para Foulkes o condutor (assim o designa) faz parte integrante do grupo embora se trate de um membro com funções obviamente particulares e diferentes dos outros. O condutor desenvolve uma atividade criativa que apela fortemente à sua intuição para lidar com as vicissitudes do grupo. Caracteriza-o a chamada atitude analítica. Esta corresponde à atitude do psicanalista na análise individual mas agora num *setting* completamente diferente. No entanto, também no grupo analítico tem que estar atento e consciente dos fenómenos psicodinâmicos tais como a transferência, resistências, defesas, a natureza inconsciente do processo, o ponto de vista estrutural, etc. Como na psicanálise não deve ter uma atitude de julgamento mas desenvolver a capacidade de escuta e o gosto pela verdade.

Para Foulkes o grupo-analista tem um papel e um lugar importantes mas o grupo tem a primazia. Uma das funções do condutor do grupo é interpretar mas para este autor o passado não deve ser procurado ativamente, este surgirá na dinâmica da situação do grupo e aí então trabalhado. Foulkes considera que não se deve estimular demasiado a transferência para o grupo-analista mas sim reenviar estes movimentos para o grupo como um todo.

Portanto, a conceção de padrão, configura o grupanalista de um modo ativo e com um papel determinante no próprio processo grupanalítico. Dinis (2005) considera que este tem um papel relevante. É o grupanalista que tem que criar as condições favoráveis para que se possa atender aos pedidos individuais dos analisandos na senda do seu crescimento psíquico. É o

grupalista que estabelece os contratos terapêuticos com os analisandos, comprometendo-se a geri-los em conjunto. Segundo César Dinis, cabe também ao grupalista estar atento e providenciar para que o grupo não se transforme apenas num grupo de entreajuda e neste desiderato, este tem que estar vigilante em relação ao funcionamento do mesmo e dos fenómenos defensivos de vária ordem que possam surgir. Em grupalise é inevitável que apareçam conflitos e se tal não acontecer de uma forma clara, o próprio analista deverá interrogar-se criticamente da sua responsabilidade neste aspeto importante do processo analítico. É ele ainda que se oferece como referência parental, aglutinando as neuroses de transferência grupal dos diversos analisandos que vão sendo analisadas pelo grupalista com a participação de todos.

Cortesão estabelece depois uma correlação entre matriz, padrão e processo grupalítico, cujas variações são mais ou menos concomitantes, fator essencial para o desenvolvimento da análise que vai permitir, em última instância, a elaboração da neurose de transferência grupal na matriz e a diferenciação dos *selves*. Nas palavras de Cortesão esta correlação processa-se em quatro pontos:

1. Cada membro do grupo possui, quando inicia a grupalise, a representação internalizada de matrizes socioculturais e familiares.
2. Pela elaboração terapêutica, na neurose de transferência grupal, aquelas representações são gradualmente assimiladas - nas dimensões de *tempo* e de *espaço* - e analisadas na contextura de processos comuns nas dimensões metapsicológica e de relação de objecto.
3. O processo grupalítico fomenta, concomitantemente, a significação individual, da diferenciação do Self para cada membro do grupo de feição única e específica. Não há dois *Selves* idênticos, ainda que o processo analítico ponha em foco similitudes de forma e conteúdo na génese de estruturas e funções.
4. O grupalista assume uma configuração e significação específicas pela transmissão, indução e sustimento do padrão grupalítico. (Cortesão, 1989, p. 125)

Já em 1974, Cortesão explicita que a neurose de transferência de grupo constitui uma parte do processo analítico de grupo e que está relacionado com todo um conjunto de fenómenos e constructos teóricos, tais como por exemplo, o padrão e a matriz, os múltiplos níveis de comunicação, a interpretação comutativa e o processo de *working through* (Cortesão, 1974).

Foulkes (1964/2002) refere-se ao conceito de *group processes* mas numa aceção diferente desta de Cortesão.

Para Cortesão (1989) o termo processo reenvia para o movimento implícito na grupanálise e para a necessidade de dar conhecimento dos métodos e procedimentos científicos utilizados. Conforme Cortesão, o termo processo deve-se enquadrar deste modo, nada tendo a ver com outras perspetivas e discussões como por exemplo, as controvérsias entre uma teoria do processo e uma teoria metapsicológica. Entende que processo deve ser entendido numa perspetiva terapêutica, mas não se dissociando da perspetiva de investigação, conferindo assim ao processo grupanalítico, o dinamismo e a reflexão que o caracterizam. E por analogia compreensiva, Cortesão alude ao próprio Freud quando este se refere ao processo terapêutico, no trabalho intitulado: *O Procedimento Psicanalítico de Freud* (1904). Ainda de referir que já em 1967, no *workshop* de Londres, Cortesão propôs que a definição de processo grupanalítico implicava a análise e eventual resolução da neurose de transferência grupal, esta inserida na matriz grupanalítica.

Ao contrário da Escola Inglesa, que não postula a elaboração da neurose de transferência, Cortesão dá importância, no tratamento grupanalítico, à elaboração da mesma, através da ação do padrão grupanalítico na matriz.

Como já referido anteriormente, este processo constitui uma especificidade da própria definição de matriz em Cortesão e da diferença, nomeadamente, em relação à definição de Foulkes. A matriz é um local de perlaboração. Este conceito é idêntico ao de *elaboração terapêutica*, *working through* ou *durcharbeit*, no original. Trata-se da elaboração pessoal que vai ocorrendo com o trabalho psicanalítico ou grupanalítico. Faz parte integrante do processo analítico e atua nas dimensões de constância e tempo. Está presente em toda a evolução grupanalítica, de forma usualmente lenta e persistente, independente da interpretação ou procedimentos mais ativos e pragmáticos, nomeadamente do grupanalista.

De acordo com o *Dicionário de Psicanálise* de Roudinesco e Plon (1997/2000), o neologismo *perlaboration* foi introduzido por Laplanche e Pontalis, em 1967, na tradução para a língua francesa do verbo alemão *durcharbeiten* (elaborar, trabalhar com cuidado) utilizado por Freud para se referir ao trabalho do inconsciente durante o processo de análise. Em português utiliza-se o termo perlaboração (elaboração inconsciente) que vai permitir ao analisando integrar uma interpretação e ultrapassar as resistências. Na língua inglesa

ducharbeiten foi traduzido por *working through* que significa literalmente “trabalhar através”. Segundo Roudinesco e Plon (1997/2000) a maioria dos autores considera que o analista também tem forte participação neste trabalho além do analisando. Referem que Melanie Klein considerava, no entanto, que a elaboração inconsciente pode ocorrer sem a participação do analista, tratando-se de uma reação espontânea do sujeito para ultrapassar a posição depressiva. Roudinesco e Plon referem também que, conscientes desta diferença, os tradutores franceses da obra de Klein introduziram dois termos para diferenciar as duas formas de *working through* que são a perlaboração e a *translaboração* (*translaboration*).

Laplanche e Pontalis (1967/1970) consideram que a perlaboração é constante durante o tratamento analítico mas atua mais em certas fases em que o tratamento parece estagnar e em que a resistência se mantém, apesar da interpretação efetuada. Na sua referência e de acordo com a tradução própria ao artigo de Freud, *Rememoração, Repetição e Perlaboração* de 1914, estes autores são da opinião de que a perlaboração é um fator propulsor do tratamento analítico semelhante à rememoração e à repetição na transferência. Do texto referido pode-se deduzir que a perlaboração atua sobre as resistências, que se desenvolve usualmente a seguir a uma interpretação, por vezes mesmo a seguir a um período de alguma estagnação, e que permite passar da recusa ou de uma aceitação intelectual para uma vivência e uma convicção. A perlaboração vai assim permitir que o analisando se liberte dos seus mecanismos repetitivos. Para estes autores impõe-se, contudo, aproximar os termos elaboração e perlaboração uma vez que existe uma analogia entre o funcionamento espontâneo do aparelho psíquico e o trabalho do tratamento.

Mijolla e Mijolla-Mellor (1999/2002) referem que a interpretação é a essência do processo analítico considerando aqui a importância do analista e do analisando. Existe um tempo menos visível e mais extenso em duração que se designa por perlaboração em que o analisando vai de facto integrar as aquisições da interpretação. Segundo estes autores e aludindo a Freud, o trabalho de perlaboração estende-se para além do tempo de análise e a análise continua ao longo da vida. Deste modo referem:

A “construção” final descrita por Freud constitui o seu coroar mais temporário que último, assinalando sobretudo que um certo ciclo é encerrado num momento preciso. A elaboração será retomada de seguida ou, pelo contrário, mais tarde, ou por vezes mesmo completamente esquecida por um e/ou outro dos protagonistas e inteiramente recomeçada às vezes anos depois.

Este diálogo assim internalizado pelo analisando constitui porventura a parte mais viva do processo. (Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 594)

Trata-se de um trabalho realizado a dois, no caso da psicanálise, e na matriz grupanalítica no caso da grupanálise. É este trabalho de transformação que constitui o objetivo da análise, esta perlaboração que se articula com o tempo necessário e não igual para o analista e analisando (s).

Amaral Dias afirma que na primeira tópica predominava a ideia de que tornar consciente o inconsciente levava à mudança do indivíduo mas que, na segunda tópica, introduziu-se o conceito de perlaboração, ou seja, é através da elaboração que pode ocorrer a transformação. Na primeira tópica haveria uma transformação direta enquanto na segunda existe perlaboração, ou seja, há um processo que conduz à transformação (Dias, 2010).

Cortesão interessou-se por este conceito de *durcharbeit*, quer do ponto de vista clínico quer do ponto de vista teórico-conceitual e abordou os aspetos da sua natureza e função. Cortesão (1989) refere que já Freud em 1914, na sua obra *Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise*, aludiu à necessidade de se desenvolver um trabalho específico (*arbeit*), que possivelmente tinha a ver com formas especiais de resistência e com o manejo da transferência. Freud vai aperfeiçoando este conceito e, mais tarde, sugere que além dos atributos dinâmico e económico, o *durcharbeit*, aparece em níveis estruturais diferentes, diferenciando a este nível resistências do id, do ego e do superego. Posteriormente, em 1937, Freud em relação a este fenómeno, vai enfatizar a relação entre paciente e analista, este aliando-se com o ego do analisando contra o id, absorvendo porções do id, conduzindo aquilo que Freud designou como síntese do ego.

Cortesão (1989), com base nas referências de Freud, entende que se podem atribuir três dimensões ao *working through* (*durcharbeit*). A primeira é a dimensão de componente do processo psicanalítico, estando neste sentido relacionado com outros componentes e conceitos como, por exemplo, a neurose de transferência, e a resistência. A segunda dimensão é tratar-se de um instrumento técnico utilizado pelo analista para a evolução analítica, e a terceira, o ser uma construção teórica com implicações metapsicológicas na sua natureza e função. Segundo Cortesão:

Do ponto de vista teórico, e na minha opinião, o *working through* abrange um significado ainda mais vasto, visto que, pela sua natureza, está imbricado nas diferentes fases da evolução genética do paciente e, pelo seu modo de acção,

está relacionado com o estabelecimento de elos significativos entre funções psíquicas que estavam dissociadas. (Cortesão, 1989, p. 271)

Realça, também, que certas expressões como “a necessidade de fazer o *working through* do material” (Cortesão, 1989, p. 274) e outras similares, são vagas e fora do contexto, possivelmente resultando de algumas confusões entre *working through*, analisar e trabalho analítico, que são de facto conceitos e procedimentos distintos. É preciso estar atento ao significado dos conceitos e a este propósito, também interessante para a presente investigação, Cortesão lembra Sandler (1973) que refere que os conceitos psicanalíticos não estão todos bem definidos, vão-se alterando nos seus significados com a evolução da psicanálise e com a modificação da sua teoria. O *working through* e o trabalho analítico são portanto instâncias diferentes, pertencendo o primeiro ao trabalho analítico como um todo e o segundo deve ser entendido como a tarefa e o propósito terapêutico entre paciente e analista, com vista ao desenvolvimento do processo psicanalítico. O *durcharbeit* ou *working through* parece ser uma das raízes do *insight* e a base para a evolução da análise. Cortesão refere-se à importância deste conceito/fenómeno também para a elaboração dos aspetos agressivos e destrutivos que surgem na matriz do grupo. O *durcharbeit* deve ser associado com a interpretação na transferência a fim de que a mudança no *insight* e na capacidade do eu para a elaboração do novo material seja eficaz.

As dimensões teóricas referidas por Cortesão (1989) são a metapsicologia e a teoria das relações de objeto, e as dimensões técnicas referem-se à matriz, ao padrão grupalítico e aos níveis de experiência e de interpretação. No âmbito da teoria das relações de objeto, Cortesão releva as contribuições de Klein, Winnicott, Balint, Bouvet, Kernberg e alude igualmente à teoria do pensamento de Bion. Esta última e a teoria kleiniana encontram-se muito associadas sobre a perspetiva da identificação projetiva. Também a atitude empática preconizada por Kohut, tem um espaço comum com a teoria das relações de objeto de Winnicott, com a identificação projetiva de Klein e com a função alfa de Bion. As dimensões teóricas são essencialmente provenientes da teoria psicanalítica e na perspetiva de Cortesão a teoria das relações de objeto é complementar da teoria metapsicológica e não antagónica. É da opinião que é importante uma integração teórica destas duas formulações numa teoria da técnica analítica. Talvez aqui na importância que atribui à relação de objeto, Cortesão se aproxime mais da perspetiva de Bion do que de Foulkes.

Guilherme Ferreira sintetiza de forma clara todos estes aspetos referidos:

Assim, o processo grupalítico que é veiculado pelas RO e assenta na interacção entre os membros do grupo, através das respectivas matrizes relacionais internas, assenta na interacção entre a matriz e o padrão grupalítico, o último dos quais vai permitir desenvolver a dimensão psicanalítica, o que o orienta e impregna. (Ferreira, 2005, p. 72)

Cortesão abordou a matriz grupalítica na dimensão fenomenológica, dinâmica e mais especificamente analítica. As suas conceptualizações permitiram integrar conceitos da teoria psicanalítica com outros da teoria da *Gestalt*, ainda com alguns ligados à teoria de campo de Kurt Lewin, aos conceitos organísmicos de Goldstein e à teoria geral dos sistemas, refletindo-se na sua conceptualização de matriz, uma vez que permitia explicar como a alternância figura e fundo que emerge dos processos de comunicação verbais e não-verbais, condiciona e estimula esta própria comunicação e o processo de evolução do grupo analítico. De relevar, no entanto, que a perspectiva psicanalítica aplicada ao grupo é aqui reforçada por este autor, dando primazia a este aspeto, que emerge, nomeadamente, na sua conceptualização de matriz grupalítica.

Guilherme Ferreira faz um interessante estudo comparativo sobre o conceito de matriz em Ruesh e Bateson (já referidos anteriormente), Foulkes, Leal, e Cortesão (Ferreira, 1992). Assim, refere que em Ruesh e Bateson, percursos do conceito de matriz, esta é aplicável às relações dos indivíduos nos vários contextos mas não tem especificamente uma dimensão terapêutica ou grupalítica, embora possa ser também aplicada neste âmbito. Considera que todos estes autores são da opinião que o conceito de matriz tem raízes sobretudo na teoria da *Gestalt* e na teoria psicanalítica. Para Cortesão a teoria psicanalítica é claramente predominante enquanto para Leal, esta releva a importância dos conceitos etológicos e comportamentalistas, talvez derivado da sua posição experimental e de investigação. Foulkes parece adotar uma perspectiva mais próxima de Ruesh e Bateson, estes autores dão ênfase à teoria da comunicação assim como à ideia de que o grupo antecede o indivíduo.

De acordo com Ferreira (1992), Foulkes considera que a psicodinâmica grupalítica se baseia em três aspetos essenciais que são a localização, a comunicação e as *esferas de relação*. A localização e a comunicação enquadram-se na noção de matriz em Ruesh e Bateson e as esferas de relação (aludindo a Wernick e Ericson), vão dar à sua conceptualização e noção de matriz uma dimensão psicanalítica (grupalítica) mas expressa em termos de relação. O treino do ego em ação como processo terapêutico que ocorre na matriz é evidenciado por Foulkes e Leal, sendo que para esta última são ainda importantes os

aspectos regressivos a níveis protoverbaux e reconstitutivos, enquanto para Cortesão o importante é a perlaboração da neurose de transferência grupal e a individualização dos *selves*.

Quanto ao papel do terapeuta, Ferreira (1992), refere que Foulkes o entendia sobretudo como um catalisador dos processos que têm lugar na matriz, Leal como um catalisador e fomentador dos processos regressivos e Cortesão relevando o conceito de padrão grupanalítico.

Ferreira (1992) considera também, no que respeita às interações na matriz grupanalítica, que Foulkes dá ênfase às esferas de relação e ao fenómeno do espelho, que Leal, além de valorizar este último fenómeno, valoriza também aquilo que designou por *matriz relacional interna*, e que Cortesão exprime estas interações em termos da teoria das relações de objeto (sobretudo por referência a Fairbairn, Balint, Winnicott e Kernberg) assim como tendo presente as noções de matriz familiar e sociocultural. Considera ainda importante o ponto de vista adaptativo e psicossocial de Rappaport que para Cortesão é a ponte entre a metapsicologia e a teoria das relações de objeto. Quanto ao fenómeno do espelho realçado por Foulkes e Leal, é de referir que se trata de um processo complexo podendo ser constituído por identificação, projeção, clivagem, introjeção e identificação projetiva.

Ferreira (1992) reforça a ideia de que do estudo da matriz decorrerá sempre a compreensão do processo grupanalítico, e que esta constituirá sempre a entidade grupanalítica por excelência.

Cortesão também foi sensível aos aspetos da inter-relação da matriz com o social. Assim, menciona que “As raízes da cultura brotam na matriz grupanalítica e dotam-na com *nuanças* que temos de tomar em linha de conta para o entendimento da comunicação” (Cortesão, 1981, citado por Cortesão, 1989, p. 97). E continua: “A investigação grupanalítica propicia a clarificação de certos fenómenos grupais, e mesmo sociais, acontecendo todavia que estes fenómenos se podem elucidar mais claramente nas perspectivas metapsicológica e de relação de objecto ocorrentes na matriz grupanalítica” (Cortesão, 1989, p. 97). Dá a este respeito o exemplo do fenómeno do *bode expiatório no grupo*, onde pode haver um dos membros que vai servir de projeção, por parte dos outros, de impulsos agressivos e ansiedades várias.

As dimensões técnicas anteriormente citadas funcionam de modo dinâmico e integrado. Os níveis de experiência e interpretação relacionam-se integralmente com a matriz e o padrão. Cortesão preconizou na grupanalise a existência de nove níveis de experiência e interpretação que são eles: *experiência subjetiva individual; experiência subjetiva múltipla; comunicação associativa; interpretação genético-evolutiva; interpretação desenvolvutiva; interpretação de significação; interpretação de criatividade; interpretação na transferência* e interpretação comutativa (Cortesão, 1989). Todos estes níveis só adquirem sentido e eficácia quando perspectivados na matriz grupanalítica, que os vai de algum modo definir e potenciar, no contexto do grupo.

A conceptualização da matriz de grupo deve ser entendida de uma forma holística, ou seja, depende da forma como se percebe o grupo e suas capacidades terapêuticas e analíticas, nas suas componentes teóricas e técnicas.

2.2.3. Outras Contribuições de Autores Portugueses

Vários autores portugueses, além de Cortesão, referem-se ao conceito de matriz grupanalítica, articulando o mesmo com a perspectiva da matriz ao nível intrapsíquico, assim como aludindo à relação deste conceito com os diversos fenómenos que ocorrem no grupo.

Relativamente à importância da definição de matriz, Dinis (2000) preconiza que este é um conceito nuclear na teoria e técnica grupanalítica. Quanto à definição de matriz, propriamente dita, Dinis realça que já a tinha considerado em 1994 como “rede de comunicação, relação e transacção emocional” (Dinis, 2000, p. 26). Seguidamente acrescenta que lhe parece que estas transacções emocionais contemplam no essencial o que se entende por vínculo, na dimensão intersubjetiva, enquanto estruturas agregando pessoas.

Quanto ao aspeto da comunicação é de relevar que esta existe constantemente na dinâmica da matriz. Tudo é comunicação, até os próprios lugares onde os membros do grupo se sentam tem um valor de comunicação. Cada um pode escolher o lugar que quiser do grupo e estas escolhas não são, muitas vezes, aleatórias mas têm um determinado significado, por exemplo, sentar-se sempre no mesmo lugar pode significar receio de mudanças, ou um sentimento de posse, ou pelo contrário, mudar frequentemente de lugar pode significar uma dificuldade em se entregar ou investir numa relação ou projeto (Melo, 2005). Mas, o conceito de matriz tem também sido conceptualizado ao nível interno ou intrapsíquico. A este respeito temos, por exemplo, o conceito de matriz relacional interna (MRI) de Maria Rita Mendes Leal

(Leal, 1968, 1968/1994, 1997), já referido anteriormente. Esta autora considera que, ao longo do seu desenvolvimento o sujeito vai estruturando esta matriz interna a partir das múltiplas vivências relacionais, desde a relação primária com a mãe até à vivência em outros grupos. No processo grupal os indivíduos transformam as suas matrizes relacionais internas, através da matriz grupal onde ocorrem trocas emocionais, movimentos regressivos e outros fenómenos, que atingem níveis protoverbiais e a repetição de situações infantis precoces.

Já em 1968 Rita Leal referia que os grupalistas preconizam que a vida humana ocorre num ciclo vida-morte e que dentro deste ciclo, as experiências do sujeito estão localizadas numa complexa rede de relações, que se pode designar por rede interna interpessoal ou matriz pessoal de grupo, ou matriz de relacionamento individual (Leal, 1968/1994). Para Leal, a perturbação psicológica do indivíduo pode ser descrita, do ponto de vista evolutivo, em termos da sua localização nas relações de grupo e surgir assim no presente, de forma repetida, na forma de perturbação da comunicação de grupo. Por seu lado, as vivências têm no indivíduo uma determinada ressonância, reflexo das experiências familiares e relacionais da infância. Continua esta autora, dizendo que “Ao descrevermos esses processos de comunicação referindo-os à matriz do grupo actual (em que o indivíduo se encontra de momento), procuramos localizar o distúrbio do indivíduo na sua ‘matriz pessoal de grupo’ (Leal, 1968/1994, p.78).

Mas o que se passa na matriz de um grupo analítico ecoa e transforma a matriz interna. Conforme Leal (1968/1994), a ressonância emocional de um espelhamento múltiplo num grupo é um fenómeno muito importante para a evolução grupal. Neste sentido, afirma:

As múltiplas reacções de complementaridade que observamos em grupos analíticos e a que damos o rótulo de “reacções de espelho”, (que encontramos em Foulkes), podem ser entendidas como repetições no “aqui e agora” de experiências infantis primárias. Nesse plano, os membros do grupo encontram-se “espelhados”, como se encontrou a criança na presença das figuras primárias de relação e, neste processo, de certa maneira, se diferenciou da “matriz” em que primeiro se constituía. (Leal, 1968/1994, p. 84)

Leal refere também:

Nesta perspectiva, da experiência “regressiva”, refere-se a acção de uma dinâmica primária grupal observável para cada participante, que se refere a uma estrutura (“grupo interno” ou “rede inter-pessoal interna de relações”), um sistema homeostático de “reacção de espelho”, dentro do qual o “feedback” múltiplo se organiza, no tempo presente. Esta estrutura grupal interna, ou rede de relações inter-pessoais é (mal ou bem) construída na

infância, reposta no “aqui-e-agora” e revivida repetitivamente no decurso do processo grupanalítico (Leal, 1968/1994, p. 85)

Neste processo, a possibilidade da regressão, com a retoma da fase relacional da reação de espelho, poderá proporcionar a ação do ego adaptativo na tarefa de integração das emoções.

Foulkes (1971b), comentando estas conceptualizações de Rita Leal, refere que aceita plenamente o conceito de rede interna interpessoal, ou matriz de relacionamento individual ou matriz pessoal de grupo, mas que prefere esta última designação. Assim, a matriz pessoal de grupo incluiria a internalização da rede familiar primária, inclusive a dimensão vertical desta. Por outro lado entende que a matriz de relacionamento individual se refere mais à rede de relações atuais significativas do sujeito.

Para Leal (1968/1994), no processo grupanalítico constata-se então a ocorrência da regressão, vivenciada por cada elemento do grupo, mas esta deve ser localizada, no aqui-e-agora, na matriz ou rede de grupo, intra e interpessoal. Para esta autora, este fenómeno de regressão não é interpretado apenas nos diversos níveis de fixação libidinal, mas é descrito como ressonância múltipla, localizada na rede de grupo. Refere:

A regressão é localizada dentro da rede de comunicação, a matriz atual do grupo, e manifesta-se como conduta repetitiva que não faz sentido no contexto atual dos relacionamentos entre os participantes reunidos, nem parece resultar dos conteúdos manifestos, da informação verbal e não-verbal que está a ser transmitida. Pelo contrário faz sentido, compreensível, por referência a conteúdos primitivos de experiência original, em que as relações de espelho se configuram, de idade em idade, como mecanismo de “feedback” estabilizador. (Leal, 1968/1994, p. 89)

De relevar, ainda, que em 1975 Rita Leal considera que o importante no processo da grupanálise são os aspetos da comunicação, nos seus vários níveis, que emergem de uma *matriz transpessoal*, termo também utilizado por Foulkes, e nesta perspetiva, a matriz de grupo será o local onde ocorrem os diversos fenómenos de grupo e a sua interpretação. Este processo conduzirá a mudanças na matriz interna de cada um dos elementos do grupo (Leal, 1975).

Dinis (1994) chamou de rede pragmática atual do grupo ao conjunto das matrizes inter-relacionais internas ativadas pela regressão, que origina a matriz de um grupo de grupanálise e onde pulsa a neurose de transferência.

Azevedo e Silva releva o grupo grupo-analítico (com a matriz, rede de comunicações verbais e comportamentais) como uma *microcultura* (Silva, 1971). Afirma que a cultura dos povos são construções complexas onde intervêm fatores de ordem racional, mágico-religiosos e outros, integrando ainda projeções inconscientes dos indivíduos que refletem a dinâmica das instâncias psíquicas (ego, superego, id). No grupo analítico pelas comunicações e comportamentos dos seus membros, vai emergir uma espécie de cultura de grupo, integrando fatores racionais e lógicos, imbricados em fatores inconscientes e mágicos. Todos estes aspetos representam uma forma de apropriação da realidade exterior e da realidade interna. Para Azevedo e Silva esta microcultura do grupo é específica de cada grupo, para além de traços universais que a integram. Cada grupo tem os seus símbolos e construções mitológicas que refletem o jogo complexo de pulsões e defesas dos seus membros. E é sobretudo nestas construções simbólicas-mitológicas que o grupanalista deve intervir através das interpretações, visando tornar progressivamente consciente o que é inconsciente. Assim a interpretação do grupanalista e as diversas intervenções de todos, fazem parte integrante da cultura daquele grupo.

Cortesão (1989) é também da opinião que a comunicação no grupo deve ser entendida de acordo com os aspetos da cultura que vão emergir na matriz grupanalítica.

No que respeita ainda ao aspeto da comunicação, Dinis (1994), entende que o grupanalista deverá estar constantemente atento à sua comunicação verbal e não-verbal, para que não seja manipulado inconscientemente pelos analisandos através da parte interativa da identificação projetiva (conforme conceptualização de Ogden). O importante é ficar mais consciente da possibilidade de estar na contratransferência a favorecer a parte interativa da transferência (aludindo a Koning). Esta lucidez, resultante do escrutínio contratransferencial, poderá permitir ao grupanalista a interpretação adequada, na e da transferência, visando o objetivo da resolução da neurose de transferência.

Qualquer interpretação a um membro do grupo alicerça-se a partir da matriz do grupo, ecoando depois nos restantes elementos (Dinis, 2000). Posteriormente (Dinis, 2002), de um modo tão estético e metafórico, refere:

Tudo acontece na matriz do grupo, essa complexíssima teia de inter e trans-subjectividades, onde circulam fervilhantes meteoros de intra-subjectividades regressivas, tantas vezes em risco de rota de colisão. Cabe, sobretudo, ao grupanalista ser o sinaleiro organizador desse tráfego imparável, emitindo

com nitidez e discernimento os sinais que evitando acidentes graves, permitam que a viagem prossiga. (Dinis, 2002, p. 12)

Dinis (2005) alude também à importância da empatia na tentativa de compreensão do outro, referindo que não se consegue mudar aquilo que não se compreende. Neste sentido refere que na sua prática clínica constata que o grupo por vezes funciona no que costuma designar por *caixa de ressonância empática*, proporcionando a oportunidade de reformulação narcísica e conseqüente amadurecimento pessoal.

Da transformação do intersubjetivo ocorrerá a transformação do intrasubjetivo, horizonte da análise que poderá possibilitar uma vivência de maior liberdade para os analisandos.

Na perspetiva da importância dos vínculos, Marques (2011), entende que a matriz grupalítica à luz do paradigma vincular pode ser vista como uma *matriz plurivincular grupalítica*, ou seja, uma rede dinâmica de interações entre os elementos do grupo, rede esta constituída pelos vínculos intrapessoais e interpessoais, estes últimos, considerando a ligação aos objetos externos.

Neto (1999) refere-se também à importância do padrão grupalítico preconizando que a integração do padrão é resultado da identificação com a função grupalítica do grupalista.

Brito (1992) realça também o papel do padrão grupalítico referindo que o grupo apropria-se do padrão e incorpora-o, como de certo modo equivalente à internalização da mãe, com a instalação da constância objetal. Ainda segundo esta autora quando a matriz se torna possuidora do padrão grupalítico isto vai repercutir-se no próprio processo grupalítico, uma vez que a matriz é um instrumento necessário para a organização da neurose de transferência e da elaboração terapêutica. O padrão vai ser integrado como um objeto constante da matriz e os *selves* individuais surgem como estruturas funcionais que podem efetuar transações mais amplas com outros objetos. Portanto, mais uma vez, o padrão grupalítico surge como um conceito importante para a caracterização da matriz grupalítica.

Filipe (2000), por sua vez, considera que os conceitos de padrão grupalítico, *zona maleável ou de transformação*, e *tempos de construção/reconstrução*, são os três hipotéticos embriões/eixos basilares que originam ou contribuem para a edificação/construção da

conceptualização de Cortesão de formação do equilíbrio estético em grupanalise (a que chama projeto harmónico criativo de mudança).

Em relação ao conceito de matriz relacional interna, de Rita Leal, Cortesão (1989) não o valoriza substancialmente, não a considerando uma possível estrutura, transformando-se numa circunstância da personalidade, o que ele designou por matriz familiar e sociocultural. Guilherme Ferreira não tem este entendimento uma vez que, na sua opinião, e numa perspectiva psicanalítica, esta matriz interna corresponderá de certo modo às concepções de estrutura, conforme desenvolvido por Hartmann ou inserida na perspectiva psicossocial de Rappaport (Ferreira, 2005).

Ferreira (2004) considera importante a formulação de uma metateoria em grupanalise, embora considere que esta poderá não ter a mesma consistência que a metapsicologia freudiana. De qualquer modo, entende que esta metateoria grupanalítica deverá centrar-se nas contribuições da filosofia e das ciências sociais como a sociologia, antropologia e psicologia social. Refere que a teoria da comunicação e as concepções de matriz, padrão e matriz relacional interna, completadas pelas concepções da *Gestalt*, nomeadamente de figura-fundo, são as que permitem melhor explicar o processo grupanalítico e assim contribuir para a possibilidade de formulação de uma metateoria grupanalítica.

Toda a evolução na grupanalise se opera por transformações progressivas na matriz grupanalítica. Poder-se-á mesmo dizer que esta funciona como um barómetro do estado do grupo. A própria seleção dos membros para um determinado grupo, depende da forma como o grupanalista percebe a matriz grupanalítica e entende que este ou aquele elemento é adequado para integrar esta ou aquela matriz.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

3. Síntese

3. Síntese

Nos capítulos anteriores são apresentados os fundamentos de uma investigação conceptual sobre o conceito de matriz grupalítica elaborado e desenvolvido por Eduardo Luís Cortesão (Cortesão, 1989) e seguido pela designada Escola Portuguesa de Grupalítica.

Este conceito de matriz grupalítica assim como o conceito de matriz de grupo (Foulkes, 1964/2002) de onde o mesmo deriva têm sido abordados por diferentes autores ao longo do tempo, com base na teoria da comunicação, na teoria da *Gestalt*, num modelo psicofísico, na teoria sistémica, vincular, na intersubjetividade, relacional, etológica, sociológica e, naturalmente, na teoria psicanalítica e grupalítica. Estas são as referências mais relevantes.

Cortesão considerou que a definição de matriz de Foulkes era insuficiente e elaborou assim o conceito de matriz grupalítica, condensando no mesmo a teoria e técnica grupalítica, segundo a perspectiva da Escola Portuguesa de Grupalítica. As suas conceptualizações permitiram integrar vários conceitos provenientes da teoria psicanalítica com conceitos da teoria da *Gestalt*, teoria do campo, teoria organísmica e teoria geral dos sistemas.

Mas o conceito de matriz grupalítica (como o conceito de matriz de grupo) não é consensual no que respeita à consistência e uniformidade da sua definição, e impacto ao nível da clínica, por parte dos diversos autores. Verificam-se diferenças na interpretação do mesmo, no relevo que é dado a mais um ou outro dos elementos que integram este conceito, no uso do conceito na prática clínica, entre outras. Estes aspetos geram muitas vezes equívocos comunicacionais e perceções menos claras deste conceito. No entanto numa perspectiva mais alargada, estes aspetos referidos poderão constituir a própria riqueza do conceito em estudo, significando que o mesmo tem um espaço amplo de significação e potencialidades de abarcar diferentes perspectivas teóricas e técnicas.

Um dos aspetos fundamentais da investigação conceptual é analisar o conceito em estudo na sua vertente implícita e interligação desta com a clínica.

Dreher (2008) refere que é importante a investigação sobre quem usa o conceito e lembra que o uso de um conceito depende do contexto, nomeadamente dos fatores

socioculturais. A investigação dos conceitos poderá permitir enriquecê-los podendo assim também alargar ou mesmo transformar as teorias que os sustentam.

Várias abordagens dos teóricos da intersubjetividade e da psicanálise relacional reforçam a ideia de que o implícito se gera e emerge na dimensão relacional do conceito.

Canestri (2006) alerta, no entanto, também para o duplo aspeto que constitui o potencial positivo e negativo das teorias implícitas. Se por um lado representam aspetos pessoais e originais dos vários autores, por outro podem levar a uma profusão de novos termos psicanalíticos e a uma menor consistência conceptual. É necessário ter em consideração de uma forma integrada todos estes aspetos.

A partir de material clínico, um grupo de trabalho da Federação Psicanalítica Europeia (constituído por Bohleber; Canestri; Denis e Fonagy) tem trabalhado sobre a compreensão das teorias públicas e oficiais assim como das conceptualizações implícitas do analista tendo, para este último efeito, concebido uma matriz para mapear teorias privadas (implícitas) na prática clínica (Canestri *et al*, 2006). Neste sentido são referidos seis vetores/dimensões de análise, já descritos anteriormente.

O método dos *dois passos* desenvolvido por Tuckett é outra forma de perceber como o analista trabalha nas sessões clínicas, nomeadamente na utilização das teorias implícitas e explícitas, públicas e privadas Tuckett (2008). Cada um dos *dois passos* tem procedimentos específicos de análise.

De qualquer modo estas duas metodologias referidas (método dos *dois passos* e *mapa*) não se aplicam às características da presente investigação uma vez que são concebidas basicamente para captar os aspetos implícitos que emergem nas sessões clínicas. Contudo e para este trabalho, estas metodologias servem de referência para o tratamento e categorização dos dados obtidos.

Vários autores têm-se debruçado sobre o conceito de matriz, quer como matriz interna, quer como matriz de grupo e matriz grupanalítica.

Foi apresentado um quadro (Quadro 2) com o resumo da revisão sistemática efetuada, onde é feita referência a aspetos centrais e contextuais dos conceitos de matriz, matriz de grupo e matriz grupanalítica, bem como aos respetivos autores, datas e artigos/livros onde constam estas referências.

Neste quadro é possível constatar as principais contribuições dos diversos autores ao longo do tempo acerca da temática em estudo, permitindo constatar a relevância do conceito de matriz nas suas diferentes vertentes, e comparação com conceitos similares ou relacionados como, entre outros, mentalidade de grupo (Bion), organizadores psíquicos inconscientes de grupo (Anzieu), aparelho psíquico grupal (Kaës), campo grupal (Zimerman), e inconsciente social (Hopper e Weinberg). Também é possível perceber neste quadro de uma forma comparativa mas integrada, o conceito de matriz grupal e aspectos da sua definição e evolução. O conceito, em si, evoluiu para o relevo dado aos aspectos da elaboração, com ênfase nas dimensões teóricas e técnicas do processo grupal. Foulkes no seu conceito de matriz de grupo tinha sobretudo posto ênfase nos aspectos da comunicação mas não referindo estas dimensões evidenciadas por Cortesão.

Todos estes aspectos e diferenças conceituais levantam questões compreensivas de interpretação e definição que justificam esta investigação conceptual e a própria metodologia utilizada.

A discussão entre o modelo pulsional e o modelo relacional na teoria psicanalítica (Greenberg & Mitchell 1983/2003, Matos, 2011a) foi também abordada, no contexto da matriz de grupo ser um espaço de relação e interação constantes, permitindo refletir acerca das repercussões destes diferentes modelos para as características da matriz.

Bion, Foulkes e Cortesão desenvolveram trabalho com grupos embora com aproximações teórico-técnicas diferentes.

Para Bion existe um sistema protomental ou uma matriz em que predomina a indiferenciação e da qual surgem os diversos fenómenos. Das contribuições de Bion surgiu o modelo que pode ser designado por vincular-dialético. A designada psicanálise vincular surge na esteira do desenvolvimento do conceito de vínculo. Nesta perspetiva, a matriz grupal pode ser concebida como um conjunto de vínculos (intrasubjetivos, intersubjetivos e transubjetivos) em interação.

Voltando a Bion (1961), este desenvolveu vários conceitos, entre eles, o de mentalidade grupal (ou mentalidade de grupo) e o conceito de pressupostos básicos, que Nitsun (1996) entende que integra em si o antigro.

Em relação a aspectos como a agressividade e destrutividade que podem surgir na matriz grupal e ameaçar o grupo, Foulkes parece ter uma conceção mais benévola do grupo,

como um espaço de construção, e Bion uma perspectiva mais pessimista, aludindo aos aspetos potencialmente destrutivos que podem surgir no mesmo.

Dentro deste contexto, Cortesão (1991), conceptualiza a elaboração do negativo no grupo e conseqüente possibilidade de aquisição de um equilíbrio estético, referindo que no equilíbrio estético na matriz do grupo tem de haver espaço para *Eros* e *Thanatos*, ou seja, para a agressividade destrutiva e para a agressividade construtiva.

Possivelmente em relação a estes aspetos poder-se-á dizer que Cortesão se encontra numa posição teórica intermédia, ou mais integrativa, entre Foulkes e Bion.

Kaës (1999/2003) refere os modelos funcionalistas, os modelos estruturalistas e os modelos de transformação como os três modelos inerentes à compreensão dos grupos como entidade. O seu conceito de aparelho psíquico grupal (APG) insere-se dentro desta tipologia de modelos de transformação.

Ormay (2011) introduz o conceito de *nos*, como uma nova instância psicológica. A compreensão desta instância psicológica é sustentada pela descoberta no campo das neurociências dos neurónios espelho. Pode-se assim referir o meu *nos*, o teu *nos*, etc.

Poder-se à refletir acerca de uma possível relação entre o conceito de *nos* e a conceção da mente como um fenómeno multipessoal (Foulkes) assim como com o conceito de múltiplos *selves* (Mitchell).

No conceito de matriz grupal, para além dos aspetos já referidos anteriormente, são de relevar os conceitos de padrão grupal e de processo grupal, que conferem uma vertente específica à conceptualização da grupalização portuguesa, nomeadamente um pendor mais analítico. O objetivo será a resolução da neurose de transferência grupal. Foulkes, por seu lado, pôs a ênfase, não na resolução da neurose de transferência, mas sim na técnica do treino do ego em ação. Também para Foulkes o grupo-analista tem uma função importante mas o grupo tem a primazia. Foulkes não aderiu ao conceito de padrão grupal e este não é aceite como tal na Escola Inglesa.

As dimensões teóricas constantes na própria definição de matriz grupal são a metapsicologia e a teoria das relações de objeto, e as dimensões técnicas aludem à matriz, ao padrão grupal e aos níveis de experiência e interpretação. Relativamente a estes

últimos, Cortesão conceptualizou na grupanalise a existência de nove níveis, desde o nível de experiência subjetiva individual ao nível de interpretação comutativa.

Vários autores portugueses têm-se referido à importância do conceito de matriz, relevando, por exemplo, as transações emocionais ou a matriz como uma rede pragmática atual (Dinis, 2000), a matriz como uma microcultura (Silva, 1971), a matriz como uma rede dinâmica de interações constituída por diferentes tipos de vínculos (Marques, 2011), a matriz na sua vertente interna e intrapsíquica (Leal, 1968). Em relação a esta última, Foulkes prefere que a mesma seja designada por matriz pessoal de grupo que inclui a internalização da rede familiar primária e a dimensão vertical desta. Cortesão, no entanto parece não relevar substancialmente este conceito de Leal.

Neto (1999) prioriza a importância do conceito de padrão grupanalítico e Filipe (2000) entende que os conceitos de padrão, zona maleável ou de transformação, e tempos de construção/reconstrução, são os aspetos fundamentais que se prendem com a conceptualização de Cortesão acerca do equilíbrio estético em grupanalise.

Ferreira (2004) preconiza a formulação de uma metateoria em grupanalise com as contribuições da filosofia e das ciências sociais. Para este autor, a teoria da comunicação e as conceções de matriz, padrão e matriz relacional interna, assim como as contribuições da teoria da *Gestalt*, permitem explicar o processo grupanalítico e a possibilidade de se elaborar uma metateoria grupanalítica.

O conceito de matriz grupanalítica é assim um conceito que centraliza a teoria e técnica grupanalítica e concomitantemente as várias discussões e contribuições entre os autores, ao nível teórico, técnico e clínico. Daqui mais uma vez a confirmação da pertinência da sua investigação conceptual.

ESTUDO EMPÍRICO

1. Objetivos

1. Objetivos

Ao nível do estudo empírico pretendeu-se investigar o modo como os grupanalistas portugueses lidam com o conceito de matriz grupanalítica, nomeadamente na prática clínica, abrangendo os aspetos explícitos e implícitos do uso do mesmo, visando assim, neste estudo, atingir um uso mais claro do conceito. Neste sentido foram efetuadas entrevistas aprofundadas a uma amostra selecionada de oito grupanalistas seniores, com atividade clínica grupanalítica, que foram posteriormente analisadas por um grupo de trabalho previamente definido.

Quanto aos resultados desta investigação, esperava-se que após a metodologia utilizada, se pudesse clarificar melhor o conceito de matriz grupanalítica, nomeadamente, a sua perceção entre os grupanalistas portugueses, assim como o modo como estes lidam com o conceito na prática clínica e o integram no seu quadro conceptual teórico mais abrangente.

A investigação sobre o conceito de matriz grupanalítica poderá assim contribuir para o desenvolvimento teórico e técnico da grupanalise.

ESTUDO EMPÍRICO

2.Método

2.Método

2.1. Tipo de estudo

Neste estudo pretende-se adaptar os pressupostos e métodos sistemáticos de investigação conceptual em psicanálise, preconizados por Sandler et al. (1991), Dreher (2000), Leuzinger-Bohleber e Fischmann (2006) e Hinshelwood (2008) à investigação conceptual em grupanálise.

Dreher (2000) refere que os dados obtidos no contexto de uma investigação podem ser provenientes de três fontes:

1. Dados primários obtidos diretamente da situação analítica.
2. Dados primários derivados, ou seja, obtidos através do analista ou de gravação, etc. São usualmente avaliados, por terceiros, posteriormente.
3. Dados extra clínicos, ou seja, que não decorrem diretamente na situação analítica. São dados obtidos por outros métodos (analíticos ou não).

Neste enquadramento a investigação conceptual situa-se no ponto 2, os dados são obtidos, por exemplo, através de entrevistas gravadas como no presente trabalho.

Conforme Dreher (2008), a investigação conceptual define-se pelo seu objeto: o uso de conceitos, e pelo seu objetivo que é o esclarecimento do sentido dos conceitos.

Considera-se que existe uma relação dialética, ou uma interdependência, entre o conceito e os dados clínicos: os conceitos são entendidos como partes do sistema teórico-clínico, como unidades básicas de análise e de compreensão das teorias que guiam a prática clínica, isto é, a sua validade e utilidade necessitam de serem confirmadas na prática clínica (Dreher, 2008; Hinshelwood, 2008). Sandler *et al* (1991) preconizam que a situação analítica é o contexto em que surgem os conceitos e onde o seu sentido se pode alterar, inicialmente, de forma silenciosa e implícita. A investigação conceptual debruça-se sobre determinado fenómeno teórico-clínico, neste caso o uso do conceito de matriz grupanalítica, tendo também em consideração que este não existe de forma isolada mas em conexão com outros conceitos, e que os analistas o podem usar de forma diferente e individual (e aqui é de relevar os aspetos implícitos do uso do conceito).

Segundo Dreher (2000), a investigação conceptual utiliza o método indutivo, e dentro deste, a indução simples ou enumerativa, e a indução intuitiva. A primeira caracteriza-se pelo número de observações generalizáveis e a segunda, pelas observações que permitem inferir os princípios básicos dos fenómenos observados. O raciocínio inerente a este método é aquele que parte do particular para o geral, permitindo assim a generalização a partir dos casos observados.

A investigação empírica conceptual utiliza procedimentos de análise qualitativa de que é exemplo a investigação efetuada por Sandler e colaboradores acerca do conceito de trauma psíquico (Sandler, Dreher & Drews, 1991)

No presente estudo sobre o conceito de matriz grupalítica a abordagem metodológica é qualitativa e esta metodologia reenvia sobretudo para o uso da indução, ou seja a elaboração de categorias emergentes.

De relevar, no entanto, que o carácter multimetodológico que caracteriza a investigação conceptual (Dreher, 2000) está presente nesta investigação, até pela originalidade da recolha e tratamento dos dados obtidos nas entrevistas, nomeadamente ao nível dos aspetos implícitos, assim como na integração global dos resultados. O conceito de matriz grupalítica é testado várias vezes a partir de novos vértices de observação, com vista à elaboração progressiva do campo de sentido relevante do mesmo.

Alguns aspetos relacionados com a investigação conceptual que enquadram e suportam o presente estudo constam do capítulo inicial deste trabalho *Investigação Conceptual e Conhecimento Implícito*. No capítulo *Procedimentos de Análise* são abordados os procedimentos específicos de análise qualitativa efetuados nesta investigação.

2.2. Participantes

Os participantes nesta investigação são os grupalistas entrevistados, membros titulares didatas da Sociedade Portuguesa de Grupalítica e Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG) e todos estes exercem atualmente prática clínica grupalítica. Foram entrevistados 8 grupalistas, 3 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. A idade dos mesmos situa-se na faixa dos 50 aos 80 anos e todos têm uma prática clínica e grupalítica muito longa (os anos aproximados de prática como grupalista constam nas entrevistas). Todos são médicos psiquiatras de formação. A opção por entrevistar membros titulares didatas, teve por

justificativa a sua larga experiência de prática grupalítica, as suas funções de ensino na Sociedade (curso de formação), supervisão e também o facto de serem responsáveis pelas análises didáticas, situação esta decorrente da sua posição estatutária.

O membro titular didata da SPGPAG constitui o grau mais elevado no que se refere à categoria de sócio dentro da Sociedade. Sucintamente, as categorias são membro candidato, afiliado, efetivo, titular e titular didata. A progressão nas mesmas resulta de um conjunto de passos dentro da Sociedade, ao longo do tempo, como ter terminado com sucesso o curso de formação (quatro anos), da prática clínica autorizada, da apresentação de sessões da prática clínica grupalítica, da elaboração e apresentação de trabalhos teóricos, da supervisão continuada, da avaliação das características pessoais e motivacionais, de aspetos curriculares relativos ao trabalho desenvolvido, da participação do sócio dentro na vida da sociedade, e do parecer positivo da comissão científica, com aprovação final em assembleia geral. Isto referido de uma forma sumária e abrangendo as vertentes, teórico-clínica, pessoal/motivacional e participativa. Trata-se pois de uma formação longa e exigente com vista à construção de uma identidade grupalítica consistente e amadurecida, articulando o conhecimento teórico com uma prática clínica constantes.

Considera-se que os grupalistas entrevistados, dada a sua posição relevante como especialistas na SPGPAG e características já referidas, são globalmente representativos do pensamento e orientação científica da designada Escola Portuguesa de Grupalise.

2.3. Instrumentos

O instrumento de investigação utilizado nesta investigação conceptual é a entrevista. Considera-se que neste tipo de investigação o uso da entrevista é o instrumento que permite recolher, em discurso direto, a opinião e experiência do entrevistado acerca da temática proposta, e neste caso, no que respeita à sua perceção e uso do conceito de matriz grupalítica.

2.3.1. Tipo e Estrutura das Entrevistas

O método da entrevista de narrativa de livre associação, referido por Hollway e Jefferson (2008), constitui nesta investigação um referencial central, nomeadamente no que respeita à importância da resposta, sob a forma de narrativa livre, que permite uma

compreensão de como a temática em análise se encontra interiormente organizada no entrevistado. Como preconizado também por Sandler et al. (1991), neste tipo de metodologia de investigação, pode-se utilizar um método de exploração baseado numa entrevista relativamente livre. Deste modo os métodos de entrevista de associação livre desenvolvidos por Wendy Hollway e colegas, afiguram-se adequados nos seus pressupostos e metodologia, ao trabalho de investigação conceptual.

No entanto, e devido à especificidade do tema e do objetivo deste trabalho ser uma investigação conceptual sobre um aspeto específico da teoria grupalítica, nomeadamente sobre o conceito de matriz grupalítica, torna-se assim relevante incluir no presente trabalho outras abordagens de entrevistas qualitativas.

As entrevistas efetuadas para analisar a forma como grupalistas portugueses lidam com o conceito de matriz grupalítica, nomeadamente na prática clínica, são semiestruturadas (Flick 2002/2005), permitindo obter elementos descritivos e implícitos da linguagem dos entrevistados e assim uma perceção de como estes interpretam os factos em observação.

Foi elaborado um guião da entrevista semiestruturada para melhor sistematizar a informação de acordo com os objetivos preconizados. As questões constantes no guião têm por objetivo estimular os entrevistados a exprimirem os seus pontos de vista. Estes foram estimulados a darem exemplos precisos e aprofundados da sua prática clínica, num ambiente descontraído, sendo previamente informados dos objetivos desta investigação e da importância crucial da sua participação na mesma. Do guião da entrevista constam as questões indicadas no quadro que se segue.

Quadro 3

Guião da Entrevista

| Questão n.º. | Conteúdo |
|---------------------|--|
| 1 | Pode-me falar, resumidamente, sobre a sua história como grupalista e o seu interesse na grupalítica? |
| 2 | Como grupalista, como relaciona os conceitos teóricos da grupalítica com a sua prática clínica? |

Quadro 3 (continuação)

| Questão n°. | Conteúdo |
|--------------------|---|
| 3 | Na sua opinião, qual, ou quais os conceitos que considera mais importantes para a grupanalise e porquê? |
| 4 | Pode-me contar algum sonho que tenha tido relacionado com a sua prática como grupanalista? |
| 5 | Pode-me dizer o que é para si a matriz? E o que entende por matriz grupanalítica? |
| 6 | Pode-me dar exemplos da importância e uso do conceito de matriz grupanalítica na sua prática clínica? |
| 7 | Para si quais os aspetos mais relevantes que encontra no conceito de matriz grupanalítica? |
| 8 | A matriz grupanalítica, num grupo, muda ou mantém-se inalterável? Pode-me dar um exemplo da sua prática clínica? |
| 9 | Na sua opinião, este conceito de matriz, poderá requerer mais investigação? |
| 10 | Gostaria de acrescentar algo mais em relação a este conceito? |
| 11 | O que lhe parece da contribuição de Bion, Foulkes e Cortesão para a elaboração e compreensão do conceito de matriz de grupo e matriz grupanalítica? |
| 12 | (Leitura do conceito de matriz grupanalítica de Cortesão). Acrescentava algo mais a esta definição? |

Foram efetuadas duas entrevistas de pré-teste a dois grupanalistas com o grau de membro efetivo da SPGPAG, que permitiram aferir da pertinência e escolha das questões do guião, ajustando as mesmas de acordo com os objetivos delineados relativos ao conceito em estudo.

Segundo Flick (2002/2005), na sua descrição das várias entrevistas, existem diversos tipos de entrevistas semiestruturadas. Algumas delas são: a entrevista focalizada; a entrevista semipadronizada; a entrevista centrada no problema; a entrevista de especialistas; a entrevista etnográfica.

Na presente investigação, e tendo também por referência esta descrição sistematizada das entrevistas, a entrevista semiestruturada que foi utilizada, aproxima-se mais da entrevista de especialistas. No entanto, dadas as características desta investigação conceptual, aplicou-se, também, algumas componentes da entrevista semipadronizada e da entrevista centrada no problema, além do referencial à entrevista de narrativa de livre associação, já mencionada.

A entrevista de especialistas, como o próprio nome indicia, pretende trabalhar dados de um entrevistado especializado numa dada área e matéria, interessando aqui mais o perito, como representante de um determinado grupo de especialistas, do que propriamente tanto a pessoa total.

A entrevista semipadronizada tem por objetivo captar as teorias implícitas do entrevistado acerca de um determinado assunto. Para este efeito, é constituído um guião com diversas áreas temáticas e um conjunto de questões que poderá permitir este objetivo. A entrevista inicia-se com questões abertas, depois podem-se fazer algumas perguntas mais impulsionadas pela teoria, e por último, podem-se utilizar perguntas confrontativas, cuja finalidade é reexaminar as teorias e relações expressas pelo entrevistado, perante explicações alternativas.

A entrevista centrada no problema caracteriza-se por três aspetos fundamentais que são eles: a centração no problema, a orientação para o objeto, e a orientação processual. Trata-se pois de uma entrevista que aborda especificamente um problema e o que o entrevistado pensa dele. A combinação de narrativa com questões tem como objetivo que o entrevistado exprima o seu pensamento pessoal sobre o problema específico em causa. Por vezes não será fácil de distinguir esta tipologia de entrevista semiestruturada, de outras, mas talvez esta se centre mais num problema específico.

De qualquer modo nestes tipos de entrevista semiestruturada, deverá haver um equilíbrio entre o desenrolar da entrevista e o guião da mesma, permitindo uma flexibilidade e adaptabilidade constantes, a fim de se obterem respostas mais genuínas e desenvolvidas. As entrevistas realizadas, seguindo os parâmetros anteriormente mencionados, nomeadamente integrando alguns elementos de diversas tipologias de entrevistas, permitiram captar aspetos inerentes à especificidade teórica e técnica do conceito em estudo mas também como este conceito está interiorizado na própria formação e identidade grupanalítica dos entrevistados.

2.4. Procedimentos de Recolha de Dados

Os grupanalistas entrevistados foram previamente contactados de forma pessoal e individual no sentido de poderem conceder uma entrevista no contexto de uma investigação sobre a grupanalise e seus conceitos, com base na sua experiência e prática grupanalítica.

A todos foi referido que se tratava de uma entrevista no âmbito de uma tese de doutoramento, efetuada pelo próprio autor da mesma, e que tinham sido escolhidos dada a sua posição de grupanalistas didatas da SPGPAG. Foi igualmente referido que as entrevistas seriam anónimas e que seriam analisadas posteriormente através da categorização do seu conteúdo explícito assim como da análise dos aspetos implícitos. Aos mesmos foi referido ainda que a entrevista seria gravada para posterior transcrição e análise.

As entrevistas decorreram em gabinete fechado, onde estiveram só presentes o entrevistador e o entrevistado. Com exceção de uma das entrevistas que teve lugar numa instituição hospitalar, as restantes decorreram nos respetivos consultórios privados. As entrevistas têm um tempo de duração entre 50 minutos e 90 minutos, aproximadamente.

Seguiu-se o guião da entrevista embora de uma forma flexível e adaptada de acordo com o decorrer da entrevista e dos aspetos que foram surgindo, proporcionando-se várias vezes o questionamento acerca de novos aspetos referidos, no sentido da clarificação e visando o enriquecimento das respostas. As entrevistas decorreram num contexto estimulante de “conversa “ entre dois grupanalistas (entrevistador e entrevistado), ou seja num diálogo “entre pares”, uma vez que o entrevistador é também um grupanalista titular didata, onde as diversas questões e as respostas dadas, fluíram numa dinâmica interacional em todos os casos, potenciadora do desenvolvimento da temática grupanalítica e, nomeadamente, na abordagem sobre o conceito de matriz grupanalítica.

O conceito de matriz grupanalítica, vai emergindo ao longo das entrevistas, quer induzido pelas questões colocadas, quer por iniciativa dos próprios entrevistados, posicionando-se na narrativa como uma temática central, aludindo os entrevistados ao mesmo de uma forma mais aderente ou mais crítica mas sempre considerando a sua importância. O conceito de matriz grupanalítica esboça-se de forma implícita e mesmo mais clara desde a questão inicial do guião acerca da história do entrevistado como grupanalista e seu interesse na grupanalise, passando pelo possível relato de sonhos relacionados com a prática grupanalítica, até à sua expressão explícita e implícita na resposta às questões orientadas.

Praticamente todas as questões do guião foram respondidas ainda que por vezes de uma forma não direta mas no decorrer da narrativa ou no contexto de uma dada resposta.

Conforme previsto as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas (Apêndices A a H) para tratamento e análise.

2.5. Procedimentos de Análise

As entrevistas são analisadas, primeiro, cada uma na sua globalidade, com vista à compreensão integral da mesma, e de seguida a entrevista é dividida em células temáticas face à narrativa do texto de modo a permitir a sua análise sistematizada, segundo os princípios de análise temática adaptada a entrevistas de livre associação desenvolvido por Torres (2008).

Em cada célula do texto são elaborados sumários correspondentes à mesma, assim como elaboradas as categorias e subcategorias de acordo com o seu conteúdo. A cada sumário corresponde uma só categoria e por sua vez a esta, uma subcategoria. Este procedimento pode ser visualizado no exemplo seguinte, retirado de uma das entrevistas analisadas:

Quadro 4

Procedimentos de Análise das Entrevistas

| Transcrição (célula) | Sumário | Categorias emergentes | Subcategorias |
|---|--|------------------------------|--------------------------------|
| Em relação ao Foulkes sim porque de facto é, são as minhas primeiras leituras sobre grupos, | Considera Foulkes relevante e foram as suas primeiras leituras sobre grupos. | Foulkes | Teoria e técnica grupanalítica |

De referir que as categorias referentes aos conceitos psicanalíticos e grupanalíticos são entendidas em sentido amplo, ou seja, alguns dos conceitos referidos pelos entrevistados foram integrados nestas categorias de acordo com uma perspetiva mais alargada do seu significado ou de proximidade contextual. Na *Apresentação de Resultados* é apresentado um quadro (Quadro 6) onde constam todas as categorias e subcategorias.

Os resultados de todas as entrevistas ao nível dos sumários, categorias e subcategorias são integrados nos Quadros do Anexo A, o que permite uma análise global dos mesmos.

Os aspetos/teorias implícitas encontradas na análise das entrevistas são categorizados de modo a ficarem organizados quer ao nível do conteúdo (CCI- categorias do conteúdo implícito), quer ao nível do processo (CP- categorias do processo). Neste ultimo caso (CP), o objetivo é categorizar a forma como os aspetos implícitos se revelam no discurso explícito, através de que mecanismo ou processo. Neste sentido e para cada aspeto implícito encontrado é referido o processo pelo qual o manifesto o revela. Para cada aspeto implícito analisado pode haver uma ou mais categorizações dentro das CP mas a cada um destes aspetos implícitos corresponde uma CCI. Existem 8 categorias do conteúdo implícito (CP) e 13 categorias do processo (CCI). Estas categorias são explicitadas no capítulo seguinte *Apresentação de Resultados*. No quadro que se segue é dado um exemplo deste procedimento, retirado de uma das entrevistas analisadas:

Quadro 5

Procedimentos de Análise dos Aspetos Implícitos

| Transcrição | Aspetos implícitos | Categorias do implícito |
|--|--|--------------------------------|
| É que eu estou influenciado também pela minha matriz. Eu trago para ali uma matriz relacional interna, que é minha. E só posso conhecer os outros na medida em que me conheço a mim. | Relação intrínseca entre a contratransferência e a matriz relacional interna, do analista. | (CP-1;CCI-8) |

As entrevistas foram objeto de análise, por um grupo de trabalho, constituído por três elementos com formação e experiência analítica assim como experiência de trabalho com grupos, que utilizaram o método de discussão de grupo. O grupo é formado pelo autor desta tese, também grupanalista didata, por uma grupanalista com o grau de membro efetivo com experiência de análise de entrevistas, nomeadamente dos aspetos implícitos das mesmas, em contexto de marketing, ambos portanto membros da SPGPAG, e pelo orientador da presente tese de doutoramento. O trabalho desenvolvido por estes elementos foi-se processando de acordo com as necessidades de análise e discussão das entrevistas. Tal como preconizado por Sandler et al. (1991), o método de discussão de grupo por profissionais na área, é central na investigação conceptual. Como referem estes autores, o objetivo do grupo de trabalho é avaliar cada uma das transcrições das entrevistas, através da discussão de grupo, procurando identificar as conceptualizações e os aspetos implícitos, inerentes ao discurso dos

entrevistados. De relevar um aspeto importante desta metodologia que é o uso de analistas experientes como sujeitos da investigação, assim como sujeitos experientes no grupo de trabalho.

Também para Hollway (2008), a análise de entrevistas em grupo insere-se numa epistemologia e metodologia relacional de investigação psicossocial específica, informada pela teoria psicanalítica. Refere esta autora que o grupo proporciona um espaço mental de pensamento relacional que é contendor e estimula o processo de simbolização. O mesmo se passa num grupo de análise de dados, de entrevistas realizadas.

Para Hollway (2008), o uso objetivo da subjetividade é um desafio que implica compreender as diferenças entre o próprio que investiga e o outro ou a situação que se pretende compreender. A identificação projetiva pode dificultar este processo, neste sentido é necessário tomar consciência disto de modo a salvaguardar esta situação.

Da análise dos aspetos explícitos e implícitos encontrados nas diversas entrevistas, referentes ao conceito de matriz grupalítica e seu contexto (Quadros do Anexo B) é efetuada uma síntese conclusiva integrativa para cada entrevista e para o conjunto de todas as entrevistas realizadas.

O conceito de matriz grupalítica integra em si, na sua definição, outros conceitos (mais simples ou mais complexos). Neste sentido é efetuada ainda uma análise da presença destes conceitos no decorrer das entrevistas, no sentido de se poder perceber como estes conceitos se encontram interiorizados no próprio discurso dos entrevistados (Quadros 5 a 11 da *Apresentação de Resultado*).

ESTUDO EMPÍRICO

3. Apresentação de Resultados

3. Apresentação de Resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados referentes à análise qualitativa das entrevistas, nomeadamente no que respeita às categorias e subcategorias encontradas, aspetos implícitos organizados em categorias do processo e do conteúdo implícito, respostas relacionadas com o conceito de matriz grupalítica por entrevista e no total das entrevistas, assim como resultados inerentes à análise no texto dos conceitos que integram a definição de matriz grupalítica. De relevar que as respostas nas entrevistas relacionadas com o conceito de matriz grupalítica são organizadas de acordo com dimensões de análise, explicitadas mais à frente.

3.1. Categorias e Subcategorias

Com base no conteúdo das entrevistas (estas encontram-se nos Apêndices) e dos sumários elaborados, construíram-se categorias (31) e subcategorias (204). Neste sentido toda a informação se encontra organizada, permitindo uma compreensão global e simultaneamente específica dos conteúdos do texto. Da análise global e integrada das categorias e subcategorias podem-se sintetizar os seguintes aspetos:

1. As doze primeiras categorias estão globalmente associadas às questões do guião e as restantes aos diferentes conteúdos específicos que foram emergindo da análise efetuada.

2. As designações das categorias e subcategorias refletem os pontos essenciais que foram abordados nas entrevistas.

3. O número de categorias e subcategorias existentes parecem espelhar a riqueza conceptual da teoria analítica, nomeadamente da grupalítica e da relação desta com outras teorias.

4. A leitura de cada categoria e subcategoria no conjunto das entrevistas (Quadros do Anexo A) permite uma visão global e comparativa das respostas dos entrevistados, nas suas experiências, contactos, formação e pensamento teórico e clínico. Permite também ter uma perspetiva quantitativa de quais as subcategorias mais referidas em cada categoria.

5. Embora algumas categorias não estejam diretamente associadas ao conceito em estudo de matriz grupalítica, as mesmas contextualizam este conceito e resultam do enquadramento das próprias entrevistas.

6. As categorias e subcategorias encontradas que se prendem mais diretamente com o conceito de matriz grupalítica constituíram uma primeira organização dos conteúdos explícitos das respostas dadas referentes a este conceito em estudo. Uma segunda organização e sistematização dos vários aspetos que caracterizam o conceito de matriz grupalítica, através das entrevistas realizadas consistiu na sua análise em seis dimensões, conforme descritas mais à frente deste trabalho.

Seguidamente passa-se à apresentação das categorias e respetivas subcategorias encontradas, no que respeita ao conteúdo explícito das entrevistas.

Quadro 6

Categorias e Subcategorias

| Categorias | Subcategorias |
|---|--|
| 1. História e interesse na grupalítica | 1.1 Interesses/experiência pessoal |
| | 1.2 Contactos/influências |
| | 1.3 Formação académica e profissional |
| | 1.4 Gosto por grupos |
| 2. Relação conceito teórico/prática grupalítica | 2.1 Conceitos vêm da prática |
| | 2.2 Conceitos presentes |
| | 2.3 Investigação de conceitos |
| | 2.4 Características dos conceitos |
| | 2.5 Exemplo prático |
| 3. Conceito mais importante para a grupalítica | 3.1 Comunicação |
| | 3.2 Níveis de experiência e de interpretação |
| | 3.3 Todos os conceitos |
| | 3.4 Matriz |
| | 3.5 Microcultura grupal |
| | 3.6 Transferência/contratransferência |
| | 3.7 Ressonância |
| | 3.8 Bode expiatório |
| | 3.9 Discussão livre flutuante |
| | 3.10 Identificação projetiva |
| | 3.11 Matriz relacional interna |
| | 3.12 Fatores terapêuticos |

Quadro 6 (continuação)

| Categorias | Subcategorias |
|--|--|
| | 3.13 Carácter psicanalítico/analítico |
| | 3.14 Mecanismos de defesa |
| | 3.15 Teoria das relações de objeto |
| | 3.16 Aliança terapêutica |
| | 3.17 Avaliação psicodinâmica |
| 4. Sonho e prática grupanalítica | 4.1 Não recorda sonho |
| | 4.2 Sonho/considerações |
| | 4.3 Não relaciona ou usa sonhos |
| | 5.1 Objetividade/definição do conceito |
| | 5.2 Organização/constituição |
| | 5.3 Utilidade/importância do conceito |
| | 5.4 Seleção de elementos para o grupo |
| | 5.5 Rede/relações |
| | 5.6 Grupo como matriz |
| 5. Definição /organização da matriz | 5.7 Sentimento em relação ao conceito |
| | 5.8 Padrão relacional |
| | 5.9 Matriz espelho |
| | 5.10 Microcultura grupal |
| | 5.11 Analogia |
| | 5.12 Fenómenos na matriz |
| | 5.13 Dinâmica |
| | 5.14 Exemplo prático |
| | 6.1 Comunicação/linguagem/interação |
| | 6.2 Elaboração |
| 6. Aspectos relevantes no conceito de matriz grupanalítica | 6.3 Objetivos terapêuticos |
| | 6.4 Seleção |
| | 6.5 Diferentes níveis |
| | 6.6 Grupanalista |
| | 6.7 Grupo interno |

Quadro 6 (continuação)

| Categorias | Subcategorias |
|--|--|
| | 6.8 Modo de funcionamento |
| 7. Variabilidade da matriz grupalítica | 7.1 Matriz varia |
| | 7.2 Matriz invariável |
| | 7.3 Mudança pessoal |
| | 7.4 Mudança do grupo |
| | 7.5 Exemplo prático |
| 8. Investigação do conceito de matriz grupalítica | 8.1 Conceito com várias perspectivas/dimensões |
| | 8.2 Clarificação/definição/investigação do conceito |
| | 8.3 Análise dos componentes do conceito |
| | 8.4 Considerações |
| | 8.5 Exemplo ilustrativo |
| 9. Bion/matriz de grupo/matriz grupalítica | 9.1 Contribuição |
| 10. Foulkes/matriz de grupo/matriz grupalítica | 10.1 Contribuição |
| 11. Cortesão/ matriz de grupo/matriz grupalítica | 11.1 Contribuição |
| 12. Leitura da definição de matriz grupalítica em Cortesão | 12.1 Acrescenta/não acrescenta |
| | 12.2 Concorda/não concorda |
| | 12.3 Necessidade |
| | 12.4 Característica/comparação do conceito |
| 13. Grupalítica associada à psicanálise/psicoterapia psicanalítica | 13.1 Psicanálise como base da grupalítica |
| | 13.2 Contacto/referência de psicanalistas |
| | 13.3 Grupalítica e psicanálise/psicoterapia como diferentes |
| | 13.4 Grupalítica e psicanálise/psicoterapia como complementares ou semelhantes |

Quadro 6 (continuação)

| Categorias | Subcategorias |
|----------------------------|--|
| 14. Conceito psicanalítico | 14.1 Consciente/inconsciente |
| | 14.2 Vínculo |
| | 14.3 Mecanismos de defesa |
| | 14.4 Ansiedade/conflito |
| | 14.5 Perlaboração/ <i>working through</i> |
| | 14.6 Transferência/contratransferência |
| | 14.7 Função alfa/função psicanalítica da personalidade |
| | 14.8 Mãe suficientemente boa |
| | 14.9 Parte psicótica da personalidade |
| | 14.10 Interpretação |
| | 14.11 Objeto |
| | 14.12 Compulsão à repetição |
| | 14.13 Introjeção |
| | 14.14. Complexo de Édipo |
| | 14.15 Individuação do <i>Self</i> |
| | 14.16 Conjunção constante |
| | 14.17 <i>Insight</i> |
| | 14.18 Mentalização |
| | 14.19 Superego |
| | 14.20 Empatia |
| 15. Conceito grupal | 15.1 Matriz |
| | 15.2 Rede |
| | 15.3 Processo grupal |
| | 15.4 Ressonância |
| | 15.5 Níveis de experiência e de interpretação |
| | 15.6 Espelhamento |
| | 15.7 Microcultura grupal |
| | 15.8 Matriz Interna |
| | 15.9 Bode expiatório |
| | 15.10 Antigro |

Quadro 6 (continuação)

| Categorias | Subcategorias |
|--|--|
| | 15.11 Mentalidade de grupo |
| 16. Grupanálise e relação com outras teorias | 16.1 Teoria da comunicação |
| | 16.2 Teoria geral dos sistemas |
| | 16.3 Teoria da <i>Gestalt</i> |
| | 16.4 Sociometria/psicodrama |
| | 16.5 Neurofisiologia/anatomia |
| | 16.6 Dinâmica de grupos |
| 17. Neurose de transferência em grupo | 17.1 Organização/análise da neurose de transferência |
| | 17.2 Transformação/mudança |
| | 17.3 Movimentos transferenciais |
| | 17.4 Nomeação/definição |
| | 17.5 Exemplo prático |
| 18. Treino do ego em ação | 18.1 Característica/nomeação/definição do conceito |
| | 18.2 Exemplo prático |
| 19. Padrão grupanalítico | 19.1 Natureza/propósito/função |
| | 19.2 Importância/utilidade |
| | 19.3 Característica/nomeação |
| 20. Grupo | 20.1 Comunicação/empatia no grupo |
| | 20.2 Grupo como um todo |
| | 20.3 Grupanalista/psicanalista |
| | 20.4 Grupo externo |
| | 20.5 Grupo interno |
| | 20.6 Ecoponto |
| 21. Metateorias | 21.1 Metateoria/grupo |
| | 21.2 Metapsicologia freudiana |
| 22. Freud | 22.1 Psicanalista/investigador |
| | 22.2 Teoria/técnica/trabalho |
| 23. Cortesão | 23.1 Professor/referência/pessoa |
| | 23.2 Grupanalista/psicanalista |

Quadro 6 (continuação)

| Categorias | Subcategorias |
|---|---------------------------------------|
| | 23.3 Teoria e técnica grupanalítica |
| | 23.4 Supervisor |
| | 23.5 Matriz grupanalítica |
| 24. Foulkes | 24.1 Grupanalista/psicanalista |
| | 24.2 Teoria e técnica grupo-analítica |
| | 24.3 Matriz |
| 25. Bion | 25.1 História/conhecimento sobre Bion |
| | 25.2 Contribuição |
| | 25.3 Teoria e técnica analítica |
| | 26.1 João dos Santos |
| | 26.2 João França de Sousa |
| | 26.3 César Dinis |
| | 26.4 Isaura Neto |
| | 26.5 Maria Rita Leal |
| | 26.6 Guilherme Ferreira |
| | 26.7 Cruz Filipe |
| | 26.8 Graça Galamba |
| 26. Grupanalista/psicanalista português | 26.9 Amaral Dias |
| | 26.10 Etelvina Brito |
| | 26.11 Jaime Milheiro |
| | 26.12 Saldanha de Azevedo |
| | 26.13 Coimbra de Matos |
| | 26.14 Felicidade Franco |
| | 26.15 Sara Ferro |
| | 26.16 Maria Carlota |
| | 26.17 Azevedo e Silva |
| | 26.18 David Payne Pereira |
| 27. Especialista português | 27.1 Barahona Fernandes (psiquiatra) |
| | 27.2 Carlos Caldeira (psiquiatra) |
| | 27.3 Simões da Fonseca (psiquiatra) |

Quadro 6 (continuação)

| Categorias | Subcategorias |
|---|-----------------------------------|
| | 27.4 Almeida Lima (neurologista) |
| | 27.5 Miller Guerra (neurologista) |
| | 27.6 Augusto Abelaira (filósofo) |
| | 27.7 Armanda Grilo (psicóloga) |
| | 28.1 Morris Nitsun |
| | 28.2 Thomas Ogden |
| | 28.3 Stephen Mitchell |
| | 28.4 Melanie Klein |
| | 28.5 León Grinberg |
| | 28.6 Donald Meltzer |
| | 28.7 Anthony Bateman |
| | 28.8 Peter Fonagy |
| | 28.9 Ronald Fairbairn |
| | 28.10 Donald Winnicott |
| | 28.11 Malcolm Pines |
| 28. Autor inglês/americano/germânico | 28.12 Kraupl Taylor |
| | 28.13 Kurt Lewin |
| | 28.14 Jurgen Ruesch |
| | 28.15 Alexander Wolf |
| | 28.16 Emanuel Schwartz |
| | 28.17 Helen Deutsch |
| | 28.18 Margaret Mead |
| | 28.19 Samuel Slavson |
| | 28.20 Alfred Adler |
| | 28.21 Heinz Kohut |
| | 28.22 Hanna Segal |
| | 28.23 Michael Balint |
| | 28.24 Gregory Bateson |
| | 28.25 Ludwig von Bertalanffy |

Quadro 6 (continuação)

| Categorias | Subcategorias |
|---|-------------------------|
| 29. Autor sul-americano | 29.1 David Zimerman |
| | 29.2 Waldemar Fernandes |
| | 29.3 Pichon-Rivière |
| | 29.4 Mario Marrone |
| 30. Autor Francês | 30.1 Didier Anzieu |
| 31. Cientista/escritor/político/filósofo | 31.1 Isaac Newton |
| | 31.2 Albert Einstein |
| | 31.3 Bertrand Russell |
| | 31.4 Agatha Christie |
| | 31.5 Santo Agostinho |
| | 31.6 Adolf Hitler |
| | 31.7 Ivan Pavlov |

Como já referido os resultados de todas as entrevistas no que se refere aos sumários, categorias e subcategorias são integrados nos Quadros do Anexo A.

Da análise direta destas categorias e subcategorias e dos sumários que as integram são de destacar alguns dados no que respeita à análise do conceito em estudo.

1. Na categoria 2 “Relação conceito teórico/prática grupanalítica”, a subcategoria 2.1 “Conceitos vêm da prática” é aquela que tem maior expressão, com 40% de sumários que a integram face ao total dos sumários desta categoria, e em que 50% dos entrevistados referem explicitamente a importância da prática clínica para a compreensão dos conceitos (entrevistas 1, 5, 6, 7). O conceito de matriz grupanalítica poderá compreensivelmente integrar esta perspectiva.

2. Na categoria 3 “Conceito mais importante para a grupanalise” é referido o conceito de matriz grupanalítica em cinco entrevistas (entrevistas 1, 3, 4, 6, 8) sendo também esta subcategoria que detém maior percentagem de sumários face à totalidade dos sumários desta categoria (17%).

3. A categoria 4 “Sonho e prática grupalítica” resultou das respostas à questão nº 4 do guião da entrevista. O propósito era de algum modo “abrir” a entrevista, estimulando o nível do discurso simbólico-onírico, inconsciente, no sentido de se poder possivelmente perceber o conceito de matriz grupalítica no pensamento dos entrevistados. Contudo, maioritariamente os entrevistados referiram não se lembrarem de sonhos sobretudo que relacionem com a sua prática grupalítica, embora tenham referido sonhos e feito diversas considerações sobre os sonhos em geral, expressos na subcategoria 4.2 “Sonho/considerações” que detém a maioria dos sumários (52%). De referir aqui que esta questão do guião não foi efetuada na entrevista 1 por omissão, em virtude do próprio decorrer da entrevista.

4. Na categoria 5 “Definição/organização da matriz”, as subcategorias 5.1 “Objetividade/definição”, 5.2 “Organização/constituição” e 5.5 “Rede/relações” são as mais referenciadas nas entrevistas. Os entrevistados referem sobretudo que o conceito de matriz grupalítica é um conceito que carece de uma definição mais precisa e clara, relevando no entanto a importância da constituição e organização da matriz grupalítica e da rede de relações, comunicação e elaboração, que se estabelece no grupo.

5. Na categoria 6 “Aspectos relevantes no conceito de matriz grupalítica”, a subcategoria 6.1 “Comunicação/linguagem/interação” é aquela que tem maior expressão de sumários face ao total de sumários desta categoria (46%). Também a maioria das entrevistas tem sumários nesta subcategoria. Globalmente os entrevistados consideram que a comunicação nas suas diferentes facetas é o aspeto mais relevante inerente ao conceito de matriz grupalítica.

6. Na categoria 7 “Variabilidade da matriz grupalítica”, todos os entrevistados são da opinião que a matriz grupalítica de um grupo tem variações ao longo do tempo e portanto é uma matriz dinâmica, sendo este aspeto consonante com as modificações pessoais dos membros do grupo. A subcategoria 7.1 “Matriz varia” é a que tem maior expressão percentual de sumários face ao total de sumários que integram esta categoria (45%).

7. Na categoria 8 “Investigação do conceito de matriz grupalítica” é de referir que todos os entrevistados consideram importante que se continue a investigar este conceito, no sentido de o clarificar e tornar mais útil. A subcategoria 8.2

“Clarificação/definição/investigação do conceito” é a única que tem contribuições de todas as entrevistas.

8. As categorias, 9. “Bion/matriz de grupo/matriz grupal”; 10. “Foulkes/ matriz de grupo/matriz grupal”; 11. “Cortesão/ matriz de grupo/matriz grupal” e as categorias 23. “Cortesão; 24. “Foulkes” e 25. “Bion” aludem à contribuição destes autores para o conceito de matriz de grupo e matriz grupal assim como a sua contribuição em geral para a teoria e técnica analítica/grupal. Os entrevistados relevam em Bion a sua conceção dos pressupostos básicos e a importância destes para a compreensão dos fenómenos de grupo. Em Cortesão e Foulkes são referidas sobretudo as suas diferenças no que respeita à teoria e técnica, nomeadamente acerca da importância do conceito de padrão grupal, da organização e resolução da neurose de transferência grupal, do cariz analítico da grupal, entre outros. Estes aspetos são desenvolvidos ao longo deste trabalho.

9. Na categoria 12 “Leitura da definição de matriz grupal em Cortesão” os entrevistados acrescentam ao conceito de matriz grupal alguns aspetos que são referidos, entre outros, mais à frente neste capítulo, nomeadamente os conceitos de ecoponto, transação emocional, intercomunicação e a importância das neurociências para a compreensão do conceito, como se encontra referido na subcategoria 12.1 “ Acrescenta/não acrescenta”

10. Na categoria 13 “Grupal associada à psicanálise/Psicoterapia psicanalítica” a subcategoria 13.4 “Grupal e psicanálise/psicoterapia como complementares ou semelhantes” é aquela que tem maior expressão, quer na percentagem de sumários que a integram face ao total de sumários da categoria (68%), quer no facto de apenas um entrevistado não ter integrado esta subcategoria. Parece ficar clara a relação “próxima” entre a psicanálise e a grupal em vários aspetos do paradigma teórico-clínico, isto apesar das diferenças que as caracterizam. Isto encontra-se de acordo com o preconizado na própria conceptualização da teoria e técnica grupal, nomeadamente da Escola Portuguesa de Grupal.

11. Na categoria 14 “Conceito psicanalítico” é de realçar o número de subcategorias (22), revelador do cariz analítico da grupal e nomeadamente da grupal portuguesa.

12. Na categoria 15 “Conceito grupal” os conceitos de matriz e matriz interna (subcategorias 15.1 e 15.8) são os mais referidos pelos entrevistados o que parece consonante com a importância que atribuem a estes conceitos na grupal.

13. Na categoria 16 "Grupanálise e relação com outras teorias" são referidas várias teorias e conceptualizações que têm uma relação estreita com a grupanalise, mesmo na construção da teoria e técnica grupanalítica.

14. Na categoria 17 "Neurose de transferência em grupo" pode-se constatar a importância que os entrevistados conferem a esta temática e à discussão em torno da organização e pertinência da neurose de transferência grupal.

15. Na categoria 18. "Treino do ego em ação" a maioria dos entrevistados valoriza o conceito de treino do ego em ação, considerando importante este conceito na dinâmica da matriz grupanalítica. Contudo não referem espontaneamente nenhum exemplo prático.

16. Na categoria 19. "Padrão grupanalítico" os entrevistados, com exceção de um, relevam a utilidade e pertinência deste conceito introduzido por Cortesão, nas diversas subcategorias presentes. Este conceito de padrão grupanalítico transmite um cariz mais analítico (no sentido de psicanalítico) à grupanalise.

17. Na categoria 20. "Grupo" os entrevistados aludem aos diversos tipos de grupo e características dos mesmos. A subcategoria 20.4 "Grupo externo" é aquela que tem maior expressão de sumários (34%) face ao total de sumários desta categoria. Também nesta subcategoria apenas 3 entrevistados não se referem explicitamente aos grupos externos. É de referir que o conceito de grupo está naturalmente bastante presente no discurso dos entrevistados. Esta categoria surge também por não se poder confundir o conceito de grupo com o conceito de matriz, a não ser que estes sejam referidos como idênticos.

18. Na categoria 21. "Metateorias", um dos entrevistados (entrevista 6) aborda a importância de se integrar os conceitos de matriz e padrão grupanalíticos dentro de uma metateoria que possa explicar o funcionamento analítico do grupo.

19. De referir por ultimo que todas estas categorias e subcategorias se encontram em interface umas com as outras, com limites por vezes algo ténues mas que se pretendem representativas das respostas dos entrevistados. Várias categorias ligadas mais diretamente ao conceito de matriz grupanalítica têm uma subcategoria de "Exemplo prático", o que denota a importância dos exemplos da prática clínica no contexto das respostas.

3.2. Aspectos Implícitos

O grupo de trabalho, já mencionado anteriormente, analisou as entrevistas e encontrou vários aspectos implícitos ao discurso explícito dos entrevistados. Trata-se naturalmente de um trabalho interpretativo dos elementos deste grupo. Os aspectos implícitos referidos na íntegra nas diversas entrevistas são apresentados nos Apêndices I a P, juntamente com as mesmas. Os aspectos implícitos referentes ao conceito de matriz grupalítica e seu contexto e os sumários representativos destes aspectos implícitos (assim como os sumários que não têm uma correspondência direta com o implícito) são apresentados no subcapítulo 3.4. por entrevista e no subcapítulo 3.5. de forma integrada. Também podem ser visualizados de uma forma mais sistematizada nos Quadros do Anexo B.

3.2.1. Categorias do Processo e Categorias do Conteúdo Implícito

Os aspectos implícitos são depois sistematizados em dois tipos de categorias, já referidas e explicadas anteriormente. São elas as categorias do processo (CP) e as categorias do conteúdo implícito (CCI).

As categorias do processo são as seguintes:

1. Desenvolvimento ideativo (o entrevistado desenvolve as suas ideias acerca do tema proposto e/ou que emergem no decorrer da entrevista).
2. Reverso (aquilo que é referido pelo entrevistado significa implicitamente o seu reverso).
3. Analogia/Metáfora (o discurso desenvolvido pelo entrevistado baseia-se no uso de metáfora ou analogia).
4. Integração (dá-se a Integração quando elementos do discurso são integrados uns nos outros).
5. Criatividade (quando no discurso do entrevistado surgem elementos de criatividade ou há alusão a conceitos novos e originais).
6. Generalização (quando o entrevistado generaliza aspectos do seu discurso).
7. Valoração (ocorre Valoração quando é atribuído um determinado valor (qualitativo) a um conceito ou outros elementos do discurso do entrevistado).
8. Ironia/Humor (quando é utilizado o humor e/ou ironia no discurso do entrevistado).

9. Identificação (ocorre Identificação quando o entrevistado refere que se identifica, ou numa acessão similar, com certos aspetos, conceitos, pessoas, etc.).

10. Questionamento (quando o entrevistado questiona o entrevistador ou questiona-se ele próprio em algum aspeto no decorrer da entrevista).

11. Exemplo ilustrativo (quando é dado um exemplo que ilustra aquilo que está a ser dito ou explicitado).

12. Descrição (ocorre Descrição quando o entrevistado descreve algum conceito ou outro elemento/situação que refere).

13. Definição (ocorre Definição quando o entrevistado define um determinado conceito ou outro elemento no seu discurso).

Seguidamente é apresentada a percentagem total encontrada para cada categoria do processo, face ao total das ocorrências:

1. Desenvolvimento ideativo (51%).

2. Reverso (2%).

3. Analogia/Metáfora (6%).

4. Integração (2%).

5. Criatividade (1%).

6. Generalização (2%).

7. Valoração (9%).

8. Ironia/Humor (1%).

9. Identificação (1%).

10. Questionamento (1%).

11. Exemplo Ilustrativo (22%).

12. Descrição (1%).

13. Definição (1%).

Os resultados percentuais das categorias do processo para cada entrevista e para o total das entrevistas, quer face ao total das ocorrências (diversas categorias do processo) quer face

ao total de registos, constam nos Quadros do Anexo C, de uma forma mais pormenorizada e sistematizada.

Por sua vez, relativamente à organização dos conteúdos implícitos, as categorias encontradas foram as seguintes:

1. Grupos.
2. Características gerais da grupanálise.
3. Contactos/referências.
4. Escolhas.
5. Grupanálise, escola portuguesa/grupo-análise, escola inglesa.
6. Referência/associação, modelos/teorias/áreas/conceitos.
7. Características/constituição/definição da matriz.
8. Grupanalista.

3.3. Dimensões de Análise do Conceito

Após as entrevistas efetuadas, e de acordo com o conteúdo das mesmas, quer nos conteúdos explícitos do discurso dos entrevistados, quer nos conteúdos implícitos encontrados, o conceito de matriz grupanalítica foi analisado em seis dimensões:

A - Dimensão da definição da matriz

Nesta dimensão são referidos todos os conteúdos explícitos e implícitos que se referem à definição ou descrição da matriz em si, no sentido mais estrito desta perspetiva. Também nesta dimensão constam considerações gerais sobre a matriz grupanalítica.

B - Dimensão temporal da matriz

Nesta dimensão, são referidos todos os conteúdos explícitos e implícitos que se referem de algum modo a aspetos temporais da matriz, por exemplo, à construção da matriz e variabilidade da mesma ao longo do tempo.

C - Dimensão técnica da matriz

Nesta dimensão, são referidos todos os conteúdos explícitos e implícitos que se referem à intervenção do grupanalista ou dos membros do grupo, mas com um cariz técnico, ou mesmo quando é feita alusão a alguma técnica específica de intervenção no grupo.

D - Dimensão dos fenómenos da matriz

Nesta dimensão, são referidos todos os conteúdos explícitos e implícitos que se referem aos diversos fenómenos específicos que podem ocorrer na dinâmica da matriz grupalítica.

E - Dimensão analógica da matriz

Nesta dimensão, são referidos todos os conteúdos explícitos e implícitos que se referem às analogias e metáforas utilizadas. A existência desta dimensão justifica-se no sentido em que a analogia e a metáfora constituem formas imagéticas de exprimir uma ideia ou um conceito, nomeadamente do seu conteúdo implícito.

F - Dimensão da matriz interna

Nesta dimensão, são referidos todos os conteúdos explícitos e implícitos que se referem à dimensão de uma matriz relacional interna/grupo interno/matriz pessoal de grupo.

De qualquer modo os conteúdos inerentes a estas diversas dimensões não estão compartimentados, ou seja, eventualmente alguns deles, dadas as suas características plurifacetadas, poderão fazer parte de outra das dimensões.

Seguidamente vão ser apresentados os resultados por entrevista, nos seus conteúdos explícitos e implícitos, focados e contextualizados no conceito de matriz grupalítica.

3.4. Respostas Relacionadas com o Conceito de Matriz Grupalítica e Dimensões de Análise do Conceito, por Entrevista

Foram selecionados, do texto integral das entrevistas, os conteúdos explícitos e implícitos relacionados, em sentido lato, com o conceito central em estudo. Quando surge a indicação S/I, significa “sem implícito”, ou seja que o sumário referido não tem nenhum aspeto implícito inerente ao mesmo. Os aspetos implícitos e a sua respetiva categorização (CP e CCI) assim como os sumários são apresentados de acordo com o decorrer de cada entrevista nos Quadros do Anexo B.

Os conteúdos explícitos e implícitos referidos foram seguidamente organizados num discurso integrado e compreensivo para cada entrevista realizada e de acordo com as dimensões de análise anteriormente referidas. De modo a distinguir os aspetos implícitos dos

explícitos, os primeiros aparecem referenciados a itálico, para melhor identificação e diferenciação.

Deste modo para cada entrevista as respostas integradas são as que se seguem.

3.4.1. Entrevista 1

A - Dimensão da Definição da Matriz

a) Releva a importância do grupanalista no grupo, e do padrão como fundamental na integração na matriz para a dinâmica do processo grupanalítico.

b) *Prioriza assim o modelo grupanalítico português e a importância do papel e atitude do grupanalista.* Cada analista tem um grupo que tem a ver com características de si próprio e que pode empatizar, aqui *uma possível alusão à teoria de Winnicott e Kohut.*

c) Acha que a matriz é um conceito algo esotérico, difícil de definir e pouco claro. É uma rede de comunicação e interação com pontos partilhados em diferentes níveis de regressão. Releva a rede de elaboração em Cortesão.

d) *Menor valorização do conceito de matriz comparativamente com outros. Pode haver diferentes abordagens de matriz, cada um tem uma perceção diferente da sua definição, a definição tem variações individuais.*

e) *A matriz tem uma dimensão explícita e implícita.* Acha que Cortesão foi mais além na clarificação do conceito. A rede de elaboração não é referenciada por Foulkes. Acrescenta o conceito de elaboração que ocorre na matriz.

B - Dimensão Temporal da Matriz

a) Desde início do grupo que tem presente o conceito de matriz. *A matriz do grupo só se constitui ao fim de algum tempo de funcionamento do grupo, após estimular-se a horizontalização da comunicação. A construção da matriz implica uma descentralização na figura do grupanalista.*

b) *Os conceitos fazem sentido a partir da matriz já estruturada, há um timing para isto. Grupo rodado implica matriz formada.*

c) A matriz pode variar com a entrada, saída e modificações dos elementos do grupo. A matriz tem algo nosso e *a sua gênese na seleção das pessoas. O grupanalista é importante já antes da constituição do grupo.*

C - Dimensão Técnica da Matriz

a) Intervenções para o grupo como um todo e depois individualizadas. *A matriz deve ser em primeiro lugar trabalhada como um todo.*

b) *A matriz é importante para a análise da neurose de transferência na situação grupal, embora seja discutível se é possível fazer a análise completa desta ou só de aspetos pontuais. Isto dependerá do analista e dos pacientes.*

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

a) Na matriz existem aspetos partilhados por todos mas com ressonâncias diferentes. As comunicações alimentam-se destes aspetos. *A ressonância reforça a matriz.*

b) Dá exemplo do conceito de matriz referindo-se ao trabalho de Cortesão em que se trabalha a ansiedade de separação. *É na matriz que ocorre a separação/ individuação. Possível alusão à teoria de Mahler.*

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) *A matriz alimenta a comunicação* e existem temas que aparecem recorrentemente e isto tem a ver com a matriz formada.

F - Dimensão da Matriz Interna

a) *As representações internas mudam através da matriz.* A interação entre a matriz relacional interna do grupanalista e a matriz do grupo leva à possibilidade de funcionamento do grupo no registo analítico. O processo terapêutico e a integração da matriz no padrão tem a ver com a matriz relacional interna do grupanalista. *É esta modificada que é um dos elementos do padrão e da natureza do analista.*

b) A interação entre as matrizes relacionais internas de cada elemento do grupo tem a ver com a formação da matriz. *Integra a conceção de Maria Rita Leal de matriz relacional interna e de Foulkes com a de Cortesão (padrão).*

3.4.2. Entrevista 2

A - Dimensão da Definição da Matriz

a) O conceito de padrão é o que mais valoriza e destaca-o face à matriz *talvez (?) numa certa visão dicotômica da dinâmica matriz/padrão*. O padrão participa na matriz mas acha que está um pouco de fora e que é importante. Dá cada vez mais importância ao condutor do grupo. *O grupanalista (através do padrão) é primordial face ao grupo como um todo (perspetiva da Escola Portuguesa), ele é que guia a matriz*. O padrão é o conceito que muda qualquer coisa na grupanalise.

b) As pessoas são escolhidas tendo em consideração partes do analista, aqui *uma possível alusão à teoria de Winnicott*. *O conceito de matriz é pouco significativo na sua identidade como grupanalista*. *O que caracteriza a matriz de um grupo é o padrão de interação e de relação, modo de associar e defesas*. Refere que para si a matriz tem a ver com as características das pessoas que estão ali. A palavra matriz não lhe diz nada, prefere a designação de padrões relacionais. Não gosta do conceito de matriz. Diz que é um conceito esotérico. *A matriz não tem autonomia /identidade própria, como um aparelho mental por exemplo*.

c) *O conceito de “padrão” sobrepõe-se ao conceito de matriz. Padrão é um conceito com identidade própria*.

d) De qualquer modo a matriz tem vários níveis, um nível mais superficial, mais fenomenológico e depois cada vez mais inconsciente. A matriz vai do consciente para o inconsciente, do mais simples para o mais complexo. A matriz é uma rede de interação e comunicação. *A definição de matriz tem constância transversalmente às várias escolas*.

e) *Existe uma relação intrínseca entre os vários tipos de matriz (matriz de grupo, matriz grupanalítica, matriz relacional interna, foundation matrix, entre outras)*.

f) *A matriz (assim como o large group) pode ajudar a compreender o funcionamento do ser humano na sua relação com o social*.

g) *Releva também o processo grupanalítico (que faz parte da definição de matriz grupanalítica)*. Quando fala em processo tem que definir perlaboração, insight e os objetivos

do processo. Não se pode dizer só a matriz e já está dito. *O conceito de matriz é filosófico se não for bem definido.*

B - Dimensão Temporal da Matriz

a) Não gosta do conceito de matriz, *não lhe é útil*, a não ser porque as matrizes interferem na seleção das pessoas e isso interessa-lhe. Na seleção dos elementos para o grupo está a antecipar uma determinada matriz. Os grupos são diferentes devido à seleção que fazemos. *A matriz prevista/imaginada é mais relevante do que a matriz já existente. A matriz constrói-se também à imagem do grupanalista.*

b) *As pessoas são predominantes face à matriz.* Se as pessoas mudarem há variações na matriz, mas também existem aspetos que não mudam na matriz. Existem padrões de agressividade ou destrutividade em certas matrizes e existem padrões de interação positiva e de elaboração. Se as pessoas não mudarem isto mantêm-se. A matriz vai evoluindo ao longo da análise porque as pessoas vão evoluindo.

C - Dimensão Técnica da Matriz

a) Refere que quando o Cortesão fala do padrão está a falar do fim de uma grupanálise, da transferência, da formação e personalidade do analista. No contexto do padrão refere a análise da transferência. É o padrão que leva a que a matriz se elabore e se chegue à análise. O padrão induz na matriz, no sentido de promover o trabalho de cada um dos elementos do grupo.

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

a) A perlaboração, a ressonância, o antigupo e o treino do ego em ação, o espelhamento, fazem parte da matriz.

b) *A aproximação de Bion ao conceito de matriz dá-se através do conceito de assunções básicas. A matriz como as assunções básicas tem em comum uma constância transversalmente às várias escolas.*

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) *Parece, a este nível, existir uma certa analogia entre a matriz e o modelo da 1ª tópica do aparelho psicológico.*

b) *Faz a analogia da matriz com os neurónios e as dendrites. Refere que o espelhar no grupo faz sentido e isto é a matriz, como se fosse um conjunto de espelhos. Aqui uma possível alusão à teoria de Winnicott.*

F - Dimensão da Matriz Interna

a) *O grupo relacional interno é diferente para diferentes pessoas. A matriz grupalítica depende das matrizes relacionais internas dos seus elementos.*

3.4.3. Entrevista 3

A - Dimensão da Definição da Matriz

a) *Considera o conceito de matriz como o conceito mais importante da grupálise. No sonho o grupo aparece como um todo, matriz que parece organizada e estabilizada. Refere que Foulkes distingue rede e matriz, esta última como mais diferenciada.*

b) *Cortesão amplia o conceito de matriz ao relevar as transações emocionais. O conceito de matriz de Cortesão deriva do conceito de matriz de Foulkes.*

c) *Quando se fala de uma matriz faz sentido falar da outra (matriz do grupo e matriz interna), uma vez que o grupo proporciona uma multiplicidade de objetos, externos e transferenciais. A matriz grupalítica é constituída pela representação de diferentes papéis mas também por fatores da realidade.*

d) *Em termos nominais não diferencia explicitamente matriz de grupo de matriz grupalítica. Cortesão tornou o conceito de matriz mais ope racionalizável. Contudo a definição ainda que certa é pouco clara. Os vários aspetos e conceitos referidos na definição de matriz grupalítica parecem ter todos a mesma importância.*

e) *Ao conceito acrescentaria transação emocional. Preza bastante o conceito de padrão até porque é um conceito original de Cortesão. O conceito de matriz grupalítica é original (padrão faz parte da definição de matriz grupalítica).*

f) *A teoria dos vínculos permite compreender melhor o conceito de matriz.*

B - Dimensão Temporal da Matriz

a) A matriz de grupo muda à medida que muda a matriz pessoal de grupo de cada um dos membros do grupo. A matriz de grupo para um analisando num dado momento é uma e para outro analisando é outra, *é um conceito relativo ao observador/participante. A percepção da matriz grupanalítica depende da matriz relacional interna.*

b) A matriz de grupo deve continuar a ser investigada por todos os motivos, os padrões culturais também mudam e a matriz de grupo reflete os padrões socioculturais.

C - Dimensão Técnica da Matriz

a) *Releva a importância central da ligação do grupanalista com o analisando, aqui parece surgir a importância do padrão.*

b) O papel do analista é evidente e não pode ser subalternizado. É uma figura transferencial por eleição *que tem o poder no grupo.*

c) A matriz pessoal de grupo vai ser projetada para a matriz do grupo o que dá uma possibilidade operacional muito rica. A matriz de grupo deve continuar a ser investigada por todos os motivos, os padrões culturais também mudam.

d) Nas interpretações não se fala da teoria. A atividade interpretativa implica não só a interpretação mas clarificação, etc. *Matriz e interpretação “caminham” juntas.*

A matriz como um todo (na perspectiva de Bion) não deve “anular” a especificidade de cada um.

e) Acha que o grupanalista transmite o padrão para a matriz e para cada um dos membros do grupo que internaliza esse padrão, desenvolvendo cada um uma função grupanalítica. *Parece que a relação do grupanalista, através do padrão, é primordialmente com os analisandos “per si” e secundariamente com a matriz.*

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

a) Refere-se à representação transferencial e ao peso que também a realidade pode ter no grupo. *Na matriz os fenómenos transferenciais circulam. Releva a importância da matriz grupanalítica nos movimentos transferenciais e na neurose de transferência. Na matriz*

grupalítica convivem fenómenos transferenciais com não transferenciais. A comunicação não-verbal é um aspeto importante na matriz.

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) Dá exemplo do funcionamento de uma equipa de futebol e de um grupo de combate de elite e da necessidade de se atingir o objetivo do grupo. O grupo terapêutico é diferente. Existem n objetivos, existe um objetivo singular que resulta do compromisso com aquela pessoa que o procurou. É este que deve ser atingido. Em relação à matriz interna dá a metáfora exemplificativa do sistema solar com os planetas em interação. *Aqui uma possível alusão à teoria geral dos sistemas.*

b) No grupo é ativada a matriz pessoal de grupo de cada um dos elementos na matriz grupalítica, *como um guião interno* de uma peça de teatro.

F - Dimensão da Matriz Interna

a) Refere a importância do conceito de matriz inter-relacional interna mas que prefere designar por matriz pessoal de grupo. *O conceito de matriz relacional interna (Maria Rita Leal) é organizador do conceito de matriz.* Dentro de nós existe um grupo, que deriva do grupo familiar nuclear, não temos representações isoladas de objetos internos, ou seja, *relações de objeto internalizadas também como um grupo é idêntico à matriz relacional interna.*

b) Os vários grupos internos dos analisandos vão ser ativados na grupalítica e entram em interação. *A percepção é condicionada pela matriz relacional interna. Também para si matriz relacional interna e contratransferência estão associadas.*

c) Considera que o aspeto mais relevante da matriz tem a ver com o facto de cada membro do grupo exprimir nesta o seu grupo pessoal interno.

3.4.4. Entrevista 4

A - Dimensão da Definição da Matriz

a) Releva o conceito de matriz e o de padrão. Acha válido o conceito de matriz mas prefere o conceito de microcultura grupal que lhe parece mais compreensível e menos especulativo, além de mais humano e positivo. *Necessitou de elaborar um conceito mais humano e “próximo”, aspetos que faltam à definição de matriz, embora não enjeite o conceito de matriz e matriz grupal.*

b) *A matriz do grupo é transmissora do padrão e de uma cultura específica daquele grupo. Contudo, cultura de grupo e microcultura de grupo são diferentes. O conceito de microcultura grupal é uma clarificação e humanização do conceito de matriz.*

c) O grupalista ouve a um nível cultural. *Matriz (ou microcultura grupal) tem uma dimensão consciente e uma dimensão inconsciente. Importante investigar a noção de matriz na perspectiva da evolução do modelo pulsional para a teoria das relações de objeto (TRO). Considera a contribuição de Cortesão como a mais importante ainda que a sua definição de matriz seja fria, falta-lhe o fundo do colorido afetivo, isto apesar de estar certa. O conceito tem implícito a personalidade do seu autor (como no conceito de matriz grupal).*

B - Dimensão Temporal da Matriz

a) A organização da matriz vai ser condicionada pela própria maneira do grupalista introduzir o padrão.

b) A matriz com um tempo de rodagem é diferente, é mais madura e elaborada o que pode facilitar a inserção de novos elementos. Refere que a maturidade da matriz depende da aprendizagem do metier de analisando e da capacidade de pensar. É igual à maturidade de uma cultura. *A cultura da matriz vai amadurecendo com a evolução da grupalização.*

C - Dimensão Técnica da Matriz

a) Fala do seu conceito de comunicação metadramática referindo que é uma forma de intervir no grupo com os conceitos teóricos mas com *nuances* e compreensão humana.

b) O padrão ajuda a desenvolver as redes de comunicação entre as pessoas. *O questionamento é uma parte importante do padrão que é utilizado de acordo com o estilo pessoal do grupalista.*

c) *A contratransferência é um elemento comum à matriz grupalítica e ao padrão. Uma parte importante do padrão é introduzir a interpretação mas a forma de aplicar os conceitos vai evoluindo com o tempo. A contratransferência em sentido lato dá um colorido à forma de introduzir o padrão mas tem também a ver com o estilo do grupalista. Neste sentido as características da matriz têm a ver também com a contratransferência.*

d) *Valoriza muito o conceito de ego training in action. Concilia perspectiva de Foulkes (treino do ego em ação) com perspectiva de Cortesão (neurose de transferência grupal).*

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

a) *Os conceitos fazem mais ou menos sentido de acordo com o utilizador do conceito. Tem sempre latente que os membros do grupo trazem diferentes conceitos. Isto é a matriz mas prefere a outra designação mais clara. Estes conceitos têm sempre uma base de emoções, perplexidades, interrogações que fazem parte da matriz.*

b) *As comunicações verbais e não-verbais fazem parte da matriz.*

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) *A matriz é o conjunto das relações entre as pessoas, por analogia tem a ver com mãe, útero, aconchego. A matriz tem assim uma identidade feminina e padrão uma identidade masculina.*

b) *As comunicações do analista e dos outros membros do grupo vão fazer o caldo da matriz.*

F - Dimensão da Matriz Interna

Sem respostas nesta dimensão.

3.4.5. Entrevista 5

A - Dimensão da Definição da Matriz

a) A análise é feita pelo grupo através da sua matriz. O importante é a mudança do elemento do grupo através da mudança da matriz. A matriz é uma rede de relação, comunicação e elaboração. A matriz grupal é um conjunto de relações artificiais mas reais e que serve de objeto de exploração. Se a matriz muda o elemento muda. Existe portanto uma *influência primária do grupo, face ao grupanalista*

b) Cortesão defendia a importância do padrão. *Bion e Cortesão com posições contrárias. O grupanalista não é um condutor mais ativo do grupo, ele é porta-voz do grupo.* Refere a integração do padrão grupanalítico na matriz.

c) Refere-se ao seu conceito de grupo ecoponto, dando exemplo da escolha de um elemento pela agressividade que através da identificação projetiva vai esperar um dado comportamento no outro.

d) É a dinâmica que caracteriza a matriz. A rede é o conjunto de elementos que comunicam. Existe uma *relação intrínseca entre rede e matriz. A matriz não é autónoma da rede. A matriz tem uma comunicação não-verbal.*

e) Na sua opinião uma matriz pode ser mais imatura. *Matriz imatura é dependente, matriz madura é independente.*

f) *A compreensão do que é a matriz resulta de diferentes teorias.* Ao conceito de matriz acrescentava o seu conceito de ecoponto. Existe assim *uma relação intrínseca entre matriz e grupo ecoponto.*

B - Dimensão Temporal da Matriz

a) A matriz é uma dinâmica que vai evoluindo, não é um conceito estático, não é uma estrutura. A matriz muda constantemente e faz mudar as pessoas. *A modificação das pessoas confirma a mudança na matriz. O mais relevante na matriz é a sua capacidade de mudança.*

b) Refere que a sua fantasia teve influência na estruturação da matriz, como processo dinâmico. Considera importante este aspeto da definição que é “o enformam”. Quer dizer que não é estático. Os conceitos não podem ser estáticos e imutáveis. Os conceitos não são pré-definidos. Para além do que disse Cortesão pode haver outros conceitos que o enformam, que lhe dão forma. *A definição de matriz grupanalítica de Cortesão pode sofrer mudanças, não é estática.*

C - Dimensão Técnica da Matriz

a) O grupanalista interpreta o grupo sobre o que se está a passar, nomeadamente com a identificação projetiva sobre algum elemento. A pessoa vai reintrojetar algo diferente e vai mudar influenciado pela matriz do grupo. *O indivíduo interage na matriz através da identificação projetiva que tem o cariz de uma relação.*

b) A pessoa tem uma matriz e pensa como o grupo, isto tem relação com a comunicação inconsciente. Cortesão dizia que o que trata é a matriz. Dirige-se ao grupo como um todo, incluindo todos, mesmo os que não falaram.

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

a) *Tem uma visão holística do ser humano e dá relevo ao grupo como um todo.* Refere que procura sempre perceber o que o grupo lhe está a comunicar no todo.

b) Na grupanálise a pessoa é assimilada pela matriz. O comportamento depende da matriz em que se está inserido. A pessoa tem uma matriz e pensa como o grupo, isto tem relação com a comunicação inconsciente. *O sujeito na matriz do grupo não tem basicamente um pensamento só seu.*

c) *Na matriz só a relação é que existe.* Importante é a mudança na matriz. O que se analisa é o que se passa dentro do grupo. O analisando vai viver a situação edipiana na matriz. Há uma regressão dentro da matriz. *Dá um exemplo de uma situação transferencial de um seu grupo de grupanálise que é reproduzida na matriz do grupo. A grupanálise permite transferências simultâneas e psicanálise transferências sequenciais. A matriz grupanalítica torna “visível” “os movimentos transferenciais.*

d) Acha que o grupanalista nunca é o mesmo em matrizes diferentes. *A matriz “muda” o grupanalista.*

e) Na matriz está presente a transferência e a contratransferência.

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) *O grupo é todo um ecoponto.* O grupo é como um ser vivo, *tem vida própria.* O grupo é um ser e uma matriz.

- b) A matriz é como uma casa, é a canalização, e esta é como uma rede.
- c) Vai cosendo, ligando o que cada um dos elementos do grupo diz.
- d) Não somos autónomos em relação ao grupo, como um braço que depende da matriz em que está inserido.

F - Dimensão da Matriz Interna

a) Refere que sofremos a influência do meio, é cultural *Predomínio da aprendizagem / influência sociocultural sobre o genético*. Aprendemos na matriz familiar, escolar, na matriz dos brinquedos etc.

b) Refere Maria Rita Mendes Leal e o seu conceito de matriz relacional interna, com que se vai atuar na matriz de grupo, tornando a matriz interna, externa. *A matriz do grupo resulta da interação das diversas matrizes relacionais internas*. A pessoa relaciona-se através da matriz relacional interna. *O sujeito internaliza a matriz do grupo*. O analisando vai pôr a sua matriz relacional interna naquela matriz. Parte do conhecimento inerente à matriz relacional interna faz parte do conhecimento implícito.

c) O padrão é a expressão de uma matriz interna. Se o analisando refinou a sua matriz interna mas não a mudou, isso não é grupanálise. *A grupanálise de curta duração pode reforçar as características defensivas da matriz relacional interna*.

3.4.6. Entrevista 6

A - Dimensão da Definição da Matriz

a) Releva o conceito de matriz. *O conceito de matriz dá identidade própria à grupanálise*.

b) Foulkes foi buscar o conceito de matriz a Ruesh e Bateson. *A ligação intrínseca padrão/matriz de Cortesão faz a diferença face à conceptualização de Foulkes*. Refere que se utiliza constantemente o conceito de matriz uma vez que os elementos do grupo estão em constante interação criando uma rede relacional com todo o grupo, importante para a evolução do processo terapêutico.

c) A base da grupanalise é a relação. Está hoje em dia mais próximo da posição de Cortesão. Tem tentado desenvolver o conceito de metateoria que corresponderia à metapsicologia. Na metateoria são de considerar os conceitos de matriz, padrão e desenvolvimento da cultura de grupo. Refere que é com o conceito de padrão, entre outros, que se pode dar um enfoque na metateoria.

d) É necessário não esquecer o enfoque social destes aspetos como o próprio Freud reconheceu através dos seus trabalhos antropológicos e do papel do chefe como uma emanção do grupo. Dá como exemplo a figura de Moisés, do pai primitivo que é morto pelos filhos e põe isso no terapeuta que é para o grupo um líder natural em este projeta o seu funcionamento interno. *O grupanalista (“chefe”) é uma emanção do grupo (?)*.

e) Relativamente à matriz dever-se-á investigar e desenvolver este conceito e aumentar a dimensão analítica do mesmo. A situação mudou e há muitas pessoas que pretendem uma explicação mais neurofisiológica e menos psicológica e sociológica nos aspetos da relação. Neste sentido ter-se-ia que integrar o conceito de matriz numa base neurofisiológica.

f) Refere que não acrescentaria mais nada em relação a este conceito de matriz. Releva a importância da incorporação do conceito de padrão grupanalítico na definição de matriz grupanalítica. Refere o conceito de perlaboração como importante.

g) Em Foulkes o conceito de matriz é diferente, dá também enfoque à atitude do grupanalista mas não aparece o conceito de padrão. Foulkes não concordava com a definição de padrão. A evolução do grupo devia estar centrada no grupo e o analista era um facilitador de comunicações, nunca intervindo diretamente. *Na sua perspectiva o grupo é que faz a análise não o grupanalista.*

B - Dimensão Temporal da Matriz

a) A matriz tem elementos comuns mas vai-se modificando ao longo do tempo. A possibilidade de perlaboração da neurose de transferência deriva da modificação da matriz ao longo do tempo. A entrada de um novo membro para o grupo gera modificações na organização da matriz, mas mantêm-se presentes elementos do passado. Como exemplo refere a recordação de elementos que pertenceram aquele grupo e que já saíram. Foulkes desenvolveu o conceito de historiador do grupo. Alguém do grupo vai contar histórias do passado mas que continuam presentes e são vivenciadas.

C - Dimensão Técnica da Matriz

a) Refere que Cortesão descobriu o conceito de padrão. O padrão permite a formação da neurose de transferência. Existe pois uma *relação intrínseca entre o padrão e a neurose de transferência grupal*. O Grupanalista através do padrão vai criar uma cultura no grupo e vai haver a perlaboração da neurose de transferência. *O padrão grupanalítico dá assim o cariz analítico à grupanalise*. Foulkes valorizava a posição do analista no grupo o que de facto também faz parte do padrão. Neste sentido *o conceito de padrão deriva na origem de Foulkes*.

b) Na sua opinião o uso do conceito de matriz é constante. Foulkes põe a matriz como suporte do treino do ego em ação e não da perlaboração da neurose de transferência. O treino do ego em ação definido por Foulkes é próximo da organização da neurose de transferência. *Concilia assim os conceitos de treino do ego em ação e neurose de transferência grupal*.

c) Trabalhar os pressupostos básicos é muito semelhante à perlaboração da neurose de transferência.

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

a) *O grupanalista faz parte integrante da relação na matriz*. Refere o conceito de perlaboração como importante.

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) *A matriz surge assim como “máquina do tempo”*.

F - Dimensão da Matriz Interna

a) A interação das diferentes redes relacionais dos elementos do grupo é a base da interação na matriz. Lembra o conceito da Maria Rita Mendes Leal de matriz relacional interna. As pessoas levam esta matriz interna para o grupo e ela é modificada no grupo.

b) Existe uma *ligação intrínseca entre o conceito de matriz relacional interna e matriz (grupo)*.

3.4.7. Entrevista 7

A - Dimensão da Definição da Matriz

a) *A grupanálise pode permitir compreender a influência da matriz familiar e a relação entre irmãos. Refere o conceito de matriz e padrão na relação da teoria com a prática, estes dois conceitos estão associados. Refere a dificuldade pessoal de compreender o conceito de matriz a partir da definição de Cortesão.*

b) *Não diferencia explicitamente matriz de grupo de matriz grupanalítica. O conceito de matriz grupanalítica tem espaço para poder alargar o seu significado, trata-se de um conceito aberto. A matriz é a forma como o grupo está organizado.*

c) *Matriz e padrão têm regras sociais. Nem sempre é clara a definição de matriz. Pode ser vista no sentido estrito ou no sentido mais alargado. Questiona sobre o que é que faz parte ou não da matriz. Esta é um conceito com alguma elasticidade (mais estrito ou mais alargado). O conceito mais alargado de matriz é equivalente a grupo.*

d) *Cortesão tinha um conceito diferente de matriz que relacionava com o conceito de padrão. O de Foulkes é um conceito diferente do Cortesão porque não considera tanto o padrão. A matriz apropria-se do padrão como se fosse uma identificação funcionando assim numa perspetiva analítica terapêutica. A matriz grupanalítica surge como matriz e padrão “num só conceito”.*

e) *Deve-se manter a definição original de Cortesão dada a sua história e de conseguir concentrar numa só frase um conceito ou um conjunto de conceitos muito importantes. O que faria era explicitar melhor esta definição, por outras palavras ou exemplos, de modo a torná-la mais clara. O conceito de matriz grupanalítica de Cortesão não é de fácil apreensão em termos do seu sentido. A matriz grupanalítica é um conceito passível de ser reorganizado/melhorado.*

B - Dimensão Temporal da Matriz

a) *A entrada ou saída de um elemento do grupo muda qualquer coisa no grupo mas há qualquer coisa que também fica invariável na matriz e que se liga à história e mentalidade do grupo. Matriz é constituída pela história, a mentalidade e o imaginário do grupo (grupo*

presente e grupo passado), matriz é uma totalidade longitudinal. Refere que a matriz de um grupo em geral não varia a não ser em situações mais radicais.

b) Refere que a matriz de um grupo caracteriza um modo específico de funcionamento do grupo e é diferente de grupo para grupo. O padrão pode ser o mesmo ainda que os grupos funcionem de modo diferente. A matriz tem algo de invariável.

C - Dimensão Técnica da Matriz

a) *O padrão transmite a função psicanalítica da personalidade para a matriz que a interioriza.*

b) Não lhe fazia muito sentido interpretações diretas para o grupo como um todo. No entanto refere que é diferente percebendo o conceito de fantasia comum do grupo. *Possível “ambivalência” face à intervenção do grupo como um todo/intervenção individual.* As regras de funcionamento do grupo têm muito a ver com o padrão e acaba por fazer parte da matriz. *A matriz integra o padrão. Grupo e matriz são equivalentes.*

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

a) No grupo ocorrem os processos grupanalíticos. O termo projeção pode ser usado e apropriado pelos elementos do grupo. O termo identificação projetiva não aparece no grupo mas sim os comportamentos inerentes que são analisados.

b) Refere a importância do conceito de fantasia comum do grupo e da importância do *grupo como um todo.*

c) O tipo de linguagem em termos de comunicação passa a fazer parte da comunicação do grupo. *Cada matriz tem uma linguagem própria, específica daquele grupo.*

d) O grupo apropria-se de princípios e de um modo de funcionar que constitui a matriz.

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) Relaciona matriz com um terreno fértil onde as coisas podem florescer com a ação do padrão.

b) O padrão do grupanalista é fundamental, *este surge como uma “figura parental” que introduz as regras e que passam a fazer parte da mentalidade de grupo que por sua vez faz parte da matriz.*

c) Refere que a linguagem que é utilizada pelo grupo também faz parte da *matriz que por sua vez também transmite o padrão.* Dá um exemplo da sua experiência clínica do uso da expressão “ cair a moeda”.

d) *A matriz funciona como uma sociedade.*

F - Dimensão da Matriz Interna

a) *A matriz grupanalítica está interiorizada nos membros do grupo, inclusive o grupanalista.*

3.4.8. Entrevista 8

A - Dimensão da Definição da Matriz

a) Considera que algumas pessoas nunca deveriam ser analistas porque não têm uma estrutura básica adequada e podem sofrer com isso. *Está latente uma concepção de estrutura básica, necessária para se ser analista.* Acha que pode haver um lado seu que desincentive as pessoas a serem analistas.

b) Considera o conceito de matriz grupanalítica teoricamente importante, que foi integrado, mas na prática clínica é um conceito para se pensar sobre os grupos que são feitos. Para si a matriz grupanalítica é a rede de comunicação, de intercomunicação. O conceito de matriz surge através da comunicação, não só analisando-grupanalista, mas num modelo de intervenção dirigido para o grupo. *O funcionamento da matriz implica um modelo próprio de comunicação no grupo e a matriz é a forma como a comunicação flui ou não flui.*

c) A comunicação na matriz também tem muito a ver com a relação do grupanalista com cada um dos elementos do grupo e da segurança que sentem na matriz. *Existe uma ligação intrínseca entre o funcionamento da matriz e a segurança básica que sentem com o grupanalista.*

d) Não lhe parece importante acrescentar alguma coisa ao conceito de matriz. Na definição de matriz grupalítica refere a intercomunicação. *Reforça assim a importância das trocas comunicacionais no conceito de matriz grupalítica.*

e) Acha que a definição de matriz grupalítica tem de ser desmontada e agrupada. Mantinha-se a definição e punham-se chavetas com outros conceitos. *O conceito de matriz grupalítica está genérico e pouco claro.*

f) Refere também a importância da contribuição das neurociências, nomeadamente, como exemplo, da memória.

B - Dimensão Temporal da Matriz

a) O acontecimento do *acting out* que relatou repercutiu-se na matriz do grupo. Ser grupalista implica uma aprendizagem teórica e prática clínica, contínuas. *Vai-se evoluindo e melhorando com a experiência.*

b) A matriz não se mantém inalterada, estabelece-se lentamente e a comunicação vai fluindo cada vez mais. A matriz muda à medida que vai evoluindo o grupo e os seus elementos, perdendo-se resistências.

c) Vai-se interpretando, mas não antes de tempo, e a comunicação na matriz vai sendo mais fácil. *A matriz é sobretudo a comunicação no grupo.*

d) Considera que de acordo com a sua prática as pessoas em formação são as mais difíceis e refere mesmo, exemplificando, uma situação recente. *Daqui também a importância de uma boa seleção dos elementos para o grupo.*

C - Dimensão Técnica da Matriz

a) Considera que a aliança terapêutica é um dos conceitos mais importantes, senão há aliança terapêutica não põe a pessoa no grupo. *A ligação/relação com o grupalista é primordial face à ligação inicial com o grupo. O grupalista é importante para o funcionamento da matriz. Dá muita importância à ligação do grupalista com cada um dos membros do grupo no sentido winnicottiano e no sentido de Balint. A internalização do analista dá a segurança necessária no grupo, além da relação com os outros elementos.*

b) Entende que face às resistências do grupo a um novo elemento aguarda para ver o que é que o grupo faz com aquela pessoa, mas isto tem limites e depende do conhecimento que tem do analisando. Considera que os profissionais das nossas áreas podem não ser os mais fáceis de integrar no grupo mas sabe que eles estão a observar e a matriz vai integrando-os com a intervenção do analista.

c) Releva a importância da ligação privilegiada com o analista. Os pares, os opositores e o bode expiatório são secundários face à transferência e contratransferência e à ligação com o analista. *Importância primordial, face ao grupo, da ligação/relação com o grupanalista.*

d) A supervisão é melhor em grupo porque permite a troca de casos clínicos e uma visão dos outros sobre o nosso trabalho. *Daqui a importância da matriz do grupo de supervisão.* A supervisão dos outros mais novos permite também uma reflexão.

e) Considera que o conceito de matriz pode requerer mais investigação mas que esta é difícil, exigindo um modelo de investigação para grupo com registos das sessões. *Releva o modelo empírico de investigação.*

f) Alude à importância do treino do ego em ação no grupo e acha que se deviam integrar melhor os diversos conceitos

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

a) Considera que os conceitos de transferência e contratransferência são muito importantes na grupanalise. *Releva a importância dos aspetos da comunicação inconsciente.* O conceito de matriz está inerente ao modelo de estar em grupo.

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) Refere que este conceito tornou-se um *slogan* e concorda que na definição de matriz é necessário clarificar e atualizar os diversos níveis.

F - Dimensão da Matriz Interna

a) *O conceito de matriz faz parte integrante do substrato teórico-clínico do grupanalista e é um instrumento do analista.*

3.5. Integração e Síntese dos Dados Obtidos de Todas as Entrevistas

Os dados obtidos das entrevistas foram depois integrados num texto final, organizados nas seis dimensões já referidas. Aqui os conteúdos implícitos já não aparecem destacados a itálico mas completamente integrados no texto conjunto.

De referir que na dimensão “definição da matriz” (primeira dimensão referida), primeiro são abordadas as referências feitas ao padrão grupalítico e de seguida as referentes mais especificamente à matriz. Assim obteve-se o seguinte resultado:

A1 - Dimensão da Definição da Matriz (ênfase no Padrão)

A **matriz grupalítica** é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual, pela integração do **padrão grupalítico**, fomenta a evolução do processo grupalítico adentro das dimensões teóricas e técnicas que o enformam. (Cortesão, 1989, p. 11) [sublinhado nosso]

a) O padrão (e o grupalista) é fundamental na integração na matriz para o desenvolvimento do processo grupalítico. Cada analista tem um grupo que tem a ver com características de si próprio e que pode empatizar. As pessoas são escolhidas para o grupo tendo em consideração partes do analista.

b) Matriz e padrão são vistas como entidades separadas embora em relação estreita.

c) A tendência maioritária dos entrevistados é de dar cada vez dar mais importância ao grupalista e ao padrão

d) Para se ser analista é necessária uma estrutura básica adequada. O padrão é um conceito original de Cortesão, com identidade própria, e que muda qualquer coisa na grupalise. Foulkes não concordava com a definição de padrão mas falava da importância do condutor do grupo, de algum modo o conceito de padrão deriva na origem de Foulkes. Matriz e padrão têm regras sociais. O padrão permite a formação da neurose de transferência. O grupalista através do padrão vai criar uma cultura no grupo e vai haver a perlaboração da neurose de transferência. Este transmite a função psicanalítica da personalidade para a matriz que a interioriza. Mas é necessário não esquecer o enfoque social destes aspetos como o próprio Freud reconheceu através dos seus trabalhos antropológicos e do papel do chefe como uma emanção do grupo.

e) A ligação intrínseca padrão/matriz de Cortesão faz a diferença face à conceptualização de Foulkes. Também a rede de elaboração não é referenciada por Foulkes. O conceito de matriz e padrão na relação da teoria com a prática aparecem então associados.

f) Na metateoria são de considerar os conceitos de matriz, padrão e desenvolvimento da cultura de grupo. O conceito de padrão, entre outros, dá um enfoque na metateoria.

A2 - Dimensão da Definição da Matriz (ênfase na Matriz)

A **matriz grupalítica** é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual, pela integração do padrão grupalítico, fomenta a evolução do processo grupalítico adentro das dimensões teóricas e técnicas que o enformam. (Cortesão, 1989, p. 11) [sublinhado nosso]

a) Os entrevistados tendem a não dar ênfase em termos nominais à diferença entre matriz de grupo e matriz grupalítica, utilizando um conceito geral de matriz, ainda que relevando diferenças entre a conceção de Foulkes e Cortesão.

b) A matriz na sua relação com o grupalista e o padrão, e na sua relevância face ao processo grupalítico, surge sobretudo em duas vertentes nas entrevistas realizadas: aquela em que o grupalista e o padrão têm certa primazia sobre esta na condução do grupo e aqui de algum modo o conceito de padrão “sobrepõe-se” ao de matriz e, outra proposta, em que a matriz parece ter o papel primordial e é o cerne do processo analítico, até mais relevante de algum modo que o próprio grupalista. O grupalista não é aqui um condutor mais ativo do grupo, ele é porta-voz do grupo.

c) O conceito de matriz é algo esotérico, difícil de definir, e que necessita de ser investigado de modo a defini-lo melhor e a clarificar o seu significado e utilidade. É uma rede de comunicação e interação com pontos partilhados em diferentes níveis de regressão, ou também se pode dizer que é o padrão de interação e de relação, modo de associar e defesas. A matriz é uma rede de intercomunicação. Reforça-se assim a importância das trocas comunicacionais no conceito de matriz grupalítica. Este conceito surge através da comunicação, não só analisando-grupalista, mas num modelo de intervenção dirigido para o grupo. O funcionamento da matriz implica um modelo próprio de comunicação no grupo e a matriz é a forma como a comunicação flui ou não flui.

d) A comunicação na matriz também tem muito a ver com a relação do grupanalista com cada um dos elementos do grupo e da segurança que sentem na matriz. Existe uma ligação intrínseca entre o funcionamento da matriz e a segurança básica que sentem com o grupanalista.

e) Pode haver diferentes abordagens de matriz, cada um tem uma percepção diferente da sua definição e esta tem variações individuais. Prefere-se, por vezes, a designação de padrões relacionais à de matriz.

f) A matriz tem uma dimensão explícita e implícita. Tem vários níveis, um nível mais superficial, mais fenomenológico e depois cada vez mais inconsciente. A matriz vai do consciente para o inconsciente, do mais simples para o mais complexo. A definição de matriz tem constância transversalmente às várias escolas, daí também a sua importância e pertinência do seu estudo.

g) Existe uma relação intrínseca entre os vários tipos de matriz (matriz de grupo, matriz grupanalítica, matriz relacional interna, *foundation matrix*, entre outras).

A matriz (assim como o *large group*) pode ajudar a compreender o funcionamento do ser humano na sua relação com o social.

h) É de relevar também o processo grupanalítico (que faz parte da definição de matriz grupanalítica). Quando se fala em processo tem que se definir perlaboração, *insight* e os objetivos do processo.

i) De forma maioritária os entrevistados consideram a matriz grupanalítica um conceito importante e central na teoria e técnica grupanalítica. Este conceito dá identidade própria à grupanalise. Na prática clínica é um conceito para se pensar sobre os grupos que são feitos. O sonho com o grupo como um todo pode revelar a necessidade de uma matriz estável e organizada.

j) Foulkes foi buscar o conceito de matriz a Ruesh e Bateson e distingue rede e matriz, esta última como mais diferenciada. Cortesão amplia o conceito de matriz ao relevar as transações emocionais. O conceito de matriz de Cortesão deriva na origem do conceito de matriz de Foulkes, ainda que o venha a conceptualizar de uma forma original (padrão integra a definição de matriz grupanalítica). Cortesão tornou este conceito mais operacionalizável.

Contudo a definição ainda que certa é pouco clara. Por exemplo, os vários aspetos e conceitos referidos na definição de matriz grupalítica parecem ter todos a mesma importância.

k) A definição de matriz de Cortesão é fria, falta-lhe o fundo do colorido afetivo, isto apesar de estar certa. Os conceitos têm implícito a personalidade do seu autor.

l) Ao conceito pode-se acrescentar a transação emocional.

m) Quando se fala de uma matriz (matriz grupalítica ou de matriz interna) faz sentido falar da outra, uma vez que o grupo proporciona uma multiplicidade de objetos, externos e transferenciais. A matriz grupalítica é constituída pela representação de diferentes papéis mas também por fatores da realidade.

n) O conceito de microcultura grupal face ao de matriz, poderá ser mais compreensível e menos especulativo, além de mais humano, próximo e positivo, aspetos estes que faltam à definição de matriz, até para se clarificar mais este conceito.

o) A matriz do grupo é transmissora do padrão e de uma cultura específica daquele grupo. Contudo, cultura de grupo e microcultura de grupo são diferentes.

p) Outra perspectiva que emerge nas entrevistas (sobretudo em um ou outro entrevistado) é aquela que dá sobretudo relevo ao grupo como um todo numa perceção holística e o que é importante é perceber o que o grupo está a comunicar no seu conjunto.

q) Neste sentido a análise é feita pelo grupo através da sua matriz. O importante é a mudança do elemento do grupo através da mudança da matriz. A matriz grupal é um conjunto de relações artificiais mas reais e que serve de objeto de exploração. Se a matriz muda o elemento muda. Esta é dinâmica, não é estática, existe portanto uma influência primária do grupo face ao grupalista. Como em Foulkes a evolução do grupo está centrada no mesmo, e o analista será um facilitador de comunicações não intervindo diretamente.

r) Ainda nesta perspectiva, surge o conceito de grupo ecoponto, que se pode acrescentar ao conceito de matriz, em que por exemplo um elemento do grupo vai servir para que um outro lhe deposite a sua agressividade, e que através da identificação projetiva vai esperar um dado comportamento no primeiro. Esta é uma perspectiva diferente de outros analistas entrevistados, em que basicamente a matriz não tem autonomia /identidade própria.

s) É a dinâmica que caracteriza a matriz. A rede é o conjunto de elementos que comunicam. Existe uma relação intrínseca entre rede e matriz. A matriz não é autónoma da

rede. Uma matriz pode ser mais imatura e neste sentido é dependente, por outro lado matriz madura é independente. Dever-se-á investigar e desenvolver este conceito e aumentar a dimensão analítica do mesmo.

t) Pretende-se por vezes, atualmente, uma explicação mais neurofisiológica e menos psicológica e sociológica nos aspetos da relação. Neste sentido, ter-se-á que integrar o conceito de matriz numa base neurofisiológica.

u) A matriz é a forma como o grupo está organizado. Ela é que faz um grupo não o seu número de elementos. A linguagem que é utilizada pelo grupo também faz parte da matriz que por sua vez também transmite o padrão. Pode ser vista no sentido estrito ou no sentido mais alargado. Questiona-se sobre o que é que faz parte ou não da matriz. Este é um conceito com alguma elasticidade (mais estrito ou mais alargado). O conceito mais alargado de matriz é equivalente a grupo.

v) A matriz apropria-se do padrão como se fosse uma identificação funcionando assim numa perspetiva analítica terapêutica. A matriz grupanalítica surge como matriz e padrão “num só conceito”.

w) Deve-se manter a definição original de Cortesão dada a sua história e de conseguir concentrar numa só frase um conceito ou um conjunto de conceitos muito importantes. Pode-se explicitar melhor esta definição, por outras palavras ou exemplos, de modo a torná-la mais clara, no sentido de ficar um conceito reorganizado e melhorado.

x) A definição de matriz grupanalítica tem de ser desmontada e agrupada. Mantinha-se a definição e punham-se chavetas com outros conceitos. É um conceito genérico e pouco claro. Na perspetiva de um modelo empírico de investigação é difícil a investigação da matriz, implicando registos de sessões.

y) O conceito de matriz grupanalítica tem deste modo espaço para poder alargar o seu significado, trata-se de um conceito aberto.

B - Dimensão Temporal da Matriz

A matriz grupanalítica é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual, pela integração do padrão grupanalítico, fomenta a

evolução do processo grupalítico adentro das dimensões teóricas e técnicas que o enformam. (Cortesão, 1989, p. 11) [sublinhado nosso]

a) O conceito de matriz está presente desde o início do grupo. A matriz do grupo só se constitui ao fim de algum tempo de funcionamento do grupo, após estimular-se a horizontalização da comunicação. A construção da matriz implica uma descentralização na figura do grupalítico. Ser grupalítico implica uma aprendizagem teórica e prática clínica, contínuas, evoluindo e melhorando com a experiência.

b) A matriz pode variar com a entrada, saída e modificações dos elementos do grupo. A entrada ou saída de um membro do grupo gera modificações na organização da matriz, mas mantêm-se presentes elementos do passado que se ligam à história e mentalidade do grupo. São dados exemplos da recordação de elementos que pertenceram a um grupo e já saíram.

c) Foulkes desenvolveu o conceito de historiador do grupo. Alguém do grupo vai contar histórias do passado mas que continuam presentes e são vivenciadas. A matriz é constituída pela história, a mentalidade e o imaginário do grupo (grupo presente e grupo passado), a matriz é uma totalidade longitudinal.

d) A matriz tem algo do analista e a sua gênese na seleção das pessoas. O grupalítico é importante já antes da constituição do grupo. Na seleção dos elementos para o grupo está-se a antecipar uma determinada matriz. Os grupos são diferentes devido à seleção que se faz. As pessoas em formação grupalítica são por vezes as mais difíceis e daí também a importância de uma boa seleção dos elementos para o grupo.

e) A matriz prevista/imaginada pode ser mais relevante do que a matriz já existente. A matriz constrói-se também à imagem do grupalítico. A fantasia do analista tem influência na estruturação da matriz como processo dinâmico.

f) Globalmente considera-se que as pessoas são predominantes face à matriz. Se as pessoas mudarem há variações na matriz, mas também existem aspetos que não mudam na matriz. Existem padrões de agressividade ou destrutividade em certas matrizes e existem padrões de interação positiva e de elaboração. Se as pessoas não mudarem isto mantêm-se. A matriz grupalítica vai evoluindo ao longo da análise porque as pessoas vão evoluindo. A matriz não se mantém inalterada, estabelece-se lentamente e a comunicação vai fluindo cada vez mais. A matriz muda à medida que vai evoluindo o grupo e os seus elementos, perdendo-se resistências.

g) A matriz de grupo muda assim na medida em que muda a matriz pessoal de grupo de cada um dos elementos. A matriz de grupo para um analisando num dado momento é uma e para outro analisando é outra, é um conceito relativo ao observador/participante. A percepção da matriz do grupo depende da matriz relacional interna.

h) A matriz grupanalítica deve continuar a ser investigada por todos os motivos, os padrões culturais também mudam e a matriz reflete os padrões socioculturais. O grupanalista ouve a um nível cultural.

i) Torna-se importante investigar a noção de matriz na perspectiva da evolução do modelo pulsional para a teoria das relações de objeto (TRO).

j) A organização da matriz vai ser condicionada pela própria maneira do grupanalista introduzir o padrão. A matriz com um tempo de rotação é diferente, é mais madura e elaborada o que pode facilitar a inserção de novos elementos. Os conceitos fazem sentido a partir da matriz já estruturada e há um *timing* para isto. Grupo rodado implica matriz formada. A maturidade da matriz depende da aprendizagem do *mettier* de analisandos e da capacidade de pensar. É igual à maturidade de uma cultura. A cultura da matriz vai amadurecendo com a evolução da grupanalise.

k) A matriz é uma dinâmica que vai evoluindo, não é um conceito estático, não é uma estrutura. Na perspectiva da primazia da matriz, pode-se referir que a matriz muda constantemente e faz mudar as pessoas. A modificação das pessoas confirma a mudança na matriz. Neste sentido o mais relevante na matriz é a sua capacidade de mudança.

l) É importante o aspeto que se refere à definição da matriz que é “o enformam”. Quer dizer que não é estático. Os conceitos não podem ser estáticos e imutáveis. Os conceitos não são pré-definidos. Para além do que disse Cortesão pode haver outros conceitos que o enformam, que lhe dão forma. A definição de matriz grupanalítica de Cortesão pode sofrer mudanças, não é estática.

m) A matriz tem elementos comuns, tem algo de invariável mas também vai-se modificando ao longo do tempo. A possibilidade de perlaboração da neurose de transferência deriva da modificação da matriz ao longo do tempo.

n) A matriz de um grupo caracteriza um modo específico de funcionamento do mesmo e é diferente de grupo para grupo. O padrão pode ser o mesmo ainda que os grupos funcionem de modo diferente.

C - Dimensão Técnica da Matriz

A matriz grupalítica é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual, pela integração do **padrão grupalítico**, fomenta a evolução do **processo grupalítico** adentro das **dimensões teóricas e técnicas** que o enformam. (Cortesão, 1989, p. 11) [sublinhado nosso]

a) Intervenções para o grupo como um todo e depois individualizadas. A matriz deve ser em primeiro lugar trabalhada como um todo.

b) A matriz é importante para a análise da neurose de transferência na situação grupal, embora seja discutível se é possível fazer a análise completa desta ou só de aspectos pontuais. Isto dependerá do analista e dos pacientes.

c) A atividade interpretativa implica não só a interpretação mas clarificação, etc. Matriz e interpretação “caminham” juntas. Quando Cortesão fala do padrão está a falar do fim de uma grupalítica, da transferência, da formação e personalidade do analista.

d) É o padrão que leva a que a matriz se elabore e se chegue à análise da transferência. O padrão induz na matriz, no sentido de promover o trabalho de cada um dos elementos do grupo. O padrão grupalítico dá assim o cariz analítico à grupalítica.

e) A aliança terapêutica é um dos conceitos mais importantes na grupalítica. A ligação/relação com o grupalista é primordial face à ligação inicial com o grupo

f) É central a ligação do grupalista com o analisando. É muito importante a ligação do grupalista com cada um dos membros do grupo no sentido winnicottiano e no sentido de Balint. A internalização do analista dá a segurança necessária no grupo, além da relação com os outros elementos.

g) O padrão ajuda a desenvolver as redes de comunicação e o questionamento é uma parte importante do padrão que é utilizado de acordo com o estilo pessoal do grupalista.

h) O papel do analista é evidente e não pode ser subalternizado. É uma figura transferencial por eleição que tem o poder no grupo. O grupalista (através do padrão) é

primordial face ao grupo como um todo (perspetiva da Escola Portuguesa), ele é que guia a matriz. Os pares, os opositores e o bode expiatório são secundários face à transferência e contratransferência e à ligação com o analista.

i) A matriz pessoal de grupo vai ser projetada para a matriz do grupo o que dá uma possibilidade operacional muito rica.

j) A matriz como um todo (na perspetiva de Bion) não deve “anular” a especificidade de cada um.

k) O grupanalista transmite o padrão para a matriz e para cada um dos membros do grupo que internaliza esse padrão, desenvolvendo cada um uma função grupanalítica.

l) A comunicação metadramática é uma forma de intervir no grupo com os conceitos teóricos mas com *nuances* e compreensão humana.

m) A contratransferência é um elemento comum à matriz grupanalítica e ao padrão. Uma parte importante do padrão é introduzir a interpretação mas a forma de aplicar os conceitos vai evoluindo com o tempo. A contratransferência em sentido lato dá um colorido à forma de introduzir o padrão mas tem também a ver com o estilo do grupanalista. Neste sentido as características da matriz têm a ver também com a contratransferência.

n) Concilia-se a perspetiva de Foulkes (treino do ego em ação) com perspetiva de Cortesão (neurose de transferência grupal). Mas Foulkes põe a matriz como suporte do treino do ego em ação e não da perlaboração da neurose de transferência. Contudo, o treino do ego em ação definido por Foulkes é próximo da organização da neurose de transferência. Conciliam-se assim os conceitos de treino do ego em ação e neurose de transferência grupal. Também trabalhar os pressupostos básicos é muito semelhante à perlaboração da neurose de transferência. O conceito de perlaboração é importante assim como o de treino do ego em ação, no grupo. Alguns conceitos têm que ser melhor integrados.

o) Face às resistências do grupo a um novo elemento pode-se aguardar para ver o que é que o grupo faz com aquela pessoa, mas isto tem limites e depende do conhecimento que se tem do analisando. Os profissionais das nossas áreas podem não ser os mais fáceis de integrar no grupo mas eles estão a observar, e a matriz vai integrando-os com a intervenção do analista.

p) O grupanalista interpreta o grupo sobre o que se está a passar, nomeadamente com a identificação projetiva sobre algum elemento. A pessoa vai reintrojetar algo diferente e vai mudar influenciado pela matriz do grupo. O indivíduo interage na matriz através da identificação projetiva que tem o cariz de uma relação. Vai-se interpretando, mas não antes de tempo, e a comunicação na matriz vai sendo mais fácil. A matriz é sobretudo a comunicação no grupo.

q) Na perspetiva da primazia da matriz como um todo, pode-se dizer que a pessoa tem uma matriz e pensa como o grupo, isto tem relação com a comunicação inconsciente. Cortesão dizia que o que trata é a matriz. Neste sentido, o grupanalista dirige-se ao grupo como um todo, incluindo todos, mesmo os que não falaram.

r) A fantasia comum do grupo faz com que faça sentido interpretações diretas para o grupo como um todo. No entanto surge por vezes alguma ambivalência quanto à pertinência da intervenção para o grupo como um todo ou intervenção individual.

s) A matriz integra o padrão, podendo-se dizer numa certa acessão que grupo e matriz são equivalentes.

t) A supervisão é melhor em grupo porque permite a troca de casos clínicos e uma visão dos outros sobre o nosso trabalho. Daqui a importância da matriz do grupo de supervisão.

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

A matriz grupanalítica é a rede específica de **comunicação, relação e elaboração**, a qual, pela integração do padrão grupanalítico, fomenta a evolução do **processo grupanalítico** adentro das **dimensões teóricas e técnicas** que o enformam. (Cortesão, 1989, p. 11) [sublinhado nosso]

a) Na matriz existem aspetos partilhados por todos mas com ressonâncias diferentes. As comunicações alimentam-se destes aspetos. A ressonância reforça a matriz. É na matriz que ocorre a separação/ individuação.

b) A ressonância, o antiggrupo, o treino do ego em ação e o espelhamento, fazem parte da matriz. A aproximação de Bion ao conceito de matriz dá-se através do conceito de

assunções básicas. A matriz, como as assunções básicas, têm em comum uma constância transversalmente às várias escolas.

c) No grupo a representação transferencial e o peso da realidade existem. Na matriz os fenómenos transferenciais circulam. A matriz grupalítica é importante nos movimentos transferenciais e na neurose de transferência. A matriz grupalítica torna “visível” os movimentos transferenciais, e nesta convivem fenómenos transferenciais com não transferenciais. Os conceitos de transferência e contratransferência são muito importantes na grupalítica. As comunicações verbais e não-verbais fazem parte da matriz. O conceito de matriz está inerente ao modelo de estar em grupo.

d) Os conceitos fazem mais ou menos sentido de acordo com o utilizador do conceito. Os membros do grupo trazem diferentes conceitos e isto é a matriz. Estes conceitos têm sempre uma base de emoções, perplexidades, interrogações que fazem parte da matriz.

e) Na perspectiva da primazia da matriz como um todo, a pessoa é assimilada por esta. O grupo é um ser e uma matriz. O comportamento depende da matriz em que se está inserido. A pessoa tem uma matriz e pensa como o grupo, isto tem relação com a comunicação inconsciente. O sujeito na matriz do grupo não tem basicamente um pensamento só seu. Mente e matriz estão intrinsecamente relacionadas na sua conceptualização.

f) Na matriz só a relação é que existe. O que se analisa é o que se passa dentro do grupo. O analisando vai viver a situação edipiana e há uma regressão dentro da matriz. A grupalítica permite transferências simultâneas e psicanálise transferências sequenciais. O grupalítico nunca é o mesmo em matrizes diferentes. A matriz “muda” o grupalítico. De relevar também a importância do conceito de perlaboração.

g) No grupo analítico ocorre o processo grupalítico. O termo projeção pode ser usado e apropriado pelos elementos do grupo. O termo identificação projetiva não aparece no grupo mas sim os comportamentos inerentes que são analisados.

h) De referir a importância do conceito de fantasia comum do grupo como um todo.

i) O tipo de linguagem em termos de comunicação passa a fazer parte da comunicação do grupo. Cada matriz tem uma linguagem própria, específica daquele grupo.

j) O grupo apropria-se de princípios e de um modo de funcionar que constitui a matriz.

E - Dimensão Analógica da Matriz

a) A matriz alimenta a comunicação e existem temas que aparecem recorrentemente e isto tem a ver com a matriz formada. O grupanalista vai cosendo, ligando o que cada um dos elementos do grupo diz.

b) Parece existir uma certa analogia entre a matriz e o modelo da 1ª tópica do aparelho psicológico.

c) Pode-se fazer também uma analogia da matriz com os neurónios e as dendrites.

d) O espelhar no grupo faz sentido e isto é a matriz, como se fosse um conjunto de espelhos. Aqui uma possível alusão à teoria de Winnicott.

e) Dá-se o exemplo do funcionamento de uma equipa de futebol e de um grupo de combate de elite, e da necessidade de se atingir o objetivo do grupo. O grupo terapêutico é diferente. Neste existem n objetivos, existe um objetivo singular que resulta do compromisso com aquela pessoa que procurou o analista e é este que deve ser atingido.

f) Em relação à matriz interna dá a metáfora exemplificativa do sistema solar com os planetas em interação. Aqui uma possível alusão à teoria geral dos sistemas.

g) A matriz é o conjunto das relações entre as pessoas, por analogia tem a ver com mãe, útero, aconchego.

h) O grupo é todo um ecoponto. O grupo é como um ser vivo, tem vida própria.

i) A matriz é como uma casa, é a canalização, e esta é como uma rede. Não somos autónomos em relação ao grupo, como um braço que depende da matriz em que está inserido.

j) A matriz surge como “máquina do tempo” (expressão do autor do trabalho).

k) O padrão do grupanalista é fundamental, este surge como uma “figura parental” que introduz as regras e que passam a fazer parte da mentalidade de grupo que por sua vez faz parte da matriz.

l) A matriz tem uma identidade feminina e padrão uma identidade masculina.

m) As comunicações do analista e dos outros membros do grupo vão fazer o caldo da matriz.

n) A matriz funciona como uma sociedade.

o) Este conceito de matriz grupalítica tornou-se um *slogan* e é necessário clarificar e atualizar os diversos níveis

F - Dimensão da Matriz Interna

a) As representações internas mudam através da matriz. A interação entre a matriz relacional interna do grupalista e a matriz do grupo leva à possibilidade de funcionamento do grupo no registo analítico. O processo terapêutico e a integração da matriz no padrão têm a ver com a matriz relacional interna do grupalista. É esta modificada que é um dos elementos do padrão e da natureza do analista. É de referir também que parte do conhecimento inerente à matriz relacional interna faz parte do conhecimento implícito.

b) A interação entre as matrizes relacionais internas de cada elemento do grupo tem a ver com a formação da matriz. O grupo relacional interno é diferente para diferentes pessoas. Os vários grupos internos dos analisandos vão ser ativados na grupalítica e entram em interação. A matriz interna torna-se externa, e é modificada.

c) A percepção é condicionada pela matriz relacional interna. A pessoa relaciona-se através da matriz relacional interna. Também a matriz relacional interna e contratransferência estão associadas. Na matriz está presente a transferência e a contratransferência. Integra-se a conceção de Maria Rita Leal, de matriz relacional interna, e Foulkes, com a de Cortesão (padrão).

d) O conceito de matriz inter-relacional interna pode designar-se por matriz pessoal de grupo. O conceito de MRI (Maria Rita Mendes Leal) é organizador do conceito de matriz. Dentro de nós existe um grupo, que deriva do grupo familiar nuclear, não se tem representações isoladas de objetos internos, ou seja, relações de objeto internalizadas também como um grupo é idêntico à matriz relacional interna.

e) A teoria dos vínculos permite compreender melhor o conceito de matriz. No grupo é ativada a matriz pessoal de grupo de cada um dos elementos na matriz grupalítica, como um guião interno de uma peça de teatro. O aspeto mais relevante da matriz tem a ver com o facto de cada membro do grupo exprimir nesta o seu grupo pessoal interno. O sujeito internaliza também a matriz do grupo, assim como o grupalista. Existe uma ligação intrínseca entre o conceito de matriz relacional interna e matriz (grupo).

f) Sofremos a influência do meio, é cultural. Existe um predomínio da aprendizagem / influência sociocultural sobre o genético. Aprendemos na matriz familiar, escolar, na matriz dos brinquedos etc.

g) Se o analisando refinou a sua matriz interna mas não a mudou, isso não é grupanalise. A grupanalise de curta duração pode reforçar as características defensivas da matriz relacional interna.

h) A interação das diferentes redes relacionais dos elementos do grupo é a base da interação na matriz.

i) O conceito de matriz grupanalítica faz parte integrante do substrato teórico-clínico do grupanalista e é um instrumento do analista.

3.6. Análise no Texto dos Conceitos que Integram a Definição de Matriz Grupanalítica

Na análise das entrevistas constatou-se que os entrevistados utilizam um discurso povoado de conceitos, em referência à grupanalise em geral, à sua experiência e prática clínica e especificamente aos diversos conceitos que abordam. Neste sentido considerou-se pertinente fazer uma análise adicional de como os diversos conceitos que fazem parte do conceito em estudo de matriz grupanalítica surgem no discurso dos entrevistados ao longo da entrevista.

Deste modo, da análise das entrevistas efetuadas sobre a utilização dos conceitos, por parte dos entrevistados, que integram o conceito em estudo, segue-se a apresentação de sumários ilustrativos da utilização dos conceitos no texto, ou referências textuais aos mesmos, assim como algumas considerações gerais.

A matriz grupanalítica é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual, pela integração do padrão grupanalítico, fomenta a evolução do processo grupanalítico adentro das dimensões teóricas e técnicas que o enformam. (Cortesão, 1989, p. 11) [sublinhado nosso]

Rede

Praticamente todos os entrevistados, com exceção de um (entrevista 7) referiram o conceito de rede.

Quadro 7

Referências ao Conceito de Rede

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Refere que a matriz é uma <i>rede</i> de comunicação e interação com pontos partilhados. | 1 | (6; 1-5) |
| A <i>rede</i> de elaboração não é referenciada pelo Foulkes. | 1 | (11; 27) |
| A matriz é uma <i>rede</i> de interação e comunicação. | 2 | (11; 25) |
| Começa por Foulkes referindo que este distingue <i>rede</i> e matriz, esta última como mais diferenciada. | 3 | (9; 3-5) |
| Foi importante distinguir estes conceitos do de <i>rede</i> . | 3 | (19; 9-10) |
| As matrizes são <i>redes</i> de comunicação. | 4 | (6; 18-19) |
| O padrão ajuda a desenvolver as <i>redes</i> de comunicação entre as pessoas. | 4 | (6; 18-19) |
| Refere que as explicações sobre a matriz abordam as diferentes <i>redes</i> . | 4 | (6; 24) |
| A matriz é uma <i>rede</i> de relação, comunicação e elaboração. | 5 | (15; 5) |
| A <i>rede</i> é o conjunto de elementos que comunicam. | 5 | (15; 11-13) |
| A canalização é como uma <i>rede</i> . | 5 | (15; 16) |
| A <i>rede</i> mudou e mudou a matriz. Isto criou muita angústia. | 5 | (16; 5-9) |
| Refere que a matriz é o substrato, é a <i>rede</i> . | 5 | (16; 18-19) |
| Foulkes publicou “Psicoterapia de grupo- o enfoque psicanalítico” onde refere que a matriz é uma <i>rede</i> de comunicação, relação e interação entre os membros do grupo e que permite a evolução destes. Releva os aspetos interativos na grupanálise. | 6 | (7; 14-20) |

Quadro 7 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Cortesão tem uma conceptualização muito diferente de matriz. É a <i>rede</i> de relação e comunicação a qual pela incorporação do padrão grupanalítico vai permitir o desenvolvimento e perlaboração da neurose de transferência com posterior individualização dos <i>selves</i> . | 6 | (7; 25-30) |
| Existe uma <i>rede</i> de relação e comunicação. | 6 | (8-11) |
| Refere que se utiliza constantemente o conceito de matriz uma vez que os elementos do grupo estão em constante interação criando uma <i>rede</i> relacional com todo o grupo, importante para a evolução do processo terapêutico. | 6 | (8/9; 31-1) |
| A interação das diferentes <i>redes</i> relacionais dos elementos do grupo é a base da interação na matriz. | 6 | (9; 1-4) |
| Para si a matriz grupanalítica é a <i>rede</i> de comunicação, de intercomunicação. | 8 | (5; 6-7) |
| As psicoses têm indicação para psicoterapia de grupo em setting de serviço, mas precisam de uma <i>rede</i> externa. | 8 | (4; 4-7) |

Comunicação

Todos os entrevistados utilizam o termo comunicação.

Quadro 8

Referências ao Conceito de Comunicação

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| É necessário estimular a <i>comunicação</i> e uma horizontalização da mesma. | 1 | (3; 22-24) |
| Importância dos níveis de <i>comunicação</i> . | 1 | (3/4; 34-1) |
| Releva a importância do <i>timing</i> da interpretação comutativa. Atenção aos níveis de <i>comunicação</i> . | 1 | (4;3) |

Quadro 8 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Deve-se estimular o aprofundamento da <i>comunicação</i> . Há um tempo para se poder estruturar. | 1 | (4; 4-8) |
| Refere que a matriz é uma rede de <i>comunicação</i> e interação com pontos partilhados. | 1 | (6; 1-5) |
| Dá exemplo do conceito de matriz referindo-se ao trabalho de Cortesão em que se trabalha a ansiedade de separação e em que há uma <i>comunicação</i> toda ela à volta de um mesmo tema e isto é a matriz. | 1 | (7; 9-2) |
| Considera que os aspetos mais relevantes estão interligados numa ação de <i>comunicação</i> e interação. | 1 | (8; 17-18) |
| Importância destes aspetos (<i>comunicação</i> , interação e elaboração) no objetivo terapêutico. | 1 | (8; 17-19) |
| Refere-se ao sistema de <i>protocomunicação</i> que é falado por Maria Rita Lea. e que em consonância com o treino do ego em ação leva à mudança. Na sua opinião isto faz sentido. | 1 | (10; 16-19) |
| Valoriza a <i>comunicação</i> não-verbal. | 2 | (4;18) |
| A <i>comunicação</i> não-verbal marca a diferença em relação à psicanálise. | 2 | (4;19) |
| É importante estimular a <i>comunicação</i> associativa no grupo. | 2 | (4; 23-24) |
| Deu um relevo especial aos níveis de experiência e <i>comunicação</i> nos grupos. | 2 | (5/5; 33-2) |
| A fantasia que há de vir uma pessoa nova que vai modificar a <i>comunicação</i> . | 2 | (19; 12-13) |
| A matriz é uma rede de interação e <i>comunicação</i> . | 2 | (11; 25) |
| Nos grupos a <i>comunicação</i> não-verbal é muito rica. | 3 | (12; 14-16) |
| Cortesão tinha uma capacidade de penetração didática e de <i>comunicação</i> que depois na parte escrita não surge Cortesão quando escrevia não era suficientemente claro. | 3 | (21/22; 31-4) |

Quadro 8 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|--|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Fala do seu conceito de <i>comunicação</i> metadramática referindo que é uma forma de intervir no grupo com os conceitos teóricos mas com nuances e compreensão humana. | 4 | (3; 23-26) |
| Dá o exemplo de uma <i>comunicação</i> afetiva de uma maneira metaforizada. | 4 | (3/4; 33-2) |
| As matrizes são redes de <i>comunicação</i> . | 4 | (6; 18-19) |
| Importância da <i>comunicação</i> consciente e inconsciente. | 4 | (8; 3-9) |
| O grupanalista não deve argumentar com os elementos do grupo. O grupanalista ouve a <i>comunicação</i> . | 4 | (8; 14-19) |
| Refere que acredita na <i>comunicação</i> inconsciente nos grupos. | 5 | (7; 29-30) |
| A matriz é uma rede de relação, <i>comunicação</i> e elaboração. | 5 | (15;5) |
| A <i>comunicação</i> , relação e elaboração criam uma dinâmica. | 5 | (15;6) |
| A <i>comunicação</i> e a elaboração passam a ser diferentes. | 5 | (16; 26-28) |
| Com o espelho não há <i>comunicação</i> , só há reflexão. Parece uma questão semântica que depois não é só semântica. | 5 | (21; 26-30) |
| O grupo como um todo é observável através da <i>comunicação</i> inconsciente. | 5 | (23; 29-30) |
| Ruesh e Bateson publicaram “ <i>Comunicação: matriz social da psiquiatria</i> ”, um pouco o desenvolvimento da teoria da <i>comunicação</i> . | 6 | (6; 27-29) |
| O estudo da <i>comunicação</i> ganha relevo e Bateson funda a Escola de Palo Alto. Desenvolve juntamente com Ruesh uma conceptualização entre as perturbações psiquiátricas e a <i>comunicação</i> . | 6 | (6/7; 29-4) |
| As perturbações da <i>comunicação</i> também decorrem dos aspetos fisiológicos e anatómicos. | 6 | (7; 5-9) |
| Foulkes publicou “ <i>Psicoterapia de grupo - o enfoque psicanalítico</i> ” onde refere que a matriz é uma rede de <i>comunicação</i> , relação e interação entre os membros do grupo e que permite a evolução destes. Releva os aspetos interativos na grupanalise. | 6 | (7; 14-20) |

Quadro 8 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Cortesão tem uma conceptualização muito diferente de matriz. É a rede de relação e <i>comunicação</i> a qual pela incorporação do padrão grupanalítico vai permitir o desenvolvimento e perlaboração da neurose de transferência com posterior individualização dos <i>selves</i> . | 6 | (7; 25-30) |
| Valoriza o aspeto da <i>comunicação</i> como sendo um halo para o desenvolvimento de toda a situação. | 6 | (8; 8-11) |
| Existe uma rede de relação e <i>comunicação</i> . | 6 | (8; 11) |
| O conceito de matriz inicialmente surge muito ligado à teoria da <i>comunicação</i> . | 6 | (14; 8-9) |
| Refere a importância da revivência de antigos padrões de <i>comunicação</i> . | 7 | (5; 2-4) |
| Refere a importância da nova relação no grupo. Criam-se novos padrões de <i>comunicação</i> e relação. | 7 | (5; 4-6) |
| O tipo de linguagem em termos de <i>comunicação</i> passa a fazer parte da comunicação do grupo. | 7 | (10; 13-16) |
| O conceito de matriz tinha sobretudo a ver com as potencialidades de <i>comunicação</i> . | 7 | (14; 10-11) |
| Para si a matriz grupanalítica é a rede de <i>comunicação</i> , de <i>intercomunicação</i> . | 8 | (5; 6-7) |
| O conceito de matriz surge através da <i>comunicação</i> , não só analisando-grupanalista, mas num modelo de intervenção dirigido para o grupo. | 8 | (5; 16-22) |
| Matriz é a forma como a <i>comunicação</i> flui ou não flui. | 8 | (7; 16-18) |
| A <i>comunicação</i> na matriz também tem muito a ver com a relação do grupanalista com cada um dos elementos do grupo e da segurança que sentem na matriz. | 8 | (7; 18-21) |
| A matriz não se mantém inalterada, estabelece-se lentamente e a <i>comunicação</i> vai fluindo cada vez mais. | 8 | (8; 11-15) |

Quadro 8 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|--|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Vai-se interpretando, mas não antes de tempo, e a <i>comunicação</i> na matriz vai sendo mais fácil. | 8 | (8; 18-22) |
| A investigação nesta área é difícil, são necessários registos das sessões de grupo acerca de como é que a <i>comunicação</i> vai variando ao longo do tempo. | 8 | (9; 13-20) |

Relação

Todos os entrevistados utilizam o termo relação.

Quadro 9

Referências ao Conceito de Relação

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Dá exemplo de um grupo que teve de jovens adultos que tinham dificuldades na separação e na autonomização e os temas centravam-se muito na <i>relação</i> com a mãe em diversas vertentes. | 1 | (7; 18-20) |
| Dá exemplo da mãe que estabelece uma <i>relação</i> narcísica e não permite a individuação. | 1 | (7; 22-23) |
| Acha que pode haver transformação sem análise da neurose de transferência desde que se verifique uma nova <i>relação</i> que permita uma interiorização e uma modificação. Na vida as pessoas podem mudar sem analisar desde que encontrem uma dada <i>relação</i> significativa. | 1 | (9; 14-22) |
| O Morris Nitsun, quando quer ver a indicação das pessoas para grupo vê sempre como é que foi a <i>relação</i> destas com os seus grupos do passado. | 2 | (3; 15-18) |
| Existem grupos com um padrão de interação e <i>relação</i> muito diferentes uns dos outros quer na forma como associam quer nas defesas que utilizam. | 2 | (6; 12-16) |

Quadro 9 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|--|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Considera muito importante a seleção. A partir da seleção é que se tem matrizes diferentes, assim como padrões de <i>relação</i> , de defesa e de interação. | 2 | (6; 28-34) |
| Quando entra em <i>relação</i> com os seus clientes chama-se matriz. | 2 | (10; 32-34) |
| Cortesão tinha uma formação psicanalítica sólida, predominantemente inglesa de <i>relação</i> de objeto. | 2 | (21; 12-14) |
| Necessidade de se sentir melhor consigo e também, uma coisa decorre da outra, da sua <i>relação</i> com os outros. | 3 | (1; 10-14) |
| Também lhe fez sentido o contexto grupal. As disfuncionalidades manifestam-se na <i>relação</i> com os outros, daí o sentido do grupo. | 3 | (1; 25-31) |
| Refere que a contratransferência é fundamental na <i>relação</i> terapêutica. | 3 | (8; 29-30) |
| Está sempre presente e a acontecer. Está sempre atento àquilo que na <i>relação</i> terapêutica é o fenómeno transferencial. | 3 | (13; 27-32) |
| Importante que os conceitos não abafem a <i>relação</i> humana como acontece frequentemente com as pessoas que os usam. | 4 | (2; 2-4) |
| Pode-se dizer com graça que a matriz e o padrão é a <i>relação</i> entre o homem e a mulher. | 4 | (6; 14-15) |
| A matriz é a <i>relação</i> entre as diferentes redes mas dito assim fica muito desumanizado | 4 | (6; 24-25) |
| O que leva à mudança é a <i>relação</i> . | 5 | (10; 32) |
| Procura ser melhor na matriz grupal de que os seus cuidadores foram. Procura criar uma <i>relação</i> mais harmoniosa. | 5 | (11; 2-5) |
| A matriz é uma rede de <i>relação</i> , comunicação e elaboração | 5 | (15; 5) |
| A comunicação, <i>relação</i> e elaboração criam uma dinâmica. | 5 | (15; 6) |
| Só existimos enquanto ser em <i>relação</i> senão não existimos. | 5 | (19; 9-10) |

Quadro 9 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Não existimos sem <i>relação</i> , não somos seres autônomos. | 5 | (19; 15-17) |
| O que existe é a <i>relação</i> que implica pelo menos dois e transformação de energia. | 5 | (19/20; 32-2) |
| Refere também que o sujeito está em constante <i>relação</i> com o ar que é um objeto interno. Quando se deixa de estar em <i>relação</i> morre-se. | 5 | (20; 4-8) |
| A matriz é a <i>relação</i> . A matriz grupal é um conjunto de <i>relações</i> artificiais mas reais e que serve de objeto de exploração. | 5 | (20; 14-18) |
| Foulkes publicou “Psicoterapia de grupo- o enfoque psicanalítico” onde refere que a matriz é uma rede de comunicação, <i>relação</i> e interação entre os membros do grupo e que permite a evolução destes. Releva os aspetos interativos na grupanálise. | 6 | (7; 14-20) |
| Valoriza o aspeto da comunicação como sendo um halo para o desenvolvimento de toda a situação. | 6 | (8; 8-11) |
| Existe uma rede de <i>relação</i> e comunicação. | 6 | (8;11) |
| A situação mudou e há muitas pessoas que pretendem uma explicação mais neurofisiológica e menos psicológica e sociológica nos aspetos da <i>relação</i> . | 6 | (14; 12-16) |
| Relaciona a importância da <i>relação</i> teoria/ prática. | 7 | (2; 32) |
| Da sua experiência prática releva a importância dos fatores terapêuticos. | 7 | (4; 27-30) |
| A <i>relação</i> terapêutica é mais relevante que o conceito mais estrito de neurose de Refere a importância da nova <i>relação</i> no grupo. Criam-se novos padrões de comunicação e <i>relação</i> . | 7 | (4; 30-33) |
| Os fatores terapêuticos são sobretudo constituídos por novos padrões de <i>relação</i> . | 7 | (5, 6-8) |
| Pensa que pode ser contraproducente o padrão de <i>relação</i> em que a pessoa está regredida. | 7 | (5; 10-16) |

Quadro 9 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|--|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Importância da <i>relação</i> entre a matriz e o padrão no conceito de Cortesão. | 7 | (14/15; 33-2) |
| A comunicação na matriz também tem muito a ver com a <i>relação</i> do grupanalista com cada um dos elementos do grupo e da segurança que sentem na matriz. | 8 | (7; 18-21) |
| A internalização do analista dá a segurança necessária no grupo, além da <i>relação</i> com os outros elementos. | 8 | (7; 24-30) |
| Refere que teve uma <i>relação</i> muito próxima com o Cortesão, foi seu analista e simultaneamente trabalhava com ele na Faculdade o que às vezes era complicado. | 8 | (11; 7-10) |

Elaboração

Excetuando duas entrevistas (entrevista 4 e 8) as outros referem o termo elaboração ou mesmo perlaboração ou *working through*.

Quadro 10

Referências ao Conceito de Elaboração/Perlaboração/Working through

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Para Cortesão a matriz é uma rede de <i>elaboração</i> . | 1 | (6; 3) |
| Importância destes aspetos (comunicação, interação e <i>elaboração</i>) no objetivo terapêutico. | 1 | (8; 17-19) |
| A rede de <i>elaboração</i> não é referenciada pelo Foulkes. | 1 | (11; 27) |
| Releva a importância do padrão na sua dimensão teórica e técnica e do seu propósito que aumenta a <i>elaboração</i> . | 1 | (13; 2-4) |
| Acrescenta o conceito de <i>perlaboração</i> , que ocorre na matriz. | 1 | (11; 7-9) |
| A <i>perlaboração</i> faz parte da matriz. | 2 | (11; 14) |

Quadro 10 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Quando fala em processo tem que definir <i>perlaboração</i> . | 2 | (24; 16-18) |
| Existem padrões de agressividade ou destrutividade em certas matrizes e existem padrões de interação positiva e de <i>elaboração</i> . Se as pessoas não mudarem isto mantêm-se. | 2 | (7; 30-34) |
| Além da comunicação, relação e <i>elaboração</i> , acrescentaria transação emocional ao conceito de matriz grupalítica. | 3 | (21; 27-28) |
| Refere que o <i>working through</i> é o repetir das vivências transferenciais. | 5 | (9; 16-18) |
| A evolução ao longo do <i>insight</i> é que constitui o <i>working through</i> . | 5 | (9; 19-20) |
| A matriz é uma rede de relação, comunicação e <i>elaboração</i> . | 5 | (15; 5) |
| A comunicação, relação e <i>elaboração</i> criam uma dinâmica. | 5 | (15; 6) |
| A comunicação e a <i>elaboração</i> passam a ser diferentes. | 5 | (16; 26-28) |
| Não há muitos psicoterapeutas que acreditem que a <i>perlaboração</i> da neurose de transferência em grupo seja o fundamental. | 6 | (4; 9-14) |
| Refere o conceito de <i>perlaboração</i> da neurose de transferência em grupo. | 6 | (4; 11) |
| Refere que Slavson não considera possível a <i>perlaboração</i> da neurose de transferência em grupo. | 6 | (4, 17-19) |
| Cortesão tem uma conceptualização muito diferente de matriz. É a rede de relação e comunicação a qual pela incorporação do padrão grupalítico vai permitir o desenvolvimento e <i>perlaboração</i> da neurose de transferência com posterior individualização dos <i>selves</i> . | 6 | (7; 25-30) |
| Refere a <i>perlaboração</i> . | 6 | (8; 14) |
| Foulkes considerou que a matriz não é suporte da <i>perlaboração</i> da neurose de transferência. | 6 | (9; 19-20) |
| Trabalhar os pressupostos básicos é muito semelhante à <i>perlaboração</i> da neurose de transferência. | 6 | (10; 27-29) |

Quadro 10 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Wolf e Schwartz estavam algo próximos na concetualização de que a terapêutica psicanalítica em grupos levaria a uma <i>perlaboração</i> da neurose de transferência. As sessões alternantes no entanto, quebram esta situação como o próprio Wolf reconheceu. | 6 | (11; 16-21) |
| A possibilidade de <i>perlaboração</i> da neurose de transferência deriva da modificação da matriz ao longo do tempo. | 6 | (12; 2-4) |
| Investigou o conceito de <i>perlaboração</i> . | 7 | (6; 28-29) |
| Refere que Cortesão fazia a diferença ao considerar importante a necessidade de <i>elaboração</i> da neurose de transferência. | 7 | (4; 22-23) |

Padrão

Só um dos entrevistados (entrevista 8) é que não se refere explicitamente ao termo padrão.

Quadro 11

Referências ao Conceito de Padrão

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Importância da integração do <i>padrão</i> na matriz. | 1 | (3; 17-18) |
| Da integração do <i>padrão</i> na matriz resulta a dinâmica do processo grupanalítico. | 1 | (3; 17-18) |
| O processo terapêutico e a integração da matriz no <i>padrão</i> tem a ver com a matriz relacional interna do grupanalista. | 1 | (12; 14-16) |
| É a matriz relacional interna modificada que é um dos elementos do <i>padrão</i> sendo a natureza do grupanalista. | 1 | (12; 20-22) |
| Releva a importância do <i>padrão</i> na sua dimensão teórica e técnica e do seu propósito que aumenta a elaboração. | 1 | (13; 2-4) |

Quadro 11 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Acha importante o conceito de <i>padrão</i> de Cortesão. | 2 | (4; 28-29) |
| O <i>padrão</i> é fundamental. Dá cada vez mais importância ao condutor do grupo. | 2 | (5; 2-3) |
| Muitos dos conceitos estão inseridos no <i>padrão</i> . | 2 | (5; 12-13) |
| Existem grupos com um <i>padrão</i> de interação e relação muito diferentes uns dos outros quer na forma como associam quer nas defesas que utilizam. | 2 | (6; 12-16) |
| Aparece um <i>padrão</i> relacional num grupo com um funcionamento específico. | 2 | (6; 23-26) |
| Refere que dada a seleção que fez no início, meteu pessoas no grupo com um forte sentido de humor e o <i>padrão</i> arrastou-se aos outros elementos. | 2 | (8; 20-28) |
| Refere que quando o Cortesão fala do <i>padrão</i> está a falar do fim de uma grupanálise, da transferência, da formação e personalidade do analista. | 2 | (10; 19-22) |
| No conceito de <i>padrão</i> tem uma utilidade específica. O <i>padrão</i> é o conceito que muda qualquer coisa na grupanálise. | 2 | (10; 22-26) |
| É o <i>padrão</i> que leva a que a matriz se elabore e se chegue à análise. Detesta conceitos que já estão ditos. | 2 | (10; 29-32) |
| O <i>padrão</i> participa na matriz mas acha que está um pouco de fora e que é importante. | 2 | (11; 17-18) |
| O <i>padrão</i> induz na matriz, no sentido de promover o trabalho de cada um dos elementos do grupo. | 2 | (11; 23-24) |
| O <i>padrão</i> é falado pelo Cortesão e não pelo Foulkes. | 2 | (12; 11-12) |
| As suas motivações são a foundation matrix. Prefere chamá-lo <i>padrão</i> relacional interno. | 2 | (13; 17-20) |
| Fazem parte da sua identidade que já os integrou e do corpo da grupanálise. Integra no <i>padrão</i> e em outras coisas. | 2 | (17; 32-33) |
| Acha que as pessoas ficam sempre com um <i>padrão</i> da assunção básica para aplicar. | 2 | (19; 8-10) |

Quadro 11 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|--|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Na sua opinião Cortesão tinha uma tendência estrutural em ser Kleiniano, mas integrava todos os conceitos e era este o <i>padrão</i> que transmitia. | 2 | (21; 24-29) |
| Preza bastante o conceito de <i>padrão</i> até porque é um conceito original de Cortesão. Este conceito de <i>padrão</i> provocou muita celeuma na Group Analytic Society. | 3 | (22; 15-18) |
| Acha que o grupanalista transmite o <i>padrão</i> para a matriz e para cada um dos membros do grupo que internaliza esse <i>padrão</i> , desenvolvendo cada um uma função grupanalítica. | 3 | (22; 18-23) |
| Releva o conceito de <i>padrão</i> . | 4 | (2; 18-19) |
| Dá um exemplo metafórico do <i>padrão</i> numa frase de Bion. O analista não deve dar respostas mas pôr o grupo a pensar. | 4 | (2; 19-26) |
| Importância da intervenção do grupanalista através do <i>padrão</i> . | 4 | (6; 13-14) |
| O <i>padrão</i> ajuda a desenvolver as redes de comunicação entre as pessoas. | 4 | (6; 18-19) |
| O <i>padrão</i> é ajudar as pessoas a pensarem e a forma de introduzir as questões. | 4 | (9; 16-18) |
| Uma parte importante do <i>padrão</i> é introduzir a interpretação. | 4 | (9; 18-19) |
| O <i>padrão</i> é importante na introdução da interpretação. | 4 | (9; 22-26) |
| A contratransferência faz com que o <i>padrão</i> seja introduzido de uma determinada maneira, de forma mais cáustica, benévola ou mais madura. | 4 | (10; 8-13) |
| A contratransferência em sentido lato dá um colorido à forma de introduzir o <i>padrão</i> mas tem também a ver com o estilo do grupanalista. | 4 | (10; 15-18) |
| A organização da matriz vai ser condicionada pela própria maneira do grupanalista introduzir o <i>padrão</i> . | 4 | (10; 29-32) |
| Isto acontece por influência do <i>padrão</i> que está sempre presente. Não é analisar o grupo de uma forma bioniana. | 5 | (4; 2-4) |

Quadro 11 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Cortesão defendia a importância do <i>padrão</i> . | 5 | (4; 2-4) |
| Integração do <i>padrão</i> grupanalítico na matriz. | 5 | (15; 7) |
| Integração do <i>padrão</i> grupanalítico na matriz. | 5 | (15; 7) |
| O <i>padrão</i> é a expressão de uma matriz interna. | 5 | (15; 7-8) |
| Cortesão descobriu um conceito importante que é o conceito de <i>padrão</i> . | 6 | (4, 31-34) |
| Refere que o Foulkes não acreditava no conceito de <i>padrão</i> . | 6 | (5; 11-12) |
| A Maria Rita tinha reservas em relação ao <i>padrão</i> . | 6 | (5; 12-13) |
| Foulkes valorizava a posição do analista no grupo o que de facto também faz parte do <i>padrão</i> . | 6 | (5; 14-19) |
| Refere a importância do conceito de <i>padrão</i> . | 6 | (6; 17) |
| Cortesão tem uma conceptualização muito diferente de matriz. É a rede de relação e comunicação a qual pela incorporação do <i>padrão</i> grupanalítico vai permitir o desenvolvimento e perlaboração da neurose de transferência com posterior individualização dos <i>selves</i> . | 6 | (7; 25-30) |
| Refere que Foulkes nunca apanhou a importância do <i>padrão</i> . | 6 | (10; 5) |
| O <i>padrão</i> vai desenvolver uma cultura nos grupos. | 6 | (10; 4-6) |
| O conceito de <i>padrão</i> vai dar um enfoque à atitude do grupanalista. | 6 | (11; 11-12) |
| Na metateoria são de considerar os conceitos de matriz, <i>padrão</i> e desenvolvimento da cultura de grupo. | 6 | (12; 23-25) |
| A metateoria congrega os conceitos de <i>padrão</i> , matriz e trabalho analítico dentro do grupo no sentido de explicar o funcionamento analítico do grupo. | 6 | (13; 17-22) |
| Releva a importância da incorporação do conceito de <i>padrão</i> grupanalítico na definição de matriz grupanalítica. | 6 | (15; 23-26) |

Quadro 11 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|--|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| O conceito de <i>padrão</i> é que permite que o grupo funcione com uma atitude analítica. | 6 | (15; 13-17) |
| Foulkes não concordava com a definição de <i>padrão</i> . A evolução do grupo devia estar centrada no grupo e o analista era um facilitador de comunicações, nunca intervindo diretamente. | 6 | (15; 27-33) |
| Refere o conceito de <i>padrão</i> na relação da teoria com a prática. | 7 | (3; 31-32) |
| Pensa que pode ser contraproducente o <i>padrão</i> de relação em que a pessoa está regredida. | 7 | (5; 10-16) |
| O <i>padrão</i> do grupanalista é fundamental. | 7 | (7; 8-9) |
| O <i>padrão</i> pode ser o mesmo ainda que os grupos funcionem de modo diferente. | 7 | (9; 23-24) |
| As regras de funcionamento do grupo têm muito a ver com o <i>padrão</i> e acaba por fazer parte da matriz. | 7 | (9; 24-28) |
| As pessoas interiorizam as regras que passam a fazer parte da mentalidade de grupo e isto é induzido pelo <i>padrão</i> . | 7 | (9; 32-34) |
| O grupanalista transmite um conjunto de aspetos através do <i>padrão</i> que são depois assimilados pelos elementos do grupo. | 7 | (10; 25-29) |
| Refere que a matriz é condicionada pelo <i>padrão</i> . Pessoas novas no grupo interiorizam certo modo de funcionamento. | 7 | (13; 12-15) |
| Cortesão tinha um conceito diferente de matriz que relacionava com o conceito de <i>padrão</i> . | 7 | (13, 19-21) |
| A matriz apropria-se do <i>padrão</i> como se fosse uma identificação funcionando assim numa perspectiva analítica terapêutica. | 7 | (14, 17-20) |
| Importância da relação entre a matriz e o <i>padrão</i> no conceito de Cortesão. | 7 | (14/15; 33-2) |
| Refere o conceito de <i>padrão</i> como importante para ser divulgado internacionalmente. | 7 | (15; 33-2) |

Processo

Só um entrevistado (entrevista 4) não refere explicitamente este termo. Todos os termos/conceitos presentes no conceito de matriz grupalítica se encontram interligados, nomeadamente com o de processo grupalítico.

Quadro 12

Referências ao Conceito de Processo

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Da integração do padrão na matriz resulta a dinâmica do <i>processo grupalítico</i> . | 1 | (3; 17-18) |
| Um dos seus trabalhos mais recentes foi definir o que é o <i>processo grupalítico</i> . | 2 | (23; 23-24) |
| Cortesão tem uma definição de <i>processo</i> que está bem mas é preciso definir melhor. <i>Processo</i> psicanalítico e <i>grupalítico</i> , algo em que tem debruçado a atenção e em que é preciso fazer uma análise concetual. | 2 | (23/24; 33-1) |
| É preciso compreender o âmago do <i>processo</i> nas suas componentes. Não se aborda o que é complexo. | 2 | (24; 11-13) |
| Quando fala em processo tem que definir <i>insight</i> e os objetivos do <i>processo</i> . Não se pode dizer só a matriz e já está dito. | 2 | (24; 17-19) |
| Refere uma pessoa que sentiu necessidade de fazer novamente um <i>processo grupalítico</i> . | 3 | (13; 3-5) |
| Existem <i>processos</i> transferenciais regressivos. | 5 | (8; 27-28) |
| Cita o conceito de Cortesão referindo o <i>processo grupalítico</i> . | 5 | (24; 1-2) |
| Refere que a sua fantasia teve influência na estruturação da matriz, como <i>processo</i> dinâmico. | 5 | (18; 5-8) |
| Pode ser uma psicose de transferência ou um borderline de transferência. O que vai ser analisado é sim o <i>processo</i> /quadro transferencial. | 5 | (26; 5-13) |

Quadro 12 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|--|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Refere que não acredita em grupanálises curtas. Em dois, três anos não há <i>processo grupanalítico</i> nenhum no que respeita à mudança. | 5 | (25; 21-24) |
| Está mais próximo da posição do Cortesão. Vai-se desenvolver o <i>processo grupanalítico</i> . | 6 | (10; 4-7) |
| Refere que se utiliza constantemente o conceito de matriz uma vez que os elementos do grupo estão em constante interação criando uma rede relacional com todo o grupo, importante para a evolução do processo terapêutico. | 6 | (8/9; 31-1) |
| No grupo ocorrem os <i>processos grupanalíticos</i> . | 7 | (7; 7-8) |
| Refere a importância do <i>processo</i> regressivo no grupo como um Todo e de cada um com o grupanalista. | 7 | (4/5; 33-2) |
| Refere as contribuições de Coimbra de Matos para uma nova compreensão do <i>processo psicanalítico</i> . | 7 | (5; 16-23) |
| Fala em processo grupal. | 8 | (8; 9) |

Dimensões Teóricas

Com exceção para duas entrevistas (4 e 8) os restantes entrevistados referem-se explicitamente à teoria das relações de objeto, metapsicologia ou metateoria.

Quadro 13

Referências às Dimensões Teóricas

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Cortesão diz que as características pessoais do analista são função da sua organização interna. Da sua representação dos <i>objetos</i> internos (...). | 1 | (13; 8-10) |
| Cortesão tinha uma formação psicanalítica sólida, predominantemente inglesa de <i>relação de objeto</i> . | 2 | (21; 12-14) |

Quadro 13 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Se as representações de <i>relação de objeto</i> vão mudando, a intrasubjectividade da pessoa, a matriz pessoal de grupo de cada um também vai mudar. | 3 | (15; 12-15) |
| Cortesão fala da <i>metapsicologia</i> Freudiana e mais duas contribuições fundamentais. | 5 | (23; 12-14) |
| Tem tentado desenvolver o conceito de <i>metateoria</i> que corresponderia à <i>metapsicologia</i> . | 6 | (12; 18-21) |
| A <i>metapsicologia</i> é a teoria dos instintos. | 6 | (12; 26-27) |
| Refere a teoria das <i>relações de objeto</i> . | 7 | (4; 7) |

Dimensões Técnicas

Com exceção para três entrevistas (3, 5 e 7) as restantes referem-se aos níveis de experiência e comunicação conceptualizados por Cortesão. A matriz grupanalítica e o padrão grupanalítico que também fazem parte das dimensões técnicas não são referenciados neste quadro, uma vez que já são analisados amplamente em outros *itens*.

Quadro 14

Referências às Dimensões Técnicas

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|--|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Importância dos <i>níveis de comunicação</i> . | 1 | (3/4; 34-1) |
| Releva a importância do <i>timing</i> da <i>interpretação comutativa</i> . Atenção aos <i>níveis de comunicação</i> . | 1 | (4; 3) |
| Deu um relevo especial aos <i>níveis de experiência e comunicação</i> nos grupos. | 2 | (4/5; 33-2) |
| É importante estimular a comunicação associativa no grupo. | 2 | (4; 23-24) |

Quadro 14 (continuação)

| Sumários das entrevistas | Referência | |
|---|------------|---------------|
| | Entrevista | (pág.; linha) |
| Nas interpretações não se fala da teoria. A atividade interpretativa implica não só a <i>interpretação</i> mas clarificação, etc. | 3 | (5/6; 31-1) |
| Refere os <i>níveis de interpretação</i> de que fala Cortesão. | 4 | (9; 19-21) |
| Uma parte importante do padrão é introduzir a <i>interpretação</i> . | 4 | (9; 18-19) |
| Refere que a <i>interpretação</i> ou é eficiente ou não é. | 4 | (9; 21-22) |
| O padrão é importante na introdução da <i>interpretação</i> . | 4 | (9; 22-26) |
| Uma <i>interpretação</i> pode ser violenta. | 4 | (9; 26-29) |
| Estavam sempre presentes os <i>níveis de interpretação</i> (Cortesão). | 8 | (11; 23-24) |

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

1. Discussão do Conceito em Estudo

1. Discussão do Conceito em Estudo

Conforme referido esta tese é uma investigação conceptual acerca do conceito de matriz grupanalítica. Constatou-se que este conceito, assim como o de matriz de grupo do qual deriva, é passível de diferentes perceções e abordagens por parte dos grupanalistas.

Numa primeira fase investigou-se como é que o conceito de matriz grupanalítica emerge na literatura sobre esta temática, nomeadamente na sua definição e contexto evolutivo em relação com conceitos similares, e numa segunda fase, investigou-se como é que este conceito é definido e utilizado por uma amostra seleccionada de grupanalistas portugueses, ou seja, como é que os grupanalistas portugueses lidam com este conceito, nomeadamente na prática clínica, abrangendo os aspetos explícitos e implícitos do mesmo.

1.1. Discussão de Resultados da Revisão Sistemática da Literatura

Em relação à primeira fase, efetuou-se uma revisão sistemática da literatura onde se constata que o conceito de matriz grupanalítica tem a sua origem no conceito de matriz de grupo de Foulkes (1964/2002) mas apresenta características e desenvolvimentos próprios. Os conceitos de matriz de grupo e de matriz grupanalítica, além das diferenças referidas ao longo do trabalho, têm similaridades e são muitas vezes referidos pelos autores de forma idêntica.

Estes conceitos têm sido abordados por diversos autores e são usualmente considerados centrais na referência à teoria analítica de grupo e grupanálise.

A abordagem e evolução dos conceitos de matriz de grupo e de matriz grupanalítica, não tem sido contínua. Cada autor tem uma perspetiva de acordo com os seus paradigmas de referência e experiência clínica, podendo-se, no entanto, considerar que as diferentes definições e aportes não se excluem globalmente e até se poderão em alguns casos complementar. Foulkes e na sua esteira os autores ingleses, privilegiam no conceito de matriz de grupo os aspetos da comunicação assim como na sua dinâmica a técnica do treino do ego em ação. Como já foi referido Cortesão e a Escola Portuguesa de Grupanálise, por sua vez, privilegiam os aspetos da elaboração e da ação do padrão grupanalítico na matriz que vai desenvolver o processo grupanalítico, nomeadamente a organização e elaboração da neurose de transferência grupal.

Maria Rita Leal tem uma perspetiva da grupanálise mais baseada nas influências da etologia e das teorias da comunicação e neste sentido afasta-se mais da conceção central da

grupanálise portuguesa. Esta autora considera que a matriz grupanalítica é uma estrutura que se caracteriza pelos automatismos de regulação e da causalidade circular. Azevedo e Silva introduz a temática da cultura do grupo, referindo que à designação de matriz prefere o conceito de microcultura do grupo. Guilherme Ferreira valoriza também, além da importância da neurose de transferência grupal, o conceito de treino do ego em ação, na dinâmica da matriz grupanalítica. César Dinis desenvolve o conceito de rede pragmática atual do grupo, articulando o conceito de matriz inter-relacional interna com o conceito de matriz grupanalítica.

Autores como Powel e Roberts fazem uma abordagem da matriz grupal com referência aos aspetos da física teórica. Por sua vez Nativ e Pisani perspetivam a matriz grupal como uma entidade com diferentes níveis de comunicação. Numa perspetiva diferente é de relevar a conceção de matriz de Stacey como um processo e não como uma rede ou sistema. Todos estes autores e aspetos podem ser visualizados no Quadro 2 (subcapítulo 2.2.1.).

Tal como já foi referido num artigo publicado no âmbito da realização desta tese (Marques e Torres, 2012), e através da análise do Quadro 2, é possível sugerir que o uso do termo matriz na psicoterapia de grupo, e no contexto histórico da década de 1940, 1950 e 1960, poderá ter, em grande parte, ramificações nas matrizes sociométricas usadas para avaliar a estrutura relacional de pequenos grupos, conjugando-se com a abordagem do grupo como um todo de Lewin, com o conceito de rede e com a teoria da comunicação de Ruesh e Bateson. O conceito de matriz reflete a complexidade dos fenómenos grupais ou microsociológicos, e a sua conjugação com o conceito de redes neuronais de Freud e Goldstein, e com a abordagem psicanalítica em geral, confere-lhe uma dimensão psicossocial psicanalítica complexa que tenta descrever a interação entre o nível grupal de funcionamento e o nível individual inconsciente. Neste sentido o conceito de matriz no grupo analítico é sobretudo rico em metáforas simbólicas que tentam descrever a experiência relacional fenomenológica e inconsciente.

A matriz grupanalítica é o palco idiossincrático dos fenómenos grupanalíticos e das diversas técnicas que permitem intervir na mesma e nos elementos do grupo. É na matriz grupanalítica que se revela o inconsciente dos elementos do grupo. O grupo é mais do que a soma das partes e é isto que gera a matriz e a particularidade dos fenómenos que nela ocorrem.

O conceito de matriz grupal, proposto por Cortesão, emerge como um conceito bastante amplo que integra em si outros conceitos como os de padrão e processo, grupais, definindo uma forma específica de entender a teoria e técnica grupal e os próprios objetivos grupais, nomeadamente a organização e elaboração da neurose de transferência grupal. Trata-se de uma abordagem com um cariz marcadamente mais psicanalítico do que a proposta por Foulkes e a Escola Inglesa.

Verifica-se também uma interligação entre os conceitos de matriz grupal, matriz de grupo e de matriz interna nos seus diferentes aspetos o que reenvia de facto para a importância geral do conceito de matriz no contexto grupal.

Na revisão efetuada, o conceito de matriz grupal, elaborado por Cortesão, parece ser globalmente aceite pelos grupais portugueses (pelo menos de uma forma explícita não é propriamente contestado) e algumas referências que são feitas ao conceito de matriz grupal vão no sentido de acentuar a sua importância e/ou introduzir novas versões ou aportes a este, ou ainda integrá-lo numa conceção mais abrangente, como são por exemplo os conceitos já referidos de microcultura do grupo, rede pragmática atual do grupo, treino do ego em ação e matriz relacional interna.

1.2. Discussão dos Resultados do Estudo Empírico

Numa segunda fase deste processo de investigação passou-se ao estudo empírico já referido anteriormente.

As categorias e subcategorias encontradas na análise das entrevistas permitem perceber a relevância dada ao conceito em estudo de matriz grupal e a forma de abordagem do mesmo, assim como o seu enquadramento teórico, técnico e clínico. Além dos conceitos e características próprias que caracterizam a grupal são referidos vários conceitos psicanalíticos, assim como a relação entre a grupal e a psicanálise, a relação da grupal com outras teorias, e diferentes autores significativos com ênfase para Foulkes, Bion e Cortesão.

De realçar que os resultados conclusivos apresentados nesta secção derivam naturalmente da análise global e integrada de todos os dados obtidos e não só da análise destas categorias e subcategorias *per se*.

Entre os grupanalistas entrevistados existem bastantes similaridades no que respeita à sua percepção do conceito de matriz grupanalítica, ainda que alguns considerem que este conceito deve ser melhor definido até para poder ser útil.

Portanto, maioritariamente, os analistas entrevistados consideraram que o conceito de matriz grupanalítica é um conceito importante e central na teoria e técnica grupanalítica, e que o mesmo deve ser investigado dada a sua relevância e constante referência entre os grupanalistas. No entanto, também é referido que se trata de um conceito menos claro, mesmo esotérico, beneficiando em ser clarificado, atualizado, ou melhorado. Um dos entrevistados (entrevista 2) considera mesmo que o conceito de matriz grupanalítico, tal como está definido, não lhe é globalmente útil.

Trata-se de um conceito presente e atual com especificidades próprias, embora com génese no passado, mas sujeito a desenvolvimentos progressivos.

Todos os entrevistados contribuíram com aportes teóricos e clínicos ao conceito de matriz grupanalítica e em alguns casos contribuindo mesmo com conceitos complementares ou, na sua percepção, mais completos ou adequados face à sua experiência clínica e pensamento.

Os grupanalistas entrevistados consideram bastante relevante o conceito de padrão, que faz parte integrante do conceito de matriz grupanalítica. A contratransferência e o processo grupanalítico também são referidos como aspetos importantes na abordagem a este conceito. A neurose de transferência grupal e a sua elaboração são o objetivo analítico referido pela maioria dos entrevistados o que parece estar concordante com o preconizado por Cortesão.

De uma forma sintetizada, e numa perspetiva de acrescentar e/ou reorganizar esta conceptualização de matriz grupanalítica, foram relevados os seguintes aspetos:

1. O conceito de matriz poderia ser também designado por padrões relacionais.
2. A este conceito de matriz poder-se-ia acrescentar a transação emocional.
3. O conceito de microcultura grupal é mais completo que o de matriz grupanalítica.
4. Importância do treino do ego em ação na dinâmica grupanalítica.

5. Importância no estabelecimento de novas relações transformadoras, para além da transferência/contratransferência.

6. Na matriz grupalítica a transformação intersubjetiva leva à transformação intrasubjetiva.

7. O conceito de matriz poderá ser integrado numa metateoria em grupálise.

8. Importância da perlaboração.

9. Importância da intercomunicação.

10. Importância da identificação projetiva.

11. Importância da contratransferência na organização e dinâmica da matriz grupalítica.

12. Importância do conceito de *fantasia comum no grupo*, como indicador do funcionamento da matriz no seu todo.

13. Importância da matriz relacional interna/grupo interno/matriz pessoal de grupo, na organização da matriz grupalítica.

14. Importância da analogia/metáfora para caracterizar a matriz grupalítica.

A matriz grupalítica surge como um conceito “ativo” e multifuncional, integrando as definições de padrão e processo, grupálíticos, que conferem um dinamismo particular a este conceito, e nomeadamente um cariz psicanalítico. As diversas respostas dadas no decorrer das entrevistas evidenciaram a complexidade e abrangência deste conceito. Permitiram concluir que a utilização deste conceito é integrador da própria teoria e técnica grupalítica, permitindo visualizar o grupo e intervir no mesmo com diferentes vertentes. Estas vertentes constituem uma forma de organizar a complexidade funcional deste conceito.

Neste sentido, a matriz grupalítica pode ter as seguintes 6 vertentes, com impacto ao nível da clínica:

1. Como fazendo parte integrante da formação e substrato teórico-clínico do grupalista.

O conceito de matriz grupalítica está muito presente na maioria dos grupanalistas entrevistados. Este conceito surge de forma explícita e implícita durante a entrevista, quer em resposta às questões colocadas, quer de modo espontâneo pelos entrevistados. Este conceito

permite ao grupanalista (e também aos restantes membros do grupo) perceberem o grupo e os fenómenos que se passam no mesmo de uma forma holística e contextual. A formação do grupanalista é teórico-técnica e também proveniente da sua grupanalise pessoal didática, onde ocorreram transformações da sua matriz interna. Esta matriz interna é parte estrutural da percepção com que o grupanalista olha o grupo e a sua dinâmica. Existe pois uma ligação intrínseca entre a matriz interna do grupanalista e o conceito de matriz grupanalítica, ambos sempre presentes de algum modo, e neste sentido pode-se dizer que a contratransferência do grupanalista é condicionada pela interação entre a matriz interna do próprio e a sua percepção da matriz do grupo. A interiorização do conceito de matriz grupanalítica é parte integrante da própria identidade do grupanalista e está presente quer no seu pensamento teórico quer na sua prática clínica.

2. Como representação do meio onde se desenvolve o processo grupanalítico.

É na matriz grupanalítica que se desenvolve o processo grupanalítico, nomeadamente a organização e perlaboração da neurose de transferência grupal, aspeto este central e identitário da Escola Portuguesa de Grupanalise. O conceito de matriz grupanalítica permite compreender que o processo grupanalítico desenvolve-se num meio próprio constituído pela interação e comunicação constante entre os membros do grupo. Outros aspetos, como o treino do ego em ação e a possibilidade do estabelecimento de novas relações e vínculos para além da transferência/contratransferência, fazem também parte do processo analítico que ocorre e se desenvolve na matriz grupanalítica.

3. Como um meio de compreensão do funcionamento de um grupo específico e dos seus elementos.

Os vários fenómenos que têm lugar no grupo como um todo e nos seus elementos *per si* são melhor compreendidos com o conceito de matriz grupanalítica. Este conceito permite abranger e integrar de forma compreensiva os diversos fenómenos que ocorrem na dinâmica grupal como, por exemplo, o fenómeno do bode expiatório, a constituição de subgrupos, as identificações projetivas, o treino do ego em ação, e a organização e elaboração da neurose de transferência grupal. O todo, e a sua dinâmica, é diferente do somatório das partes e os elementos do grupo estão sempre contextualizados, de uma ou outra maneira, no grupo de análise em que estão inseridos.

4. Como um instrumento técnico do grupanalista.

O conceito de matriz grupalítica permite ao grupalista perceber a dinâmica e os fenômenos no grupo com um enquadramento específico. A atividade interpretativa ocorre na matriz e de acordo com as características desta última que adquire deste modo a conotação de um instrumento técnico do grupalista. Este aspecto está também interligado com o padrão grupalítico uma vez que é da integração deste na matriz grupalítica que se desenvolve o processo grupalítico, nomeadamente através da sua função interpretativa que vai comutar os diversos níveis de comunicação no grupo. Pela sua abrangência e multifuncionalidade o conceito de matriz grupalítica constitui um instrumento técnico que o grupalista tem para intervir no grupo de acordo com o contexto e características específicas do mesmo.

5. Como um indicador para a seleção de novos elementos para o grupo.

O conhecimento da matriz grupalítica de um dado grupo, nomeadamente da sua história, características e dinâmica presente, permite ao grupalista ter uma indicação sobre a inserção de um novo membro naquele grupo, ou mesmo visualizar que tipo de pessoa poderia ser interessante ou adequada para vir a inserir nesta matriz de forma também a potenciar a sua eficácia analítica. As pessoas têm padrões de relacionamento e defesas diferentes que se poderão adequar melhor a um grupo ou a outro. Cada grupo desenvolve a sua matriz grupalítica assim como cada indivíduo organizou a sua matriz interna. A interação entre estas pode ser mais ou menos eficaz em termos de desenvolvimento analítico de acordo com as características de cada uma. Por outro lado o grupalista quando seleciona ou pensa selecionar uma determinada pessoa para um grupo escolhe-a também de acordo com as suas próprias partes internas, percebendo que esta pessoa poderá integrar melhor uma matriz ou outra.

6. Como uma forma de compreensão da dinâmica grupalítica ao nível imagético e intuitivo.

As diversas metáforas e analogias utilizadas para caracterizar o conceito de matriz grupalítica permitem compreender o conceito de matriz grupalítica de uma forma figurada e implícita, contribuindo para uma percepção mais completa da dinâmica grupalítica. A dimensão analógica da matriz grupalítica configura uma linguagem específica que pode ser utilizada na própria intervenção e atividade interpretativa do grupalista (assim como pelos diversos membros do grupo) com a utilização de metáforas e analogias emergentes na relação analítica.

Na análise dos aspetos implícitos é apresentada uma distribuição percentual das Categorias do Processo (capítulo anterior), ou seja o Processo/Forma através do qual com base nos conteúdos manifestos se chega aos aspetos implícitos do discurso do entrevistado. Constatou-se que a categoria “Desenvolvimento ideativo” é aquela que tem largamente maior expressão, surgindo de forma única ou em conjunto com outras categorias. A categoria “Exemplo ilustrativo” surge em segunda posição como a mais referida, o que espelha os vários exemplos que os entrevistados deram da sua prática clínica, ou seja foram documentando o seu discurso e respostas com relatos da sua experiência pessoal grupalítica. As categorias seguintes em termos percentuais, “Valoração” e “Analogia/Metáfora”, parecem, respetivamente, expressar a ênfase dada à importância de alguns conceitos grupanalíticos assim como as imagens que possam ser mais sugestivas dos exemplos e pensamento expresso.

Como foi referido no capítulo anterior o conceito de matriz grupalítica foi analisado em seis dimensões, resultantes da análise das respostas às entrevistas.

Posteriormente, e sobretudo tendo em consideração a revisão da literatura, acrescentou-se a dimensão neurobiológica da matriz, explicitada no subcapítulo seguinte. Estas dimensões abrangem e sistematizam os vários aspetos referidos pelos analistas entrevistados e que constituem o seu pensamento e experiência de muitos anos de prática grupalítica.

O resultado final elaborado e distribuído pelas seis dimensões propostas resulta da contribuição de todos os entrevistados, dos aspetos explícitos e implícitos, integrados de uma forma que se afigura coerente e expressiva do seu modo de pensamento, alicerçado numa prática grupalítica constante. Esta apresentação integrada de resultados é em si mesma conclusiva da forma como o conceito de matriz grupalítica é perspectivado pelos grupanalistas portugueses.

De referir que estas seis dimensões encontradas na análise do conceito de matriz grupalítica, através das entrevistas efetuadas, constituem uma nova forma de organização dos conteúdos explícitos e implícitos, resultantes da própria evolução desta investigação conceptual e não têm correspondência com as categorias e subcategorias encontradas na análise inicial dos conteúdos explícitos das respostas dadas. Este aspeto constitui um exemplo prático de como ao longo de uma investigação, neste caso conceptual, se processa uma

descoberta progressiva e uma evolução na perspectiva de entender e organizar os dados obtidos até à sua apresentação final.

Na análise dos diversos conceitos que integram o conceito de matriz grupalítica, (resultados apresentados no capítulo anterior) constata-se que estes estão presentes no discurso global da maioria dos entrevistados, ou seja ao longo da entrevista, e utilizados nos mais diversos contextos da mesma, o que poderá significar que se trata de uma terminologia que condensa o cerne da teoria e técnica grupalítica. Constata-se ainda que estes conceitos se encontram em ligação/associação uns com os outros.

Todos os entrevistados utilizam os termos comunicação e relação. O termo comunicação surge como um aspeto crucial na compreensão do conceito de matriz grupalítica. Foulkes deu um relevo teórico-técnico ao aspeto da comunicação e Cortesão contextualizou-a numa perspectiva mais analítica. Os restantes termos pertencentes ao conceito de matriz grupalítica (rede, elaboração, perelaboração ou *working through*, padrão e processo grupalítico) são também utilizados por praticamente todos os entrevistados.

De uma forma mais indireta mas mesmo assim interessante é de relevar também a referência aos termos da teoria das relações de objeto e à metapsicologia que fazem parte das dimensões teóricas do conceito de matriz grupalítica, assim como a referência a termos inerentes aos níveis de experiência e interpretação que caracterizam as dimensões técnicas. No seu conjunto estas referências surgem também na maioria das entrevistas efetuadas.

Tanto na revisão da literatura como no estudo empírico efetuado, os conceitos de matriz de grupo e de matriz grupalítica, são maioritariamente considerados pelos vários autores como conceitos centrais na teoria e técnica da análise de grupo. No domínio da temporalidade constata-se que o conceito de matriz nas suas diferentes perspectivas teve alterações ao longo do tempo (como se pode constatar no Quadro 2) mas esta ideia de matriz como uma rede de relações manteve-se como um elemento constante e transversal às diferentes conceptualizações. O conceito de matriz grupalítica deriva na sua origem do conceito de matriz de grupo, daí uma ligação bastante próxima entre estes dois conceitos dado o seu espaço comum de definição e significado. No entanto, a conceptualização da Escola Portuguesa adquire também um cunho específico e diferente pela introdução dos outros conceitos já referidos e que refletem uma forma própria de pensar e fazer grupalítica.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

2. Conclusões e Considerações Finais

2. Conclusões e Considerações Finais

A discussão aqui apresentada refere-se à análise efetuada do conceito em estudo de matriz grupal, mormente da integração e articulação entre os dados obtidos na revisão da literatura e os resultados do estudo empírico, embora de algum modo estes aspetos tenham vindo a ser referidos de forma contínua ao longo do trabalho.

A análise integrada dos resultados permitiu concluir que o conceito de matriz grupal é multidimensional. Pode ser abordado nas dimensões que a seguir se explicitam.

A - Dimensão da Definição da Matriz

O conceito de matriz grupal, inerente à grupalização portuguesa e objeto do presente estudo, demonstrou ser um conceito “encorpado” por outros conceitos, como os de padrão e processo grupais, mas também os conceitos de rede, elaboração, comunicação, relação, e ainda aludindo à metapsicologia, teoria das relações de objeto e níveis de experiência e interpretação.

O conceito de matriz grupal alude a vários níveis de funcionamento, um nível mais superficial, mais fenomenológico e depois cada vez mais inconsciente. Pode-se perspetivar a matriz, do consciente para o inconsciente, do mais simples para o mais complexo. De relevar o aspeto da intercomunicação na matriz grupal, ou seja, a comunicação constante e multifacetada entre os membros do grupo. A matriz grupal é constituída pela representação de diferentes papéis mas também por fatores da realidade.

Existe uma relação intrínseca entre rede e matriz. São diferentes mas a matriz não é autónoma da rede. Uma matriz pode ser mais imatura e neste sentido é mais dependente do grupalista, por outro lado uma matriz madura é mais independente do grupalista.

A matriz do grupo é transmissora do padrão e de uma cultura específica daquele grupo, pode-se falar na existência de uma microcultura do grupo (Silva, 1971).

O padrão grupal através da sua natureza, função e propósito (Cortesão, 1989) vai permitir a formação da neurose de transferência em grupo e sua elaboração. O grupalista faz parte integrante da matriz e da sua organização.

O conceito de matriz grupalítica refere-se então à forma como o grupo está organizado e à sua dinâmica. É a matriz que faz um grupo e não o seu número de elementos. Matriz e padrão são conceitos próprios, separados, embora em relação estreita. O conceito de matriz grupalítica poderá ser integrado numa metateoria em grupálise (Ferreira, 2004) mas o desenvolvimento e consolidação desta metateoria requer o aprofundamento das conceptualizações específicas inerentes à teoria e técnica grupalítica, nomeadamente a investigação de conceitos aplicados no contexto da grupálise.

De referir que matriz interna (nas suas diferentes denominações), matriz de grupo e matriz grupalítica, são conceitos relacionados.

O conceito de matriz poderia ser também ser perspectivado em termos de padrões relacionais. Estes padrões relacionais de interação envolvem as interações expressas, implícitas e as próprias defesas que variam de pessoa para pessoa, aspetos estes que vão caracterizar a dinâmica e as relações dentro do grupo. Existem, por exemplo, padrões de interação positiva e padrões de agressividade ou destrutividade (todos estes aspetos são referidos na entrevista 2).

Ao conceito de matriz grupalítica poder-se-ia acrescentar a transação emocional, contemplando no essencial o que se entende por vínculo, na dimensão intersubjetiva, enquanto estruturas agregando pessoas. A matriz é uma complexa teia de inter e trans-subjetividades (Dinis, 2000).

Na perspectiva do paradigma vincular a matriz pode ser entendida como uma matriz plurivincular grupalítica, ou seja, uma rede dinâmica de interações entre os elementos do grupo, rede esta constituída pelos vínculos intrapessoais e interpessoais, estes últimos, considerando a ligação aos objetos externos (Marques. 2011).

Relativamente ao padrão grupalítico, é de relevar que a integração do padrão na matriz é resultado da identificação com a função grupalítica do grupalista (Neto, 1999).

B - Dimensão Temporal da Matriz

O conceito de matriz grupalítica caracteriza-se também pela sua temporalidade. Segundo a literatura e os sujeitos entrevistados esta só se constitui ao fim de algum tempo de funcionamento do grupo. Ela é dinâmica e transforma-se ao longo do tempo da análise, em estreita ligação com as modificações internas dos elementos do grupo (modificação da sua

matriz interna), assim como com a saída e entrada de elementos para o grupo. A construção da matriz implica uma descentralização na figura do grupanalista. Embora a matriz possa manter alguns aspetos de constância longitudinal que a identificam naquele grupo específico, ela vai-se modificando com a análise e com a própria elaboração da neurose de transferência grupal. Neste sentido o mais relevante na matriz é a sua capacidade de mudança. De relevar que conceitos como a ressonância, bode-expiatório, espelhamento, identificação projetiva, níveis de comunicação, e a perspectiva do grupo como um todo, entre outros, tornam-se mais compreensíveis a partir de uma matriz grupanalítica que já está constituída.

A matriz grupanalítica é constituída pela história, a mentalidade e o imaginário do grupo (grupo presente e grupo passado).

A matriz de algum modo já existe no imaginário do grupanalista mesmo antes de se formar, e a matriz já existente é importante como indicador para a seleção de novos elementos para o grupo.

A maturidade da matriz depende da aprendizagem do *mettier* de analisandos e da capacidade de pensar. É igual à maturidade de uma cultura. A cultura da matriz vai amadurecendo com a evolução da grupanalise.

A organização da matriz vai ser condicionada pela própria maneira do grupanalista introduzir o padrão. Existe uma relação “íntima” entre a matriz grupanalítica e o padrão grupanalítico. A possibilidade de perlaboração da neurose de transferência deriva também da modificação da matriz ao longo do tempo.

Da transformação do intersubjetivo ocorrerá a transformação do intrasubjetivo (Dinis, 2005).

A evolução na grupanalise opera-se por transformações progressivas na matriz grupanalítica. De algum modo esta funciona como um barómetro do estado do grupo e dos seus elementos.

C - Dimensão Técnica da Matriz

Muitos aspetos da técnica grupanalítica assentam na conceptualização de matriz. Por exemplo é na matriz que tem lugar a técnica do treino do ego em ação descrita por Foulkes, podendo esta ser integrada com a perspectiva do trabalho sobre a neurose de transferência grupal. No que respeita à atividade interpretativa do grupanalista, a matriz é importante para a

análise da neurose de transferência na situação grupal, embora seja discutível se é possível fazer a análise completa desta ou só de aspetos pontuais. Isto dependerá do analista e dos pacientes. O papel do analista é evidente e não pode ser subalternizado. É uma figura transferencial por eleição que tem o poder no grupo. Daqui também a importância do padrão grupanalítico.

A interpretação, ou num sentido mais amplo a atividade interpretativa, pode ser para o grupo como um todo ou para cada um dos elementos do grupo. A fantasia comum do grupo faz com que faça também sentido interpretações diretas para o grupo como um todo. O grupanalista (através do padrão) é primordial face ao grupo como um todo (perspetiva que parece mais consonante com a Escola Portuguesa), ele é que guia a matriz.

O grupanalista transmite o padrão para a matriz e para cada um dos membros do grupo que internaliza esse padrão, desenvolvendo cada um uma função grupanalítica. É o padrão que conduz à organização e perlaboração da neurose de transferência.

Na perspetiva da técnica de comunicação, a *comunicação metadramática* é uma forma de intervir no grupo com os conceitos teóricos mas com *nuances* e compreensão humana. Para Azevedo e Silva (Silva, 1994), esta modalidade de comunicação é um modo de comunicar que tem muito a ver com o Belo, com a produção estética e com a relação psicoterapêutica em geral (no contexto dual ou grupal). Trata-se de um produto superior da síntese dialética de dois contrários em que se utiliza a palavra mas, ligada segundo o afeto (pela carga afetiva e não pela lógica), transmitindo o inconsciente pela palavra, e onde o quanto de afeto e o quanto de racional se deverão manter nas devidas proporções. Este tipo de comunicação está no centro do diálogo e da cura analítica, e quando intencional, optativo e lúcido está, entre outros aspetos, nos fundamentos da interpretação.

A contratransferência em sentido lato dá um colorido à forma de introduzir o padrão mas tem também a ver com o estilo do grupanalista. Neste sentido as características da matriz grupanalítica têm também a ver com a contratransferência uma vez que o grupanalista está integrado na própria dinâmica da matriz grupanalítica e até a própria constituição do grupo foi organizada por ele. A transferência e a contratransferência são uma unidade, como que um binómio e uma simbiose, no contexto do qual se desenvolve também o processo grupanalítico (Cortesão, 1989), daqui a percepção de como a contratransferência está imbrincada na matriz grupanalítica e nos fenómenos que ocorrem nela. O sentimento contratransferencial do

grupalista face aos elementos do grupo *per si* ou ao grupo como um todo constitui uma dialética que reflete, estimula e organiza a matriz grupalística.

O grupalista deverá estar sempre atento à comunicação verbal e não verbal que ocorrem na matriz grupal para que não seja manipulado inconscientemente pelos analisandos através da parte interativa da identificação projetiva (conforme conceptualização de Ogden).

A análise da sua contratransferência poderá permitir ao grupalista a interpretação adequada, na e da transferência, com o objetivo da resolução da neurose de transferência (Dinis, 1994).

D - Dimensão dos Fenómenos da Matriz

O conceito de matriz associa-se à interpretação dos fenómenos e eventos no grupo analítico. Todos os fenómenos podem ser vistos como emergindo e repercutindo-se na dinâmica da matriz grupalística. A transferência, a contratransferência, a ressonância, o antigrupos, o espelhamento, a identificação projetiva, a regressão, o bode expiatório, entre outros, ocorrem na matriz grupalística. As comunicações verbais e não-verbais fazem parte da matriz. Os temas que surgem recorrentemente entre os elementos do grupo refletem uma matriz grupalística já formada ou em constituição.

Na matriz os fenómenos transferenciais circulam. A matriz grupalística é importante nos movimentos transferenciais, contratransferências e na neurose de transferência. No grupo a representação transferencial e o peso da realidade existem.

Basicamente surgem duas posições face à perspectiva da matriz grupalística e dos elementos do grupo, no processo grupalístico: (a) A matriz como um todo e com primazia face aos elementos do grupo *per si*, predominando as interpretações para o grupo no seu conjunto, e (b) a perspectiva que privilegia mais o sujeito em si, face de certo modo à matriz como um todo, com interpretações dirigidas ao mesmo, ainda que inserido na matriz grupalística.

A ressonância é um fenómeno que reforça a matriz. Para Leal (1968/1994) a ressonância emocional de um espelhamento múltiplo num grupo é um fenómeno muito importante para a evolução grupalística.

Neste sentido, segundo Leal (1994), no processo grupanalítico constata-se a ocorrência da regressão, vivenciada por cada elemento do grupo, e que deve ser localizada, no aqui-e-agora, na matriz ou rede de grupo, intra e interpessoal.

Dinis (2005) refere-se à importância da empatia na tentativa de compreensão do outro e constata que o grupo por vezes funciona no que designa por caixa de ressonância empática, proporcionando a oportunidade de reformulação narcísica e conseqüente amadurecimento pessoal.

Em relação à comunicação no grupo analítico, Cortesão (1989) referiu que esta deve ser entendida de acordo com os aspetos da cultura que vão emergir na matriz grupanalítica, perspectiva também esta coadjuvada por outros autores já mencionados. É de referir que cada matriz tem uma linguagem própria, específica daquele grupo e que o caracteriza.

Cortesão (1989) alude a outro dos fenómenos de grupo que é o fenómeno do bode expiatório, onde pode haver um dos membros que vai servir de projeção, por parte dos outros, de impulsos agressivos e ansiedades várias. Conceptualiza também a elaboração do negativo no grupo e possibilidade de aquisição de um equilíbrio estético.

O conceito de matriz grupanalítica está inerente ao modelo de estar em grupo. No grupo analítico ocorre o processo grupanalítico. De relevar o conceito de fantasia comum do grupo como um todo, indicador da organização e dinâmica da matriz grupanalítica.

Estes foram alguns exemplos de fenómenos relevantes que podem ocorrer na matriz grupanalítica mas outros fenómenos, não referenciados aqui, poderão também ter lugar consoante o grupo e a sua dinâmica.

E - Dimensão Analógica da Matriz

O conceito de matriz grupanalítica (assim como o de matriz de grupo na conceção de Foulkes, ou mesmo de outros autores já referenciados) é um conceito complexo, com aspetos explícitos e implícitos inerentes ao mesmo. Neste sentido são usadas muitas vezes analogias e metáforas que ilustram, talvez de uma forma mais evidente, as características e particularidades do conceito em causa. Analogias como casa, mãe, útero, espelho, ecoponto, um ser vivo, são exemplos, entre outros, que são referidos para ilustrar o conceito de matriz grupanalítica. Também a metáfora exemplificativa do sistema solar com os planetas em interação pode ser dada como ilustrando a matriz interna.

Por exemplo, em relação ao espelhar no grupo, Neto (2011) considera que o conjunto de interações e relações inerentes ao funcionamento de um grupo inclui um conjunto de espelhos e que este espelhar pode ser fortemente distorcido, em termos transferenciais podendo atingir níveis de grande destrutividade. Trata-se do espelhar maligno (conceito já aludido anteriormente) frequente entre os indivíduos e com enorme poder destrutivo, resultante sobretudo de projeções e identificações projetivas, geradas na matriz do grupo. Ainda o exemplo de Cortesão (1989) quando refere que o padrão grupanalítico seria como o coração que bombeia o sangue.

F - Dimensão da Matriz Interna

Dentro de nós existe um grupo, que deriva do grupo familiar nuclear, parecem não existir propriamente representações isoladas de objetos internos. Nesta perspetiva, Leal (1968, 1994, 1997) considera que no seu desenvolvimento, o sujeito vai estruturando esta matriz interna a partir das múltiplas vivências relacionais, desde a relação primária com a mãe até à vivência em outros grupos. Na grupanalise os indivíduos vão transformar as suas matrizes relacionais internas, através da matriz grupal.

As representações internas dos elementos do grupo mudam através da matriz grupanalítica. As suas matrizes internas vão interagir e organiza-se a matriz grupanalítica, levando progressivamente à transformação desta e dos elementos do grupo. Por outras palavras, a matriz interna torna-se externa e é modificada. Os membros do grupo internalizam também a matriz do grupo, assim como o grupanalista, neste processo de interação, e é todo este conjunto que interage constantemente. A interação, entre o padrão e a matriz relacional interna do grupanalista, e a matriz grupanalítica, faz funcionar o grupo num registo analítico. A matriz relacional interna, ou numa outra designação, matriz pessoal de grupo, é um dos elementos do padrão grupanalítico (aqui numa conceção diferente de Cortesão). Neste sentido, aqui uma integração deste conceito (matriz relacional interna) com o conceito de padrão de Cortesão. A grupanalise é a possibilidade de mudança desta matriz interna.

Dinis (1994) designou de rede pragmática atual do grupo ao conjunto das matrizes inter-relacionais internas ativadas pela regressão, que origina a matriz de um grupo de grupanalise e onde pulsa a neurose de transferência.

Relativamente ao conceito de matriz relacional interna, de Rita Leal, Cortesão não a considera uma possível estrutura, mas Ferreira (2005) não tem esta opinião uma vez que numa

perspetiva psicanalítica, esta matriz interna corresponderá de certo modo às concepções de estrutura, conforme desenvolvido por Hartman ou inserida na perspetiva psicossocial de Rappaport.

De qualquer modo esta concepção de matriz interna, nas suas diferentes perspetivas, consubstancia um aspeto relevante no próprio processo grupanalítico que ocorre na matriz grupanalítica.

G - Dimensão Neurobiológica da Matriz

Esta dimensão refere-se aos aspetos neurobiológicos que podem caracterizar, ou seja, estar na base ou definir, a matriz grupanalítica. Esta dimensão foi encontrada sobretudo em resultado da revisão da literatura, tendo pouca expressão nas entrevistas.

Foulkes (Foulkes & Anthony, 1957/2014) ao aludir ao contexto da matriz de grupo refere que sobretudo através do seu sistema nervoso e cérebro, os organismos dos membros do grupo estão em interação num campo comum, em interpenetração e comunicação.

Já Cortesão (1989) ao referir-se à rede e à matriz estabeleceu umas analogias curiosas, associando a rede ao conceito de rede neuronal do sistema nervoso, de Goldstein, assim como também a uma rede de vasos sanguíneos, e a matriz mais associada ao teor sanguíneo, à distribuição do sangue, aos processos metabólicos.

Esta é uma dimensão, como já referido, que emerge mais da revisão da literatura do que propriamente da análise das entrevistas, e por este motivo é acrescentada apenas aqui. Com efeito somente em duas das entrevistas realizadas (6 e 8) é relevada a necessidade de se considerar o conhecimento das neurociências para a compreensão dos conceitos assim como para a compreensão do processo de comunicação e suas perturbações.

Na literatura já referida anteriormente neste trabalho (Pisani, 2010; Ormay, 2011; Nava 2006) é destacada a importância dos neurónios espelho para a compreensão dos aspetos da empatia e aquisição da experiência de partilha com os outros, assim como para a possível compreensão da dimensão social da personalidade.

Conforme Nava (2006) na grupanalise, o grupanalista estando face a face com os seus analisandos e considerando o modelo da perceção-ação, então o nível de representações partilhadas atinge uma maior intensidade, potenciando a capacidade empática do grupanalista. Os neurónios espelho atingem a sua capacidade máxima através do olhar, mais do que apenas

na imaginação, sendo a matriz grupal analítica o terreno em que todos os membros do grupo se vêm uns aos outros e onde a comunicação nas suas diversas facetas circula entre todos. Os neurónios espelho parecem constituir assim uma base neurobiológica da empatia e da possibilidade de compreensão do outro. Neto (2001) fala da importância dos momentos de encontro que se vivem na relação analítica, momentos estes de aproximação em que ambos podem reconhecer uma adequação mútua. Nava (2006) refere também que o grupo ativa memórias implícitas precoces, para além das memórias explícitas, uma vez que mimetiza o grupo familiar original.

Ferreira (2014) considera que a psicanálise e a grupal análise podem encontrar paralelo nas conceções das neurociências que constituem outro aspeto da realidade. Alude a Damásio e ao conceito por este referido de *inconsciente genómico*, resultado dos genes e que conduz ao funcionamento do consciente através do que designa por inconsciente cognitivo. Isto leva à organização do Eu, partindo de um proto-Eu, seguindo-se a formação de um Eu-nuclear e finalmente à estruturação de um Eu auto biográfico. Ferreira entende que esta perspetiva aproxima-se conceptualmente dos princípios freudianos, ainda que partindo de abordagens diferentes. Nesta perspetiva talvez se possa considerar a própria matriz grupal analítica, na sua base genética, como o resultado da interação dos diversos inconscientes genómicos e cognitivos. Mas também a consciência é parte integrante da matriz. Damásio (2010) refere a existência de dois tipos de consciência, a consciência nuclear que corresponde à perceção do “aqui e agora” e que tem a ver com a personalidade mas não necessariamente com a identidade, e a consciência alargada ou autobiográfica, ligada a uma consciência mais vasta de si onde a influência do passado e a perceção do futuro estão presentes. A consciência a um nível mais elevado (e não subcortical) deteta, segundo Damásio, os desequilíbrios no processo de vida, procurando-se uma correção através do que designa por processo de *homeostase cultural*.

Poder-se à pensar esta homeostase cultural como um processo inerente à própria dinâmica da matriz grupal analítica. De qualquer modo toda esta abordagem terá que ser mais desenvolvida.

David (2012) entende que os processos psicoterapêuticos individuais e grupais constituem espaços especiais de aprendizagem das capacidades de comunicação e de relacionamento humanos que promovem a reprogramação dos *padrões neuronais* atuais

baseados em representações de experiências infantis, nomeadamente daquelas que terão ocorrido nos primeiros tempos. Talvez se possa entender aqui uma possível abordagem da matriz grupal como um espaço de transformação dos padrões neuronais, aliás consonante com os estudos atuais que fazem a ligação entre os efeitos da psicoterapia e as transformações ao nível cerebral.

Ora estes fatores, entre outros, como também por exemplo o estudo dos fatores biológicos dos processos de vinculação, têm expressão no espaço grupal onde decorrem todas as interações, ou seja, na matriz grupal. Este é um vértice de análise que continuará naturalmente a ser investigado.

O conceito de matriz grupal conceptualizado por Cortesão emerge do conceito de matriz de Foulkes mas com características próprias e originais, representando uma perspectiva teórica e técnica da grupanalise que se afigura consistente no plano analítico.

Este conceito de matriz grupal integra as definições de padrão e processo, grupanalíticos, o que remete para a importância da figura do grupalista, nas suas diferentes facetas, assim como para a análise da neurose de transferência grupal, e até mesmo na própria alusão às dimensões teóricas e técnicas do processo grupanalítico. De relevar a este nível o já referido também anteriormente acerca da correlação existente entre matriz, padrão e processo grupanalítico.

Afigura-se um conceito aberto à percepção dos analistas, que deve ser investigado, e passível de reformulação e/ou introdução de novos elementos.

O conceito de matriz é um alicerce conceptual e técnico no grupo grupanalítico. Trata-se de um conceito claramente inerente ao grupo, ainda que possa ser também perspectivado na abordagem dual, e mesmo intrapessoal como no caso da definição de matriz relacional interna/grupo interno/matriz pessoal de grupo. Com exceção de dois entrevistados (entrevistas 4 e 8), os restantes abordaram a matriz interna e a sua importância, quer na relação com a matriz grupal quer no próprio processo grupanalítico.

A matriz é geradora e potenciadora da dinâmica no grupo, proporcionando o desenvolvimento da análise dos elementos do grupo, num espaço de comunicação e construção de novas realidades e arquiteturas pessoais/relacionais.

Mas também a matriz de grupo e a matriz grupalítica podem ser potenciadoras da destrutividade no grupo, como referido na literatura, aspeto este praticamente não referido nas entrevistas efetuadas, a não ser por um dos entrevistados (entrevista 2).

O modelo teórico-técnico da Escola Portuguesa de Grupalítica emerge nas entrevistas efetuadas, nomeadamente quanto à história, formação, atividade clínica e pensamento dos grupalistas, quer no discurso explícito quer nos elementos implícitos que se afiguram. No entanto, o seu pensamento e prática clínica acolhem e integram outras perspetivas, nomeadamente as inerentes à Escola Inglesa preconizada pela influência de Foulkes, por exemplo na importância dada à comunicação e ao treino do ego em ação, mas também introduzem ou relevam novos elementos pessoais já mencionados anteriormente nas entrevistas e referências na literatura.

As definições de padrão e processo, grupalíticos, integram o conceito de matriz grupalítica conferindo-lhe uma marca distintiva e uma identidade própria, ainda que seja de referir que os grupalistas portugueses parecem ter globalmente na abordagem grupalítica (prática e pensamento), uma perspetiva não exclusiva ou restrita deste conceito e suas implicações, estando recetivos e mesmo valorizando outras contribuições teórico-clínicas.

A perspetiva da designada psicanálise relacional, já mencionada no corpo teórico deste trabalho, na sua possível contextualização à grupalítica, não surge de uma forma explícita ou mais de acordo com os seus princípios epistemológicos, na maioria das entrevistas efetuadas. No entanto, valorizam-se aspetos que são também inerentes a esta perspetiva como são a importância da nova relação transformadora para além da transferência/contratransferência, na matriz grupalítica, assim como a importância do aqui e agora na intervenção terapêutica, da empatia e da ressignificação dos vínculos pré-existentes. Trata-se também da perspetiva da relação analítica como fator terapêutico. Estes aspetos são relevados nas entrevistas 1 e 7. De qualquer modo não é feita alusão significativa à perspetiva da psicanálise dos vínculos e configurações vinculares, apenas referenciada pontualmente na entrevista 3. Contudo é de referir que a importância atribuída à contratransferência, de algum modo a “porta de entrada” para o desenvolvimento posterior da psicanálise relacional, é abordada explicitamente nas entrevistas 3, 4, 5 e 8. A contratransferência é encarada como um instrumento do grupalista para o desenvolvimento do processo grupalítico e portanto é dada relevância à relação analista-analisando. De qualquer modo a ênfase no conceito de relação aparece em todas as

entrevistas conforme já referido anteriormente. Ainda nesta perspectiva é de relevar na entrevista 8 a importância concedida à aliança terapêutica entre o grupalista e o grupalisando, como uma forma de vinculação que permite uma relação segura entre ambos para o desenvolvimento da própria análise.

O conceito de matriz interna (matriz relacional interna/matriz pessoal de grupo, entre outras designações) é referido explicitamente nas entrevistas 1, 2, 3, 5 e 6, mas também na entrevista 7 é referido que os membros do grupo internalizam aquilo que o grupalista transmite e que fica a fazer parte da matriz grupal. Nesta perspectiva os grupanalistas entrevistados relevam a existência de uma matriz interna relacional de todos os membros do grupo, como estando constantemente presente no processo grupanalítico e portanto mais uma vez a relação como o cerne do próprio processo. De uma forma mais ampla poder-se-á ainda considerar que o próprio conceito de padrão grupanalítico, referido praticamente por todos os entrevistados, na sua natureza, propósito e função, reenvia para a importância da relação estabelecida entre o grupalista e a matriz grupanalítica. Neste sentido os grupanalistas enfatizam a relação como um aspeto importante do processo grupanalítico ainda que globalmente não se refiram ou desenvolvam os aspetos mais atuais e específicos da contribuição da psicanálise relacional e sua possível aplicação no contexto grupanalítico.

A conceção de Foulkes da mente como fenómeno multipessoal ou de Mitchell de múltiplos *selves* não é referida nas entrevistas. Também não é feita nenhuma alusão à conceptualização de Ormay de *nos*, já referida no corpo deste trabalho. Contudo numa das entrevistas (entrevista 5), é feita alusão ao facto do sujeito na matriz do grupo não ter basicamente um pensamento só seu mas do grupo, o que se aproxima desta perspectiva. Também a conceção referida de matriz relacional interna/grupo interno/matriz pessoal de grupo parecem ter pontos de contacto com as conceções de Foulkes e Mitchell.

Aliás em relação a esta característica da mente como fenómeno multipessoal, esta associa-se ao processo transpessoal, também referido por Foulkes e que se situa na sua conceção de matriz de grupo. Deste modo a conceção de Foulkes de matriz é também diferente daquela preconizada por Cortesão uma vez que para Foulkes, mente e matriz de grupo têm fronteiras esbatidas. Cortesão (1989) referiu mesmo que o grupo é uma estrutura, uma matriz e um espaço de comunicação mas não é uma entidade psíquica ou um aparelho mental.

A possível contribuição das neurociências para uma melhor compreensão dos conceitos analíticos e dos próprios processos de comunicação é referida em duas entrevistas (entrevistas 6 e 8) mas esta vertente não é mais desenvolvida pelos entrevistados. De relevar, no entanto, que ao nível da literatura existente sobre este aspeto é referida a importância dos neurónios espelho e a sua associação ao fenómeno da ressonância e à dimensão social da personalidade.

Bion, Foulkes e Cortesão são abordados, comparativamente, nas entrevistas, nomeadamente através da questão sobre a sua contribuição para a elaboração e compreensão do conceito de matriz de grupo e matriz grupalítica.

Todos os entrevistados consideram que a contribuição de Cortesão foi muito relevante, nomeadamente transmitindo ao conceito de matriz grupalítica um cariz analítico, sobretudo com a integração do conceito de padrão grupalítico e da importância da posição do grupalista no grupo. De algum modo o conceito de matriz torna-se tecnicamente mais operacional.

A contribuição de Bion para o conceito de matriz, como já foi abordado, é sobretudo focada na sua conceptualização de pressupostos básicos, destacando-se a sua importância para alguns aspetos da clínica mas talvez mais para os grandes grupos e mesmo grupos não terapêuticos. De qualquer modo estes pressupostos básicos podem ser relevantes para a compreensão da dinâmica do grupo como um todo, dos seus aspetos regressivos e da sua relação com o designado antigro. Um dos entrevistados (entrevista 6) considera mesmo que trabalhar os pressupostos básicos é muito semelhante à perlaboração da neurose de transferência.

Para todos os entrevistados, a contribuição de Foulkes para a compreensão do conceito de matriz é naturalmente fundamental, embora este tenha posto mais ênfase na centralidade da comunicação, e Cortesão indo mais além, clarificando e aprofundando esta conceptualização.

Embora já referido, é de relevar que na análise dos conceitos utilizados pelos entrevistados ao longo do seu discurso, e que integram o conceito de matriz grupalítica constata-se que a maioria utiliza esta terminologia (rede; comunicação; relação; elaboração; padrão grupalítico; processo grupalítico, teoria das relações de objeto e metapsicologia) refletindo como a mesma condensa no conceito em estudo de matriz grupalítica as características fundamentais da teoria e técnica grupalítica, nomeadamente da grupalise

portuguesa. Os conceitos de comunicação e relação são referidos por todos os entrevistados ao longo da entrevista, mas os restantes conceitos são também utilizados de forma maioritariamente expressiva pelos entrevistados. Também na literatura se constata que estes conceitos estão constantemente presentes, são portanto conceitos inerentes à própria linguagem grupalítica.

Para os entrevistados o conceito de matriz grupalítica adquire maior relevância quando contextualizado na prática clínica, ou seja, a prática clínica é que permite compreender melhor a utilidade do conceito, nomeadamente ao nível do funcionamento do grupo como um todo nos seus aspetos conscientes e sobretudo inconscientes, e nos diversos fenómenos que são inerentes ao processo grupalítico.

De referir que o conceito de matriz grupalítica cumpre os objetivos inerentes às seguintes vertentes, com impacto na prática clínica, representados na seguinte figura:



Figura 1. Elaboração esquemática das vertentes do conceito de matriz grupalítica com impacto na prática clínica.

Em relação à instalação e elaboração da neurose de transferência grupal a maioria dos entrevistados considera um objetivo da grupalidade. No entanto três dos entrevistados (entrevistas 1, 5 e 7) parecem não lhe darem tanto relevo ou exclusividade nos objetivos terapêuticos. Um dos entrevistados (entrevista 5) refere que o conceito de neurose de transferência deve mesmo ser melhor clarificado.

Sobretudo parecem emergir entre os entrevistados, e mesmo na literatura existente, duas formas tendencialmente diferentes de pensar e fazer grupalidade. Aqueles que valorizam sobretudo o grupo como um todo, na sua dinâmica e ao nível interpretativo, (por exemplo, entrevista 5) e aqueles grupalistas que privilegiam os elementos do grupo *per se*, face muitas vezes ao grupo como um todo, atribuindo ao grupalista uma função mais interventiva. (por exemplo, entrevistas 2 e 3). De qualquer modo não parece existir um registo único a este nível na prática clínica, mas sim uma perspectiva mais integradora.

Os aspetos também referidos anteriormente e que foram relevados pelos entrevistados, de algum modo acrescentando e/ou reorganizando o conceito de matriz grupalística encontram-se também representados na seguinte figura:

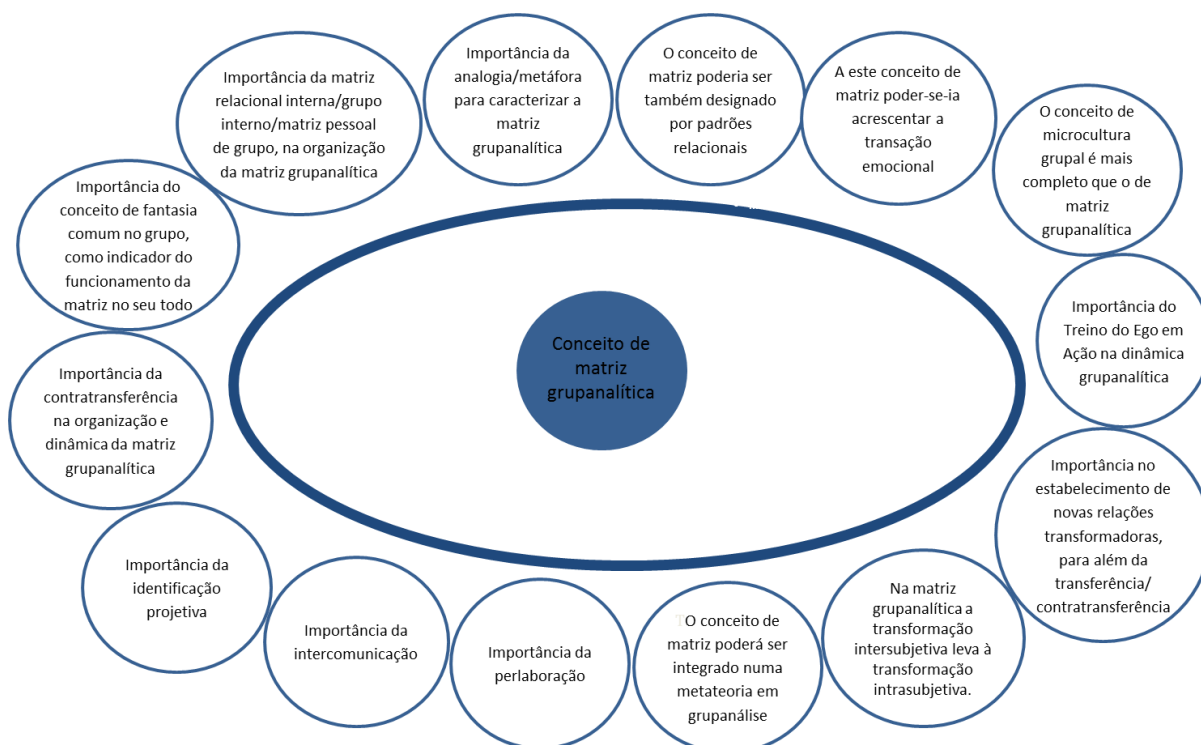


Figura 2. Elaboração esquemática dos aspetos relevantes respeitantes ao conceito de matriz grupalística.

Estes aspetos não parecem contradizer o conceito em si, mas encorparam-no, ampliando o seu campo de significação. O próprio conceito consegue ainda abranger em si as duas formas tendencialmente diferentes de pensar e fazer grupanalise, já referidas, mantendo-se coerente na sua própria conceção.

Se por um lado o facto de conter e agregar em si outros conceitos o torna talvez demasiado amplo ou menos objetivo, por outro lado revela que é um conceito rico, que projeta e expande outros conceitos, tornando-se aberto a diferentes perspetivas de observação.

O conceito de matriz grupanalítica e a forma como foi abordado pelos entrevistados, configura um conceito dotado de elasticidade (Sandler, 1983), adquirindo toda uma gama de aportes e *nuances* que demonstram a sua riqueza conceptual.

De uma forma sistematizada e articulada, as 7 dimensões em que é analisado o conceito de matriz grupanalítica, poderão abranger os seguintes 14 aspetos (acrescentar e/ou reorganizar o conceito) e as 5 vertentes (vertentes com impacto na prática clínica), já referidos, deste conceito, como representado no seguinte quadro:

Quadro 15

Dimensões de Análise do Conceito de Matriz Grupanalítica, Aspetos e Vertentes

| Dimensões da matriz grupanalítica | Aspetos da matriz grupanalítica (no sentido de acrescentar e/ou reorganizar esta conceptualização) | Dimensões da matriz grupanalítica | Vertentes da matriz grupanalítica (com impacto na prática clínica) |
|--|---|--|--|
| Dimensão da definição da matriz | O conceito de matriz poderia ser também designado por padrões relacionais | Dimensão da definição da matriz | Como representação do meio onde se desenvolve o processo grupanalítico. |
| | A este conceito de matriz poder-se-ia acrescentar a transação emocional | | |
| | O conceito de microcultura grupal é mais completo que o de matriz grupanalítica | | Como um meio de compreensão do funcionamento do grupo e dos seus elementos |
| | Importância da perlaboração | | |

Quadro 15 (continuação)

| Dimensões da matriz grupalítica | Aspetos da matriz grupalítica (no sentido de acrescentar e/ou reorganizar esta conceptualização) | Dimensões da matriz grupalítica | Vertentes da matriz grupalítica (com impacto na prática clínica) |
|----------------------------------|--|----------------------------------|--|
| | O conceito de matriz poderá ser integrado numa metateoria em grupanalise | | |
| | Importância da intercomunicação | | |
| Dimensão temporal da matriz | Na matriz grupalítica a transformação intersubjetiva leva à transformação intrasubjetiva. | Dimensão temporal da matriz | Como um indicador para a seleção de novos elementos para o grupo |
| Dimensão técnica da matriz | Importância da contratransferência na organização e dinâmica da matriz grupalítica. Importância do treino do ego em ação na dinâmica grupalítica | Dimensão técnica da matriz | Como um instrumento técnico do grupalista |
| Dimensão dos fenómenos da matriz | Importância no estabelecimento de novas relações transformadoras, para além da transferência/contratransferência Importância da identificação projetiva Importância do conceito de fantasia comum no grupo, como indicador do funcionamento da matriz no seu todo. | Dimensão dos fenómenos da matriz | |

Quadro 15 (continuação)

| Dimensões da matriz grupalítica | Aspetos da matriz grupalítica (no sentido de acrescentar e/ou reorganizar esta conceptualização) | Dimensões da matriz grupalítica | Vertentes da matriz grupalítica (com impacto na prática clínica) |
|--|--|--|---|
| Dimensão da matriz interna | Importância da matriz relacional interna/grupo interno/matriz pessoal de grupo, na organização da matriz grupalítica | Dimensão da matriz interna | Como fazendo parte integrante da formação e substrato teórico-clínico do grupalista |
| Dimensão analógica da matriz | Importância da analogia/metáfora para caracterizar a matriz grupalítica | Dimensão analógica da matriz | Como uma forma de compreensão da dinâmica grupalítica ao nível imagético e intuitivo. |
| Dimensão neurobiológica da matriz | Transversal aos diferentes aspetos referidos | Dimensão neurobiológica da matriz | Como um meio de compreensão do funcionamento do grupo e dos seus elementos |

Da análise global e integrada dos dados obtidos, constata-se que os grupalistas portugueses mantêm um eixo teórico-técnico central fundamental que consubstancia o que se pode designar por Escola Portuguesa de Grupalítica. Deste modo é de relevar que os conceitos de matriz grupalítica, de padrão e processo grupalíticos (estes últimos fazendo parte da própria definição de matriz grupalítica) expressam uma identidade própria da grupalítica portuguesa, onde é relevante a ação do padrão grupalítico na matriz grupalítica com vista à organização da neurose de transferência grupal, sua possível perlaboração e resolução.

Contudo os grupalistas portugueses tendem também a desenvolver novos aportes e conceitos, a articular e integrar por vezes conceitos provenientes de outras escolas e contribuições, configurando um modelo de uma certa integração de conceitos também úteis para a prática clínica. É o que se passa nesta abordagem ao conceito de matriz grupalítica. Aqui é de relevar também que Cortesão tendia a integrar conceitos e abordagens que não

constituíssem contradições inalienáveis em si mesmas, preconizando sim uma expansão dos conhecimentos.

Este conceito desenvolvido por Cortesão mantém toda a sua atualidade, e em si mesmo não deve ter alterações uma vez que foi a forma como este autor o definiu. Mas deverá continuar a ser investigado, nomeadamente nos diversos elementos que o compõem, na forma de investigação conceptual ou clínica, de modo a refletir de forma atualizada a prática e pensamento dos grupanalistas. Neste sentido seria também pertinente uma investigação conceptual sobre os conceitos de padrão e processo grupanalíticos. Seria ainda interessante um estudo clínico sobre o decorrer de sessões grupanalíticas e das variações que ocorrem na matriz grupanalítica ao longo das mesmas assim como das transformações pessoais nos membros do grupo. Poder-se-ia deste modo cruzar e integrar informação.

A abordagem efetuada sobre o conceito de matriz grupanalítica, designadamente os aspetos referidos como contribuição para o conceito em estudo, as vertentes funcionais do conceito e as dimensões encontradas no mesmo, contribuem para uma melhor compreensão e clarificação do campo de definição e significação do conceito.

Os resultados do estudo empírico realizado são globalmente convergentes com o existente na literatura sobre esta temática. Com efeito, constata-se em ambas as abordagens que os conceitos de matriz de grupo e matriz grupanalítica, assim como referentes à matriz interna, constituem cada um deles, um constructo complexo, capaz de integrar em si mesmo diferentes perspetivas teórico-clínicas.

Como limitações metodológicas desta investigação é de mencionar o número relativamente restrito de entrevistas realizadas. No entanto, estas estão de acordo com o número de grupanalista didatas que preenchem todos os requisitos considerados e referidos anteriormente. Também é de referir que só se efetuou 1 entrevista a cada um dos entrevistados mas o que se pretendeu foi captar a espontaneidade desta primeira entrevista estimulando a associação livre.

Seria, no entanto, interessante alargar a base de grupanalistas a serem entrevistados, para além dos didatas formadores, de modo a obter-se uma maior representatividade acerca do pensamento e prática de todos os grupanalistas no que respeita ao conceito em estudo. Poderá ficar seguramente para uma futura investigação.

O conceito de matriz grupalítica deverá assim continuar a ser revestido e enriquecido com as clarificações e desenvolvimentos da teoria e técnica grupalítica, nomeadamente em resultado da prática clínica, como ficou patente na presente investigação conceptual.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Ancona, L. (1992). Matrix et pattern en analyse de group ou groupanalyse. *Grupanalise*, 4, 39-47.
- Anzieu, D (1975). *Le group et l'inconscient*. Paris: Dunod.
- Ávila, L. A. (2009). O eu é plural (grupos: a perspectiva psicanalítica). *Vínculo - Revista do NESME*, 6(1), 39-54. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/1394/139412684005.pdf>
- Bateson, G. (1987). Double bind. In G. Bateson (Ed.). *Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology* (276-283). (Original work from 1969) Retrieved from www.edtechpost.ca/.../Gregory%20Bateson%20-%20Ecology%20of%20
- Bateson, G., Jackson, D., Haley, J., & Weakland, J. (1987). Toward a theory of schizophrenia. In G. Bateson (Ed.). *Steps to an ecology of mind: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology* (pp. 205-232). (Original work published 1956) Retrieved from www.edtechpost.ca/.../Gregory%20Bateson%20-%20Ecology%20of%20
- Bion, W. R. (1952) Group dynamics: A review. *International Journal of Psycho-Analysis*, 33, 225-247.
- Bion, W. R. (1961). Experiences in groups: IV. In W. R. Bion, *Experiences in groups and other papers* (pp. 77-92). London: Routledge. (Original work published 1949)
- Bion, W. R. (1961) Experiences in groups: VI. In W. R. Bion, *Experiences in groups and other papers* (pp. 115-126). London: Routledge. (Original work published 1950)
- Bion, W. R. (1961) Experiences in groups: VII. In W. R. Bion, *Experiences in groups and other papers* (pp. 127-137). London: Routledge. (Original work published 1951)
- Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups and other papers*. London: Tavistock.

- Bohleber, W. (2012). The use of public and of private implicit theories in the clinic situation. In J. Canestri (Ed.), *Putting theory to work: how are theories used in practice?* London: Karnac.
- Bohm, D. (2002). *Wholeness and the implicate order*. London: Routledge. (Original work published 1980)
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books. (Original work published 1969)
- Brito, M. E. (1992). O padrão grupanalítico. *Grupanalise*, 4, 7-21.
- Brown, D. G. (1998). Foulkes's basic law of group dynamics 50 years on: Abnormality, injustice and the renewal of ethics. *Group Analysis*, 31(4), 391-420. doi: 10.1177/0533316498314003
- Brown, D. G. (2000) Bion and Foulkes. Basic assumptions and beyond. In M. Pines (Ed.), *Bion and Group Psychotherapy* (pp. 192-219). London: Jessica Kingsley Publishers. (Original work published 1985)
- Brown, D. G. (2003) Pairing Bion and Foulkes: Towards a metapsychosociology? In R. M. Lipgar and M. Pines (Eds), *Building on roots: Origins and context of Bion's contributions to theory and practice*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Burrow, T. (2013). Psychoanalysis and life. In E. G. Pertegato, & G. O. Pertegato (Eds), *From psychoanalysis to group analysis: The pioneering work of Trigant Burrow* (pp. 7-16). London: Karnac. (Original work from 1913)
- Burrow, T (2013). The laboratory method in psychoanalysis: its inception and development. In E. G. Pertegato, & G. O. Pertegato (Eds), *From psychoanalysis to group analysis: The pioneering work of Trigant Burrow* (pp. 145-155) London: Karnac. (Original work published 1926)
- Burrow, T. (2013). The group method of analysis. In E. G. Pertegato, & G. O. Pertegato (Eds), *From psychoanalysis to group analysis: The pioneering work of Trigant Burrow* (pp. 165-178). London: Karnac. (Original work published 1927)

- Canestri, J. (2006). Implicit understanding of clinical material beyond theory. In J. Canestri (Ed.), *Psychoanalysis: from practice to theory* (pp. 13-28). Whurr Series in Psychoanalysis. Chichester, England: Whurr Publishers.
- Canestri, J. (2010). Grupo de trabalho sobre questões teóricas (working party on theoretical issues). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 43-52. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n3/a04.pdf>
- Canestri, J. (Ed.) (2012) *Putting theory to work: how are theories actually used in practice?* London: Karnac Books.
- Canestri, J., Bohleber, W., Denis, P., & Fonagy P. (2006). The map of private (implicit, preconscious) theories in clinical practice. In Canestri, J. (Ed.), *Psychoanalysis: From practice to theory* (pp. 29-43). Whurr Series in Psychoanalysis. Chichester, England: Whurr Publishers.
- Cohen, V., Cortesão, E., Foulkes, S. H., Home, H. J., Kaye, H., Pines M., & Shadforth, F. (1967). Based on the practice and theory of group analytic psychotherapy. *Group Analysis*, 1(1), 29-36. doi: 10.1177/053331646700100106
- Cortesão, E. L. (1958). *A psicologia do grupo e a higiene mental*. Ed. I Curso de Higiene Mental. Lisboa.
- Cortesão, E. L. (1967). Based on the practice and theory of group analytic psychotherapy: some further thoughts on the concept of group matrix. *Group Analysis*, 1(1), 29-36. doi: 10.1177/053331646700100106
- Cortesão, E. L. (1971). First european symposium of group analysis Estoril, Portugal September 2-5, 1970. *Group Analysis*, 1971(4), 2-3. doi: 10.1177/053331647100400101
- Cortesão, E. L. (1974). A summary of “Transference neurosis and the group-analytic process” paper read at the “London workshop 1974”, London 1 January 1974. *Group Analysis*, 7(1), 19-22. doi: 10.1177/053331647400700102
- Cortesão, E. L. (1977). Uma tarde em Golders Green. *Grupanálise*, 1.

- Cortesão, E. L. (1981). *Experiência clínica no tratamento de estados neuróticos e psicóticos com grupanálise e psicoterapia grupalítica*. Dissertação para as provas de agregação de professor de psiquiatria, Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa, Lisboa.
- Cortesão, E. L. (1989). *Grupanálise: Teoria e técnica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cortesão, E. L. (1991). Group analysis and aesthetic equilibrium. *Group Analysis*, 24(3), 271-277. doi: 10.1177/0533316491243006
- Cortesão, E. L. (2004). Politicoterapia. In E. L. Cortesão. *Um Psiquiatra na Revolução* (2.^a ed.) (pp. 119-121). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada no Semanário Opção a 20 de outubro de 1977)
- Damásio, A. (2010). *O livro da consciência: A construção do cérebro consciente*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- David, M. (2012). Impactos neurocientíficos para as psicoterapias analíticas. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 2012, 29-42.
- De Maré, P.B. (1974). *Perspectivas em psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago
- Dias, C. A. (2003, Novembro). Interpretação ou intersubjetividade. Comunicação apresentada no XVI Colóquio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa, Portugal.
- Dias, C. A. (2010). *Teoria das transformações*. Coimbra: Edições Almedina.
- Dinis, C. V. (1994). Algumas reflexões a propósito da neurose de transferência em grupanálise. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 5, 7-18.
- Dinis, C. V. (2000). Da comunicação à interpretação em grupanálise. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 2, 23-30.
- Dinis, C. V. (2002). A neutralidade possível ou a personalidade resgatada. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 4, 7-15.

- Dinis, C. V. (2005). “Um entre outros” ou “primus inter pares”? *Revista Portuguesa de Grupanalise*, 2005, 9-16.
- Dreher, A. U. (2000). *Foundations for conceptual research in psychoanalysis*. London: Karnac Books.
- Dreher, A. U. (2008). Pluralismo na teoria e na pesquisa: e agora? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4 (2), 131-153. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000200012&lng=pt&tlng=pt
- Eiguer, A. (2013). *Nunca eu sem ti*. Lisboa: Parsifal. (Obra original publicada em 2005)
- Farate, C. (2012). *Psicanálise com limites, psicanálise ilimitada*. Lisboa: Fenda Edições.
- Fernandes, W (2002). Na era da neurociência há espaço para se trabalhar psicanaliticamente com grupos? *Revista Portuguesa de Grupanalise*, 4, 16-23.
- Fernandes, W (2003a). A importância dos grupos hoje. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 4(4), 83-91. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702003000100012&lng=pt&tlng=pt
- Fernandes, W. (2003b). O processo comunicativo vincular e a psicanálise dos vínculos. In W. J. Fernandes, B. Svartman, B. Fernandes, & Colaboradores (Orgs.), *Grupos e configurações vinculares*, (pp. 43-55). Porto Alegre: Artmed.
- Fernandes, W. (2003c). Bion: O conhecimento e a vincularidade – vínculos K, L,H, R. Os níveis de funcionamento grupal: o pensar e os pensamentos In W. J. Fernandes, B. Svartman, B. Fernandes, & Colaboradores (Orgs.), *Grupos e configurações vinculares*, (pp. 109-127). Porto Alegre: Artmed.
- Fernandes, W. (2003d). Aparelho psíquico grupal e ancoragem: a contribuição de René Kaës. In W. J. Fernandes, B. Svartman, B. Fernandes, & Colaboradores (Orgs.), *Grupos e configurações vinculares*, (pp. 151-156). Porto Alegre: Artmed.

- Fernandes, W., & Svartman, B. (2003). Contribuição de autores argentinos à psicanálise vincular. In W. J. Fernandes, B. Svartman, B. Fernandes, & Colaboradores (Orgs.), *Grupos e configurações vinculares*, (pp. 65-73). Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, A. G. (1990). Terapia de grupo e grupanálise: Sua evolução e perspectivas de futuro em Portugal e no contexto internacional. *Grupanálise*, 2, 7-20.
- Ferreira, A. G. (1992). Matriz grupanalítica. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 3, 45-56.
- Ferreira, A. G. (2004). O problema e a procura de uma metateoria em grupanálise. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 17-30.
- Ferreira, A. G. (2005). A interpretação em grupanálise. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 70-79.
- Ferreira, A. G. (2014, July/August). The portuguese contribution: A tribute to E. L. Cortesão – group analysis: The different approaches. Inaugural lecture of the *16th European Symposium in Group Analysis*, Lisbon, Portugal.
- Ferro, S. (2010). A identidade grupanalítica em questão. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 11-20.
- Filipe, E. M. da C. (2000). Reflexões pontuais sobre grupanálise, psicanálise e música. Edição de autor.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor. (Obra original publicada em 2002)
- Fonagy, P. (2006). The failure of practice to inform theory and the role of implicit theory in bridging the transmission gap. In Jorge Canestri (ed.). *Psychoanalysis: from practice to theory*. (pp. 69-86). West Sussex: Wiley.
- Forsyth, E., & Katz, L. (1946). A matrix approach to the analysis of sociometric data: A preliminary report. *Sociometry*, 9, 340-347.

- Foulkes, S. H. (1967). Based on the practice and theory of group analytic psychotherapy: the concept of group matrix. *Group Analysis*, 1(1), 31-36. doi: 10.1177/053331646700100106
- Foulkes, S. H. (1970). *Grupo-análise terapêutica*. Lisboa: Publicações Europa América. (Obra original publicada em 1964)
- Foulkes, S. H. (1971a). Access to unconscious processes in the group analytic group. *Group Analysis*, 4(1), 4-14. doi: 10.1177/053331647100400102
- Foulkes, S. H. (1971b). A selection of good questions and some suggestions made at the 1st European Symposium on group analysis, Estoril, September, 1970: comments by S. H. Foulkes. *Group Analysis*, 4(1), 58-60. doi: 10.1177/053331647100400108
- Foulkes, S. H. (2002). *Therapeutic group analysis*. London: Karnac Books. (Original work published 1964)
- Foulkes, S. H. (2002). *Group analytic psychotherapy: Method and principles*. London: Karnac Books. (Original work published 1975)
- Foulkes, S. H. (2004). The group as a matrix of the individual's mental life. In E. Foulkes (Ed.), *Selected Papers of S. H. Foulkes: Psychoanalysis and group analysis*, (pp. 223-233). London: Karnac Books. (Reprint of Chapter in L. R. Wolberg and E. K. Schwartz (eds.), *Group Therapy 1973- An Overview* (New York: Intercontinental Medical Book Corporation, 1973)
- Foulkes, S. H. (2005). *Introduction to group-analytic psychotherapy: studies in the social integration of individuals and groups*. London: Karnac Books. (Original work published 1948)
- Foulkes, S. H., & Anthony, E. J. (1968). *Group psychotherapy: the psychoanalytic approach* (2nd ed. rev.). Harmondsworth, England: Pelican Books. (Original work published 1965)
- Foulkes, S. H., & Anthony, E. J. (2014). *Group psychotherapy: the psycho-analytic approach*. London: Karnac Books. (Original work published 1957)
- Freud, S. (1969). Projeto para uma psicologia científica (J. L. Meurer, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 333-443). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895)

- Freud, S. (1969). Os instintos e suas vicissitudes (T. O. Brito, P. H. Britto & C. M. Oiticica, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 115-144). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (1969). Psicologia de grupo e a análise do ego (C. M. Oiticica, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921)
- Gomes, P. (2007). Psicanálise relacional contemporânea: uma nova maneira de trabalhar em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(4), 113-123. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000400011&lng=pt&tlng=pt
- Greenberg, J., & Mitchell, S. (2003). *Relações de objeto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1983)
- Grinberg, L., & Grinberg, R. (1998). *Identidade e mudança*. Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1971)
- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 2002)
- Hinshelwood, R. D. (1999). How foulkesian was Bion? *Group Analysis*, 32(4), 469-488. doi: 10.1177/05333169922076987
- Hinshelwood, R. D. (2007). Bion and Foulkes: The Group-as-a-Whole. *Group Analysis*, 40(3), 344-356. doi: 10.1177/0533316407076115
- Hinshelwood, R. D. (2008). Repression and splitting: Towards a method of conceptual comparison. *International Journal of Psychoanalysis*, 89(3), 503-521. doi: 10.1111/j.1745-8315.2008.00055.x
- Hollway, W. (2008). The importance of relational thinking in the practice of psycho-social research: Ontology, epistemology, methodology and ethics. In S. Clarke, H. Hahn, & P. Hoggett (Eds.). *Object relations and social relations: The implications of the*

relational turn in psychoanalysis (pp 137-162). Exploring Psycho-Social Studies Series. London: Karnac Books.

Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In L. M. Given (Ed.). *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 296-315). Sevenoaks, California: Sage.

Hopper, E. (1997). Traumatic experience in the unconscious life of groups: A fourth basic assumption. *Group Analysis*, 30(4), 439-470. doi: 10.1177/0533316497304002

Jiménez, J. P. (2009). Apreender a prática dos psicanalistas em seus próprios méritos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(2), 109-123. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200011&lng=pt&tlng=pt

Kaës, R. (2003). *As teorias psicanalíticas do grupo*. Lisboa: Climepsi Editores. (Oeuvre originale publiée en 1999)

Kaës, R. (2010). *L'appareil psychique groupal: constructions du groupe* (3e éd.). Paris: Editions Dunod. (Oeuvre originale publiée en 1976)

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970) *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes. (Obra original publicada em 1967)

Lavie, J. (2005). The lost roots of the theory of group analysis: taking interrelational individuals seriously! *Group Analysis*, 38(4), 519-535. doi: 10.1177/0533316405058542

Leal, M. R. M. (1968). Transference neurosis in group analytic treatments. *Group Analysis*, 1(2), 99-109. doi: 10.1177/053331646800100211

Leal, M. R. M. (1971). A selection of good questions and some suggestions made at the 1st symposium on group analysis, Estoril, September, 1970. *Group Analysis*, 4(1), 54-60. doi: 10.1177/053331647100400108

Leal, M. R. M. (1975). Addendum. *Group Analysis*, 8(3), 199-200. doi: 10.1177/053331647500800325

- Leal, M. R. M. (1994). A “neurose de transferência” no tratamento grupanalítico (1968). In Maria Rita Mendes Leal, *Grupanálise: um percurso. 1963-1993*. (77-89). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Grupanálise. (Reimpressão do original inglês, Transference neurosis in group analytic treatments, Groupanalysis, International Panel and correspondence, I(2), Pergamon Press, 1968)
- Leal, M. R. M. (1994). Aspectos comunicacionais da emoção de transferência (1993). In M. R. M. Leal, *Grupanálise: um percurso. 1963-1993* (pp. 13-29). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Grupanálise.
- Leal, M. R. M. (1997). Comunicação, interpretação e mudança. In Maria Rita M. Leal e colab., *A grupanalise: processo dinâmico de aprendizagem* (pp. 119-128). Lisboa: Fim de Século.
- Leuzinger-Bohleber, M., & Fischmann, T. (2006). What is conceptual research in psychoanalysis? *The International Journal of Psychoanalysis*, 87(5), 1355-1386. doi: 10.1516/73MU-E53N-D1EE-1Q8L
- Litvan, M. (2009). Trabajando con el material clínico: distintos métodos. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 149-166. Recuperado de <http://www.apuruguay.org/apurevista/2000/16887247200910910.pdf>
- Marques, P. (2011). Ser ou não ser (grupanalista), eis a resposta. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 91-98.
- Marques, P., & Torres, N. (2012). Matriz grupanalítica: introdução a uma investigação conceptual. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 43-66.
- Martins, R. B. (1986) Contribuições de Freud à psicoterapia de grupo. In L. C. Osório (Org.), *Grupoterapia hoje* (pp. 43-56). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Matos, A. C. (2011a). Para que serve uma psicanálise hoje? In A. C. Matos, *Relação de qualidade: penso em ti* (pp. 79-89). Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2011b). A função da psicanálise na ressignificação de vínculos preexistentes e na construção de novas ligações: o processo de mudança na cura analítica e a mudança no processo analítico. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28(1), 9-21.

- Mello Filho, J. (1989). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. Porto Alegre: Artmed.
- Mello Filho, J. (2000). Histórico e evolução da psicoterapia de grupo. In J. Mello Filho *et al.*, *Grupo e corpo: psicoterapia de grupo com pacientes somáticos* (pp. 29-62). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Melo, J. C. (2005). *As faces do inconsciente: Perspectivas da psicanálise e da grupanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Mitchell, S. A. (1988). *Relational concepts in psychoanalysis: An integration*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Mitchell, S. A. (2000). *Relationality: From attachment to intersubjectivity*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Mijolla, A., & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1999)
- Moreno, J. L., & Moreno, F. B. (1944). Spontaneity theory of child development. *Sociometry*, 7, 89-128.
- Moreno, J. L. (1997) *Psicodrama*. São Paulo: Editora Cultrix. (Obra original publicada em 1946)
- Nativ, G. (2011). The evident, the secretive and the mysterious in analytic group psychotherapy. *Group Analysis*, 44(4), 408-420. doi: 10.1177/0533316411411411
- Nava, A. (2006). *Na sala dos espelhos: Empatia, psicoterapia e grupanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Neto, I. M. (1999, Novembro). O padrão: A importância do grupanalista na grupanálise. Comunicação apresentada no X Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo e V Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Rio de Janeiro, Brasil.

- Neto, I. M. (2001, Novembro) Como cura o grupo? Como cura o grupanalista?: Não basta parecer! O Analista tem de ser ... autêntico. Trabalho apresentado no *VI Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia de Grupo, VII Congresso Nacional de Grupanálise*, Lisboa, Portugal.
- Neto, I. M. (2011, Setembro). O anti-group, em grupanálise: Outros olhares sobre o consciente e o inconsciente. Trabalho apresentado em Workshop no *IV Congresso Regional Mediterrânico da International Association for Group Psychotherapy and Group Processes (IAGP)*, Porto, Portugal.
- Neto, I. M., & Dinis, C. V. (2010). O mal, a maldade, violência e terrorismo. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 2010, 87-101.
- Neves, L. T. (2007, Maio). Escuta analítica, empatia e intuição. Trabalho apresentado no *XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI)*, Porto Alegre, Brasil.
- Nitsun, M. (1996). *The anti-group: Destructive forces in the group and their creative potential*. London: Routledge.
- Nitzgen, D. (2010). Hidden legacies. S. H. Foulkes, Kurt Goldstein and Ernst Cassirer. *Group Analysis*, 43(3), 354-371. doi: 10.1177/0533316410374784
- Ogden, T. H. (1994). The analytic third: Working with intersubjective clinical facts. *International Journal of Psychoanalysis*, 75(1), 3-20.
- Ormay, T. (2011). Treating the family matrix in the group: The concept of nos. *Group Analysis*, 44(3), 280-295. doi: 10.1177/0533316411400269
- Ormay, T. (2013). The 37th S.H. Foulkes annual lecture: One person is no person. *Group Analysis*, 46(4), 344-368. doi: 10.1177/0533316413498840
- Perron, R. (2003). What are we looking for? how? In Marianne Leuzinger-Bohleber, Anna Ursula Dreher, Jorge Canestri (Eds), *Pluralism and unity?: Methods of research in psychoanalysis* (pp. 97-108). London: International Psychoanalytical Association.
- Pertegato, E. G. (1999). Trigant Burrow and unearthing the origin of group analysis. *Group Analysis*, 32(2), 269-284. doi: 10.1177/05333169922076626

- Pertegato, E. G. (2014). Foulkes'roots in Trigant Burrow's writings. *Group Analysis*, 47(3), 312-328, originally published online 19 August 2014. doi: 10.1177/0533316414546726
- Pichon-Rivière, E. (2000). *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1982)
- Pines, M. (1979). Group psychotherapy: Frame of reference for training. *Group Analysis*, 12(3), 210-218. doi:10.1177/053331647901200306
- Pines, M. (1982). 6th S. H. Foulkes annual lecture of the group-analytic society: reflection on mirroring. *Group Analysis*, 15(2), S1-S26. doi:10.1177/053331648201500215
- Pines, M. (1994). The group-as-a-whole. In D. Brown and L. Zinkin (Eds.). *The psyche and the social world: developments in group-analytic theory*, (pp. 47-59). London: Routledge.
- Pines M (2000) The contribution of S. H. Foulkes to group therapy. In M. Pines (Ed.), *The evolution of group analysis* (pp. 265-285). London: Jessica Kingsley Publishers. (Original work published 1983)
- Pines, M. (2009). The matrix of group analysis: An historical perspective. *Group Analysis*, 42(1), 5-15. doi:10.1177/0533316408100929
- Pines, M. (2011). The organismic and neurobiological perspective: introduction. In E. Hopper and H. Weinberg (Eds.). *The social unconscious in persons, groups, and societies: Volume 1: Mainly theory*, (pp. 71-75). London: Karnac Books.
- Pisani, R. A. (2010). Malcom Pines'contribution to group analysis. *Group Analysis*, 43(3), 328-343. doi: 10.1177/0533316410372344
- Pisani, R. A. (2013). Large, small and median groups in group analysis. *Group Analysis*, 46(2), 132-143. doi: 10.1177/0533316413483533
- Piva, A., Ponsi, A., Saldanha, C., Gomes, E., Martini, J., Dariano, . . . Spizzirri, R. (2010). Origens do conceito de intersubjetividade: uma trajetória entre a filosofia e a

psicanálise contemporânea. *Contemporânea*, 9, 71-91. Recuperado de <http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo234.pdf>

Powel, A. (1991). Matrix, mind and matter: From the internal to the eternal. *Group Analysis*, 24(3), 299-315. doi: 10.1177/0533316491243011

Powel, A. (1993). The psychophysical matrix and group analysis. *Group Analysis*, 26(4), 449-468. doi: 10.1177/0533316493264006

Racker, H. (1986). *Estudos sobre técnica psicanalítica* (2.^a Ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-terapia: o processo grupal. Uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística* (4.^a Ed.). São Paulo: Summus Editorial.

Ribeiro, J. P. (1995). *Psicoterapia grupo analítico: Teoria e técnica* (2.^a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, coedição Livros Neli.

Ribeiro, J. P. (2007a). O conceito de resistência na psicoterapia grupo-analítica: repensando um caminho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(n. especial), pp. 65-71. doi: 10.1590/S0102-37722007000500013

Ribeiro, J. P. (2007b). A resistência olha a resistência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(n. especial), pp. 73-78. doi: 10.1590/S0102-37722007000500014

Rickman, J. (1950) The factor of number in individual and group dynamics. *The Journal of Mental Science*, 96(404), 770-773.

Roberts, J. P. (1982). Foulkes' concept of matrix. *Group Analysis*, 15(2), 111-126. doi: 10.1177/053331648201500203

Roberts, J. P. (1996). The importance of Foulke's matrix concept. *Psychomedia*. Retrived from <http://www.psychomedia.it/pm/grpther/grpan/robert2a.htm>

Roudinesco, E., & Plon, M. (2000). *Dicionário de psicanálise*. Mem Martins: Editorial Inquérito. (Obra original publicada em 1997)

- Ruesch, J., & Bateson, G. (1987). *Communication: The social matrix of psychiatry*. (Original work published 1951) Retrieved from <http://www.archive.org/details/communicationsoc00inrues>
- Sandler, J. (1983). Reflections on some relations between psychoanalytic concepts and psychoanalytic practice. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 64, 35-45.
- Sandler, J., Dreher, A. U., & Drews, S. (1991). An approach to conceptual research in psychoanalysis illustrated by a consideration of psychic trauma. *The International Review of Psycho-Analysis*, 18, 133-141.
- Santos, M. J., & Zaslavsky, J. (2007). Pesquisando conceitos e tendências em psicoterapia e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(2), 115-124. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000200011&lng=pt&tlng=pt
- Scholz, R. (2011). The foundation matrix and the social unconscious. In E. Hopper and H. Weinberg (Eds.), *The social unconscious in persons, groups, and societies: Volume 1 mainly theory* (pp. 265-285). London: Karnac Books.
- Scholz, R. (2012). The social unconscious and the foundation matrix – some thoughts. *Group Analytic Contexts*, 56, 27-28. Retrieved from <http://groupanalyticsociety.co.uk/group-analytic-contexts/>
- Scholz, R. (2014). (Foundation-)matrix reloaded - some remarks on a useful concept and its pitfalls. *Group Analysis*, 47(3), 201-212. doi: 10.1177/0533316414545838
- Schore, A. (2003) *Affect regulation and the origin of the self: The neurobiology of emotional development*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum. (Original work published 1994)
- Séchaud, E., Frisch, S., & Bleger, L. (2010). A especificidade do tratamento psicanalítico hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 53-64. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n3/a05.pdf>
- Silva, J. A. e (1971). Reflexions sur l'abordage de l'inconscient et sur l'interpretation dans le groupe groupe-analytique. *Group Analysis*, 4(1), 15-22. doi: 10.1177/053331647100400103

- Silva, J. A. e (1994). Comunicação metadramática e interpretação grupanalítica. *Grupanálise*, 5, 49-60.
- Stacey, R. (2001). Complexity and the group matrix. *Group Analysis*, 34(2), 221-239. doi: 10.1177/0533316401342003
- Stolorow, R. D. (2000). Psicanálise relacional. Entrevista realizada por Andréa de Carvalho, Bela M. Sister, Daniel Delouya, Luís Cláudio Figueiredo, Mara Selaibe, Miriam Chnaiderman, Nelson Coelho Jr. E Patrícia V. Getlinger, com Transcrição e tradução de Daniel Delouya. *Percurso*, 24(1), 97-102. Recuperado de <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pes24/entrevista24.htm>
- Sutil, C. R. (2014). Cuál es la técnica del psicoanálisis relacional? In J. C. Sans (Coord.), *Avances en psicoanálisis relacional: Nuevos campos de exploración para el psicoanálisis* (pp. 287-317). Madrid: Ágora Relacional.
- Symington, N. (1999). *A experiência analítica*. Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1986)
- Thornton, C. (2010). *Group and team coaching: The essential guide*. East Sussex: Routledge.
- Torres (2003) Gregariousness and the mind: Wilfred Trotter and Wilfred Bion. In R. M. Lipgar and M. Pines (Eds), *Building on roots: Origins and context of Bion's contributions to theory and practice*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Torres (2007). A alvorada e o crepúsculo do homem: a propósito da psicologia evolutiva grupal de Trotter e Bion. *Interações*, 13, 95-118. Recuperado de www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/download/241/248
- Torres, N. (2008). *Disorders of emotional containment and their somatic correlates. The protomental nature of addictions, self-harm and non-communicable diseases*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Essex - Centre for Psychoanalytic Studies, Essex.
- Torres, N. (2010). Protomentalidade. In R. Morgan-Jones (Ed.) *The body of the organisation and its health* (pp. 53-79). London: Karnac Books.
- Torres, N., Chagas, T., & Ribeiro, J. (2008). Dependência emocional e consumo de substâncias psicoativas: um estudo correlacional a partir da teoria dos grupos de

pressupostos básicos de W. R. Bion. *Revista Toxicodependências*, 14(3), 35-48. Recuperado de repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1185/1/RT%2014(3)%2035.pdf

Tubert-Oklander, J. (2010). The matrix of despair: from despair to desire through dialogue. *Group Analysis*, 43(2), 127-140. doi: 10.1177/0533316410363446

Tubert-Oklander, J. (2014). *The one and the many: Relational psychoanalysis and group analysis*. London: Karnac Books.

Tuckett, D. (2008). Reflection and evolution: Developing the two-step method. In D. Birksted-Breen (Ed.), *Psychoanalysis comparable and incomparable: The evolution of a method to describe and compare psychoanalytic approaches* (132-166). East Sussex: Routledge.

Tuckett, D. (2010). O que são grupos de trabalho e o que podem fazer? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 15-32. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000300002&lng=pt&tlng=pt

Wilke, G. (2014). *The art of group analysis in organisations: The use of intuitive and experiential knowledge*. London: Karnac Books.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Zimerman, D. (1995). *Bion: da teoria à prática: Uma leitura didática*. Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D. E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D. E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica: Uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D. (2005). *Psicanálise em perguntas e respostas: Verdades, mitos e tabus*. Porto Alegre: Artmed.

Zinkin, L. (1983). Malignant Mirroring. *Group Analysis*, 16(2), 113-126. doi: 10.1177/053331648301600204

Zysman, S. (Coord.), Villa Segura, A., Bordone de Semeniuk, L., & Pieczanski, A. (2009):
Las teorías en la mente del analista durante su trabajo. *Psicoanálisis*, 31(1), 203-216.
Recuperado de <http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/Zysman-y-otros.pdf>